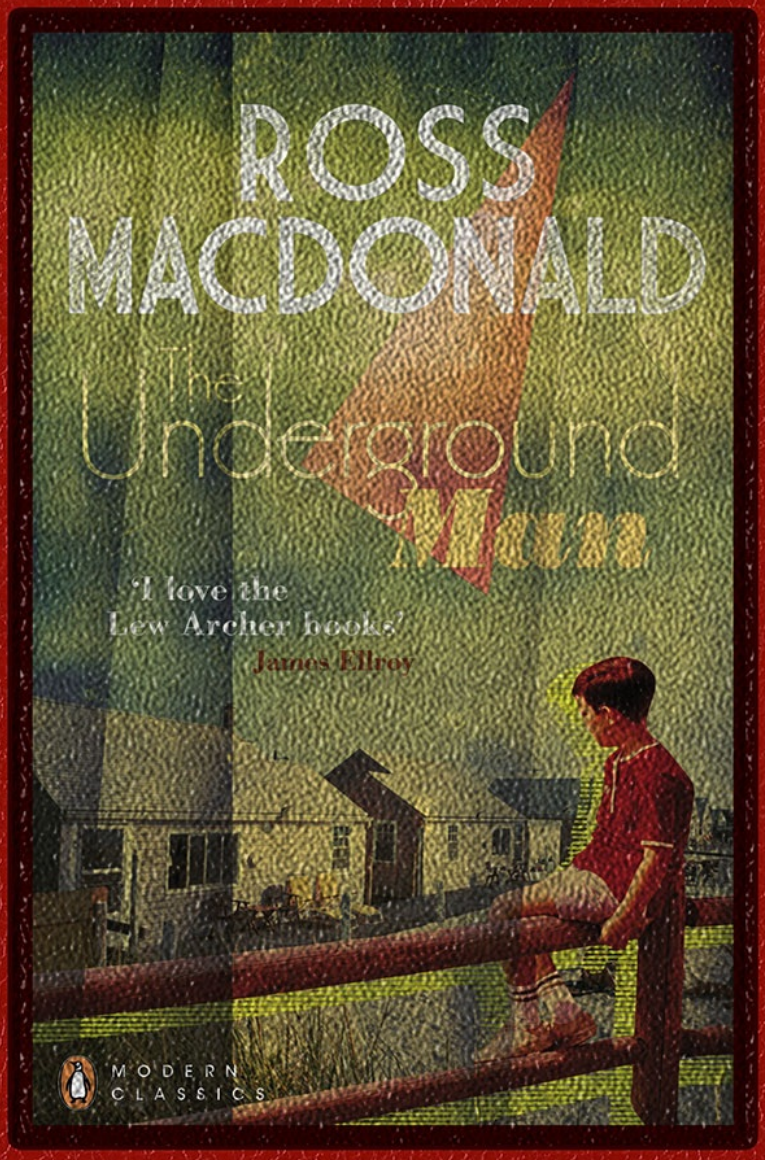
SERIE POLICIAL




CONTRERA BROTHERS



SERIE POLICIAL

Ross MacDonald

# O HOMEN SUBTERRÂNEO

Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva

CONTRERA BROTHERS
2012

# SERIE POLICIAL

# VOLUME #10

O Homem Subterrâneo
Ross MacDonald
Título original: The Underground Man
Copyright © 1971 by Ross MacDonald
Tradução: Luiz Carlos do Nascimento Silva
ISBN 8501053058
1. Ficção policial e de mistério (Literatura estadunidense) )

Formatação ePub

Composição em Caracteres Contrera Old Book Reg - Corpo 12
Contrera Helvetica

Design (Cover & Ilustrações): Contrera Brothers

Outros Titulos da Serie:
# 1 -A Dama do Lago - Raimond Chandler
# 2 -Um Gosto por Morte - P. D. James
# 3 -Continental Op - Dashiell Hammet
# 4 -A Herança de um Crime- Rex Stout
# 5 -O Caso dos Peixes Dourados - Erle Stanley Gardner
# 6 -O Apartamento Fatídico - A. A. Fair
# 7 -O Preço do Sal - Patricia Highsmith
# 8 -Ladrão de casaca - Maurice Leblanc
# 9 -Antes Morrer que Matar - James Hadley Chase
# 10 -O Homem Subterrâneo - Ross MacDonald
# 11 -A Extravagancia do Morto - Agatha Christie
#12 -As Aventuras de Sherlock Holmes - Arthur Conan Doyle
# 13 -Morte na alta sociedade - Georges Simenon
# 14 -O dia de Gideon - J. J. Marric (John Creasey)
# 15 -Cidade escaldante - Chester Himes

# 16 -O misterio do ataude grego - Ellery Queen
# 17 -Balada - Ed McBain
# 18 -Tudo Ou Nada - A. A. Fair (Erle Stanley Gardner)

NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

Ross Macdonald é o pseudônimo do americano - canadense escritor de ficção crime Kenneth Millar (13 de dezembro de 1915 - 11 de julho de 1983). Ele é mais conhecido por sua série de hardboiled (romances situados no sul da Califórnia) e com o detetive particular Lew Archer.



Millar nasceu em Los Gatos, Califórnia , e cresceu em seus país nativo Kitchener, Ontário , Canadá , onde ele começou a faculdade. Quando seu pai abandonou a família inesperadamente, Macdonald vive com sua mãe e vários parentes, passando várias vezes pelo seu décimo sexto ano. O destaque de lares desfeitos e problemas internos em sua ficção tem suas raízes em sua juventude.

No Canadá, ele conheceu e se casou com Margaret Sturm em 1938. Eles tiveram uma filha, Linda, que morreu em 1970. Ele começou a carreira escrevendo suas histórias para revistas pulp . Millar participou da Universidade de Michigan , onde obteve um Phi Beta Kappa chave e um Ph.D. na literatura. Embora fazendo pós-graduação, ele completou seu primeiro romance, O túnel escuro , em 1944. Neste momento, ele escreveu sob o nome de Jonh Macdonald, a fim de evitar confusão com sua esposa, que estava alcançando sua escrita próprio sucesso como Margaret Millar . Ele, então, mudou rapidamente para John Ross Macdonald, antes de se decidir por Ross Macdonald, a fim de evitar ser confundido com o colega escritor de mistério de John D. MacDonald , que escreveu sob seu nome real. Depois de servir no mar como oficial de comunicações naval 1944-1946, Millar voltou para Michigan, onde obteve seu Ph.D. grau.

Populares Macdonald detetive Lew Archer deriva seu nome do parceiro Sam Spade, Miles Archer, e de Lew Wallace , autor de Ben-Hur: A Tale of the Christ . Macdonald introduzido pela primeira vez o olho duro, mas humano privado na história 1946 curto "encontrar a mulher". Um romance de longa-metragem, o alvo móvel , seguido em 1949. Este romance (o primeiro de uma série de 18) se tornaria a base para o 1966 Paul Newman filme Harper . No início de 1950, ele voltou para Califórnia , estabelecendo-se por cerca de trinta anos, em Santa Barbara , a área onde a maioria dos seus livros foram definidos. (Nome fictício Macdonald para Santa Barbara foi Santa Teresa , o "pseudônimo" para a cidade foi posteriormente ressuscitado por Sue Grafton , cujo "romances alfabeto" também são definidos em Santa Teresa.) O grande sucesso Lew Archer série, incluindo best-sellers The Look Adeus , o homem do subsolo , e A Bela Adormecida , concluiu com o martelo azul em 1976. Macdonald morreu de doença de Alzheimer , em Santa Barbara, Califórnia .

Macdonald é o herdeiro principal de Dashiell Hammett e Raymond Chandler como o mestre de americanos hardboiled mistérios. Sua escrita construída no estilo conciso de seus antecessores, acrescentando profundidade psicológica e insights sobre as motivações de seus personagens. Parcelas Macdonald foram complicadas, e muitas vezes ligado segredos Archer descobrindo familiares dos seus clientes e dos criminosos que foram vítimas deles. Perdido ou filhos e filhas

inconstantes eram um tema comum a muitos dos romances. Macdonald habilmente combinado os dois lados do gênero mistério, o "romance policial" eo thriller psicológico. Mesmo seus leitores regulares raramente vi um desenlace Macdonald vinda.
Inspirado por F. Scott Fitzgerald , escrito Macdonald foi saudado por fãs do gênero e críticos literários igualmente. Eudora Welty , um amigo de longa data e possível amante, foi um fiel fã de seu trabalho. O roteirista William Goldman , que adaptou suas histórias para o cinema, chamou os seus trabalhos "série melhor de romances policiais escritos por cada um americano". Tom Nolan em seu Ross Macdonald, Uma Biografia, escreveu: "Por qualquer padrão, ele foi notável. seus primeiros livros, estampados em Hammett e Chandler, eram ao mesmo tempo crônicas vívidas de uma Califórnia do pós-guerra e recontar elaborados de grego clássico e outros mitos. Aos poucos, ele trocou a pompa cozidos para temas mais subjetivos: identidade pessoal, o segredo de família, o bode expiatório da família, o trauma de infância, o modo como os homens e as mulheres precisam e lutam entre si, como os aumentos passado enterrado como um esqueleto para enfrentar o presente. Ele trouxe o drama trágico de Freud e da psicologia de Sófocles para histórias de detetive, e sua prosa brilhou com imagens poéticas. "

Romances Lew Archer
O alvo móvel - 1949 (filmado com Paul Newman como Harper , 1966)
A Drowning Pool - 1950 (também filmado com Paul Newman como "Lew Harper", 1975)
A forma como algumas pessoas Die - 1951
A Grin Ivory (aka Marcado para Matar ) - 1952
Encontrar uma Vítima - 1954
A Costa do bárbaro - 1956
Os Doomsters - 1958
O Caso Galton - 1959
A Mulher Wycherly - 1961
O carro fúnebre listrada - 1962
O Reencontro - 1964
O Lado Mais Distante do dólar - 1965
Dinheiro Preto - 1966
O Inimigo Instantânea - 1968
O Olhar Adeus - 1969
O homem do subsolo - 1971 (filmado como um piloto de série de televisão em 1974)
A Bela Adormecida - 1973
O Martelo Azul - 1976



Para Matthew J. Bruccoll



## 1

Um farfalhar de folhas acordou-me um pouco antes do amanhecer. Um vento quente lançava seu bafo pela janela do quarto. Levantei-me, fechei a janela e deitei-me na cama e fiquei ouvindo o vento.

Depois de um certo tempo, ele acabou e me levantei e tornei a abrir a janela. Um ar frio, cheirando a oceano puro e a West Los Angeles ligeiramente gasta, entrou no apartamento. Voltei para a cama e dormi até ser acordado, de manhã, pelos meus gaios.

Eu os chamo de meus. Havia cinco ou seis deles revezandose no bombardeio de mergulho do peitoril da janela, depois retirando-se para o pé de magnólia no vizinho.

Fui até a cozinha, abri uma lata de amendoins e atirei um punhado pela janela. Os gaios mergulharam no quintal do prédio de apartamentos. Vesti alguma coisa e desci pelas escadas externas com o resto da lata da amendoins.

Era uma bela manhã de setembro. As bordas do céu tinham um tom amarelado, como papel barato que escurecia à luz do sol. Naquele momento, não havia vento algum, mas eu sentia o cheiro do deserto e sentia o seu calor.

Joguei mais um punhado de amendoins para os meus gaios e fiquei olhando para os passarinhos espalhando-se pelo chão.

Um garotinho, vestindo um conjunto de algodão azul, abriu a porta de um dos apartamentos de baixo, o que normalmente era ocupado por um casal de nome Waller. O

menino parecia ter cinco ou seis anos. Tinha cabelos escuros cortados rente e aflitos olhos azuis.

- Posso ir aí fora?

- Por mim, pode.

Deixando a porta escancarada, ele veio em minha direção com uma cautela exagerada, a fim de não espantar os passarinhos. Os gaios estavam dando vôos rasantes e trinando, cada um tentando levar a melhor sobre os outros.

Não prestaram atenção nele.

- O que é que o senhor está dando a eles? Amendoim?

- Isso mesmo. Quer um pouco?

- Não, obrigado. Meu pai vai me levar para visitar minha avó. Ela sempre me dá um bocado de coisas para comer. Ela também alimenta passarinhos. - Depois de um silêncio, ele acrescentou: - Eu gostaria de dar alguns amendoins aos gaios.

Estendi para ele a lata aberta. Ele pegou um punhado de amendoins e atirou-os no gramado. Os gaios vieram em vôo rasante. Dois deles começaram a lutar, cruel e estridentemente.

O menino ficou pálido.

- Eles estão se matando? - perguntou numa vozinha tensa.

- Não. Estão apenas brigando.

- Os gaios matam outros pássaros?

- Às vezes, matam. - Tentei mudar de assunto: - Qual é o seu nome?

- Ronny Broadhurst. Que tipo de pássaros eles matam?

- Pássaros jovens de outras espécies.

O menino ergueu os ombros e manteve os braços cruzados junto ao peito, como asas não desenvolvidas.

- Eles matam crianças?

- Não. Eles não têm tamanho suficiente para isso. Aquilo pareceu dar coragem a ele.

- Agora eu vou provar um dos amendoins. Está bem?

- Está bem.

Ele se postou à minha frente, o rosto erguido e semicerrando os olhos contra a luz da manhã.

- Jogue ele e eu pego com a boca.

Joguei um amendoim, que ele pegou, e em seguida joguei vários outros. Alguns, ele pegou, e outros caíram na grama.

Os gaios estavam à sua volta como nacos de céu partido.

Um jovem, vestindo camisa esporte listrada, entrou no pátio, vindo da rua. Parecia uma versão crescida do menino e dava a mesma impressão de angústia. Ele tirava baforadas rápidas de uma cigarrilha fina, marrom.

Como se estivesse esperando pelo homem, uma mulher com cabelos escuros presos num rabo-de-cavalo saiu pela porta do apartamento dos Waller. Ela era bonita bastante para me fazer perceber que eu não tinha feito a barba.

O homem fingiu não tê-la visto. Falou com o menino formalmente.

- Bom dia, Ronald.

O menino olhou para ele, mas não se voltou. Enquanto o homem e a mulher se dirigiam a ele vindos de direções diferentes, o rosto do menino perdera a expressão de um prazer desmesurado. Seu corpo pequeno pareceu ficar ainda menor, como se estivesse sob a pressão do encontro dos dois. Ele respondeu ao homem numa voz fraca:

- Bom dia.

O homem voltou-se bruscamente para a mulher.

- Ele tem medo de mim. O que foi que você andou contando a ele, pelo amor de Deus?

- Não temos falado sobre você, Stan. Para nosso próprio bem.

O homem projetou a cabeça para a frente. Sem mexer os pés, ele dava a impressão de que ia atacar.

- O que é que significa esse "nosso próprio bem"? É uma acusação?

- Não, mas se você quiser, posso pensar em algumas acusações.

- Eu também. - Os olhos dele moveram-se em minha direção. - Quem é o companheiro do Ronny? Ou será que ele é o seu companheiro? - Ele agitou a cigarrilha acesa - Nem sei o nome desse cavalheiro.

- E isso teria feito diferença?

Ele não olhou para mim.

O rosto da mulher perdeu a cor, como se de repente tivesse se sentido mal.

- Isso é duro de aturar, Stan. Eu não quero encrenca.

- Se você não queria encrenca, por que foi que me abandonou?

- Você sabe por quê. - Com voz fraca, acrescentou: - Aquela garota ainda está morando lá?

- Não vamos discutir sobre ela. - Ele se voltou abruptamente para o menino. - Vamos sair daqui, Ron. Nós temos um compromisso com a vovó Neil, em Santa Teresa.

O menino estava em pé entre os dois, com os punhos cerrados. Ele olhou para seus pés.

- Eu não quero ir a Santa Teresa. Tenho de ir?

- Tem - disse a mulher.

O menino foi se deslocando de lado, em minha direção.

- Mas eu quero ficar aqui. Quero ficar com este moço.

Ele agarrou meu cinto e ficou de cabeça baixa, o rosto escondido de todos os adultos.

O pai aproximou-se do menino.

- Largue ele.

- Não largo.

- Ele é namorado da sua mãe? E isso que ele é?

- Não.

- Você é um pequenino mentiroso.

O homem jogou fora a cigarrilha e recuou a mão para bater no menino. Eu peguei o garoto por debaixo dos braços, coloquei-o fora do alcance e o mantive agarrado. Ele tremia.

A mulher disse:

- Por que não o deixa em paz, Stan? Veja o que está fazendo com ele.

- O que você está fazendo com ele. Vim aqui para levá-lo num belo passeio. Mamãe está esperando ansiosa por isso. E o que é que acontece? - A voz dele elevou-se, queixosa. Deparo com uma nojenta cena familiar, e o Ron está todo caído por um pai postiço.

- Você não está sendo muito sensato - disse eu. - Ron e eu somos vizinhos... vizinhos muito recentes. Acabo de conhecê-lo.

- Então, largue-o. Ele é meu filho.

Coloquei o menino no chão.

- E tire suas mãos sujas de cima dele.

Fiquei tentado a esmurrar o sujeito. Mas isso de nada adiantaria para o menino, e de nada adiantaria para a mulher.

No tom mais tranqüilo que sabia usar, eu disse:

- Vá embora agora, moço.

- Eu tenho o direito de levar meu filho comigo.

O menino disse, dirigindo-se a mim:

- Eu tenho de ir com ele?

- Ele é seu pai, não é? Você tem sorte de ter um pai que quer levá-lo para visitar outros lugares.

- E isso mesmo - acrescentou a mãe dele. - Vá indo, Ronny.

Você sempre se entende melhor com seu pai quando eu não estou por perto. E a vovó Neil vai ficar triste se você não for visitá-la.

O garoto foi para perto do pai, cabeça baixa, e pôs a mão na mão do homem. Os dois seguiram para a rua. A mulher disse:

- Peço desculpas pelo meu marido.

- Não precisa pedir. Ele nada significa para mim.

- Mas significa para mim, esse é que é o problema. Ele é terrivelmente agressivo. Nem sempre foi assim.

- Não pode ter sido. Ele não teria sobrevivido.

Minha intenção era que aquilo fosse uma observação sem maiores conseqüências, mas o efeito foi forte. A conversa morreu. Tentei

reanimá-la.

- Os Waller são amigos seus, Sra. Broadhurst?

- São. O professor Waller foi meu mentor quando eu estava na faculdade. - O tom da voz dela era nostálgico. - Por falar nisso, ele ainda é o meu mentor. Ele e a Laura. Telefonei para eles, que estão em Lake Tahoe, ontem à noite, quando eu... - Ela não concluiu a frase. - Eles são seus amigos?

- Bons vizinhos. Ah, sim, meu nome é Archer. Moro no andar de cima.

Ela fez um gesto afirmativo com a cabeça.

- Laura Waller falou no senhor ontem à noite, quando me ofereceu o apartamento dela. Ela disse que se precisasse de qualquer tipo de ajuda, eu poderia contar com o senhor. Ela me dirigiu um curto sorriso frio. - De certo modo, já contei, não foi? Obrigada por ser tão delicado com o meu filhinho.

- Foi um prazer.

Mas nós estávamos contrafeitos. Como acontece com todo aquele que está irritado, o marido dela tinha deixado sua impressão na manhã. A cena que ele fez ainda ecoava tristemente no ar. Como que para afastá-la, ela disse:

- Acabei de coar café. É um tipo especial de Laura Waller, e parece que não vai ser usado. Gostaria de uma xícara?

- Obrigado, mas não seria uma boa idéia. Seu marido poderia voltar.

Na rua, eu tinha ouvido uma porta de carro ser aberta e depois fechada, mas não ouvira nenhum motor sendo ligado.

- Ele está muito próximo de um ato de violência, Sra.

Broadhurst.

- Não é bem assim. - Mas o tom dela era de dúvida.

- E, sim. Já vi gente desse tipo inúmeras vezes e aprendi a não provocá-los, quando isso for possível.

- A Laura disse que o senhor é um detetive. É verdade?

Algo que parecia um desafio surgira na expressão do rosto dela.

- Sou, mas hoje é o meu dia de folga. Assim espero.

Sorri, mas eu dissera a coisa errada. Uma expressão magoada escureceu os olhos dela e fez com que a boca se contraísse.

Continuei as gafes:

- Posso guardar esse convite para uma outra ocasião, Sra.

Broadhurst?

Ela sacudiu a cabeça, não tanto para mim quanto para si mesma.

- Não sei... não sei se vou ficar aqui.

Na rua, a porta do carro se abrira. Stanley Broadhurst tornou a entrar no pátio, sozinho.

- Desculpe interromper coisa alguma.

- Não há nada a interromper - disse a mulher. - Onde está o Ronny?

- No carro. Ele vai ficar tranqüilo depois de passar um pouco de tempo ao lado do pai. - Ele falava como se o pai do garoto fosse um outro homem. - Você esqueceu de me dar os brinquedos, os animais e as coisas dele. Ele disse que você

embalou tudo.

- Sim, é claro.

Parecendo ofendida consigo mesma, ela entrou depressa no apartamento e voltou com uma sacola de náilon azul, dessas que se usam nas viagens de avião.

- Dê lembranças à sua mãe.

Não havia calor algum na voz dela, e nenhum da resposta dele:

- Claro.

Os dois pareciam um casal que jamais esperava tornar a se ver. Uma pontada de medo me atingiu - impreciso, porque eu estava acostumado a abafar o medo. Penso que se tratava, principalmente, de medo pelo que pudesse acontecer ao menino. De qualquer modo, eu quis deter o Broadhurst e trazer o menino de volta. Mas não o fiz.

Broadhurst saiu para a rua. Subi pela escada externa de dois em dois degraus e dirigi-me a passos rápidos, pela galeria, até a frente do prédio. Um conversível Ford preto, bem novo, estava parado junto ao meio-fio. Uma jovem ou uma mulher loura, num vestido amarelo sem mangas, estava sentada no banco da frente. O braço esquerdo envolvia Ronny, que parecia manter-se numa posição forçada.

Stanley Broadhurst entrou no banco da frente. Deu a partida do motor e saiu veloz. Não vi o rosto da garota. Escorçada pela altura, ela era só ombros nus, seios protuberantes e cabelos louros flutuantes.

A pontada de medo que eu tinha sentido pelo menino tornou-se uma dor incômoda. Entrei no banheiro do meu apartamento e olhei para a minha cara como se de algum modo pudesse ler ali o futuro dele. Mas tudo o que consegui ler foi o meu passado, nos sinais de erosão debaixo dos meus olhos, o cintilar de mica nas cores branca e cinza, na barba de 24 horas.

Fiz a barba, vesti uma camisa limpa e tornei a descer a escada. A meio caminho, fiz uma pausa, recostei-me no corrimão e disse a mim

mesmo que estava descendo para me meter em encrenca: uma jovem bonita, com um filho simpático e um marido errante Um vento quente soprava o meu rosto.





## 2

Passei pela porta do apartamento dos Waller e segui pela rua até a banca de jornais mais próxima, onde comprei a edição de fim de semana do Times. Levei o jornal para casa e passei a maior parte da manhã lendo-o. Todo ele, inclusive os classificados, que às vezes nos dizem mais sobre Los Angeles do que as notícias.

Tomei um banho frio de chuveiro. Depois, sentei-me à escrivaninha que ficava na sala da frente, olhei o saldo no meu talão de cheques e paguei as contas de telefone e luz.

Nenhuma delas estava vencida, e aquilo fez com que me sentisse dominador e controlado.

Enquanto colocava os cheques em envelopes, ouvi passos de uma mulher aproximando-se da porta.

- Sr. Archer?

Abri a porta. Os cabelos dela estavam para cima e ela usava um vestido curto, elegante e multicolorido, e meias brancas.

Havia sombra azul nas pálpebras e batom carmim nos lábios.

Por trás daquilo tudo, parecia tensa e vulnerável.

- Não quero perturbá-lo, se estiver ocupado.

- Não estou ocupado. Entre.

Ela entrou na sala e lançou em torno um olhar que iluminou o ambiente como piques de radar, uma coisa atrás da outra, e me fez perceber que a mobília estava muito usada. Fechei a porta depois que ela entrou e puxei a cadeira da escrivaninha.

- Não quer sentar-se?

- Obrigada. - Mas ela continuou de pé. - Está havendo um incêndio em Santa Teresa. Incêndio na floresta. Sabia disso?

- Não, mas pelo tempo que anda fazendo, há possibilidade de incêndios.

- Segundo o noticiário do rádio, ele começou muito perto da propriedade da vovó Neil... da minha sogra. Tenho tentado falar com ela ao telefone. Ninguém atende. O Ronny deve estar lá, e me sinto terrivelmente preocupada.

- Por quê?

Ela mordeu o lábio inferior e ficou com uma mancha de batom nos dentes.

- Não acredito que o Stanley vá cuidar dele como deve. Eu nunca deveria ter deixado que levasse o Ronny.

- Por que deixou?

- Não tenho o direito de privar Stanley do filho. E um menino precisa da companhia do pai.

- Da do Stanley, não, pelas atuais condições dele.

Ela me fitou com uma expressão séria e inclinou-se para mim com a mão estendida, numa tentativa.

- Ajude-me a tê-lo de volta, Sr. Archer.

- O Ronny ou o Stanley?

- Os dois. Mas é com o Ronny que estou mais preocupada.

O homem do noticiário disse que talvez tenham de evacuar algumas casas. Não sei o que está acontecendo em Santa Teresa.

Ela ergueu a mão para a testa e cobriu os olhos. Eu a levei até o sofá de espaldar alto e a convenci a sentar-se. Depois, fui até a cozinha, lavei um copo e o enchi de água. Sua garganta vibrava enquanto ela bebia. As longas pernas de dançarina calçadas de meias brancas penetravam na sala em mau estado como se saídas de uma dimensão mais teatral.

Sentei-me à escrivaninha e voltei-me um pouco para encará-la.

- Qual é o número do telefone de sua sogra?

Ela me deu o número, com o código de área, e disquei direto. O telefone do outro lado tocou insistentemente nove ou dez vezes.

O delicado estalo do fone sendo levantado pegou-me de surpresa.

Uma voz de mulher disse:

- Alô.

- É a Sra. Broadhurst?

- É, sim. - A voz era firme, mas delicada.

- A esposa do Stanley quer falar com a senhora. Aguarde um momento.

Entreguei o fone para a jovem, que assumiu meu lugar à escrivaninha. Fui para o quarto, fechando a porta ao passar, e peguei a extensão que ficava ao lado da cama.

A mulher mais velha estava dizendo:

- Não vi o Stanley. Sábado é o meu dia de voluntária, como você bem sabe, e acabei de chegar do hospital.

- A senhora não o está esperando?

- Talvez mais tarde, Jean.

- Mas ele disse que tinha um encontro marcado com a senhora hoje de manhã, que havia prometido levar o Ronny para visitá-la.

- Nesse caso, acho que ele vai trazê-lo. - A voz da mulher mais velha tornara-se cautelosa e mais precisa. - Não consigo ver por que isso é tão importante...

- Eles saíram daqui há horas - disse Jean. - E, pelo que sei, tem um incêndio aí perto.

- Tem. Foi por isso que corri de volta para casa, direto do hospital. Vai me desculpar agora se eu me despedir, Jean.

Ela desligou, e eu também. Quando voltei para a sala, Jean estava de cenho franzido para o fone em sua mão, como se fosse um ser vivo que morrera em suas mãos.

- O Stan mentiu - disse ela. - A mãe dele esteve no hospital a manhã toda. Ele levou aquela garota para uma casa vazia.

- A senhora e o Stanley estão se separando?

- Acho que estamos. Eu não quero.

- Quem é a loura?

Ela ergueu o fone em sua mão e bateu com ele violentamente. Senti como se estivesse desligando a comunicação comigo.

- Não vamos falar sobre isso - disse ela.

Mudei de assunto, ligeiramente.

- Há quanto tempo a senhora e o Stanley estão separados?

- Só desde ontem. Na verdade, não estamos separados.

Pensei que se o Stanley falasse com a mãe dele... - Ela fez uma pausa.

- Que ela ficasse do seu lado? Eu não contaria com isso.

Ela olhou para mim com certa surpresa.

- Conhece a Sra. Broadhurst?

- Não. Mas, mesmo assim, eu não contaria com isso. A Sra.

Broadhurst tem dinheiro?

- Será que eu... isso é tão óbvio assim?

- Não. Mas tem de haver uma razão para tudo. Seu marido, por assim dizer, usou o nome da mãe para tirar Ronny da senhora.

Aquilo pareceu uma acusação, e ela curvou a cabeça.

- Alguém andou falando com o senhor sobre nós.

- A senhora falou.

- Mas eu não disse nada sobre a Sra. Broadhurst. Ou sobre a loura.

- Pensei que tivesse dito.

Ela mergulhou em profunda reflexão. Aquilo lhe fez bem, suavizando

a angustiada rigidez de sua postura.

- Eu sei. Ontem à noite, depois que telefonei para os Waller em Tahoe, eles ligaram para o senhor e lhe deram informações a meu respeito. O que foi que a Laura disse, ou foi o Bob?

- Nada. Eles não me telefonaram.

- Então, como sabe a respeito da loura?

- Não há sempre uma loura?

- Está me gozando - disse numa voz mais jovem. - E nas atuais circunstâncias, isso não é muito delicado.

- Está certo. Eu a vi.

Enquanto falava, percebi que estava me apresentando como testemunha - testemunha dela - e minha última esperança ou pretensão de não me meter na sua vida estava sendo perdida pelas palavras.

- Ela estava no carro com eles, quando partiram daqui.

- Por que não me disse? Eu poderia tê-los detido.

- Como?

- Não sei.

Ela olhou para as próprias mãos. De repente, sua fisionomia foi mudada por um arrependido relâmpago de humor.

- Eu poderia exibir uma placa de identificação como esposa, acho, ou sentar-me em frente do carro. Ou escrever uma carta para um astronauta.

Eu a interrompi antes que ela ficasse histérica.

- Pelo menos, ele está agindo às claras. E, com o garoto junto, eles não deverão poder fazer nada... - Deixei que a frase morresse.

Ela sacudiu a bela cabeça.

- Não sei o que poderão fazer. O fato de agirem tão às claras, como o senhor diz, é uma das coisas que me preocupa. Acho que os dois são malucos. Palavra. Ele a levou do escritório para casa a noite passada e pediu que ficasse para o jantar sem me consultar. Ela estava arrogante por algum motivo, ao chegar, e foi muito vaga nas respostas.

- Que tipo de escritório tem o Stanley?

- Ele trabalha numa companhia de seguros em Northridge...

onde nós moramos. Ela não trabalha no escritório... não estou dizendo isso. Não duraria um dia. E possível que seja uma estudante da faculdade ou mesmo do ginásio. Ela é bem jovem para isso.

- Que idade ela tem?

- Não pode ter mais de dezenove. Foi uma das coisas que me deixou desconfiada logo de início. Segundo Stanley, ela era uma antiga amiga

de colégio que entrara em contato com ele no escritório. Mas ele é pelo menos sete ou oito anos mais velho do que ela.

- Qual o motivo da arrogância dela?

- Não tenho idéia. Mas não gostei das coisas que ela dizia ao Ronny. Não gostei nada, nada. O problema é que o Stanley e eu há muito tempo não vimos nos dando bem. Ele tem andado imerso nas suas preocupações e inteiramente desinteressado por mim. Isso parece tirar de uma mulher qualquer ponto de apoio.

- A senhora queria terminar com o casamento? Ela pensou seriamente na pergunta.

- Nunca me passou pela cabeça. Mas talvez queira. Vou ter de pensar nisso.

Ela se levantou, apoiando-se como uma modelo na minha escrivaninha, com um quadril para fora.

- Mas não agora, Sr. Archer. Tenho de ir a Santa Teresa.

Quer me levar de carro até lá e ajudar-me a trazer o Ronny de volta?

- Sou um detetive particular. Faço essas coisas para viver.

- A Laura Waller me disse. Foi por isso que perguntei. E é claro que espero pagar-lhe.

Abri a porta e armei a tranca automática.

- O que mais a Sra. Waller falou a meu respeito? Ela disse, com o seu sorriso sem graça:

- Que o senhor é um homem solitário.

Esperei por ela na sala da frente do apartamento dos Waller.

As paredes estavam cobertas de livros, muitos em língua estrangeira, como um isolamento contra o presente imediato. Ela surgiu carregando uma enorme bolsa e casacos para ela e para o menino ausente.

Tirei o carro da garagem nos fundos do prédio e seguimos para o interior, para pegar a Ventura Freeway. O sol de início de tarde brilhava sobre o tráfego, faiscando de modo imprevisível sobre pára-brisas e cromados. Liguei o arcondicionado.

- Isso está uma delícia - disse ela. Sua presença ao meu lado mantinha a sensação ilusória de que havia ali uma abertura para outra trilha do tempo ou dimensão. Essa trilha tinha mais futuro do que o mundo que eu conhecia, e sem um tráfego tão horrível quanto aquele.

Após fazer a curva para entrar no Sepulveda Boulevard, levei algum tempinho preparando algo a dizer.

- Parece que vou ficando menos solitário, Sra. Broadhurst.

- Pode me chamar de Jean. Sra. Broadhurst parece referir-se à minha

sogra.

- Isso é ruim?

- Não é bem assim. Ela é uma mulher muito boa... uma dama, na verdade, e boa gente. Mas, por baixo disso tudo, é terrivelmente triste. Creio que é para isso que servem as boas maneiras, para encobrir.

- Por que ela é tão triste assim?

- Por vários motivos. - Ela olhou para o lado do meu rosto, para o meu único olho que estava visível. - O senhor é um bocado curioso, não é, Sr. Archer?

- E o hábito no meu trabalho.

- E o senhor está trabalhando?

- Você me pediu. O fato de eu morar onde moro teve algo a ver com você ter se mudado para o andar de baixo?

- O fato de o senhor ser um detetive?

- Em termos gerais, sim.

- É possível. O senhor pode ter sido parte de toda a Gestalt.

Isso tem importância?

- Para mim, tem. Não acredito em coincidências. E gosto de saber exatamente qual é a minha situação.

- O senhor tem sorte, se souber.

- Isso é uma ameaça?

- É mais uma confissão. Eu estava pensando em mim mesma... e em qual é a minha situação.

- Enquanto está confessando... mandou Ronny ir lá fora, hoje de manhã, para me ajudar a alimentar os passarinhos?

- Não. - O tom dela era positivo. - A idéia foi toda dele. - Ela acrescentou: - Se o senhor não acredita em coincidências, também não há muito lugar para a espontaneidade. No seu mundo.

- O mundo não é meu. Estou interessado em toda a Gestal t de que você falou. Conte tudo.

Ela disse, vacilante:

- Não sei o que quer que eu lhe conte.

- Tudo o que resultou nesta situação.

- O senhor leva a coisa sério, não leva?

Eu ouvi o leve tom de surpresa na voz dela.

- Levo.

- Eu também levo. Afinal de contas, trata-se da minha vida, e ela está se desfazendo em pedaços. Mas quanto a explicar a situação, eu não saberia por onde começar.

- Vá me dando os pedaços. Você já começou, com a Sra. Broadhurst. Por que é que ela se sente tão triste?

- Ela está ficando velha.

- Eu também estou, e não me sinto triste.

- Não? De qualquer forma, para uma mulher é diferente.

- O Sr. Broadhurst não está ficando velho?

- Não existe um Sr. Broadhurst. Ele fugiu com outra mulher, faz alguns anos. O Stanley parece estar repetindo o esquema.

- Que idade ele tinha quando o pai saiu de casa?

- Onze ou doze anos. O Stanley nunca fala sobre isso, mas foi o principal acontecimento da infância dele. Quando o pai foi embora, acho que ele sentiu ainda mais do que a mãe.

- Como é que sabe, se ele nunca fala sobre isso?

- O senhor faz boas perguntas - disse ela.

- Me dê uma boa resposta, Jean.





## 3

Ela não estava com pressa. Eu não podia ver-lhe o rosto, mas a visão periférica me fazia ciente dela sentada ao meu lado, com as mãos no colo. A cabeça estava curvada sobre as mãos vazias, como se estivesse tentando desfazer um nó ou desenrolar um rolo de barbante.

- Meu marido vem procurando o pai há algum tempo – disse - e aos poucos está entrando em colapso nervoso. Ou talvez eu tenha feito confusão. Ele tem procurado pelo pai na esperança de que isso o faça voltar ao normal.

- O Stanley teve um colapso nervoso?

- Nada tão preciso assim. Mas a vida toda dele tem sido uma espécie de colapso. Ele é uma dessas pessoas super confiantes que, pelo que se descobre depois, não tem confiança nenhuma. E isso faz dele um homem bronco. Ele mal se formou na faculdade. Por falar nisso, foi assim que o conheci. Eu estava na turma de francês em que ele estava, e ele me contratou para dar aulas particulares.

- Ela acrescentou, com uma espécie de irônica precisão: Esse relacionamento tutelar continuou até depois do casamento.

- Pode ser difícil, para um homem, ser casado com uma mulher que é mais inteligente do que ele.

- Pode ser difícil para a mulher, também. Mas eu não disse exatamente que era mais inteligente do que o Stanley. Ele é apenas um homem que ainda não se encontrou.

- Ele está procurando?

- Tem procurado obstinadamente, há muito tempo.

- Pelo pai.

- É assim que ele explica para si mesmo. Parece sentir que, ao abandoná-lo, o pai roubou o sentido de sua vida. Isso parece um absurdo, mas na verdade não é. Ele está zangado com o pai por tê-lo abandonado; ao mesmo tempo, sente falta dele e o estima. As duas coisas juntas podem ser paralisantes.

A profundidade do sentimento que havia na sua voz surpreendeu-

me. Ela gostava mais do marido do que admitia.

Atravessamos o desfiladeiro baixo e começamos a descer para o vale. Acima da superfície dele, camadas de poeira marrom amontoavam-se no ar, ocultando as montanhas ao longe. Como algo num filme antigo, um bombardeiro da Segunda Guerra Mundial levantou vôo com dificuldade do aeroporto de Van Nuys e seguiu para o norte. Talvez estivesse indo para o incêndio em Santa Teresa.

Não falei nisso com a mulher ao meu lado. Um outro pensamento tinha começado a me incomodar. Se Stanley estivesse seguindo as pegadas do pai e fugindo com uma garota, não deveria ir direto para a cidade onde sua mãe morava. Las Vegas, ou talvez o México, era um destino mais provável.

Passamos por uma placa que dizia "Northridge". Olhei para a mulher. Ela estava inclinada para a frente, desenrolando o seu invisível rolo de barbante.

- A que distância a sua casa fica da estrada?

- Cerca de cinco minutos. Por quê?

- Devíamos dar uma olhada lá. Não sabemos se Stanley levou o menino para Santa Teresa.

- Acha que eles podem estar lá em casa?

- Não é provável, mas é possível. Mesmo assim, vamos dar uma olhada.

A casa ficava numa rua chamada College Circle, uma de um grupo de casas recém-construídas, com pórticos de dois andares apoiados por grandes pilares de madeira. Elas se diferenciavam pela cor. A casa dos Broadhurst era azulescuro, com pilares azul-claro.

Jean entrou pela porta da frente. Quando segui pela entrada de automóveis até os fundos da casa, descobri que por trás da frente imponente ela nada mais era do que uma casa de um conjunto com base na mesma planta, como se o arquiteto tivesse tentado combinar uma mansão de fazenda agrícola sulista com os aposentos dos escravos. Uma cerca de parreira separava o quintal dos fundos do dos vizinhos.

A porta da garagem estava trancada. Contornei a lateral da casa e fui até a janela. Havia um único carro na garagem de duas vagas, um sedã Mercedes verde, que não se parecia nada com o conversível preto que Stanley estivera dirigindo.

Jean abriu a porta dos fundos da casa pelo lado de dentro.

Lançou-me um olhar amedrontado e atravessou correndo o gramado, em direção à janela da garagem.

- Eles não estão aí dentro, estão?

- Não.

- Graças a Deus. Por um instante, pensei que tivessem cometido suicídio ou outra coisa qualquer.

Ela ficou do meu lado junto à janela.

- Esse carro não é o nosso.

- De quem é?

- Deve ser dela. Agora me lembro... ela e Stanley chegaram em carros separados, ontem à noite. Ela é petulante...

deixando o carro na minha garagem.

Jean voltou-se para mim, o semblante sombrio.

- Por falar nisso, ela dormiu na cama do Ronny. Não gostei disso.

- Mostre-me.

Entrei em seguida pela porta dos fundos. A casa já mostrava sinais de abandono. Na cozinha, pratos sujos estavam empilhados na pia e nas bancadas. Em cima do fogão, que não era embutido, havia uma frigideira cheia pela metade de uma gordura congelada e uma caçarola contendo algo que cheirava a sopa de ervilhas, mas parecia com lama verde rachada. E havia moscas.

O quarto do menino no segundo andar tinha as paredes cobertas de fotografias de animais mansos. As roupas de cama estavam amarfanhadas e torcidas, como se a jovem visitante tivesse passado uma noite conturbada. As marcas vermelhas de sua boca estavam no travesseiro, como uma assinatura, e sob o travesseiro havia um exemplar do romance Green Mansions, encadernado num tecido verde desbotado.

Examinei a guarda do livro. Ele tinha um ex-líbris com a gravura de um anjo ou uma musa escrevendo num códice com uma pena que era pluma de pavão. O nome no ex-libris era Ellen Strome. Abaixo dele, um outro nome estava escrito a lápis: Jerry Kilpatrick.

Fechei o livro e o enfiei no bolso do paletó.

Jean Broadhurst entrou no quarto atrás de mim.

- Pelo menos, ele não dormiu com ela.

- Onde foi que seu marido dormiu?

- No escritório dele.

Ela me mostrou o pequeno cômodo no andar térreo. Continha algumas prateleiras com livros, uma escrivaninha de tampo corrediço, fechada, um sofá-cama desfeito e um arquivo de aço, cinza, parecendo um cenotáfio à cabeceira da cama. Voltei-me para a mulher:

- O Stanley costuma dormir aqui?

- O senhor faz umas perguntas bem pessoais.

- Vai se acostumar com isso. Presumo que ele costuma dormir aqui.

Ela corou.

- Ele tem trabalhado durante a noite nos seus arquivos. Não gosta de me perturbar.

Tentei puxar a gaveta superior do arquivo. Estava trancada.

- Que tipo de arquivos ele mantém aqui?

- Esse é o arquivo do pai dele - disse ela.

- O arquivo do pai dele?

- O Stanley mantém um arquivo sobre o pai dele - tudo o que

conseguiu apurar a respeito dele, o que não é muito. E todas as pistas falsas - as dúzias de pessoas com quem ele falou ou às quais escreveu, tentando descobrir onde está o pai. Nos últimos anos, tem sido essa a ocupação principal dele. - Com ironia, ela acrescentou: - Pelo menos, eu sabia onde ele andava passando as noites.

- Que tipo de homem era o pai dele?

- Não sei. E engraçado, com todas essas informações - ela deu uma batida no lado do arquivo -, o Stanley não diz nada sobre ele. Mantém longos silêncios sobre o assunto. A mãe dele tem silêncios ainda maiores. O que sei é que ele foi capitão de infantaria no Pacífico. O Stanley tem um retrato dele usando uniforme. Era um homem bem-apessoado, com um sorriso bonito.

Corri os olhos pelas paredes cobertas de lambris de madeira.

Estavam nuas, com exceção de um calendário comercial que afirmava estarmos ainda no mês de junho.

- Onde é que ele guarda o retrato do pai?

- Em plexiglás, para que não se desgaste.

- O que é que iria desgastá-lo?

- Mostrá-lo às pessoas. Stanley também tem fotos dele jogando tênis e montando um cavalo de pólo, e uma no leme do iate dele.

- Pelo que estou percebendo, o pai dele tinha bastante dinheiro.

- Bastante. Pelo menos, a Sra. Broadhurst tem.

- E o marido abandonou esse dinheiro e ela por causa de uma mulher?

- Foi o que disseram.

- Quem era a mulher?

- Não faço idéia. Stanley e a mãe dele não falam no assunto.

Tudo que sei é que o Sr. Broadhurst e a mulher fugiram para São

Francisco. Stanley e eu passamos duas semanas em São Francisco em junho. O Stanley perambulou pela cidade com as fotos dele. Cobriu a maior parte do centro da cidade antes de desistir. Tive um trabalho enorme para convencê-lo a voltar conosco. Ele queria abandonar o emprego e continuar a busca na área da baía.

- Partindo do pressuposto de que Stanley encontre o pai, o que é que vai acontecer?

- Não sei. E também acho que o Stanley não sabe.

- Você disse que ele tinha onze ou doze anos quando o pai foi embora. Há quanto tempo foi isso?

- O Stanley está com vinte e sete anos. Quinze anos.

- Ele tem condições de largar o emprego?

- Não, não tem. Devemos bastante dinheiro, à mãe dele e a outras pessoas. Mas ele está ficando tão irresponsável que isso é tudo que posso fazer para mantê-lo no emprego.

Ela ficou calada durante algum tempo, olhando para as paredes nuas da sala, o calendário que não tinha sido trocado há vários meses.

- Você tem a chave do arquivo? - perguntei.

- Não. Só existe uma, que fica com Stanley. Ele também mantém o tampo da escrivaninha trancado. Não gosta que eu veja sua correspondência.

- Acha que ele tem se correspondido com a garota?

- Não faço a mínima idéia. Ele recebe cartas de todas as partes. Eu não as abro.

- Sabe qual é o nome dela?

- Ela disse que se chamava Sue, pelo menos foi o que disse ao Ronny.

- Gostaria de dar uma olhada no registro daquele Mercedes.

E a chave da garagem?

- Essa, eu tenho. Eu a guardo na cozinha.

Eu a segui para fora do escritório e até a cozinha, onde ela abriu um guarda-louças e apanhou a chave que estava num prego. Usei a chave para abrir a garagem. A chave do Mercedes estava na ignição. Não havia registro, mas, amarrotada no fundo do porta-luvas, encontrei uma fatura de seguro de carro emitida em nome do Sr. Roger Armistead, de Crescent Drive, em Santa Teresa. Copiei o nome e o endereço no meu caderninho preto e saí do carro.

- O que foi que encontrou?

Mostrei a ela o meu caderninho aberto.

- Conhece Roger Armistead?

- Não. Mas Crescent Drive é um bom endereço.

- E aquele Mercedes vale muito dinheiro. A velha colega de escola do Stanley parece ser cheia de dinheiro. Ou então, roubou o carro.

Jean fez um rápido gesto dominante com a mão.

- Por favor, não fale tão alto. - Ela prosseguiu numa voz que estava cônscia dos vizinhos do outro lado da cerca de videira: - Aquela história dele foi ridícula. Ela não podia ser uma velha colega de escola. Ela é no mínimo seis ou sete anos mais moça, como eu disse. Além do mais, ele cursou uma escola particular só para meninos, em Santa Teresa.

Tornei a abrir o caderninho de notas.

- Dê-me uma descrição dela.

- Ela é uma loura bem-apessoada, mais ou menos da minha altura, um metro e sessenta. Belo corpo. Talvez pese sessenta quilos, mais ou menos. Os olhos têm um tom de azul. Na verdade, eles são a característica que ela tem de melhor... e também de mais estranho.

- Estranho, de que maneira?

- Não consegui entendê-los - disse ela. - Não soube dizer se ela era absolutamente inocente ou absolutamente fria e amoral. E isso não é uma conclusão tirada a posteriori. Foi a minha primeira reação quando ela chegou com o Stanley.

- Ele deu alguma pista sobre o motivo pelo qual ele a trouxe para casa com ele?

- Ele disse que ela precisava de comida e descanso, e que ele esperava que eu servisse jantar a ela. O que eu fiz. Mas ela praticamente não comeu nada - um pouco se sopa de ervilha.

- Ela falou muito?

- Comigo, não. Conversou com o Ronny.

- Sobre o quê?

- Na verdade, foi uma conversa sem sentido. Ela contou a ele uma história maluca sobre uma menininha que fora deixada sozinha a noite toda numa casa nas montanhas. Os pais da garotinha tinham sido mortos por monstros e ela foi levada por um pássaro grande, que parecia um condor. Ela disse que aquilo havia acontecido com ela quando tinha a idade de Ronny. Ela perguntou ao meu filho se gostaria que aquilo acontecesse com ele. Era uma fantasia, é claro, mas continha um elemento horrível, como se ela estivesse tentando descarregar sua histeria no Ronny.

- Qual foi a reação dele? Ele ficou com medo?

- Não de todo. Ele parecia fascinado por ela. Eu não fiquei.

Quebrei o encanto e mandei Ronny para o quarto dele.

- Ela disse alguma coisa sobre levá-lo embora daqui?

- Não diretamente. Mas a mensagem era essa, não era? Na hora, aquilo me deixou com medo. Eu devia ter agido com base nisso e mandado a garota embora.

- O que foi que a amedrontou?

Ela ergueu os olhos para o céu, que estava cheio de poeira soprada pelo vento.

- Ela estava com medo, acho eu, e percebi que ela queria dar a entender isso. Claro, eu já estava perturbada. Era muito estranho o Stanley fazer o que fez, trazendo-a para casa como uma noivinha. Eu percebi que aqui a minha vida estava mudando e não havia nada que eu pudesse fazer.

- Vem mudando há algum tempo, não vem? Desde junho.

O olhar dela baixou, cheio de céu escuro.

- Junho foi o mês em que fomos a São Francisco. Por que o senhor diz junho?

- Foi o último mês em que seu marido arrancou a página do calendário no escritório dele.

Um carro com um motor barulhento parou lá em frente e um homem apareceu no canto da casa. O corpo dele parecia contrafeito no seu amassado terno escuro. O comprido rosto pálido tinha cornijas de tecido de cicatrizes sobre os olhos.

Ele veio na nossa direção, pela entrada de carro.

- Stanley Broadhurst está?

- Sinto muito, mas ele não está - disse Jean, apreensiva.

- Por acaso é a Sra. Broadhurst?

O homem falou com uma delicadeza esmerada, mas um laivo de agressão soava em sua voz.

- Sim, sou a Sra. Broadhurst.

- Quando é que espera que seu marido volte?

- Na verdade, não sei.

- Deve fazer uma idéia aproximada.

- Lamento, mas não faço.

- Se a senhora não faz, quem faz?

Ele parecia um homem que estava muito perturbado. Eu me coloquei entre ele e Jean.

- O Broadhurst foi passar o fim de semana fora da cidade. falei. - Quem é você e o que deseja?

O homem não me respondeu logo. Teve um intenso ataque silencioso de raiva, erguendo a mão e esbofeteando o próprio rosto. O golpe deixou uma marca vermelha de quatro dedos na face.

- Quem eu sou é da minha conta - disse ele. - Quero o meu dinheiro. E melhor entrar em contato com ele e dar-lhe o recado. Vou sair desta cidade hoje à noite e vou levar o dinheiro comigo.

- De que dinheiro o senhor está falando?

- Isso é entre nós. Dê o recado a ele. Estou disposto a aceitar os mil da divisão igual se receber o dinheiro até hoje à noite.

Caso contrário, o céu será o limite. Diga isso a ele.

Seus olhos frios não acreditavam no que a boca dizia.

Imaginei que fosse um ex-presidiário. Ele tinha a palidez da prisão e parecia contrafeito à luz do dia. Mantinha-se junto à parede, como se precisasse de alguma coisa para refreá-lo.

- Meu marido não tem esse tipo de dinheiro.

- A mãe dele tem.

- O que sabe sobre a mãe dele? - disse Jean com voz fraca.

- Acontece que sei que ela é cheia da grana. Ele disse que iria conseguir o dinheiro com ela hoje e estaria com ele para me dar hoje à noite.

Eu disse:

- O senhor chegou um pouco cedo, não?

- Ainda bem que cheguei, com ele fora da cidade e tudo o mais.

- O que é que ele está comprando no senhor?

- Se eu dissesse, não poderia vender, poderia?

Ele me lançou o olhar astuto de um homem semi-inteligente que nunca aprendera os limites de sua inteligência.

- Diga-lhe que voltarei aqui esta noite. Se ele não me pagar, então o céu será o limite.

- Poderá não haver ninguém aqui - repliquei. - Por que não me dá seu nome e endereço, para entrarmos em contato?

Ele pensou na minha proposta, e por fim disse:

- Você pode me encontrar no Star Motel. Fica abaixo do Topanga Canyon, na estrada da costa. Pergunte pelo Al.

Tomei nota do endereço.

- Não tem telefone?

- Não se pode entregar dinheiro pelo telefone.





## 1

Ele nos dirigiu um fraco sorriso carcomido e foi embora. Eu o segui até o canto da casa e fiquei olhando-o afastar-se dirigindo um velho Volkswagen preto. O carro estava sem um pára-lama e uma placa tão suja que eu não consegui ler.

- Acha que ele está dizendo a verdade? - perguntou Jean.

- Duvido que ele próprio saiba. Ele teria de passar por um detector de mentiras para descobrir. E talvez fosse reprovado.

- O que é que o Stanley está fazendo com esse tipo de gente?

- Você o conhece melhor do que eu.

- Estou começando a ter dúvidas.

Entramos na casa e pedi a permissão de Jean para tornar a usar o telefone do escritório. Queria entrar em contato com o dono do Mercedes. O setor de informações de Santa Teresa me deu o número de Armistead e disquei.

Uma voz de mulher atendeu com impaciência:

- Alô?

- Posso falar com o Sr. Armistead?

- Ele não está.

- Onde poderei encontrá-lo?

- Depende de para o quê o senhor o quer - disse ela.

- É a Sra. Armistead?

- Sou. - Ela parecia prestes a desligar.

- Estou tentando localizar uma jovem. Uma loura artificial...

Ela interrompeu com uma voz muito mais interessada:

- Ela passou a noite de quinta-feira num iate na marina de Santa Teresa?

- Não sei.

- O que é que o senhor sabe sobre ela?

- Ela estava dirigindo um Mercedes verde. Aparentemente, o carro é do seu marido.

- O carro é meu. E, além do mais, o iate também é meu. Ela estragou o Mercedes?

- Não.
- Eu quero o carro de volta. Onde está ele?
- Eu lhe direi se permitir que eu vá até aí falar com a senhora.
- Isso é algum tipo de extorsão? Foi o Roger quem o meteu nisso?
Havia um tremor de raiva e ressentimento na voz dela.
- Eu nunca o vi na vida.
- Considere-se um homem de sorte. Como se chama?
- Archer.
- O que faz para viver, Sr. Archer?
- Sou detetive particular.
- Entendo. E sobre o que deseja falar comigo?
- Sobre a moça loura. Não sei o nome dela. A senhora sabe?
- Não. Ela está encrencada?
- Parece que sim.
- Que idade ela tem?
- Dezoito ou dezenove.
- Entendo - disse ela numa voz mais baixa, mais fraca. - O
Roger deu o carro a ela, ou foi roubado?
- A senhora vai ter de perguntar ao Roger. Quer que eu lhe leve o carro?
- De onde é que está telefonando?
- De Northridge, mas estou indo para Santa Teresa. Talvez a gente possa ter uma conversa.
Houve um curto silêncio. Perguntei à Sra. Armistead se ela estava na linha.
- Estou. Mas não estou certa se quero conversar com o senhor. No entanto - acrescentou, com voz mais forte -, o carro me pertence e eu o quero de volta. Estou disposta a lhe pagar, num valor razoável.
- Vamos falar nisso quando eu estiver com a senhora.
Tirei o Mercedes da garagem de ré e coloquei meu carro em seu lugar. Quando voltei para o escritório, Jean estava falando ao telefone com a sogra.
Ela pôs o fone no lugar e disse que Stanley, Ronny e a jovem
tinham visitado a fazenda naquela manhã, na ausência da Sra.
Broadhurst.
- O jardineiro deu a eles a chave a Casa da Montanha.
- O que é isso?
- Uma cabana para hóspedes que fica nas montanhas atrás da fazenda. Onde está pegando fogo.

Antes de chegarmos a Santa Teresa, senti o cheiro de fumaça. Depois, eu a vi arrastando-se como um véu pela face da montanha atrás da cidade.

Por baixo e através da fumaça, vi lampejos de fogo como clarões de canhões pesados, distantes demais para ser ouvidos. A ilusão da guerra foi completada por um velho bombardeiro bimotor que chegou voando baixo por cima do rebordo das montanhas. O avião desapareceu na fumaça por um longo instante, e depois saiu subindo, deixando em seu rastro uma longa nuvem vermelha.

Na auto-estrada adiante, o tráfego engrossou rapidamente e nos fez parar. Estendi a mão para ligar o rádio do carro, mas decidi não ligar. A mulher ao meu lado já tinha o suficiente na cabeça sem ter de ouvir notícias sobre o incêndio.

No começo da fila, um patrulheiro rodoviário dirigia o movimento do trânsito de uma estrada secundária para a auto-estrada. Havia um número muito grande de carros descendo das montanhas, muitos deles com adesivos do Santa Teresa College. Observei vários caminhões carregados de móveis e colchões, crianças e cachorros.

Quando o patrulheiro nos deixou passar, viramos na estrada que levava às montanhas. Ela nos levou a uma subida gradativa entre bosquetes de limoeiros e subdivisões, em direção ao que Jean descreveu como o desfiladeiro da Sra.

Broadhurst.

Um homem usando um blusão do Serviço Florestal e um chapéu duro amarelo, deteve o Mercedes na entrada do desfiladeiro. Jean saltou e identificou-se como nora da Sra.

Broadhurst.

- Espero que não esteja planejando ficar, minha senhora.

Talvez tenhamos de evacuar esta área.

- O senhor viu o meu marido e o meu filhinho? — Ela descreveu Ronny: seis anos, olhos azuis, cabelos pretos, usando um conjunto azul-claro.

Ele balançou a cabeça.

- Vi muita gente indo embora com os filhos. A idéia não é má. Quando o fogo começar a transbordar por um desses desfiladeiros, poderá correr mais do que a senhora e alcançála.

- Qual a gravidade do incêndio? - perguntei.

- Depende do vento. Se o vento continuar fraco, poderemos ter o fogo controlado por completo antes do anoitecer. Estamos com muito

equipamento lá na montanha Mas se o vento começar a soprar...

Ele ergueu a mão numa espécie de adeus resignado a tudo o que se podia avistar.

Entramos com o carro pelo desfiladeiro entre pilares de portão feitos de pedra bruta, adornados com o nome de Canyon Estates. Casas novas e caras espalhavam-se pelo lado do desfiladeiro entre os carvalhos e os penedos. Homens e mulheres com mangueiras regavam seus quintais e prédios e o bosque que os cercavam. Os filhos estavam olhando ou sentados, quietos, em carros, prontos para partir. A fumaça que subia, vinda da montanha, pairava sobre eles como uma ameaça e mudava a cor da luz.

A fazenda dos Broadhurst ficava entre aquelas casas e o incêndio. Subimos pelo desfiladeiro em direção a ela e saímos da estrada do condado em frente à caixa postal da Sra. Broadhurst. A pista de asfalto serpeava por entre abacateiros maduros. As largas folhas estavam enrugando-se nas pontas como se o fogo já as tivesse tocado. Frutas que escureciam pendiam de seus galhos como granadas de mão verdes.

A pista alargou-se para se transformar num caminho circular em frente a uma casa de fazenda grande e simples feita de estuque branco. Sob a varanda profunda, fucsias vermelhas gotejavam de cestos de sequóia pendurados. Num alimentador de beija-flores, feito de vidro vermelho e suspenso entre os cestos, um beija-flor que também parecia suspenso bebericava de um bico e aproveitava a vida.

Não deu para perceber se o passarinho mudou de posição quando uma mulher abriu a porta de tela e saiu da casa.

Usava uma blusa branca e calças compridas escuras, que mostravam sua cintura estreita. Ela atravessou a varanda com uma rápida energia disciplinada, fazendo com que os saltos altos de suas botas de montaria estalassem.

- Jean, querida!

- Mamãe.

Elas trocaram apertos de mãos como competidores antes de uma disputa de algum tipo. A cabeça escura, bem penteada, da Sra. Broadhurst, tinha toques de cinza, mas ela era mais jovem do que eu imaginara, não tendo mais do que uns cinqüenta.

Só os olhos pareciam mais velhos. Sem tirá-los do rosto de Jean, ela balançou a cabeça de um lado para o outro.

- Não, eles não voltaram. E há muito tempo que não são vistos na área. Quem é a loura?

- Não sei.

- O Stanley está tendo um caso com ela?

- Não sei, mamãe. - Ela voltou-se para mim. — Este é o Sr. Archer.

A Sra. Broadhurst fez um aceno curto com a cabeça.

- Jean disse, ao telefone, que o senhor é uma espécie de detetive. E verdade?

- Da espécie particular.

Ela me varreu com um olhar que desceu dos meus olhos até os meus sapatos e tornou a subir para o rosto.

- Para ser sincera, nunca confiei muito em detetives particulares. Mas nas circunstâncias atuais, talvez o senhor possa ser útil. Se pudermos acreditar nas informações do rádio, o fogo passou pela Casa da Montanha e deixou-a intata. O senhor gostaria de ir até lá comigo?

- Gostaria. Depois de falar com o jardineiro.

- Isso não vai ser necessário.

- Mas, pelo que sei, ele deu a seu filho uma chave para a Casa da Montanha. Ele pode saber por que a queriam.

- Não sabe. Já interroguei o Fritz. Estamos perdendo tempo, e eu já perdi muito. Fiquei ao lado do telefone até o senhor e a Jean chegarem.

- Onde está o Fritz?

- O senhor é insistente, não é? Talvez esteja na casa de ripas.

Deixamos Jean parada, pálida e apreensiva, na sombra da varanda. A casa de ripas ficava no jardim murado atrás de uma das alas da casa da fazenda. A Sra. Broadhurst seguiu atrás de mim sob as sombras estriadas lançadas pelo telhado.

- Fritz? O Sr. Archer quer lhe fazer uma pergunta.

Um homem de aparência tranqüila, vestindo um macacão de brim, que estava curvado cuidando de plantas, endireitou o corpo. Ele tinha olhos verdes emotivos e um jeito desconfiado de se postar, como se estivesse pronto para evitar um golpe ameaçador. Havia uma cicatriz lívida ligando a boca e o nariz, dando a impressão de que tinha nascido com um lábio leporino.

- O que é, agora? - disse ele.

- Estou tentando descobrir o que Stanley Broadhurst está pretendendo fazer. Por que acha que ele queria a chave da casa de hóspedes?

Fritz encolheu os grossos ombros soltos.

- Não sei. Eu não leio a mente das pessoas, leio?

- Você deve ter alguma idéia.

Ele olhou, constrangido, para a Sra. Broadhurst.

- Tenho de contar tudo?

- Por favor, diga a verdade - disse ela, num tom forçado.

- Bem, é claro que achei que ele e a garota estavam com idéias de travessuras. Que outro motivo teriam para ir até lá em cima?

- Levando o meu neto? - disse a Sra. Broadhurst.

- Eles queriam que eu ficasse com o menino. Mas eu não quis a responsabilidade. E assim que a gente se mete em encrenca -disse ele com boba sabedoria.

- Você não falou nisso antes. Devia ter me contado, Fritz.

- Não posso me lembrar de tudo ao mesmo tempo, posso?

- Como é que o menino estava se portando? - perguntei a ele.

- Bem. Ele não falou muito.

- Nem você.

- O que é que o senhor quer que eu diga? Acha que fiz alguma coisa ao garoto? - A voz dele se alteou e os olhos ficaram úmidos e de repente transbordaram.

- Ninguém sugeriu coisa parecida.

- Então, por que o senhor insiste comigo? O menino esteve aqui com o pai. O pai levou ele. Isso faz com que eu seja o responsável?

- Acalme-se.

A Sra. Broadhurst tocou o meu braço.

- Não estamos conseguindo coisa alguma.

Deixamos o jardineiro reclamando entre as plantas. A sombra listrada caía do teto e o engaiolava.

O galpão para carros estava ligado a um velho celeiro vermelho nos fundos da casa. Abaixo do celeiro havia um leito de riacho seco no fundo de uma ravina rasa que continha uma espessa floresta de carvalhos e eucaliptos.

Pombos e melros de voz adocicada vasculhavam à procura de alimento sob as árvores e debaixo de um cevador. Pisei em vagens de eucalipto caídas que pareciam cabeças de pregos de bronze enfeitadas fixadas na poeira.

Um Cadillac antigo e uma velha picape estavam sob o galpão para carros. A Sra. Broadhurst dirigiu a picape, esforçando-se raivosa para que ela fizesse as curvas pelo arvoredo de abacateiros e virando à esquerda ao chegar à estrada, em direção às montanhas. Depois dos abacateiros havia velhas oliveiras, e depois destas pastos que se haviam

transformado em matagal.

Estávamos nos aproximando da ponta do desfiladeiro. O

cheiro de queimado foi ficando mais forte nas minhas narinas. Senti-me como se estivéssemos indo contra a natureza, mas não mencionei minhas aflições à Sra.

Broadhurst. Ela não era o tipo de mulher à qual se confessava uma fraqueza humana.

A estrada se degenerava à medida que subíamos. Ela era estreita e incrustada de grandes pedras. A Sra. Broadhurs t sacudia-se ao volante da picape como se esta fosse um animal macho que resistisse ao controle. Por algum motivo, lembrei-me da voz da Sra. Roger Armistead ao telefone, e perguntei à Sra. Broadhurst se ela a conhecia.

Ela respondeu em poucas palavras:

- Eu a tenho visto no clube da praia. Por que pergunta?

- O nome Armistead surgiu em conexão com a amiga de seu filho, a loura.

- Como?

- Ela estava usando o Mercedes deles.

- Não me surpreendo com essa conexão. Os Armistead são nouveaux riches lá do sul - não são o tipo de gente que aprecio. - Sem mudar mesmo de assunto, ela continuou: Nós moramos aqui há muito tempo, sabe? A fazenda Falconer, do meu avô, ocupava uma grande parte da planície costeira e toda a encosta da montanha, indo até o topo da primeira cadeia. Tudo o que me restou foram algumas centenas de hectares.

Enquanto eu tentava pensar num comentário adequado, ela disse, numa voz mais imediata:

- O Stanley me telefonou ontem à noite e me pediu mil e quinhentos dólares em dinheiro vivo para hoje.

- Para quê?

- Ele disse alguma coisa vaga, sobre comprar informações.

Como o senhor talvez saiba ou não saiba, meu filho está um tanto obcecado pela deserção do pai.

- A mulher dele me contou.

- Contou? Tive a impressão de que os mil e quinhentos dólares poderiam ter alguma coisa a ver com o senhor.

- Não tem. - Pensei em Al, o homem pálido de terno escuro, mas decidi não falar nele naquele momento.

- Quem está pagando ao senhor? - disse a mulher, muito ríspida.

- Não recebi nada.

- Entendo. - Ela parecia estar desconfiada do que entendia. O senhor e minha nora são bons amigos?

- Eu a conheci hoje pela manhã. Temos amigos comuns.

- Então é provável que o senhor saiba que Stanley e ela estavam quase se separando. Nunca pensei que o casamento deles fosse durar.

- Por quê?

- A Jean é uma moça inteligente, mas vem de uma classe inteiramente diferente. Não acredito que algum dia ela tenha entendido o meu filho, embora eu tenha tentado explicar algumas coisas sobre as tradições da nossa família.

Ela desviou o rosto da estrada e olhou para mim.

- O Stanley está mesmo interessado nessa loura?

- E evidente que está, mas talvez não da maneira como a senhora está dando a entender. Ele não teria trazido seu neto junto...

- Não tenha muita certeza disso. Ele trouxe o Ronny porque sabe que adoro o menino e porque quer que eu lhe dê

dinheiro. Lembra-se de que quando ele viu que eu não estava aqui, tentou deixar Ronny com o Fritz? Eu daria muito para saber o que eles estão planejando.

Na base de um penhasco de arenito onde a estrada acabava por completo, ela parou a picape e nós dois saltamos.

- E aqui que passamos a andar a pé - disse ela. - Normalmente, poderíamos ter contornado pela Rattlesnake Road, mas é lá que eles estão combatendo o fogo.





## 4

A sotavento do penhasco, havia uma placa de madeira marrom: "Trilha Falconer". A trilha era um caminho empoeirado aberto por máquina de terraplenagem na encosta do desfiladeiro. Enquanto seguia à minha frente, a Sra. Broadhurst explicou que seu pai dera a terra para a trilha ao Serviço Florestal. Ela parecia estar tentando animar a si mesma da maneira que lhe fosse possível.

Comi a poeira levantada por ela até estar olhando para o topo dos mais altos sicómoros do desfiladeiro lá embaixo.

Uma lua diurna pairava sobre o penhasco, e continuamos a subir em direção a ela. Quando chegamos ao topo, eu estava ensopado dentro de minha roupa.

A cerca de noventa metros para dentro da margem, uma grande cabana de sequoia castigada pelo tempo ficava junto a um arvoredo. Algumas das árvores tinham ficado escurecidas e mutiladas onde o fogo queimara uma errática gadanhada pelo arvoredo. A própria cabana estava vermelha, em parte, e parecia ter sido borrifada com sangue.

Para lá das árvores havia uma encosta preta, onde o fogo mordiscara. A encosta subia até uma estrada aberta na rocha e continuava a subir até o ponto em que o fogo estava naquele momento. Ele parecia estar movendo-se de lado, atravessando a face da montanha. As chamas que de longe tinham parecido clarões de artilharia avançavam pelo espesso chaparral como uma cavalaria.

A estrada cavada ficava mais ou menos a meio caminho entre nós e o corpo principal do incêndio. Para o leste, onde as encostas se nivelavam e se transformavam num platô, a estrada fazia uma curva e descia em direção a um conjunto de prédios que pareciam uma pequena faculdade. Entre eles e o fogo, máquinas de terraplenagem rastejavam de um lado para o outro na face da montanha, abrindo um aceiro na capoeira alta.

A estrada estava entupida de caminhões-tanque e outros equipamentos pesados. Havia homens em volta deles em atitude de espera, como se ao se portarem de maneira modesta e discreta

pudessem fazer com que o fogo ficasse lá no alto da montanha e morresse por lá, como um deus indesejável.

Enquanto a Sra. Broadhurst e eu nos aproximávamos da cabana, vi que uma parte das paredes e do telhado tinha recebido, pelo ar, um jato de nuvem vermelha. O resto das paredes e as venezianas das janelas estavam cinzentos devido à ação do tempo.

A porta pendia aberta, com a chave na fechadura Yale. A

Sra. Broadhurst caminhou até ela devagar, como se temesse o que pudesse encontrar lá dentro. Mas não havia nada fora do comum a ser visto na grande sala rústica da frente. As cinzas na lareira de pedra estavam frias, e podiam estar frias há anos. Peças de uma mobília antiquada coberta de lona achavam-se espalhadas como imagens disformes do passado.

A Sra. Broadhurst sentou-se pesadamente numa poltrona coberta de lona. A poeira ergueu-se à sua volta. Ela tossiu e falou numa voz diferente, baixa e envergonhada:

- Acho que subi a trilha depressa demais.

Fui até a cozinha apanhar um pouco de água para ela. Havia xícaras no armário, mas quando abri a torneira da pia de metal não saiu água nenhuma. O fogão a gás também estava desligado.

Aproveitando que estava ali, andei pelos outros cômodos:

dois quartos no térreo e um sótão para dormir, ao qual se tinha acesso por uma escada íngreme, de madeira. O sótão era iluminado por uma água-furtada e nele havia três camas, cobertas de lona. Uma delas parecia desarrumada. Tirei a lona que a cobria. No grosso cobertor cinza que estava por baixo havia uma mancha de sangue que parecia um teste de Rorschach e parecia recente, mas não fresca.

Desci para a grande sala da frente. A Sra. Broadhurst tinha apoiado a cabeça no encosto da poltrona. Seu rosto fechado estava suave e tranqüilo, e ela ressonava delicadamente.

Ouvi o crescente ronco de um avião vindo baixo por cima da montanha. Saí pela porta dos fundos a tempo de ver o seu rastro vermelho caindo sobre o fogo. O avião foi ficando menor, seu ronco num diminuendo.

Dois antílopes - uma corça e uma corça nova - vinham descendo pelo leito seco de um riacho, em direção ao arvoredo. As duas me viram e, como cavalinhos de balanço, saltaram por cima de um tronco caído e foram para o meio das árvores.

A partir dos fundos da cabana, uma pista de cascalho desgastada

coberta de capim serpenteava em direção à estrada cavada na rocha. Começando a andar pela pista em direção às árvores, percebi marcas de pneus no capim que levava a um pequeno estábulo. As marcas de pneus pareciam recentes e vi apenas um conjunto delas.

Eu as segui até o estábulo e dei uma olhadela lá para dentro.

Um sedã conversível preto, parecido com o de Stanley, estava ali, a capota arriada. Encontrei o registro no portaluvas. Era de Stanley, sim.

Bati com a porta do conversível. Um ruído que pareceu um eco ou uma resposta veio da direção das árvores. Talvez fosse o estalar de um galho se quebrando. Fui lá para fora e segui para o arvoredo parcialmente queimado. Tudo o que consegui ouvir foi o ruído dos meus passos e um leve suspiro que vinha do vento nas árvores.

Então, ouvi um barulho mais distante, que não reconheci.

Parecia o rufiar de asas. Senti um vento quente no rosto e olhei para o alto da encosta.

A muralha de fumaça que pairava sobre o incêndio estava se debruçando da montanha. Na base dela, o fogo queimava com um brilho maior e tinha mudado de direção. Batedores de chamas Iambiam encosta abaixo para a esquerda, e os bombeiros estavam seguindo pela estrada para enfrentá-los.

O vento estava mudando. Eu o ouvia chocalhando agora entre as árvores - o mesmo som que tinha me acordado em West Los Angeles de manhã cedo naquele dia. Havia ruídos humanos, também - sons de movimento entre as árvores.

- Stanley? - Falei.

Um homem num terno azul e capacete vermelho saíra de trás do tronco cheio de bolhas de um sicómoro. Era um homem grande e andava com uma espécie de leveza desajeitada.

- Está procurando alguém? - Ele tinha uma voz calma e controlada, que dava o efeito de manter-se na reserva.

- Várias pessoas.

- Sou a única por essas bandas - disse ele, cordial.

Seus braços e coxas grossos salientavam-se sob o traje passeio. O rosto estava molhado e havia terra nos sapatos.

Ele tirou o capacete, enxugando o rosto e a testa com um lenço grande. Os cabelos eram grisalhos e cortados rente, como pêlo numa bala de canhão.

Andei na direção dele, entrando na sombra esquelética do sicômoro. A lua enfumaçada estava encaixada no topo dele, segmentada por

pequenos galhos pretos. Com um rápido gesto de mágico, o grandalhão tirou um maço de cigarros do bolso interno do paletó e estendeu-o em minha direção.

- Cigarro?

- Não, obrigado. Não fumo.

- Quer dizer que não fuma cigarros?

- Parei com eles.

- E charutos?

- Jamais gostei deles - disse eu. - Você está fazendo uma enquete?

- Pode dizer que sim. - Ele deu um sorriso largo, revelando vários dentes de ouro. - E cigarrilhas? Há quem as fume em lugar de cigarros.

- Eu já percebi.

- Essas pessoas que você diz que está procurando, alguma delas fuma cigarrilhas?

- Creio que não. - Então, lembrei-me de que Stanley Broadhurst fumava. - Por quê?

- Por nada, estou apenas curioso. - Ele olhou para a encosta da montanha. - Aquele incêndio está começando a se deslocar. Não estou gostando desse vento. Ele parece um Santa Ana.

- Ele estava soprando lá no sul, hoje de manhã.

- Eu soube disso. Você é de Los Angeles?

- Isso mesmo.

Ele parecia ter todo o tempo de que precisava, mas eu estava cansado de brincar com ele.

- Meu nome é Archer. Sou detetive particular licenciado, contratado pela família Broadhurst.

- Eu estava curioso. Eu o vi saindo do estábulo.

- O carro de Stanley Broadhurst está lá dentro.

- Eu sei - disse ele. - Stanley Broadhurst é uma das pessoas que está procurando?

- E, sim. -Licença?

Mostrei a ele a minha fotostática.

- Bem, talvez eu possa ajudá-lo.

Ele voltou-se abruptamente e meteu-se entre as árvores seguindo uma trilha cavada. Segui atrás dele. As folhas estavam tão secas sob os meus pés, que parecia que eu estava pisando em flocos de milho.

Chegamos a uma clareira nas árvores. O grande sicómoro que a encobria em parte havia sido queimado. A fumaça ainda se erguia de seus galhos carbonizados e da vegetação rasteira atrás dele.

Perto do meio do espaço aberto havia um buraco no chão com cerca de noventa centímetros a um metro e vinte de diâmetro. Uma pá estava de pé ao lado dele, numa pilha de terra e pedras. A um lado da pilha, uma picareta jazia no chão. Sua ponta afiada parecia ter sido mergulhada em tinta vermelho-escuro. Com relutância, olhei para dentro do buraco.

Na profundidade rasa, o corpo de um homem encolhia-se como um feto, o rosto voltado para cima. Reconheci a camisa com listras de verde-menta, trajes alegres para ser enterrado com eles. E apesar da terra que enchia a boca aberta e agarrava-se nos olhos, reconheci Stanley Broadhurs t e disse isso.

O grandalhão absorveu a informação com tranqüilidade.

- Sabe o que ele estava fazendo aqui?

- Não. Não sei. Mas creio que isso aqui faz parte da fazenda da família dele. Você não explicou o que veio fazer.

- Sou do Serviço Florestal. Meu nome é Joe Kelsey e estou tentando descobrir o que foi que provocou esse incêndio. E -acrescentou, deliberadamente - acho que descobri. Ele parece ter começado nesta área. Encontrei isso, bem ali.

Ele indicou um marcador amarelo de plástico enfiado no terreno queimado a pouca distância de onde nos encontrávamos. Depois, exibiu um pequeno estojo de alumínio usado para guardar provas e abriu-o rápido. O

estojo continha uma cigarrilha queimada pela metade.

- Broadhurst fumava isso?

- Eu o vi fumando uma hoje de manhã. E provável que ache o maço nas roupas dele.

- E, mas não quis mexer nele enquanto o legista não o examinar. Mas parece que vou ter de mexer.

Ele olhou, com os olhos semicerrados, para o fogo no alto da montanha. O fogo brilhava como um pôr-do-sol deslocado através das árvores. As silhuetas escuras de homens lutando contra ele pareciam pequenas e fúteis, apesar dos caminhões-tanque e tratores. À esquerda, o fogo transbordava e despejava-se montanha abaixo como ácido comendo o capim seco. A fumaça soprava à frente dele e espalhava-se pela cidade e ia em direção ao mar.

Kelsey pegou a pá e começou a lançar terra no buraco, falando enquanto trabalhava.

- Eu tenho horror a enterrar um homem duas vezes, mas é melhor

do que deixar que ele seja torrado. O fogo está voltando nesta direção.

- Ele estava enterrado quando você o achou?

- Isso mesmo. Mas quem quer que o tenha enterrado não fez um bom trabalho quanto a disfarçar. Encontrei a pá e a picareta sujas de sangue... e depois o buraco cheio com terra solta em volta. Por isso, comecei a cavar. Não sabia o que ia encontrar. Mas tive como que a sensação de que seria um homem morto, com um buraco na cabeça.

Kelsey trabalhou com rapidez. A terra cobriu a camisa listrada de Stanley e seu rosto insultado, voltado para cima.

Kelsey falou comigo por cima do ombro.

- Você disse que estava procurando por várias pessoas.

Quem eram as outras?

- O filho do morto é uma delas. E havia uma moça loura com ele.

- Foi o que ouvi dizer. Pode descrevê-la?

- Olhos azuis, um metro e sessenta, uns sessenta quilos, idade em torno dos dezoito. A viúva de Broadhurst pode lhe falar mais sobre ela. Ela está na casa da fazenda.

- Onde está o seu carro?

Eu vim num carro de bombeiros. Eu disse a ele que a mãe de Stanley me levara até ali na picape dele e que ela estava no chalé. Kelsey parou de mexer na terra com a pá. O rosto estava coberto de suor e sua expressão era de certo embaraço.

- O que é que ela está fazendo lá?

- Descansando.

- Vamos ter de interromper seu descanso.

Lá depois do arvoredo, no matagal que ainda não tinha queimado, o fogo subiu até quase ficar da altura das árvores.

O ar deslocava-se aos arrancos e parecia o bafo quente de um animal.

Corremos para longe dele, com Kelsey carregando a pá e eu carregando a picareta suja de sangue. A picareta parecia pesada quando chegamos à porta do chalé. Coloquei-a no chão e bati na porta antes de entrar.

A Sra. Broadhurst semi-ergueu-se de um salto. Seu rosto estava rosado. O sono agarrava-se aos seus olhos e abafava sua voz:

- Eu devo ter cochilado, me desculpe, mas tive um sonho maravilhoso. Eu passei... nós passamos a nossa lua-de-mel aqui, neste chalé. Foi durante a guerra, bem no início da guerra, e não era possível viajar. Sonhei que estava em minha lua-de-mel, e nenhuma das coisas

ruins tinha acontecido.

Seus olhos meio sonhadores focalizaram meu rosto e reconheceram os sinais, que não pude esconder, de mais uma coisa ruim que havia acontecido. E então ela viu Kelsey com a pá nas mãos. Ele parecia um coveiro gigante tapando a entrada da luz na porta.

A expressão normal da Sra. Broadhurst, competente, impassível e muito tensa, impôs-se sobre o rosto dela. Ela se pôs de pé muito depressa e quase perdeu o equilíbrio.

- Sr. Kelsey? É o Sr. Kelsey, não é? O que foi que aconteceu?

Encontramos o seu filho, minha senhora.

- Onde está ele? Quero falar com ele.

Muito constrangido, Kelsey disse:

- Lamento, mas isso não vai ser possível, minha senhora.

- Por quê? Ele foi a algum lugar?

Kelsey me lançou um olhar suplicante. A Sra. Broadhurs t caminhou em sua direção.

- O que é que o senhor está fazendo com essa pá? Essa pá é minha, não é?

- Não sei, minha senhora.

Ela a tirou das mãos dele.

- É claro que é. Eu a comprei para meu uso, na primavera passada. Onde foi que o senhor a conseguiu? Foi o meu jardineiro?

- Eu a achei lá no arvoredo. - Kelsey fez um gesto naquela direção.

- Que diabos ela estava fazendo lá?

A boca de Kelsey abriu-se e fechou-se. Ele não estava disposto ou receava dizer a ela que Stanley estava morto. Eu me aproximei dela e disse que seu filho havia sido assassinado, possivelmente com uma picareta.

Fui até lá fora e mostrei a ela a picareta.

- Esta aqui também é sua?

Ela olhou para a picareta com uma expressão apática.

- E, acho que é.

A voz dela era um monótono grave, não mais do que um sussurro. Ela se voltou e começou a correr para as árvores que queimavam, tropeçando em suas botas de montaria de salto alto. Kelsey correu atrás dela, pesada e rapidamente como um urso. Ele a agarrou pela cintura, ergueu-a do chão e virou-a para o lado contrário, para longe do fogo.

Ela esperneou e gritou.

- Me larga! Eu quero o meu filho.

- Ele está num buraco no chão, minha senhora. Não pode ir lá agora, ninguém pode. Mas o corpo dele não vai ser queimado, porque está a salvo debaixo da terra.

Ela se contorceu nos braços dele e golpeou-lhe o rosto. Ele a largou. Ela caiu no capim marrom, batendo com os punhos no chão e gritando que queria o filho.

Ajoelhei-me ao lado dela e a convenci a levantar-se e nos acompanhar. Descemos pela trilha em fila indiana, com Kelsey na frente e a Sra. Broadhurst entre nós dois. Eu me mantinha bem junto dela, para o caso de tentar fazer alguma loucura como atirar-se pelo lado da ribanceira. Ela seguia passivamente, de cabeça baixa, como uma prisioneira entre dois guardas.

Kelsey levava a pá numa das mãos e a picareta ensangüentada na outra. Ele jogou as duas na traseira da picape e ajudou a Sra. Broadhurst a entrar na cabine. Assumi o volante.

Ela ficou entre nós dois em silêncio, olhando fixo para a frente, pela estrada de pedra. Não emitiu um único som até chegarmos à caixa postal dela e entrarmos no bosque de abacateiros. Aí, soltou um suspiro que soou como se ela estivesse prendendo a respiração desde lá no desfiladeiro.

- Onde está o meu neto?

- Não sabemos - disse Kelsey.

- O senhor quer dizer que ele está morto, também. É isso que quer dizer?

Kelsey refugiou-se num sotaque do sudoeste que ajudou a suavizar a resposta.

- Eu quero dizer que ninguém viu nem sinal dele, minha senhora.

- E a moça loura? Onde está ela?

- Quem dera que eu soubesse.

- Ela matou o meu filho?

- É o que parece, minha senhora. Creio que ela o atingiu na cabeça com a picareta.

- E o enterrou?

- Ele estava enterrado quando o achei.

- Como é que uma jovem poderia fazer isso?

- Era uma cova rasa, minha senhora. As jovens podem fazer praticamente tudo que os rapazes fazem, desde que se decidam a isso.

Um tom de queixume havia penetrado no sotaque de Kelsey sob a pressão das perguntas e da maior pressão do medo dela. Impaciente, ela

voltou-se para mim:

- Sr. Archer, o meu neto Ronny está morto?

- Não.

Eu disse aquilo com uma certa força, para rechaçar a possibilidade de que o menino estivesse morto.

- A moça o raptou?

- Essa é uma boa hipótese para se investigar. Mas eles simplesmente podem ter fugido do fogo.

- O senhor sabe que não foi isso.

Ela parecia como se tivesse atravessado um marco em sua vida, além do qual nada de bom poderia acontecer.

Parei a picape atrás do meu carro, na pista de entrada. Kelsey saltou e ofereceu-se para ajudar a Sra. Broadhurst. Ela empurrou as mãos dele. Mas desceu como uma mulher dominada por uma raiva repentina.

- Pode estacionar a picape no galpão - disse ela dirigindo-se a mim. - Não gosto de deixá-la à luz do sol.

- Desculpe - disse Kelsey -, mas é melhor a senhora deixá-la aqui fora. O fogo está descendo pelo desfiladeiro e poderá chegar à sua casa. Ajudarei a trazer suas coisas para fora, se a senhora quiser, e poderei dirigir um de seus carros.

A Sra. Broadhurst deu um lento olhar pela casa e seus arredores.

- Nunca houve um incêndio neste desfiladeiro em toda a minha vida.

- Isso quer dizer que ele está no ponto - disse ele. - O matagal lá em cima tem de cinco a sete metros de altura, e está tão seco quanto bosta seca para combustível. Este é um incêndio incubado há cinqüenta anos. Poderá pegar a sua casa, a menos que o vento tome a mudar.

- Pois que pegue.





## 5

U Jean veio ao nosso encontro à porta, um pouco atrasada, como se temesse o que iríamos dizer. Eu disse a ela que seu marido estava morto e que seu filho havia desaparecido. As duas mulheres trocaram um olhar inquisitivo, como se cada uma estivesse procurando na outra a fonte de todos os seus problemas. Então, elas se aproximaram no portal e ficaram uma nos braços da outra.

Kelsey subiu na varanda depois de mim. Ele tirou o capacete e falou com a mulher mais moça, que o estava encarando por cima do ombro da Sra. Broadhurst.

- Sra. Stanley Broadhurst?

- Sim.

- Pelo que eu soube, a senhora pode me dar uma descrição da moça que estava com o seu marido.

- Posso tentar.

Ela se separou da mulher mais velha, que entrou na casa.

Jean encostou-se na grade perto do alimentador de beijaflores. Um beija-flor zuniu perto dela. Ela deslocou-se para o outro lado da varanda e sentou-se numa cadeira de lona, inclinando-se para a frente numa posição forçada e repetindo para Kelsey a descrição da jovem loura, de olhos azuis, com os olhos estranhos.

- A senhora diz que ela tem cerca de dezoito anos?

Jean confirmou com a cabeça. Suas reações eram rápidas mas mecânicas, como se a mente estivesse concentrada em outro lugar.

- Seu marido está... estava interessado nela, Sra. Broadhurst?

- Claro que estava - disse ela numa voz seca, amargurada. Mas eu achei que ela estivesse mais interessada no meu filho.

- Interessada de que maneira?

- Não sei de que maneira.

Kelsey mudou para uma linha mais sensível de interrogatório.

- Como é que ela estava vestida?

- À noite passada, ela vestia um vestido amarelo, sem mangas. Eu não a vi hoje de manhã.

- Eu vi - aparteei. - Ela estava vestindo o vestido amarelo.

Presumo que vai transmitir tudo isso à polícia.

- Vou, sim. Neste momento, quero conversar com o jardineiro. Talvez ele possa nos dizer como foi que aquela pá e aquela picareta foram parar lá na montanha. Como é o nome dele?

- Frederick Snow... nós o chamamos de Fritz - disse Jean. Ele não está aqui.

- Onde ele está?

- Desceu pela estrada na bicicleta de Stanley há cerca de meia hora, quando o vento mudou. Ele quis levar o Cadillac, mas eu disse não.

- Ele não tem carro?

- Eu creio que tem um calhambeque.

- Onde está o calhambeque?

Ela ergueu levemente os ombros. - Não sei.

- Onde estava o Fritz hoje de manhã?

- Não sei. Parece que ele foi a única pessoa que ficou aqui a maior parte da manhã.

O rosto de Kelsey assumiu uma expressão de tristeza.

- Como é que ele se relaciona com o seu filho?

- Otimamente.

Então, o significado da pergunta dele entrou nos olhos dela e os escureceu. Ela balançou a cabeça como que para negar o significado, para afastar a escuridão.

- O Fritz não faria mal ao Ronny; ele sempre foi delicado com ele.

- Então, por que foi embora?

- Ele disse que estava preocupado com a mãe dele. Mas eu acho que ele estava com medo do fogo. Ele estava quase chorando.

- Eu também estou com medo do fogo - disse Kelsey. - E por isso que estou nesta profissão.

- O senhor é da polícia? - disse Jean. - É por isso que está me fazendo todas essas perguntas?

- Trabalho no Serviço Florestal, designado para investigar as causas de incêndios.

Ele meteu a mão num bolso interno, tirou o estojo de alumínio para a coleta de provas e mostrou a cigarrilha queimada pela metade.

- Esta cigarrilha parece uma das que seu marido fuma?

- Parece, sim. Mas com toda certeza o senhor não está tentando provar que ele provocou o incêndio. De que adianta isso, se ele está morto? - A voz dela subira de tom, um pouco fora de controle.

- O detalhe é o seguinte. Seja quem for que o tenha matado, provavelmente fez com que ele deixasse cair isso no capim seco. Isso significa que eles são legal e financeiramente responsáveis pelo incêndio. E o meu serviço é comprovar os fatos. Onde mora esse tal de Snow?

- Com a mãe. Acho que a casa deles fica bem perto daqui.

Minha sogra poderá dizer-lhe. A Sra. Snow já trabalhou para ela.

Encontramos a Sra. Broadhurst na sala de estar, em pé diante da janela do canto que emoldurava o desfiladeiro. A sala era tão grande, que ela parecia pequena lá na outra ponta. Ela não se voltou quando nos aproximamos.

Estava observando o progresso do fogo. Ele agora estava no extremo do desfiladeiro, escorregando montanha abaixo como um vulcão em erupção e jorrando fumaça e centelhas acima do topo das árvores. Os pés de eucalipto atrás da casa ficaram momentaneamente descorados pelo forte vento. Os melros e os pombos tinham todos ido embora.

Kelsey e eu trocamos olhares. Estava na hora de também irmos embora. Deixei que ele falasse, já que estávamos em seu território e o tipo de emergência era de sua alçada. Ele se dirigiu para as costas imóveis da mulher:

- Sra. Broadhurst? Não acha que é melhor darmos o fora daqui?

- Os senhores vão. Por favor, vão. Por enquanto, vou ficar.

- A senhora não pode fazer isso. Aquele incêndio já está vindo para cá.

Ela voltou-se para ele. O rosto havia encolhido e colado nos ossos; e aquilo fazia com que ela parecesse velha e respeitável.

- Não me diga o que posso ou não fazer. Nasci nesta casa.

Nunca morei em outro lugar. Se a casa acabar, é melhor eu acabar junto com ela. Tudo o mais já se acabou.

- A senhora não pode estar falando sério.

- Não estou?

- A senhora não quer ser queimada, quer?

- Acho que quase daria as boas vindas às chamas. Estou com muito frio, Sr. Kelsey.

O tom de voz dela era trágico, mas havia um toque de histerismo, ou de coisa pior. Uma teimosia que poderia significar que sua mente tivesse se inclinado um pouco e ficara num ângulo alucinado.

Kelsey correu um olhar desesperado pela sala, que estava cheia de móveis em estilo vitoriano, com escuros retratos vitorianos nas paredes

e vários armários cheios de pássaros nativos empalhados, cobertos de vidro.

- A senhora não quer salvar os seus pertences? Sua prataria, seus espécimes de pássaros, retratos e lembranças?

Ela estendeu as mãos num gesto impotente como se há muito tempo tudo tivesse escorregado por elas. Kelsey não estava chegando a lugar nenhum tentando tornar a vender a ela os pedaços de sua vida.

- Nós precisamos da sua ajuda, Sra. Broadhurst - disse eu. Ela olhou para mim levemente surpresa.

- Minha ajuda?

- Seu neto está desaparecido. A hora e o lugar são horríveis para um menino estar desaparecido...

- Isso é castigo para mim.

- Isso é um absurdo.

- Com que então estou dizendo coisas absurdas, não é? Não liguei para a pergunta irada que ela fez.

- Fritz, o jardineiro, pode saber onde ele está. Creio que a senhora conhece a mãe dele. E verdade?

A resposta dela veio devagar.

- Edna Snow era minha governanta. O senhor não pode estar mesmo acreditando que o Fritz... - ela parou, não querendo transformar a pergunta em palavras.

- Seria de grande ajuda se a senhora viesse conosco e conversasse com o Fritz e a mãe dele.

- Muito bem, eu vou.

Saímos de carro pela pista como um cortejo funerário. A Sra.

Broadhurst ia à frente no seu Cadillac. Jean e eu seguíamos logo atrás, no Mercedes verde. Kelsey fechava a raia, dirigindo a picape.

Próxima à caixa postal, olhei para trás. Faíscas e brasas desciam pelo desfiladeiro, mergulhando em meio às árvores atrás da casa como pássaros exóticos brilhantes tomando o lugar dos pássaros que tinham fugido.

O bairro residencial chamado Canyon Estates tinha ficado quase que desabitado. Uns poucos homens estavam em cima dos telhados de suas casas com mangueiras abertas e expressões desafiadoras.

Duas estradas se cruzavam na boca do desfiladeiro, e a Sra.

Broadhurst tomou o caminho da direita. O bairro mudou abruptamente de aspecto. Crianças negras e filhos de mexicanos estavam à beira da estrada e ficaram nos observando passar como se

fôssemos uma procissão de dignitários estrangeiros.

A Sra. Snow morava num velho bangalô, numa rua de velhos bangalôs de estuque tornada quase bonita por pés de jacarandá floridos. Kelsey, eu e a Sra. Broadhurst fomos até a porta. Jean ficou no Mercedes.

- Eu não confio em mim mesma - disse ela.

A Sra. Snow era uma mulher de cabelos grisalhos que se deslocava com rapidez e usava um conjunto preto elaborado que parecia ter vestido para aquela ocasião. Os olhos por trás de óculos sem aro eram escuros e estavam endurecidos pela angústia.

- Sra. Broadhurst! O que a traz por aqui? - A voz dela apressou-se a prosseguir, como se na verdade ela não quisesse saber: - E um grande prazer ver a senhora. Não quer entrar?

A porta se abria diretamente na sala da frente, e nós entramos. A Sra. Broadhurst apresentou Kelsey e eu. Mas os olhos amedrontados da Sra. Snow recusaram-se a olhar para nós, resistindo à idéia de que estávamos ali. O que lhe deixava apenas a Sra. Broadhurst para merecer a sua atenção.

- Posso lhe servir alguma coisa, Sra. Broadhurst? Uma bela xícara de chá?

- Não, obrigada. Onde está o Fritz?

- Creio que está no quarto dele. O pobre menino não está se sentindo muito bem.

- Ele não é um menino - disse a Sra. Broadhurst. A mãe a corrigiu.

- Emocionalmente, é. O médico disse que é emocionalmente imaturo.

Ela olhou rapidamente para mim e Kelsey, a fim de verificar se estávamos ouvindo aquilo. Pressenti o início de uma desculpa psiquiátrica.

- Traga-o até aqui - disse a Sra. Broadhurst.

- Mas ele não está em condições de enfrentar pessoas agora.

Está terrivelmente perturbado.

- Com o quê?

- Com o incêndio. Ele sempre teve medo de fogo. Ela dirigiu a mim e a Kelsey outro olhar inquisitivo.

- Os cavalheiros são da polícia?

- Mais ou menos — expliquei. - Eu sou detetive. O Sr.

Kelsey está investigando o incêndio para o Serviço Florestal.

- Entendo. - Seu corpo pequeno pareceu ficar ainda menor e, ao mesmo tempo, mais denso e mais pesado. - Não sei em que tipo de encrenca o Fritz está metido, mas posso lhes assegurar que ele não é o

responsável.

- Em que tipo de encrenca ele está? - disse Kelsey.

- Estou certa de que o senhor sabe, ou não estaria aqui. Eu não sei.

- Então, como é que sabe que ele está metido em encrenca?

- Venho cuidando dele há trinta e cinco anos.

O olhar dela voltou-se para dentro, como se ela estivesse registrando cada um dos trinta e cinco anos e cada uma das encrencas do filho.

A Sra. Broadhurst levantou-se.

- Estamos perdendo tempo. Se a senhora não quiser trazê-lo até esta sala, nós vamos entrar e falar com ele lá. Quero saber onde está o meu neto.

- Seu neto? - A pequena mulher estava estarrecida. Aconteceu alguma coisa com o Ronald?

- Ele está desaparecido. E o Stanley morreu. Foi enterrado com a minha pá.

A Sra. Snow levou os dedos à boca. Uma aliança de casada, de ouro, estava enterrada na carne de um dos dedos como se fosse uma cicatriz.

- Enterrado no jardim?

- Não. No alto do desfiladeiro.

- E a senhora acha que foi o Frederick quem fez isso?

- Não sei. Eu disse:

- Tínhamos a esperança de que o seu filho pudesse nos ajudar.

- Entendo. - A fisionomia dela iluminou-se de forma surpreendente, como as luzes antes de um apagão. - Por que não pergunto a ele? Ele não tem medo de mim... eu posso conseguir mais informações dele.

A Sra. Broadhurst balançou a cabeça e partiu em direção à porta que dava para os fundos da casa. A Sra. Snow levantou-se da cadeira como num passo de dança e interceptou-a, andando de costas até ficar no portal e falando com rapidez.

- Não entre no quarto dele, por favor. O quarto não foi limpo e o Frederick não está em seu estado normal. Ele está em péssimo estado.

A Sra. Broadhurst falou numa voz gutural:

- O Stanley também está. Nós todos também.

Pela segunda ou terceira vez, ela perdeu o equilíbrio e cambaleou um pouco. A boca estava puxada para um lado num meio sorriso que parecia chamar a atenção para alguma piada íntima. A Sra. Snow, que se movia e mudava como mercúrio, colocou-se ao lado dela num instante, segurandolhe o braço e ajudando-a a sentar-se numa velha cadeira de balanço.

- A senhora está fraca - disse ela. - E não é de admirar, se todas essas coisas forem verdade. Vou lhe arranjar um copo d'água. Ou será que gostaria mesmo de uma xícara de chá?

Ela parecia realmente preocupada. Mas desconfiei de que também era perita em táticas protelatórias. Ela iria nos manter afastados uma semana, se entrássemos no jogo dela.

Forcei a passagem pela porta que dava acesso à cozinha e chamei o filho dela pelo nome. Uma resposta abafada veio por uma outra porta que dava para a cozinha. Bati e olhei para dentro. O ar no quarto tinha um cheiro doce e fétido.

Tudo o que pude ver, a princípio, foram os estreitos raios de luz solar que passavam pelos buracos na persiana que cobria a janela. Eles atravessavam o quarto como as espadas de um mágico cutucando um cesto para demonstrar que a sua auxiliar havia desaparecido. Como se quisesse mesmo desaparecer, o jardineiro estava agachado no canto do estrado de ferro, os pés dobrados para baixo do corpo.

- Desculpe incomodá-lo, Fritz.

- Não faz mal. - A voz dele era de impotência. Sentei-me ao pé da cama, de frente para ele.

- Você levou a pá e a picareta lá para cima do desfiladeiro?

- Para cima do desfiladeiro? - perguntou ele.

- Para a Casa da Montanha. Você as levou para lá, Fritz?

Ele pensou na resposta e por fim disse:

- Não.

- Sabe quem levou?

- Não. - Mas seus olhos desviaram-se dos meus. Ele não sabia mentir.

Deslocando-se com a suavidade de uma sombra, Kelsey apareceu à porta. Seu rosto grande estava inexpressivo e na especta-tiva.

- A pá e a picareta - disse eu a Fritz - foram usadas para enterrar Stanley Broadhurst hoje de manhã. Se sabe quem levou a pá e a picareta, é provável que saiba quem matou o Stanley.

Ele sacudiu a cabeça com tanta força que o rosto ficou desfocado.

- Foi ele mesmo quem levou, quando veio pegar a chave.

Ele colocou na traseira do conversível dele.

- É verdade, Fritz?

- Juro por Deus. - Ele fez o sinal-da-cruz no peito com um dedo.

- Por que você não nos falou antes sobre a pá e a picareta?

- Ele me disse para não falar.

- Stanley Broadhurst lhe disse para não falar?

- Sim, senhor. - Ele fez um acentuado gesto afirmativo com a cabeça. - Ele me deu um dólar e me fez prometer que não ia falar.

- Ele disse o motivo?

- Não precisava dizer. Ele tem medo da mãe. Ela não gosta que se mexa nas suas ferramentas de jardim.

- Ele lhe disse para que queria as ferramentas?

- Disse que ia cavar à procura de pontas de flechas.

- E acreditou nele?

- Sim, senhor.

- E depois ele subiu a montanha no carro dele?

- Sim, senhor.

- Com a moça loura e o garotinho?

- Sim, senhor.

- A moça lhe disse alguma coisa?

- Não senhor. Naquele momento, não.

- O que quer dizer com "naquele momento, não"? Ela falou com você em algum outro momento?

- Não senhor. Nunca falou.

Mas seus olhos tornaram a desviar-se. Ele olhou para as espadas de luz enfiadas pelos furos na veneziana como se fossem, na verdade, sondas de um universo racional à procura dele.

- Quando foi que tornou a vê-la, Fritz?





## 6

Ele ficou inteiramente imóvel por um instante. Os olhos eram as únicas coisas vivas que havia no quarto. A mãe dele apareceu no limiar da porta, por trás de Kelsey.

- O senhor não tem nenhum direito de estar aqui - disse ela dirigindo-se a mim. - Está violando os direitos legais dele, e nada que lhe diga poderá ser usado contra ele. Além do mais, ele não é senhor da mente dele, e posso provar isso sempre que for preciso, com dados médicos.

- A senhora está partindo do pressuposto de que ele fez alguma coisa errada, Sra. Snow - repliquei.

- Quer dizer que ele não fez?

- Não que eu saiba. Por favor, retire-se e deixe-me falar com ele. Ele é uma testemunha muito importante.

Ela dirigiu ao filho um triste olhar de dúvida, que ele retribuiu. Mas ela recuou para a cozinha. Depois, ouvi água escorrendo numa panela e um bico de gás soprando ao ser aceso.

- A moça voltou, Fritz?

Ele confirmou com a cabeça.

- Quando foi isso?

- Por volta do meio-dia, ou um pouco depois. Eu estava almoçando.

- O que foi que ela disse?

- Disse que o Ronny estava com fome. Dei a ele metade de um sanduíche de manteiga de amendoim. Dei a ela a outra metade.

- Ela falou em Stanley Broadhurst?

- Não. Eu não perguntei. Mas ela estava apavorada.

- Ela disse isso?

- Não precisava dizer. Sei perceber. O menino também estava apavorado. Sei perceber.

- O que aconteceu depois?

- Nada. Ela foi embora, descendo pelo desfiladeiro.

-A pé?

- É. - Mas os olhos dele estavam evitando os meus outra vez.

- Tem certeza de que ela não levou o seu carro?

A cabeça dele afundou mais. Ele ficou perfeitamente imóvel, como um iogue estudando o centro de seu corpo.

- Está bem. Ela levou o meu carro. Eles foram embora no meu carro.

- Por que você não nos disse isso antes?

-Nunca pensei nisso. Eu estava aplicando fertilizante... tinha muita coisa na cabeça.

- Deixe disso, Fritz. O menino está desaparecido e o pai dele está morto.

- Eu não matei ele!

- Creio que acredito em você. Nem todo mundo vai acreditar.

Ele ergueu a cabeça e olhou para atrás de Kelsey. A mãe dele movia-se de um lado para o outro na cozinha. Ele prestou atenção aos barulhos que ela fazia, como se pudessem lhe dizer o que falar e pensar.

- Esqueça-se de sua mãe, Fritz. Isso fica entre nós.

- Então, feche a porta. Não quero que ela me ouça. E ele também não.

Kelsey recuou do limiar e fechou a porta. Falei para ele:

- Você deixou que ela levasse o seu carro?

- Deixei. Ela disse que o Sr. Broadhurst queria que ela apanhasse o carro.

- Tem mais coisa aí, Fritz, não tem?

A vergonha cobriu o rosto dele.

- Não conte a ela. - Ele agitou uma mão solta em direção à cozinha.

- Não conte a ela o quê?

- Ela me deixou tocar nela. - A lembrança, ou a fantasia, passou por ele como um tremor. A boca marcada com uma cicatriz sorriu, deixando seus olhos ainda tristes. - Quer dizer, ela parecia uma garota que eu conhecia.

- E você a deixou levar o seu carro.

- Ela disse que ia trazê-lo de volta. Mas - acrescentou num tom ressentido - ainda não trouxe.

- Ela disse para onde estava indo?

- Não. - Ele ficou por um instante numa atitude de quem estava com os ouvidos atentos. - Ouvi ela seguindo desfiladeiro abaixo.

- E o menino estava com ela?

- Sim, senhor. Ela o obrigou a ir com ela.

- Ele não queria ir?

- Não. — Ele balançou a cabeça com fúria, como se fosse ele o

menino. — Mas ela o obrigou.

- Como foi que ela o obrigou?

- Disse que o bicho-papão ia pegar ele. Ergueu o garoto nos braços, colocou no banco e foi embora com ele.

Tirei meu caderno de notas e minha caneta do bolso.

- Que tipo de carro?

- Um Chevrolet sedã 1953. Ainda funciona bem.

- De que cor?

- Em parte, o mesmo azul antigo, e em parte zarcão vermelho. Eu comecei a pintar ele, mas fiquei muito ocupado.

- Placa?

- É melhor perguntar à minha mãe. Ela mantém o controle de tudo por aqui. Mas não conte a ela.

- Ele tocou a boca.

Saí para a cozinha. A Sra. Snow estava junto ao fogão a gás, despejando água fervendo num bule de chá marrom. O

vapor embaçara seus óculos, e ela voltou-se para mim numa total preocupação, como uma cega apanhada de surpresa.

- A garota levou o carro do seu filho.

Ela arriou o bule com um estrondo.

- Eu sabia que ele tinha feito algo de errado.

- O caso não é esse, Sra. Snow. Se a senhora puder me dar o número da placa, expediremos um sinal de alarma.

- O que é que eles vão fazer com o Frederick?

- Nada. Pode me dar o número da placa?

Ela rebuscou numa gaveta da cozinha, encontrou um velho bloco de notas de capa de couro sintético e leu em voz alta o que estava escrito nele:

- IKT 447.

Anotei o número. Depois, voltei para a sala da frente e contei a Kelsey. A Sra. Broadhurst estava afundada na cadeira de balanço. Estava corada e com os olhos parcialmente fechados.

- Ela andou bebendo? - perguntei a Kelsey.

- Que eu saiba, não.

A Sra. Broadhurst suspirou e tentou levantar-se. Caiu de volta na cadeira de balanço, que estalou sob o seu peso.

A Sra. Snow entrou de costas, vinda da cozinha. Equilibrava uma bandeja que continha o bule de chá, uma leiteira e um açucareiro, e uma xícara e um pires de porcelana que pareciam estar finos de tão

gastos. Depositou a bandeja numa mesa ao lado da cadeira de balanço e encheu a xícara com o chá do bule. Através da xícara, deu para ver o chá escuro subindo de nível.

Ela dirigiu-se à Sra. Broadhurst com uma animação forçada:

- Um pouco de chá é bom para o que a está atormentando.

Vai clarear sua mente e animá-la. Sei exatamente como a senhora gosta, com leite e açúcar... não é verdade?

Com voz pastosa, a Sra. Broadhurst disse:

- É muita bondade sua.

Ela estendeu a mão para pegar a xícara de chá. O braço oscilou amplamente e sem controle, varrendo a xícara, o leite e o açúcar da bandeja. A Sra. Snow pôs-se de joelhos e reuniu os pedaços da xícara quebrada como se esta fosse um objeto religioso. Depois correu até a cozinha para apanhar uma toalha e secou um pouco do chá do surrado carpete.

Kelsey havia erguido a Sra. Broadhurst pelos ombros e evitara que ela caísse da cadeira.

- Quem é o médico dela? - perguntei à Sra. Snow.

- O Dr. Jerome. Quer que eu procure o número para o senhor?

- A senhora mesma poderia chamá-lo.

- O que é que eu digo que está acontecendo?

- Não sei. Pode ser um ataque cardíaco. Talvez seja melhor a senhora chamar uma ambulância, também.

A Sra. Snow ficou imóvel por um segundo, como se todas as suas reações tivessem sido gastas. Depois, tornou a entrar na cozinha. Eu a ouvi discando.

Eu estava ficando impaciente. O menino desaparecido era o detalhe principal, e já fazia muito tempo que ele desaparecera. Dei a Kelsey o número da placa do velho carro do jardineiro e sugeri que ele expedisse um aviso a todas as unidades para que o procurassem. Ele telefonou para o gabinete do xerife.

Fui lá para fora. Jean andava de um lado para o outro na calçada quebrada. Sua saia curta e as longas pernas brancas faziam-na parecer um arlequim, como um palhaço triste apanhado numa rua pobre sob um céu enfumaçado.

- Que diabo está acontecendo tá dentro?

Eu disse a ela o que o jardineiro me contara e acrescentei que sua sogra estava doente.

- Ela nunca esteve doente na vida.

- Agora, está. Estamos conseguindo uma ambulância para vir buscá-la.

Enquanto falava, ouvi a ambulância aproximando-se ao longe, como a lembrança de um grito.

- O que é que eu faço? - disse Jean, como se a ambulância estivesse vindo buscá-la.

- Siga com a Sra. Broadhurst para o hospital.

- Aonde é que vai?

- Ainda não sei.

- Eu preferiria acompanhá-lo.

Eu não sabia exatamente o que ela queria dizer com aquilo e, pensei, nem ela sabia. Dei-lhe o meu cartão de visitas e uma resposta genérica:

- Manteremos contato. Avise ao meu serviço de recados onde você for ficar.

Ela olhou para o meu cartão como se ele estivesse escrito em alguma língua estrangeira.

- Não está me abandonando, está?

- Não. Não estou.

- Quer dinheiro, não é isso?

- Posso esperar.

- O que deseja de mim, então?

- Nada.

Ela me olhou como se soubesse que não era bem assim. As pessoas sempre queriam alguma coisa.

A ambulância dobrou a esquina. Seu grito animal reduziu-se a um rosnar antes de parar na estrada.

- Esta é a residência dos Snow? - gritou o motorista.

Eu disse que era. Ele e seu companheiro levaram uma maca para dentro da casa e saíram com a Sra. Broadhurst.

Enquanto a erguiam para colocá-la na traseira da ambulância, ela tentou sentar-se.

- Quem foi que me empurrou?

- Ninguém, minha querida - disse o motorista. - Nós vamos lhe dar um pouco de oxigênio, e isso irá reanimá-la.

Sem olhar para mim, Jean disse:

- Eu irei atrás, no carro dela. Não posso deixar que ela vá sozinha para o hospital.

Decidi que estava na hora de entregar o Mercedes verde à Sra. Roger Armistead. Kelsey apontou para Crescent Drive, na primeira crista que

dava para a cidade. Havia fumaça sobre ela, ocultando a maior parte do céu.

Kelsey voltou-se para mim, a pele em torno dos olhos ainda enrugada pelo demorado olhar.

- Tenha cuidado se for para aquele lado. O fogo ainda está se deslocando.

Eu disse que teria cuidado.

- Posso deixar você em algum lugar?

- Não, obrigado. Posso usar a picape para chegar até o centro da cidade. Mas primeiro quero investigar mais o Fritz.

- Não acredita nele?

- Até certo ponto, acredito. Mas a gente nunca consegue todas as informações na primeira rodada.

Ele voltou em direção à casa. A Sra. Snow estava em pé, emoldurada pelo portal como uma vestal debilitada guardando um santuário.

A caminho de Crescent Drive, apertei o botão para ligar o rádio do carro. Estava sintonizado numa estação local que transmitia notícias contínuas sobre o incêndio. O Incêndio Cascavel, como o locutor o chamava, estava ameaçando o lado nordeste da cidade. Centenas de habitantes estavam sendo evacuados. Bombeiros pára-quedistas estavam sendo levados para lá e mais equipamento de combate ao fogo se achava a caminho. Mas a menos que o Santa Ana parasse de soprar, dizia o locutor, o Cascavel poderia atacar a cidade, atravessando-a e indo até o mar.

A casa dos Armistead, tal como a dos Broadhurst, ficava em território discutível. Estacionei no pátio ao lado de um Continental preto. O incêndio estava tão perto, que senti sua fibrilação quando o motor morreu. Cinzas, como se fossem uma escassa neve cinzenta, caíam sobre o asfalto do pátio.

Em algum lugar nos fundos, ouvi água jorrando.

A casa era branca e de um só pavimento, colocada como um templo clássico tendo ao fundo um arvoredo de ciprestes.

Ela era tão bem proporcionada que só percebi o quanto era grande após contorná-la para chegar aos fundos. Passei por uma piscina de uns oito metros, no fundo da qual jazia um casaco azul de visom, como a pele sem cabeça de uma mulher, preso pelo que parecia ser caixas de jóias.

Uma mulher bronzeada de sol, com cabelos grisalhos curtos, estava regando os ciprestes com uma mangueira. Para lá dos ciprestes, no

matagal seco, um homem de cabelos pretos, vestindo calças jeans, cavava uma vala e apagava com a pá as brasas que caíam.

A mulher falava com o fogo como se ele fosse um homem maluco ou um cão selvagem - "Vá embora, seu sacana!" - e voltou-se para mim quase que com alegria, quando pronunciei seu nome.

- Sra. Armistead?

Quando ela se voltou, vi que os cabelos grisalhos eram prematuros. Seu rosto era de um tom moreno quente, esfriado por verdes olhos oblíquos. O corpo era elegante, num conjunto branco de slacks.

- Quem é o senhor?

- Archer. Eu trouxe o seu Mercedes.

- Ótimo. Vou lhe mandar um cheque, desde que o carro esteja em bom estado.

- Está, e eu lhe mandarei a conta.

- Neste caso, o senhor podia ajudar aqui.

O sorriso inclinado dela abriu um corte branco em seu rosto.

Fez um gesto em direção a uma pá que estava em cima de folhas de ciprestes marrons, sob as árvores.

- Podia ajudar o Carlos a cavar aquela vala.

Aquilo parecia uma idéia de jerico. Eu estava de terno completo. Mas tirei o paletó, apanhei a pá e meti-me por entre as árvores para ir ajudar o Carlos.





## 7

Ele era um chicano baixinho, de meia-idade, que não deu a mínima importância à minha chegada. Trabalhei atrás dele, alargando e aprofundando o que ele cavava. Aquilo era, com toda certeza, inútil, um arranhão simbólico feito na terra cortando a base do morro coberto de um arvoredo impenetrável. Eu agora ouvia o fogo com muita nitidez, soprando sobre o lado oposto do morro. Atrás de mim, o vento zunia nos ciprestes.

- Onde está o Sr. Armistead? - perguntei.

- Acho que ele se mudou para o barco.

- E onde fica isso?

- Na marina. - Ele fez um gesto em direção ao mar. Depois de mais algumas pás de terra, ele acrescentou: - O nome é Ariadne. — Ele pronunciou o nome devagar e com cuidado.

- Da moça?

- Do barco - disse ele. - A Sra. Armistead me disse que é um nome grego. Ela é louca pela Grécia.

- Ela se parece um pouco com uma grega.

- É, creio que sim - disse ele, com um sorriso contemplativo.

O barulho do fogo tornou-se mais alto e a fisionomia dele mudou. Trabalhamos um pouco mais com as pás. Eu estava começando a sentir a ação do trabalho nos ombros e nas palmas das mãos. A camisa estava colada às minhas costas.

- O Sr. Armistead está sozinho no barco?

- Não. Tem um rapaz com ele. Ele o chama de tripulação, mas eu nunca o vi fazendo qualquer serviço no barco. Ele é um desses que chamam de cabeludos. - Carlos ergueu a mão suja até a cabeça e acariciou cachos imaginários.

- O Sr. Armistead não gosta de garotas?

- Ele gosta de garotas, sim. - Com ar pensativo, acrescentou:

- Havia uma garota no barco uma noite dessas.

- Uma loura?

- É.

- Você a viu?

- Meu amigo Pedro a viu quando ela saía do porto ontem de manhã. O Pedro é pescador... ele se levanta antes do amanhecer. A garota estava lá em cima do mastro e gritava que ia pular. O rapaz estava tentando convencê-la a descer.

- O que foi que o Pedro fez?

Carlos deu de ombros.

- O Pedro tem filhos que precisa alimentar. Não tem tempo para parar e ficar brincando com garotas malucas.

Carlos voltou ao trabalho com renovada concentração, como se estivesse cavando uma trincheira que o fosse proteger contra o mundo contemporâneo. Segui trabalhando atrás dele. Mas era evidente que estávamos perdendo tempo.

O incêndio apareceu no topo da montanha como um brilhante matagal multiforme que continuou a crescer até ficar muito grande em contraste com o céu. Uma codorna que estava de sentinela na encosta abaixo dele estava dando o alarme.

Carlos ergueu os olhos para o fogo e fez o sinal-da-cruz.

Depois, deu as costas para ele, fez um gesto me chamando e afastou-se da vala que estava abrindo, seguindo entre as árvores.

Um dos ciprestes começava a soltar fumaça, a uma altura fora do alcance da mangueira da Sra. Armistead. Ela mandou Carlos subir nas árvores.

Ele balançou a cabeça.

- De nada adiantaria. As árvores serão destruídas, e talvez a casa também.

O fogo estava descendo a montanha, aumentando de velocidade e de tamanho. As árvores tinham começado a oscilar. Da vegetação rasteira abaixo delas, um bando de codornas de asas curtas levantou vôo, lutando por ganhar altura por cima da casa. A fumaça, como uma escuridão encapelada, foi atrás delas.

A Sra. Armistead continuava regando as árvores com a sua inútil mangueira. Carlos passou por ela a caminho da torneira, que ele fechou. Ela ficou com o bico da mangueira, do qual saíam pingos d'água, na mão, de frente para o fogo.

Fazia um barulho como se fosse uma tempestade. Enorme, quente e selvagem, o fogo saltou desajeitado sobre as árvores. Os ciprestes que tinham estado soltando fumaça irromperam em chamas. Depois, as outras árvores acenderam-se como tochas gigantescas em fila.

Peguei a Sra. Armistead pela mão e puxei-a para longe dali.

Ela resistiu convulsivamente, instintivamente, como uma mulher que tivesse dificuldade em orientar-se. Agarrou-se à mangueira enquanto pôde, e por fim largou-a sobre a grama.

Carlos estava esperando, impaciente, à beira da piscina. Fogo caía à sua volta, crepitando e ficando preto na água azul.

- E melhor a gente sair daqui - disse ele. - Nós poderemos ficar isolados se o fogo passar para o outro lado da pista dos carros. O que é que a senhora quer que eu faça com o casaco de pele?

- Deixe-o na piscina - disse ela. - Está muito calor para usar um visom.

Eu não gostava muito daquela mulher, mas estava começando a aceitá-la como pessoa. Dei a Carlos a chave do Mercedes e segui com ela para o Lincoln Continental.

- O senhor pode dirigir, se quiser - disse ela. - Eu me sinto um pouco abalada.

Ela fez uma careta. A confissão fizera com que ela sofresse.

Enquanto seguíamos o Mercedes pela saída dos carros, ela acrescentou uma espécie de explicação:

- Eu adoro aquelas codornas. Eu as venho alimentando e protegendo desde que construímos a casa. Elas finalmente começavam a sentir-se seguras. Na primavera, trouxeram os filhotes até o pátio.

- As codornas voltarão.

- Talvez. O que me pergunto é se eu voltarei.

Chegamos a um ponto para fazer o retorno, de onde se avistava a cidade. Carlos saiu da estrada com o Mercedes e fui atrás dele. Fumaça pairava sobre a cidade, dando-lhe um tom sépia como uma fotografia antiga. Saltamos dos carros e olhamos para trás, para ver a casa.

O fogo dobrava-se em volta dela como os dedos de uma mão, apertando-a a ponto de fazer com que das janelas saísse fumaça e, depois, labaredas. Retornamos aos carros e viramos para descer a montanha. Era a minha segunda retirada do dia, e aquilo fez com que eu me sentisse ligeiramente paranóico até que pensei no motivo. As pessoas com as quais estava me envolvendo tinham recursos para viver ao ar livre, fora da cidade, bem junto à natureza.

Só havia um detalhe bom a respeito do incêndio. Ele fazia com que as pessoas falassem das coisas que realmente lhes diziam respeito. Perguntei à Sra. Armistead quanto tempo ela havia morado na casa.

- Só quatro anos. Roger e eu viemos para cá, vindo de Newport, e a

construímos. Ela fez parte de uma tentativa de manter o nosso casamento, com base na analogia de termos um filho.

- Os senhores têm filhos?

- Só cada um de nós - respondeu ela num tom irônico de voz. Depois, acrescentou: - Eu gostaria de ter uma filha.

Gostaria ainda mais se meu marido tivesse uma filha.

- Por causa da moça loura?

Ela se voltou para mim de repente, com uma espécie de violência contida.

- O que sabe a respeito da moça?

- Muito pouco. Só a vi uma vez, e de longe.

- Eu nunca a vi, de forma alguma - disse a mulher. - Ela parece maluca. Mas hoje em dia é difícil analisar os jovens.

- Sempre foi.

Ela ainda estava observando o meu rosto.

- O senhor disse que é detetive. O que foi que a garota fez?

- Estou tentando descobrir.

- Mas não a escolheu de forma aleatória. Ela deve ter feito alguma coisa errada, além de levar o Mercedes. O que foi que ela fez?

- Pergunte ao Roger.

- É o que pretendo fazer. Mas o senhor não explicou por que está interessado nela.

- Ela fugiu com um menino de seis anos. Isso significa roubo de criança. - Não contei o resto da história.

- Por que ela iria fazer uma coisa dessas? - Como não respondi à pergunta, ela fez outra: - Ela é viciada em maconha ou em alguma outra droga?

- É possível.

- Foi o que pensei - disse ela com uma espécie de satisfação amargurada. - Ela literalmente chegou ao fundo do poço anteontem à noite. Acabou saltando na baía. O Jerry teve que mergulhar atrás dela.

- Quem é Jerry?

- O rapaz que mora no barco. O Roger o chama de sua tripulação, à falta de um termo melhor.

- Como é que a senhora o chama?

- O sobrenome dele é Kilpatrick.

Lembrei-me do livro que estava no meu bolso, com "Jerry Kilpatrick" escrito a lápis na guarda.

- A senhora sabe quem ele é?

- E filho de Brian Kilpatrick, corretor de imóveis na cidade.

Por falar nisso, o Sr. Kilpatrick nos vendeu aquele terreno na encosta.

- Foi assim que seu marido conheceu o Jerry?

- Acho que foi. O senhor podia perguntar ao Roger.

- Quando é que iremos vê-lo?

- Daqui a pouquinho, se ele estiver na casa da praia.

Estávamos passando pelo centro da cidade. A rua principal estava congestionada pelo tráfego e as calçadas lotadas. Era estranho ver as pessoas tratando da vida sem uma preocupação aparente com o incêndio que grassava nos arredores da cidade. As pessoas se deslocavam mais depressa do que de costume, talvez, como se suas vidas tivessem aumentado o ritmo e pudessem chegar a um final repentino.

Seguindo Carlos no Mercedes, entrei em Maritime Drive, que nos levou margeando o oceano até uma fileira de casas de praia acompanhando a curva da baía. Carlos me dirigiu a um estacionamento atrás das casas, e estacionei ao lado do Mercedes.

- Enquanto estou pensando nisso - disse a Sra. Armistead -, vou lhe pagar agora. Quanto é?

- Cem são o suficiente.

Ela apanhou um pegador para dinheiro, feito no formato de um cifrão, e colocou uma nota de cem dólares sobre a minha coxa. Depois, colocou uma de cinqüenta por cima.

- Isso é a gorjeta - disse ela.

Apanhei o dinheiro, já que precisava dele para as despesas, mas senti-me vagamente desclassificado pela transação, como um executor de uma reintegração de posse. Aquilo me fez sentir certa solidariedade para com Roger, mesmo antes de conhecê-lo.

A casa de praia dos Armisteads era uma construção numa cor cinza como a das madeiras que vão dar nas praias, e na qual entramos pelos fundos, ao nível do segundo andar.

Passamos por um poço de escada aberto e entramos na sala principal. Ela estava mobiliada no estilo náutico, com metais, um barómetro de parede, cadeiras de capitão.

Através das janelas de vidro corrediças da frente, eu via um homem de aparência jovem sentado na sacada. Ele estava em traje esporte, numa camiseta azul e um boné de quem anda de barco, mas estava observando as pessoas na praia ao longe, como um es pectador sentado num camarote de teatro.

- Olá, Roger.

A voz da mulher tinha mudado. Estava suave e musical, como se ela a estivesse ouvindo, sintonizando-a com cuidado.

O jovem levantou-se e tirou o boné, sem mostrar surpresa nem prazer.

- Eu não esperava uma visita sua, Fran.

- A casa em Crescent Drive acaba de ser totalmente destruída pelo fogo.

A expressão no rosto dele foi de consternação.

- Com todas as minhas roupas?

- Você sempre poderá comprar mais roupas. - A voz dela era metade séria e metade zombeteira, esperando que ele decidisse o rumo que o encontro deveria tomar.

Um tanto tardiamente, ele disse:

- É horrível o que aconteceu com a casa. Você gostava dela, não gostava?

- Eu gostava enquanto você gostava.

- Tem planos de reconstruí-la?

- Não sei, Roger. O que você acha?

Ele mexeu os ombros musculosos, afastando com aquilo a ameaça de responsabilidade.

- Na verdade, cabe a você decidir, não é?

- Bem, estou com vontade de viajar. - Ela falou com uma espécie de decisão falsa, como uma mulher que estivesse improvisando. — Talvez eu vá à Iugoslávia.

Ele se voltou e olhou para mim, como se acabasse de descobrir minha presença. Ele era um homem bemapessoado, talvez dez anos mais novo do que sua mulher, com um físico forte e impaciente. Percebi que seus cabelos escuros estavam escasseando. Ele percebeu que eu havia notado e os despenteou com a mão.

- Este é o Sr. Archer - disse a mulher dele. - Ele é detetive.

Está procurando pela garota que você recebeu a bordo da chalupa.

- Que garota? - Mas ele olhou para mim com uma antipatia instantânea e enrubesceu.

- Aquela que tentou voar muito perto do sol. Ou será que foi da lua?

- Não sei. Não tive nada a ver com ela.

- Sabe o nome completo dela? - perguntei.

- Creio que é Susan. Sue Crandall.

A mulher dele se animou de forma alarmante.

- Pensei que houvesse dito que não tinha nada a ver com ela.

- Não tive. Dei uma bronca no Jerry por recebê-la a bordo, e ele me disse o nome dela. Tive de obrigá-lo a falar.

- A história que me contaram foi diferente - retrucou ela. Eu soube que ela passou a noite de quinta-feira no Ariadne com você. A marina é um local muito público para esse tipo de coisa, não é?

Ele respondeu, sério:

- Não me meto com garotas novas. Passei a noite de quinta aqui sozinho, bebendo. Ela foi levada a bordo sem o meu conhecimento e sem a minha permissão.

- De onde ela é? - perguntei.

- Para falar a verdade, não sei. De algum lugar no sul, segundo o Jerry...

A mulher dele intrometeu-se:

- Há quanto tempo a conhece?

Ele dirigiu a ela um olhar duro.

- Não banque um disco rachado, Fran. Jamais conheci a Crandall. Pergunte ao Jerry Kilpatrick, se não acredita em mim. A garota é a amiguinha dele.

- Quem deixou que ela usasse o Mercedes, se não foi você?

- Isso também foi coisa do Jerry. Odeio pôr a culpa toda nela, mas essa é a verdade. Eu a arranquei dele à força.

- Não acredito em você. De agora em diante, você não vai mais ficar com o Mercedes.

- Então, vá para o inferno.

Ele passou por ela e dirigiu-se à escada aberta e, pisando com força, desceu para o andar térreo. Ouviram-se sons de gavetas sendo abertas e fechadas e de portas de armário sendo batidas.

A casa era de vigas de madeira, com caibros de telhado abertos e sem isolamento, de modo que os ruídos irados reverberavam nela toda. Fran Armistead piscava os olhos ao ouvi-los, como se a violência estivesse sendo praticada em seu corpo. Ela temia o marido, pensei, e provavelmente estava apaixonada por ele.

Ela desceu atrás dele, parecendo tensa e decidida, como uma mulher descendo voluntariamente ao inferno. As suas vozes subiam pelas escadas, claramente audíveis nos intervalos entre os ruídos da arrebentação do mar.

- Não se zangue - disse ela.

- Não estou zangado.

- Pode ficar com o Mercedes.

- Preciso de algum meio de transporte - disse ele, sensato. —

Não que eu vá a algum lugar.

- Não. Fique comigo. Eu fiquei chocadíssima quando a casa pegou fogo. Senti como se a minha vida estivesse pegando fogo. Mas não estava, estava?

- Não sei. Que história é essa de ir à Iugoslávia?

- Você não quer ir?

- O que há na Iugoslávia?

- Vamos ficar aqui, então. Está bem assim?

- Por enquanto - disse ele. - É possível que eu já esteja cheio desta cidade.

—Por causa da garota? Como é o nome dela... Susan?

- Escute. Vamos ter de continuar falando nela? Eu nem mesmo a vi.

Uma porta fechou-se, e as vozes ficaram abafadas. Comecei a ouvir sons mais íntimos e resolvi ir lá para fora.





## 8

Era uma tarde de sábado que ia avançada, e a praia estava cheia de corpos. Aquilo era como uma visão de advertência quanto ao futuro, quando cada metro quadrado do mundo estaria habitado. Encontrei um lugar para me sentar na areia, ao lado de um rapaz com um violão que estava deitado com a cabeça apoiada na barriga de uma garota. Senti o cheiro do protetor solar que ela usava e senti como que se todos, exceto eu, estivessem arrumados aos pares, como os animais na arca.

Levantei-me e olhei à minha volta. Sob o estrato de fumaça que pairava sobre a cidade, o ar estava desagradavelmente claro. O sol baixo parecia um Frisbee amarelo girando, que eu podia quase estender a mão para pegar.

Os mastros pontudos da marina pareciam escuros e calcinados contra a luz do oeste. Tirei os sapatos e as meias e leveios pela praia naquela direção.

Um quebra-mar de concreto, ampliado por um banco de areia, curvava-se como um braço protetor em torno do porto e da marina. Alguns barcos, a motor ou a vela, iam chegando do mar pelo canal assinalado. Inúmeros outros barcos estavam nos embarcadouros, de iates de corrida a barcaças de desembarque fora de moda.

Segui a pé ao lado da alta cerca de tela de arame que separava a marina do estacionamento público. Havia nela vários portões, mas todos tinham fechaduras automáticas.

Encontrei uma doca de aluguel de barcos e perguntei ao encarregado como podia chegar ao Ariadne.

Ele me lançou um olhar desconfiado que abrangeu meus pés descalços e os sapatos que eu havia amarrado um no outro e pendurado no ombro.

- O Sr. Armistead não está a bordo, se for ele quem está procurando.

- E o Jerry Kilpatrick?

- Quanto a ele, não sei. Siga até o terceiro portão e tente gritar para ele. O senhor poderá ver o barco de lá, mais ou menos no meio do

flutuador à esquerda.

Calcei os sapatos e encontrei o portão e o barco. Era uma chalupa branca, pairando sobre a água tranqüila de um modo que fez com que minha respiração acelerasse um pouco. Um rapaz magro, com cabelos irregulares e a parte inferior do rosto coberta de pêlos, mexia no motor auxiliar perto da popa. Chamei por ele pelo portão trancado.

- Jerry?

Sua cabeça ergueu-se. Fiz um gesto para que ele se aproximasse. Ele saltou para o ancoradouro e seguiu por ele num rápido andar trôpego de pés descalços. Estava nu da cintura para cima e andava com a cabeça cabeluda esticada para a frente, como que para compensar os ombros de menino e o estreito peito sem pêlos. As mãos estavam tão sujas de óleo de motor que ele parecia estar usando luvas pretas.

Ele olhou para mim, sério, através do portão de arame.

- O que deseja?

- Você perdeu seu livro.

Tirei do bolso o exemplar de Green Mansions com o nome dele na guarda.

- Isto é seu, não é?

- Deixe-me ver. - Ele começou a abrir o portão e depois tornou a fechá-lo enfaticamente com um estalido. - Se meu pai o mandou, quero que ele morra. E pode voltar e transmitir-lhe o recado.

- Não conheço o seu pai.

- Nem eu o conheço. Nunca o conheci. E não quero conhecê-lo.

- Isso encerra o caso do seu pai. E quanto a mim?

- O problema é seu.

- Não quer o seu livro?

- Fique com ele, se souber ler. Vai melhorar sua mente, se tiver uma.

Ele era um rapaz muito hostil. Lembrei a mim mesmo que era uma testemunha e que não adiantava ficar zangado com ele através de uma cerca.

- Sempre poderei achar alguém que o leia para mim repliquei.

Ele sorriu de imediato. O sorriso em meio à barba ruiva pareceu extraordinariamente brilhante. Acrescentei:

- Há um menino que está desaparecido. O pai dele foi morto esta manhã...

- E acha que eu o matei?

- Matou?

- Não acredito em violência. - O olhar dele dava a entender que eu

acreditava.

- Então, você vai querer me ajudar a encontrar a pessoa que o matou, seja ela quem for. Por que não me deixa entrar? Ou sai daí para podermos conversar.

- Eu gosto assim. - Ele tocou no portão de arame com os dedos. - Você me parece ser do tipo violento.

- A situação não é engraçada - repliquei. - O menino desaparecido tem seis anos. O nome dele é Ronald Broadhurst. Sabe alguma coisa sobre ele?

Ele sacudiu a cabeça emaranhada. A barba que cobria a parte inferior do rosto parecia ter tomado conta da boca e deixado apenas os olhos com que falar. Eles eram castanhos e estavam ligeiramente estrelados, como vidro danificado.

- Havia uma garota com ele - continuei. - Ela estava lendo este livro que é seu, ontem à noite, na cama. O nome dela é Sue Crandall.

- Não a conheço.

- Disseram-me que a conhece. Ela esteve aqui anteontem à noite.

- Isso eu não sei.

- Acho que sabe. Você emprestou a ela este livro e o Mercedes do Armistead. O que mais emprestou?

- Não estou entendendo o que está dizendo.

- Ela ficou pirada com alguma coisa e subiu no mastro. O

que foi que deu a ela, Jerry?

Uma sombra de medo atravessou-lhe o rosto. Ele o converteu em raiva. Seus olhos castanhos ficaram avermelhados e injetados, como se houvesse fogo por trás deles.

- Pensei que você fosse da polícia - disse ele, em tom estilizado. - Por que não vai embora?

- Quero conversar sério com você. Você está encrencado.

- Vá pro inferno!

Ele saiu trotando pelo embarcadouro. A cabeça cabeluda parecia enorme e grotesca em cima do corpo de garoto, como a cabeça de um santo em papier-mâché na ponta de uma vareta. Fiquei vendo-o pular para a cabine do barco e voltar a trabalhar no motor.

O sol agora estava quase posto. Quando ele atingiu a água, todo o mar e o céu pareceram pegar fogo, vermelho num incêndio maior do que o Cascavel.

Antes de escurecer, andei pelo estacionamento à procura do velho Chevrolet seda de Fritz Snow. Não consegui encontrá-lo, mas persistia a

sensação de que ele devia estar nos arredores. Comecei a procurar ao longo da avenida que seguia paralela à beira-mar.

O céu ocidental perdeu a cor como um rosto que fica subitamente pálido. A luz foi diminuindo gradativamente do ar. Demorou-se muito presa à superfície da água, que se estendia como um céu tênue e caído.

Andei vários quarteirões sem encontrar o velho Chevrolet.

As luzes da rua acenderam-se e o cais ficou fracamente iluminado pelos avisos luminosos de motéis e espeluncas que vendiam hambúrgueres. Atravessei em direção a uma delas e comi um hambúrguer duplo com um saco de papel de batatas fritas e café. Comi e bebi como um esfomeado e lembrei-me de que não tinha comido desde a manhã.

Quando me afastei do balcão bem iluminado, estava quase totalmente noite fechada. Ergui o olhar para as montanhas e fiquei chocado com o que vi. O incêndio tinha aumentado e se espalhado, como se alimentado pela escuridão. Assim que saí da avenida, entrei num gueto. Crianças negras e pardas brincavam tranqüilamente na quase escuridão. Dos alpendres em ruínas das pequenas casas, as mães e avós vigiavam a elas e a mim.

Encontrei o Chevrolet pintado pela metade, de Fritz Snow, numa pista de carros marcada de rodeiras, por trás de uma cerca de oleandro enferrujado. Dele, vazava música. Um homem baixo, usando um boné de jogador de beisebol, estava sentado atrás do volante.

- O que está fazendo aqui, amigo?

- Tocando minha gaita.

Ele tornou a levar uma gaita à boca e tocou alguns compassos de um ofegante blues. Eu sou o culpado, parecia dizer a música, mas já sofri bastante - e você também.

- Você toca muito bem.

- É um dom.

Ele apontou para o céu através do teto do carro. Depois, tocou mais alguns compassos e sacudiu a saliva que estava na gaita. Ele cheirava a vinho.

- Este carro é seu? - perguntei.

- Estou tomando conta para uma amiga.

Entrei ao lado dele. A chave estava na ignição. Eu a tirei. Ele me lançou um olhar apreensivo brilhante.

- Eu me chamo Archer. Qual é o seu nome?

- Amos Johnstone. Você não tem direito ou motivo algum para me

prender. Estou realmente tomando conta do carro para uma amiga.

- Não sou policial. Sua amiga é uma jovem com um garotinho?

- Ela mesma. Ela me deu um dólar... mandou eu ficar sentado no carro até ela voltar.

- Há quanto tempo foi isso?

- Não sei, não uso relógio. A única coisa que posso jurar é que foi Koje.

- Antes de anoitecer?

Ele olhou para o céu como se o anoitecer o tivesse apanhado de surpresa.

- Deve ter sido. Comprei um pouco de vinho com o dólar, mas já acabou. - Ele se voltou para olhar para mim. - Eu gostaria de mais um dólar.

- Talvez a gente chegue a isso. Para onde foi a jovem?

- Seguiu pela rua. - Ele fez um gesto na direção da marina.

- E levou o menino com ela?

- Isso mesmo.

- Ele estava bem?

- Estava com medo.

- Ele disse alguma coisa?

- Não me dirigiu uma só palavra. Mas estava tremendo como um cachorrinho.

Dei um dólar ao homem e segui de volta para a marina. Ele tocou uma música de despedida para mim, que se fundiu com as vozes das crianças brincando no escuro.

Havia algumas luzes esparsas nos barcos ao longo do embarcadouro. Uma luz mais forte, mais brilhante, refletia sobre o portão de tela, vinda do alto de um poste de metal.

Olhei rapidamente à minha volta e pulei o portão, rasgando uma perna da calça no arame farpado que havia em cima e caindo com força de costas na prancha de desembarque.

Aquilo me abalou, e fiquei caído por um minuto.

O sangue batia em meus ouvidos e olhos enquanto me aproximava da chalupa. Havia luz na cabine, mas, que eu visse, ninguém no convés. Apesar das circunstâncias, havia algo secreto e doce em relação à água escura, e algo de belo na aparência do barco, como um cavalo numa estrebaria à noite. Saltei a balaustrada e entrei na cabine. O mastro erguia-se altaneiro contra o céu obscuro.

Houve um barulho de arrastar de pés na cabine. - Quem está aí?

Era a voz de Jerry. Ele abriu a escotilha e pôs a cabeça para fora. Os olhos estavam arregalados e fixos, e a boca aberta parecia um buraco escuro na barba. Ele parecia Lázaro saindo do túmulo.

Estendi os braços para ele. Agarrei-o pelas axilas, levantei-o e arriei violentamente de costas na cabine. Ele ficou deitado, como se tivesse batido com a cabeça. Senti uma pontada de vergonha por agredir um rapaz.

Desci a escada até a cabine, passando por um rádio para comunicações com a terra e uma mesa de carta marítima.

Em um dos dois beliches inferiores, um corpo com contornos femininos estava debaixo de um cobertor vermelho, só com louros cabelos aparecendo, derramandose pelo travesseiro como cordões de ouro.

Puxei o cobertor para descobrir-lhe o rosto. A expressão dela era estranhamente impassível. Os olhos fitaram-me de outro lugar, como se ela estivesse pronta para morrer ou talvez já tivesse morrido.

Alguma coisa ao lado do corpo dela mexia-se debaixo do cobertor. Arranquei o cobertor. Ela estava segurando o menino contra o corpo, com um braço em torno da cabeça dele e a mão sobre

a boca. Ele ficou imóvel ao lado dela. Até os redondos olhos azuis estavam perfeitamente imóveis.

Eles brilharam, fixos num ponto atrás de mim. Voltei-me no exíguo espaço. Jerry estava agachado na escada, com um revólver seguro pelas mãos.

- Saia deste barco, seu porco imundo.

- Largue essa arma. Você vai ferir alguém.

- Você - disse ele. - A menos que saia daqui agora. Estou no comando deste barco, e você está invadindo propriedade alheia.

Era difícil levá-lo a sério, mas a arma ajudava. Ele agitou-a em minha direção e deslocou-se para um lado. Subi a escada, passando por ele, indeciso quanto a se devia tentar dominálo ou passar.

Minha indecisão me tornou lento. Pelo canto do olho, observei-o deslocar a arma nas mãos e erguê-la segura pelo cano. Não consegui evitar sua queda. A cena girou e desapareceu.

Eu via as engrenagens do universo girando. Parecia, em larga escala, uma daquelas caixas de mudança em que os engenheiros mexem nas suas horas de folga. Eu parecia poder ver todo o aparelho ao mesmo tempo e compreender que a relação entre produto e insumo era de um para um.

Uma água tranqüila batia na beira de minha atenção. O lado do meu rosto estava apoiado numa superfície plana e áspera que parecia subir e descer. O ar parecia mais frio, e por algum tempo pensei que estivesse no barco. Depois, fiquei de quatro e vi que estava no ancoradouro e que o espaço em que o Ariadne tinha estado era um oblongo de água escura.

Peguei um pouco de água com a mão e atirei-a no rosto. Eu me sentia tonto e deprimido. Não havia levado o garoto barbudo a sério como devia e tinha agido de forma errada com ele e com a situação. Verifiquei minha carteira: o dinheiro ainda estava lá.

Segui pela prancha de desembarque até um posto com instalações sanitárias no estacionamento. Tornei a lavar o rosto, sem olhar muito para ele, e decidi não ligar para a inchação na cabeça, que tinha parado de sangrar.

Encontrei um telefone público, com um catálogo acorrentado a ele, na parede externa do prédio, e telefonei para o escritório do delegado. O auxiliar de plantão me disse que o delegado e a maioria de seus policiais encontravam-se na zona de incêndio. Ele estava coberto de pedidos e não tinha ninguém para mandar.

Disquei o número do Serviço Florestal local. A voz feminina de um serviço de mensagens informou-me que não se aceitavam telefonemas depois do horário comercial, mas concordou em aceitar um recado para Kelsey. Ditei uma versão telegráfica dos últimos acontecimentos e ouvi a telefonista repeti-la para mim com voz de quem estava chateada.

Em seguida, procurei Brian Kilpatrick na seção "Imóveis" das páginas amarelas. Tanto o telefone de casa quanto o do escritório estavam relacionados sob o nome dele. Telefonei para a casa de Kilpatrick, falei com ele imediatamente e perguntei se podia ir visitá-lo. Ele suspirou.

- Acabo de me sentar para tomar uma bebida. Qual é o assunto?

- Seu filho Jerry.

- Entendo. O senhor é da polícia? - A voz cuidadosamente modulada tornou-se nivelada.

- Detetive particular.

- Isso tem a ver com o problema no porto ontem de manhã?

- Lamento dizer que sim, e está piorando. Posso ir falar com o senhor?

- Ainda não disse qual é o assunto. Há alguma garota envolvida nisso?

- Há. Uma jovem chamada Susan Crandall. Susan e seu filho e um menino chamado Ron Broadhurst partiram...

- Esse menino é o neto da Sra. Broadhurst?
- É, sim.
- Pelo amor de Deus, para onde eles foram?
- Para o oceano. Levaram o iate dos Armisteads.
- Roger Armistead está sabendo disso?
- Ainda não. Telefonei para o senhor primeiro.
- Obrigado - disse ele. - É melhor vir até aqui, como sugeriu. Sabe onde moro? - Ele me deu o endereço, duas vezes.

Chamei um táxi e repeti o endereço para o motorista. Ele adorava conversar. Falou sobre incêndios e inundações, terremotos e vazamento de óleo. Por que, queria ele saber, alguém podia querer morar na Califórnia? Se as coisas piorassem mais um pouco, ele iria mudar a família de volta para Motown. Aquilo é que era cidade.

Ele me levou a uma área residencial de classe média alta, do lado da cidade ainda não ameaçado pelo incêndio. A

moderna casa estilo rancho de Kilpatrick ficava numa área plana, iluminada por refletores, ao lado de uma encosta coberta de moita cerrada. Eu tinha deixado o ar fresco mais abaixo, na cidade, e um vento quente soprou-me o rosto quando saí do táxi. Pediu ao motorista que me esperasse.

Kilpatrick saiu para me receber. Era um homem grande, usando uma camisa esporte de colarinho aberto, por cima de calça esporte. Havia cabelos grisalhos na cabeça e no peito.

Apesar do copo de bebida na mão e do brilho de peixe morto de doses anteriores nos olhos, seu rosto largo e bonito estava sóbrio, quase lúgubre.

Ele estendeu a mão para mim e olhou para a minha cabeça machucada.

- O que foi que lhe aconteceu?
- O que me aconteceu foi o seu filho Jerry. Ele me atingiu com a coronha de um revólver.

Kilpatrick fez uma expressão de comiseração.

- Quero ir logo dizendo que lamento profundamente. Mas acrescentou - não sou responsável pelo que o Jerry faz. Ele já fugiu ao meu controle.
- Foi o que percebi. Podemos entrar?
- Mas é claro. O senhor deseja beber alguma coisa?

Ele me guiou até um cômodo que era bar e salão de jogos, que dava para uma piscina bem iluminada. A beira da piscina, uma mulher de

cabelos pretos e brilhosas pernas cor de cobre estava sentada numa espreguiçadeira que lhe escondia o resto do corpo. Um rádio portátil, em cima de uma mesa ao lado, falava para ela como um espírito conhecido. Uma batedeira de coquetéis, de prata, estava ao lado do rádio.

Kilpatrick fechou as persianas antes de acender a luz. Disse que estava bebendo martínis e pedi um uísque e água, que ele serviu. Sentamo-nos de frente um para o outro, tendo ao meio uma mesa redonda que tinha incrustado no centro um tabuleiro de xadrez, feito de quadrados claros e escuros.

Com voz cautelosa e controlada, ele disse:

- Acho que é melhor eu lhe dizer que fui procurado pelo pai da garota hoje. Ele encontrou o nome do meu filho no caderno de endereços da filha.

- Há quanto tempo a garota está desaparecida de casa?

Crandall disse?

Kilpatrick fez um gesto afirmativo com a cabeça.

- Há poucos dias. Ela saiu da casa dos pais na quinta-feira.

- Crandall disse o motivo?

- Ele não sabe, nem eu também. - Com voz desanimada que fez com que parecesse um velho, ele acrescentou: - Nós estamos perdendo uma geração inteira. Eles estão nos punindo por tê-los trazido ao mundo.

- Os Crandalls moram na cidade, aqui?

- Não.

- Como foi que o seu filho e a filha deles se conheceram?

- Não faço idéia. Tudo o que sei é o que o Crandall me contou.

- Qual é o nome completo de Crandall, e onde ele mora?

Kilpatrick ergueu a mão num gesto de quem manda parar o tráfego.

- Antes que eu lhe diga mais alguma coisa, é melhor me informar sobre as ramificações. Como é que o filho dos Broadhursts entra nessa história? O que estão planejando fazer com ele?

- Pode não haver plano algum. Parece que estão agindo de improviso. Mas, por outro lado, pode ser um seqüestro. É

um seqüestro, agora, sob o aspecto legal.

- Por dinheiro? O Jerry diz que abomina dinheiro.

- Dinheiro não é o único motivo para um seqüestro.

- O que mais haverá nisso?

- Vingança. Poder. Emoções fortes.

- Isso não parece ser coisa do Jerry.

- E da garota?

- Pelo que sei, é uma boa menina, de boa família. Talvez não seja uma jovem feliz, disse o pai dela, mas uma jovem em quem se pode confiar.

- Era isso o que o pai de Lizzie Borden dizia sobre ela.

Kilpatrick me lançou um olhar chocado.

- É uma comparação muito improvável, não é?

- Assim espero. O homem com quem ela estava viajando hoje, o pai do menino, foi assassinado com uma picareta.

O rosto de Kilpatrick empalideceu, pondo em relevo as veias interrompidas. Ele terminou o martíni e sorveu audivelmente o copo vazio.

- Está me dizendo que Stanley Broadhurst foi assassinado?

- Estou.

- Acha que ela o matou?

- Não sei. Mas se matou, talvez o menino Broadhurst tenha sido testemunha.

- O Jerry estava lá?

- Não sei.

- Onde aconteceu esse assassinato?

- No alto do desfiladeiro da Sra. Broadhurst, perto de um chalé chamado de Casa da Montanha. Aparentemente, o incêndio começou na mesma hora.





## 1

U Kilpatrick começou a tamborilar na mesa com o copo. Ele se levantou e foi até o bar, procurando nas prateleiras de garrafas que havia atrás dele por alguma coisa que aliviasse realmente a sua angústia. Voltou para a mesa de mãos vazias e mais sóbrio do que nunca.

- O senhor devia ter me contado isso logo quando telefonou.

Eu nunca teria... - A voz dele se interrompeu e ele me fitou com ar de desconfiança.

- O senhor nunca teria me deixado entrar ou conversado comigo - retruquei. - Onde o Crandall mora?

- Não vou dizer.

- É melhor dizer. Nada disso será segredo por muito mais tempo. A única coisa positiva que podemos fazer é tentar deter Jerry e a garota antes que possam causar mais encrenca.

- O que mais poderiam fazer?

- Perder o menino - disse eu. - Ou matá-lo.

Ele me olhou com os olhos semicerrados.

- Qual é, exatamente, o seu interesse pelo menino?

- A Sra. Stanley Broadhurst contratou-me para trazê-lo de volta.

- Então, o senhor está do outro lado.

- Do lado do menino.

- O senhor o conhece?

- Ligeiramente.

- E se importa pessoalmente com ele?

- Importo-me, sim.

- Nesse caso, tem uma leve idéia de como me sinto a respeito do meu filho.

- Eu teria uma idéia melhor se cooperasse por completo.

Estou tentando evitar encrenca para o senhor e seu filho.

- Para mim, o senhor cheira a encrenca.

Aquilo me fez parar por um minuto. Ele tinha a percepção de um vendedor sobre a fraqueza humana, e tinha tocado num fato que nem

sempre eu admitia a mim mesmo - que às vezes eu servia como catalisador para encrencas, não com relutância.

Disposto a mudar um pouco de assunto, tirei do bolso o livro de capa verde com o nome do filho dele escrito a lápis na guarda.

- Como foi que Sue Crandall conseguiu isso?

Depois de refletir um pouco, ele disse:

- Creio que Jerry o apanhou quando saiu. Não presto muita atenção aos livros. Minha mulher era a intelectual da família.

Ela formou-se em Stanford.

- A Sra. Kilpatrick está em casa?

Ele balançou a cabeça.

- Ellen me abandonou há um ano, no que se refere a qualquer relacionamento. Isso foi quando ele entrou para a faculdade.

- Ele está na faculdade?

- Já não está mais - disse Kilpatrick com um tom de decepção na voz. - Ele poderia tê-la cursado com facilidade. Eu estava disposto a mandá-lo emendar logo um master em administração de empresas. Mas ele se recusou a fazer a tentativa. Não me pergunte o motivo, pois não sei a resposta.

Ele estendeu a mão por cima da mesa para pegar o livro e o fechou, escondendo o nome do filho.

- O Jerry está usando drogas?

- Isso eu não sei.

Mas os olhos estavam indecisos e evitaram os meus. A

conversa estava se exaurindo, e não era difícil adivinhar o motivo. Ele estava receoso de envolver o filho num assassinato.

- O senhor sabia sobre o incidente no iate - continuei. Quando a garota pulou na água.

- Isso mesmo. Fui avisado pelo pessoal do porto. Mas não sabia que havia drogas metidas nisso.

Kilpatrick inclinou-se de repente em minha direção e agarrou o meu uísque com água, no qual eu não tinha tocado.

- Se não vai usar isso, eu vou - disse ele e bebeu tudo de um gole.

Ficamos sentados em silêncios opostos. Ele estava estudando o tabuleiro incrustado, como se nele houvesse peças de xadrez, a maioria minha. Por fim, ergueu os olhos e cruzou com os meus.

- O senhor acha que ela conseguiu as drogas com o Jerry, não é? - disse ele.

- O senhor é quem conhece Jerry.

- Mas não o controlo mais - disse ele. - Mas desconfiava que ele estava usando drogas. Isso era um dos pomos da discórdia entre nós.

- Que tipo de drogas?

- Para dizer a verdade, não sei. Mas ele falava e agia como se tivesse ficado pirado. - A frase soou estranha nos lábios dele, e um tanto tocante, como uma declaração de solidariedade para com o filho perdido. Nervoso, ele acrescentou: - Eu lhe contei mais do que devia.

- Podia aproveitar e contar o resto.

- Não há resto. Isso é tudo. Eu tinha um filho promissor brilhante e um dia ele decidiu mudar tudo isso e ir viver como um vagabundo de beira de cais.

- Qual a ligação dele com Roger Armistead?

- Vendi um imóvel ao Armistead, que sempre gostou dele e o ensinou a velejar. No ano passado, Jerry fez parte da tripulação dele na corrida de Ensenada.

- O Jerry deve ser um marinheiro muito bom.

- E é. Ele seria capaz de levar aquela chalupa até o Havaí, se fosse preciso. — O ânimo dele foi para baixo: - A menos que ele tenha se esquecido da navegação com todas as outras coisas.

Ele se levantou e foi até a janela fechada com persiana, separando as lâminas com os dedos e dando uma olhadela para fora, como um homem num prédio que estava sendo atacado.

- Que droga! - disse ele. - Eu devia ter levado minha noiva para jantar fora. - Voltou-se para mim num súbito acesso de raiva. - Acho que o senhor percebe que está estragando a minha noite, não?

A pergunta não merecia resposta, e ele sabia disso. Vagueou até o bar como se pudesse encontrar um barman fantasma a quem reclamar. Havia um telefone em cima no balcão, com um livrinho azul ao lado. Ele abriu o livrinho como que para procurar um número, e depois tornou a largá-lo. Em vez de usá-lo, apanhou um copo limpo, despejou uísque e água e colocou-o, com uma batida seca, à minha frente.

Agradeci o gesto, embora não precisasse beber. Eu sentia a chegada de uma longa noite. Kilpatrick também sentia. Ele ficou acima de mim, inclinado sobre a mesa, as mãos espalhadas, o rosto expandindo-se devido à emoção.

- Escute - disse ele. - Não sou o sacana irresponsável que eu... que você pensa que sou. Quando o Jerry era pequeno, minha mulher me abandonou. Nunca dei a ela um bom motivo para agir dessa forma, exceto o fato de não proporcionar-lhe uma vida romântica. Mas o Jerry

me culpava pelo rompimento. Ele sempre me culpou por tudo. Ele respirou fundo, tristemente. - Eu gosto muito dele.

Queria que tivesse tudo do melhor, e quase me matei para proporcionar isso a ele. Mas as coisas não funcionam mais assim, funcionam? Não há mais finais felizes.

Ele se inclinou acima de mim, prestando atenção ao silêncio como se o estivesse ouvindo pela primeira vez. Eu disse:

- O que podemos fazer para ter ele e Susan de volta?

- Não sei.

- Pensei em chamar o FBI.

- Não faça isso. Seria o fim do Jerry.

Senti a mão pesada dele no meu ombro. Ele a retirou e voltou ao bar, movendo-se como um animal enjaulado que havia coberto a curta distância muitas vezes. Serviu-se de um uísque e retomou seu lugar à mesa redonda.

- Dê a ele uma chance de trazer a chalupa de volta por conta própria. Não temos que transformar isso num caso federal.

- Vamos ter de contar à polícia local.

- Deixe que eu faço isso - disse ele. — Vou falar com o xerife Tremaine... ele é meu amigo.

- Esta noite?

- Claro que esta noite. Estou mais preocupado do que o senhor, o Jerry é meu filho. O que acontece a ele, acontece a mim.

Pelo tom de voz, ele parecia querer dar a entender que era sincero, mas não perceber bem o pleno sentido das palavras.

- Então me diga onde posso encontrar os pais de Sue Crandall. Em especial, quero falar com o pai dela.

- Sinto muito. Eu não me sentiria bem se isso acontecesse.

Eu o atingi com as palavras mais duras em que pude pensar.

- O senhor talvez não vá se sentir bem em relação a qualquer coisa outra vez. A situação está indo para o inferno num vagonete, e o senhor não quer erguer um dedo para fazê-lo parar. Ainda assim, espera algum tipo de final feliz.

- Não espero um final feliz. Eu disse isso.

Ele esfregou os olhos e as faces com um movimento descendente das palmas das mãos, que ficaram juntas, apertadas, sob o queixo, numa atitude de oração.

- O senhor tem que me dar tempo para pensar numa solução.

- Claro. Leve várias horas. Vou ficar aqui sentado e imaginar o que

está acontecendo com o filho dos Broadhursts.

Kilpatrick me lançou um olhar sério por trás dos dedos unidos nas pontas. Percebi um relance da seriedade domada que vivia nele como um padre despojado que se escondia.

A campainha da porta soou, e ele saiu da sala, fechando a porta ao passar. Apanhei o livrinho azul que estava ao lado do telefone. Ele continha uma lista de números, escritos a mão. Um Lester Crandall estava relacionado entre os que começavam com a letra "c", com um número em Pacific Palisades. Era provável que a lista não fosse nova - havia outros nomes abaixo do dele na página.

Enquanto eu tomava nota do número, a porta foi aberta de supetão atrás de mim. Era a mulher de cabelos pretos que estava à beira da piscina. Era uma mulher atraente, mas um pouco velha para o biquíni que usava. E estava bêbada.

- Onde está a animação? - disse ela, asperamente.

- Não há animação nenhuma.

Os cantos da boca descaíram como os de uma criança desapontada.

- O Brian prometeu me levar para dançar.

Ela deu alguns passos experimentais e quase caiu. Conduzi-a até uma das poltronas, mas ela não queria ficar sentada.

Queria dançar.

Kilpatrick entrou na sala. Não deu sinais de que havia percebido a presença da mulher. Deslocando-se como algo mecânico e previamente orientado, foi até atrás do bar, abriu uma gaveta e tirou um revólver de grosso calibre.

- O que está acontecendo? - perguntei a ele.

Ele não deu resposta, mas não gostei da expressão de raiva fria inerte em seu rosto. Eu o segui até a frente da casa, deixando que ele percebesse minha presença. Um rapaz de olhos muito arregalados, com fuligem na testa, esperava na porta da frente.

Kilpatrick mostrou-lhe o revólver.

- Dê o fora daqui. Não sou obrigado a suportar esse tipo de absurdo.

- O senhor chama isso de absurdo, não é? - disse o rapaz. Eu perdi minha casa e meus móveis. As roupas da minha família. Tudo. E estou considerando o senhor como o culpado, Sr. Kilpatrick.

- Como é que eu sou responsável?

- Conversei com um bombeiro depois que minha casa foi destruída pelo fogo... é lamentável que ele não estivesse lá quando ela pegou fogo, mas não estava... e ele disse que nunca se deveria ter construído no

desfiladeiro, com a alta taxa de risco de um incêndio. O senhor sequer mencionou isso quando me vendeu a casa.

- Esse é um risco que todos nós corremos - disse Kilpatrick. Eu mesmo posso ser destruído pelo fogo hoje à noite ou amanhã.

- Espero que seja. Espero que sua casa pegue fogo por completo.

- Foi isso que você veio até aqui para me dizer?

- Não foi bem isso. - O rapaz parecia um pouco envergonhado. - Mas não tenho lugar algum onde passar a noite.

- Não vai passar a noite aqui.

- Não. Estou percebendo.

Ele ficou sem o que dizer. Com um olhar de despedida para a arma na mão de Kilpatrick, ele caminhou depressa para a caminhonete estacionada do lado do meu táxi. Um grupo de crianças olhava para fora pelas janelas traseiras do veículo, como prisioneiros imaginando para onde seriam levados a seguir. Uma mulher estava sentada no banco dianteiro, olhando direto para a frente.

Eu disse para Kilpatrick:

- Felizmente o senhor não atirou nele.

- Não tinha intenção de atirar nele. Mas o senhor devia ter ouvido como ele me xingou. Não sou obrigado a...

Interrompi:

- Em que área ele morava?

- Canyon Estates. Sou o empreiteiro.

- O desfiladeiro foi destruído pelo fogo?

- Não totalmente. Mas várias casas se incendiaram, inclusive a dele. - Kilpatrick sacudiu a cabeça, num gesto irritado, em direção à caminhonete que se afastava. - Ele não foi a única pessoa a ter prejuízo. Ainda estou pagando juros sobre algumas dessas casas, e agora jamais terei condições de vendê-las.

- O senhor sabe o que aconteceu com a casa de Elizabeth Broadhurst?

- A última notícia que tive era de que ainda estava em pé.

Aquelas velhas estruturas em estilo espanhol foram construídas para resistir ao fogo.

A mulher de cabelos pretos apareceu atrás de Kilpatrick.

Tinha vestido um casaco leve por cima do biquíni e parecia bem sóbria, mas enjoada.

- Pelo amor de Deus - disse a ele -, guarde essa arma. Eu fico morta de medo quando você fica agitando esse revólver por aí.

- Não o estou agitando por aí. - Mas ele enfiou a arma no bolso.

Nós três saímos para o pátio com piso de asfalto. O motorista de táxi olhava para nós como um observador vindo de Marte.

Kilpatrick umedeceu o dedo na boca e ergueu-o. Um vento frio estava soprando desfiladeiro acima.

- Isso é ar do mar - disse ele. - Se continuar soprando dessa direção, vai ser bom para nós.

Eu esperava que ele estivesse certo. Mas as bordas leste do céu ainda queimavam como se fossem cortinas.

Custou cinqüenta dólares, pagos adiantados, ser levado até Northridge, onde eu tinha deixado meu carro na garagem de Stanley Broadhurst. O motorista queria conversar, mas mandei que ele calasse a boca e tirei uma hora de sono.

Acordei com a cabeça doendo quando saímos da Ventura Freeway. Eu disse ao motorista que parasse junto a um telefone público. Ele encontrou um deles e me deu trocado para um dólar. Disquei o número de Lester Crandall.

Uma voz de mulher que parecia estar sendo mantida sob rigoroso controle disse:

- Residência dos Crandalls.

- O Sr. Crandall está?

- Sinto muito, mas não está. Não sei quando vai voltar.

- Onde está ele?

- No Strip.

- Procurando a Susan?

A voz dela se tornou mais pessoal.

- E, está, sim. O senhor é amigo do Lester?

- Não. Mas vi sua filha. Ela não está em Los Angeles. Posso ir falar com a senhora, Sra. Crandall?

- Não sei. O senhor é policial?

Eu disse a ela o que eu fazia e lhe dei o meu nome, e ela respondeu com seu endereço. Ficava numa rua que eu conhecia, transversal ao Sunset Boulevard.

O táxi me levou para Northridge, passando por baixo da auto-estrada. Eu tinha ficado com a chave da garagem dos Broadhurst. Pedi ao motorista que esperasse enquanto usava a chave e me certificava de que meu carro ainda estava lá.

Estava, e pegou. Saí para a rua e dispensei o motorista.





## 11

Quando voltei para os fundos da casa uma segunda vez, olhei à minha volta com mais cuidado. Um pouco de luz vinha da casa do vizinho do outro lado da cerca de videira.

Percebi que a porta dos fundos da casa de Stanley Broadhurst estava ligeiramente entreaberta. Eu a abri por inteiro e acendi as luzes da cozinha.

Havia marcas na madeira em torno da fechadura que mostravam que ela tinha sido arrombada. Passou pela minha cabeça a idéia de que o homem que tinha feito o serviço ainda poderia estar lá dentro. Eu não queria esbarrar com ele acidentalmente. Os ladrões raramente queriam matar alguém, mas às vezes matavam quando eram apanhados de surpresa em sua tenebrosa fantasia.

Apaguei as luzes da cozinha e esperei. A casa estava em silêncio. Vindo lá de fora, eu ouvia um zunido palpitante do bulevar arterial do qual eu tinha acabado de sair.

Os vizinhos estavam ouvindo as últimas notícias da noite na televisão. Apesar daqueles sons normais, eu sentia uma angústia física que ficava muito perto da náusea. A coisa piorou quando entrei no saguão.

Talvez eu tenha sentido o cheiro, ou então a presença do homem no estúdio. De qualquer modo, quando liguei a luz, ele estava caído ali em frente à escrivaninha quebrada, rindo para mim como um mágico que tivesse feito a mágica máxima.

Não o reconheci de imediato. Ele tinha barba e bigode pretos e longos cabelos pretos que pareciam crescer a partir de um ponto estranhamente baixo em sua testa. Examinando mais de perto, descobri que os cabelos eram uma peruca que não se encaixava muito bem nele. A barba e o bigode eram falsos.

Debaixo dos cabelos estava o rosto morto do homem que dizia chamar-se Al e tinha ido até aquela casa para pedir mil dólares. Ele fora até ali uma vez além dos limites. A frente da camisa estava molhada e cheia de sangue, e por baixo dela havia ferimentos provocados por

golpes com instrumento perfurante. Ele cheirava a uísque.

O bolso interno do terno escuro barato exibia a etiqueta de uma loja de departamentos de São Francisco. O bolso estava vazio, o mesmo acontecendo com os demais. Eu o ergui para tatear à procura de uma carteira nos bolsos traseiros das calças. Não havia carteira alguma.

Consultei meu caderno de notas para ver o endereço que ele tinha me fornecido: Motel Star, na Pacific Coast Highway, embaixo do Topanga Canyon. Depois, olhei para a escrivaninha com tampo corrediço, que evidentemente ele tinha arrombado. A madeira em torno do dispositivo de tranca estava lascada, e a parte corrediça estava emperrada no meio, aberta pela metade.

Não consegui forçá-la para trás o suficiente para liberar as gavetas, que continuaram trancadas. Mas em um dos escaninhos encontrei duas fotografias de um rapaz e de uma moça que, à primeira vista, pareciam muito um com o outro.

Preso por um grampo às fotografias estava um pedaço de papel com o cabeçalho impresso: "Memorando da mesa de Stanley Broadhurst."

Alguém, presumivelmente Stanley, tinha escrito caprichosamente no papel: "Você viu esse homem e essa mulher? Segundo testemunhas, eles saíram de Santa Teresa em princípios de julho de 1955 e viajaram para São Francisco de carro (um Porsche vermelho, placa da Califórnia número XUJ251). Ficaram em São Francisco uma ou duas noites e partiram no dia 6 de julho no cargueiro inglês Swansea Castk com destino a Honolulu, via Vancouver.

Uma recompensa de mil dólares será paga por informação sobre o paradeiro atual deles."

Dei outra olhada nos retratos presos à nota. A jovem tinha cabelos e olhos escuros muito grandes, que olhavam muito fracamente da velha fotografia. As feições pareciam aquilinas e sensíveis, com exceção da boca, que era grande e sensual.

O rosto do homem, que calculei fosse do capitão Broadhurst, parecia menos franco. Havia ossos bem-formados em seu rosto e olhos duros, fixos, encaixados obliquamente neles. A

semelhança entre ele e a jovem mostrou ser artificial quando eu os comparei. O olhar audacioso o mantinha escondido de certa maneira, mas achei que fosse um conquistador. Ela parecia uma conquistada.

Voltei a atenção para o arquivo. A gaveta superior tinha sido forçada com tanta violência que não podia ser fechada como devia. Estava cheia de cartas cuidadosamente arrumadas entre divisórias de papel manilha.

Os carimbos dos correios abrangiam os últimos seis anos.

Tirei uma bem recente, cujo endereço do remetente era o da Santa Teresa Travei Agency, 920 Main Street.

Prezado Sr. Broadhurst [dizia a carta datilografada]:

Consultamos nossos arquivos, de acordo com a sua solicitação, e confirmamos que seu pai, o Sr. Leo Broadhurst, reservou uma passagem para duas pessoas no Swansea Castle, que deveria partir de São Francisco para Honolulu (via Vancouver) no dia 6 de julho de 1955 ou em data próxima a essa. A passagem foi paga, mas não podemos confirmar se foi usada. O Swansea Castle mudou para a bandeira liberiana, e é difícil localizar os donos e o capitão de 1955. Pedimos o favor de informar se quer que façamos investigações mais detalhadas.

Atenciosamente, Harvey Noble, Proprietário

Examinei uma carta mais antiga, que estava manuscrita em papel timbrado de uma igreja em Santa Teresa e assinada pelo pastor, um reverendo Lowell Riceyman.

Caro Stanley [dizia ela], Seu pai, Leo Broadhurst, foi um de meus paroquianos, no senti' do de que às vezes comparecia à missa dominical, como você deve recordar-se, mas devo confessar que nunca o conheci assim tão bem. Estou certo de que a culpa deve ter sido tanto minha quanto dele. Ele me dava a impressão de ser um desportista, um homem ativo e animado que aproveitava a vida. Sem dúvida, é esta a lembrança que você também tem dele.

Permita sugerir, com a melhor das intenções e solidariedade, que você se contente com essa recordação e não avance mais no caminho que tomou, contra o meu conselho. Seu pai decidiu abandonar sua mãe e você, por motivos que nem você nem eu podemos imaginar. O coração tem razões que a própria razão desconhece. Acho imprudente um filho tentar meter-se demais na vida do pai. Qual o homem que não tem culpa?

Pense na sua própria vida, Stanley. Há pouco tempo, você assumiu as responsabilidades do casamento - como eu, por ter tido o prazer de realizar a cerimônia, tenho bons motivos para lembrar. Sua esposa ê uma mulher excelente e bonita, evidentemente mais digna de seu interesse vivo do que aquelas velhas paixões sobre as quais você me escreveu. O passado pode fazer muito pouco por nós - nada mais do que já fez, para o bem ou para o mal - exceto, no fim, liberar-nos. Nós devemos procurar e aceitar a remissão, e dar remissão.

Com relação aos problemas conjugais sobre os quais você me

escreveu, acredite-me, eles não são fora do comum. Mas eu preferiria conversar sobre eles com você pessoalmente, em vez de colocar meus fracos pensamentos no papel. Até mais ver, então.

Olhei para o homem morto no chão e pensei no outro morto na montanha. O reverendo Riceyman tinha dado um bom conselho a Stanley, que ele não havia aceitado. Uma sensação de constrangimento e pesar passou por mim. Não era exatamente dor por Stanley, embora a incluísse.

Também incluía a percepção de que eu devia chamar a polícia. Deixei o telefone do estúdio intocado e voltei para a cozinha. Assim que liguei a luz, percebi a garrafa marrom de uísque, vazia, entre os pratos que estavam na pia.

Telefonei para a sede do Departamento de Polícia de Los Angeles no Vale e comuniquei o homicídio. Durante os nove ou dez minutos que a polícia levou para atender ao chamado, caminhei metade do quarteirão e achei o Volkswagen de Al, trancado. Exatamente no último minuto, quando eu já ouvia a sirene, lembreime de que o motor do meu carro estava ligado. Saí para ir até a garagem e desligueio.

Eu tinha um chapéu leve na mala do cano. Usei-o para cobrir a minha cabeça danificada e recebi o carro-patrulha em frente à casa. O homem da casa ao lado saiu, olhou para nós e voltou para dentro sem dizer palavra.

Levei os policiais pela porta dos fundos, apontando para as marcas do pé-de-cabra. Mostrei-lhe o morto e contei-lhes em poucas palavras como eu o havia encontrado. Eles tomaram algumas notas e fizeram uma chamada para a equipe de Homicídios, sugerindo polidamente que eu ficasse por ali.

Contei minha história com maiores detalhes a um capitão de detetives chamado Arnie Shipstad, que eu conhecia desde que ele era sargento na delegacia de Hollywood. Amie era um sueco de aparência jovem, com olhos sensíveis sagazes que registraram os detalhes do estúdio com a mesma precisão das câmeras do seu fotógrafo.

O morto teve seu retrato tirado com e sem a peruca, a barba e o bigode. Depois, foi cuidadosamente rolado para uma maca e levado embora.

Arnie ficou por ali.

- Então você acha que ele veio à procura de dinheiro?

- Estou certo disso.

- Mas ele recebeu algo diferente. E o homem que prometeu dinheiro

a ele também está morto. - Ele pegou o memorando de Stanley, que eu tinha lhe mostrado, e leu em voz alta: - "Você viu esse homem e essa mulher?" Isso é a causa de tudo?

- Pode ser.

- Por que acha que ele veio aqui disfarçado?

- Posso pensar em algumas razões possíveis. Ele pode estar sendo procurado pela polícia. Eu seria capaz de apostar um bom dinheiro que ele está sendo procurado.

Arnie fez um gesto de concordância com a cabeça.

- Vou investigar a ficha dele. Mas também existe uma outra possibilidade.

- Qual é ela?

- Talvez estivesse usando os disfarces para se divertir. Um

número muito grande de arruaceiros usa perucas longas quando vão à caça de mulheres. Esse podia ter estado planejando pegar o dinheiro e passar uma noite animada na cidade.

Tive de admitir que aquela idéia tinha lá o seu valor.

Deixei o Sepulveda Boulevard no cruzamento com o Sunse t e entrei em Pacific Palisades. Os Crandalls moravam numa rua margeada por palmeiras, numa espécie de mansão estilo Tudor com um telhado pontiagudo e com estruturas de madeira salientes, marrons.

As janelas com painéis estavam todas iluminadas, como se estivesse acontecendo uma festa de noite de sábado. Mas o único som que ouvi antes de bater foi o suspirar e o arranhar do vento pelas copas secas das palmeiras.

Uma mulher loura, vestida de preto, abriu a porta esculpida com entalhes. Seu corpo era tão esguio contra a luz, que por um instante pensei que ela fosse a garota. Então, ela inclinou a cabeça para me olhar e vi que o tempo tinha tocado levemente o rosto e começado a repuxar-lhe a garganta.

Ela semicerrou os olhos e olhou para a escuridão atrás de mim.

- O senhor é o Sr. Archer?

- Sou. Posso entrar?

- Por favor. Meu marido está em casa agora, mas está descansando.

A fala era cuidadosamente correta, como se ela tivesse tido aulas de dicção. Desconfiei que a sua fala natural era muito mais áspera e livre.

Ela me conduziu para uma sala de visitas formal, com um faiscante candelabro de cristal que me irritou a vista e uma lareira de mármore apagada. Nós nos sentamos em poltronas colocadas uma em frente à

outra, para facilitar a conversa. O

corpo dela adotou uma bela pose imóvel, mas o atormentado rosto louro parecia enfadado com a conversa, ou ressentido, como um anjo vivendo com um animal.

- Susan estava bem quando o senhor a viu?

- Susan não estava ferida, se é a isso que a senhora se refere.

- Onde está ela agora?

- Não sei.

- O senhor falou em problemas sérios. - A voz dela era macia e baixa, como se estivesse tentando minimizar o problema. -Por favor, diga-me o que quer dizer com isso, e lhe peço que seja franco. Esta já é a terceira noite que passo sentada ao lado do telefone.

- Sei como é isso.

Ela se inclinou na minha direção. Os seios afastaram-se de seu corpo.

- O senhor tem filhos?

- Não, mas meus clientes têm. Susan está com um desses filhos com ela, no momento... um menino chamado Ronald Broadhurst. A senhora já ouviu falar nele?

Ela hesitou por um instante, refletindo, e depois sacudiu a cabeça.

- Lamento, mas não ouvi.

- O pai do Ronald foi assassinado hoje de manhã. Stanley Broadhurst.

Ela não reagiu ao nome. Enquanto ouvia, cativada como uma criança ao ouvir um conto de fadas, fiz um relato dos acontecimentos do dia. As mãos dela subiram do colo, como pequenas criaturas independentes com pés vermelhos, e agarraram-se aos seios. Ela disse:

- Susan não podia ter feito o que foi feito com o Sr.

Broadhurst. Ela é uma garota delicada. E adora crianças. Eevidente que não iria fazer mal ao garotinho.

- Por que ela iria agarrá-lo?

A palavra causou um choque na mulher. Ela olhou para mim com grande ojeriza, como se eu tivesse ameaçado o sonho em que estava vivendo. As mãos caíram dos seios.

- Deve haver alguma explicação.

- A senhora sabe por que ela saiu de casa?

- Eu... Lester e eu não conseguimos entender. Tudo estava correndo às mil maravilhas. Ela tinha sido aceita na Universidade da Califórnia em Los Angeles e estava num bom programa de verão... aulas de tênis e de mergulho e conversação francesa. E então, na manhã de quinta-feira, quando tínhamos saído para fazer compras, ela foi embora sem nenhum

aviso. Sequer se despediu de nós.

- A senhora comunicou o fato à polícia?

- O Lester comunicou. Disseram a ele que não podiam prometer muita coisa... há dúzias de jovens desaparecidos todas as semanas. Mas nunca pensei que minha filha seria um deles. A Susan estava tendo uma vida muito boa, de verdade. Nós temos dado a ela todas as vantagens.

Eu a fiz voltar para a dura realidade:

- Houve algumas mudanças radicais em Susan, ultimamente?

- O que quer dizer com isso?

- Qualquer grande mudança nos hábitos dela. Como dormir muito mais... ou muito menos. Ficando agitada e permanecendo nesse estado, ou ficando apática e deixar a aparência tornar-se horrível.

- Nada disso. Ela não está usando drogas, se é nisso que está pensando.

- Mas pense nisso. Quinta-feira à noite, em Santa Teresa, ela teve o que parece ter sido uma viagem atribulada e pulou no oceano.

- Jerry Kilpatrick estava com ela?

- Estava. A senhora o conhece, Sra. Crandall?

- Ele tem vindo aqui em casa. Nós o conhecemos em Newport. Ele me parecia um bom rapaz.

- Quando foi que ele esteve aqui?

- Há alguns meses. Ele e meu marido discutiram, e depois disso ele nunca mais voltou. - Ela parecia decepcionada.

- Qual foi o motivo da discussão?

- O senhor vai ter de perguntar ao Lester. Eles simplesmente não foram um com o outro.

- Posso falar com o seu marido?

- Ele está deitado. Ele tem tido uns dias difíceis.

- Desculpe, mas talvez seja melhor a senhora despertá-lo.

- Acho que devo fazer isso. Sabe, o Lester já não é criança.

Ela não se mexeu. Era uma daquelas louras sonhadoras que não podiam suportar enfrentar uma mudança na vida. Uma daquelas mães que esperam e que ficavam a vida toda sentadas ao lado do telefone, mas que não sabiam o que dizer quando ele finalmente tocasse.

- Sua filha está no mar com um adolescente que abandonou a faculdade, e sob suspeita de raptar uma criança e de assassinato. E a senhora não quer incomodar o pai dela.

Eu me levantei e abri a porta da sala de estar:

- Se a senhora não for chamar seu marido, acho que é melhor eu ir.

- Eu vou, já que o senhor insiste.

Quando ela passou por mim na porta, senti a pequena presença fria que vivia como uma criança que não tinha crescido no seu belo corpo. A mesma presença fria refletiase no aposento. O candelabro, apesar de todo o seu esplendor, parecia um aglomerado de lágrimas congeladas. O

mármore branco no consolo da lareira era sepulcral. As flores nos vasos eram de plástico, inodoras, emitindo uma sensação vaga de vida artificial.

Lester Crandall entrou na sala como se o visitante fosse ele, e não eu. Era um homem baixo, corpulento, com cabelos de um cinza-escuro e suíças que pareciam pinçar o rosto ligeiramente amarfanhado e destacá-lo para ser inspecionado. O sorriso era o de um homem que queria ser apreciado.

Seu aperto de mão era firme, e percebi que as mãos eram grandes e muito malformadas. Elas exibiam as velhas marcas de trabalho pesado: nós dos dedos inchados, pele grossa.

Imaginei que tivesse passado a vida trabalhando para subir ao topo de um pequeno mono que a filha tinha abandonado num único salto.

Ele usava um roupão de banho de seda vermelha, estampado, por cima de uma camiseta e das calças, e seu rosto estava fortemente rosado, os cabelos molhados devido ao chuveiro. Eu disse que lamentava incomodá-lo.

Ele fez um gesto para indicar que não fazia mal.

- Pode acreditar, eu teria prazer em acordar a qualquer hora da noite. Pelo que sei, o senhor tem notícias da minha filhinha, não?

Contei-lhe em poucas palavras o que eu sabia. Sob a pressão de minhas palavras, o rosto dele parecia ter sido forçado contra os ossos. Mas ele se recusava a admitir o medo que fazia seus olhos umedecerem.

- Deve haver uma razão para o que ela está fazendo. Susan é uma garota sensata. Não acredito que ela esteja usando drogas.

- O que o senhor acredita não vai mudar os fatos - disse eu.

- Mas o senhor não a conhece. Passei a maior parte da noite vagando de um lado para o outro no Sunset Strip. Isso me fez entender bem o que está acontecendo com a juventude de hoje. Mas a Susan não é nada disso. Ela é muito organizada o tempo todo.

Ele sentou-se pesadamente em uma das poltronas, como se o pequeno discurso, somado à longa noite, o tivesse deixado exausto. Eu me sentei na outra.

- Não vamos discutir - disse eu. - Uma boa pista vale mais do que todas as teorias do mundo.

- O senhor está coberto de razões.

- Posso ver o caderninho de endereços de Susan? Pelo que fui informado, está com o senhor.

Ele ergueu os olhos para a mulher, que pairava perto dele.

- Quer fazer o favor de pegá-lo para mim, mamãe? Ele está na mesa da biblioteca.

Depois que ela se retirou da sala, eu disse a Crandall:

- Quando algo assim acontece numa família, quase sempre há algum aviso prévio. Susan teve qualquer tipo de problema ultimamente?

- Nenhum. Nunca teve, se quer saber a verdade.

- Nada de bebida?

- Ela nem mesmo gosta de beber. De vez em quando, eu a deixo provar um pouco do que estou bebendo, mas ela sempre faz uma careta.

Ele próprio fez uma careta. Ela ficou marcada na pele dele, como uma expressão consternada. Fiquei imaginando do que ele estava se lembrando ou tentando esquecer-se.

- Como é que ela se diverte?

- Nós somos uma família muito unida - disse ele. - Nós três passamos muito tempo juntos. Sou dono de alguns motéis ao longo da costa, e nós três fazemos muitas viagens curtas, combinando negócios e prazer. E, claro, a Susan tem o seu programa de atividades... aulas de tênis e de mergulho e conversação em francês.

Ele parecia um homem com os olhos fechados tentando pôr as mãos numa menina que não estava ali. Comecei a achar que tinha uma vaga idéia do problema - uma irrealidade tão amena e sufocante, que os filhos se libertavam bruscamente e se empalavam nos espigões de qualquer realidade que aparecesse. Ou faziam uma irrealidade própria, com drogas.

- Ela passa muito tempo no Strip?

- Não, senhor, ela nunca vai lá... não que eu saiba.

- Por que o senhor foi?

- Um policial me fez a sugestão. Ele disse que lá é um porto de moças desaparecidas e ele achava que eu poderia encontrá-la por lá.

- Com que tipo de rapazes ela anda?

- Ela não se envolve muito com rapazes. Ela tem ido a algumas festas supervisionadas, é claro, e há anos que a mandamos a uma escola de

dança... dança de salão e também balé. Mas quanto a rapazes, francamente, tenho desestimulado isso, considerando-se o estado do mundo moderno. A maior parte dos amigos e conhecidos dela é formada por garotas.

- E sobre o Jerry Kilpatrick? Pelo que fui informado, ele visitava sua filha.

Crandall enrubesceu.

- E. Ele esteve aqui em junho. Ele e Sue pareciam ter muito o que conversar, mas se calavam quando eu entrava na sala.

Eu não gostava disso.

- O senhor não teve uma discussão com ele?

Ele me lançou um rápido olhar com os olhos semicerrados.

- Quem lhe disse isso?

- Sua senhora.

- As mulheres sempre falam demais - disse ele. - Sim.





## 12

Tivemos uma discussão. Tentei fazer com que o rapaz entrasse na linha quanto à sua filosofia de vida. Perguntei, com delicadeza, o que ele planejava fazer na vida, e ele disse que tudo o que queria era ir levando. Não achei que isso fosse uma resposta satisfatória e perguntei a ele o que seria do país se todo mundo adotasse tal atitude. Ele disse que o que tinha de ser do país já havia acontecido. Não sei o que quis dizer com isso, mas não gostei do tom de voz dele. Eu disse a ele que se aquela era a sua filosofia de vida, ele podia retirar-se de minha casa e não se preocupar em voltar. O que foi mandar às favas um porcaria.

O rosto de Crandall estava com um tom vermelho de crepúsculo. Uma veia do lado da testa pulsava forte. Minha cabeça ferida pulsava num ato de solidariedade.

- A Sra. Crandall pensou na época que eu havia cometido um erro - disse ele. - O senhor sabe como são as mulheres.

Se uma jovem não estiver casada ou pelo menos noiva aos dezoito anos, acham que ela vai ficar para titia.

Crandall ergueu a cabeça como se tivesse captado um sinal que para mim foi inaudível.

- O que será que a Mamãe está fazendo na biblioteca?

Ele se levantou, abriu a porta da sala e o segui pelo corredor.

O corpo dele se deslocava pesada e tristemente, como se tivesse o peso aumentado por um tipo de desespero que ainda não lhe havia chegado à consciência.

O som de uma mulher chorando chegou através da porta da biblioteca. A Sra. Crandall estava em pé, soluçando, encostada a uma parede de prateleiras vazias. Crandall foi até ela e tentou acalmar as costas trêmulas com as mãos.

- Não chore, Mamãe. Nós vamos ter ela de volta.

- Não. - Ela balançou a cabeça. - A Susan jamais voltará para casa. Na verdade, não tínhamos o direito de trazê-la para cá.

- O que quer dizer com isso?

- Não nos encaixamos neste bairro. Todo mundo sabe disso, menos você.

- Não é verdade, Mamãe. Tenho um patrimônio líquido maior do que qualquer outra pessoa neste quarteirão. Eu poderia comprar ou vender a maior parte.

- Do que serve um patrimônio líquido? Nós estamos igual a peixe fora d'água. Não tenho amigos nesta rua... e a Susan também não.

Suas mãos enormes agarraram os ombros dela, que foi obrigada a voltar-se e ficar de frente para ele.

- Está imaginando coisas, Mamãe. Sempre recebo um sorriso e um cumprimento amável com a cabeça quando passo de carro. Eles sabem quem sou. Sabem que tenho as qualidades necessárias.

- Talvez tenha. Isso não ajuda a Susan... ou a mim.

- Ajuda você a fazer o quê?

- Simplesmente viver - disse ela. - Venho tentando fingir que está tudo bem. Mas sabemos que não está.

- Vai ficar. Garanto. Tudo vai ficar às mil maravilhas de novo.

- Nunca foi assim.

- Isso é um absurdo, e você sabe disso.

Ela balançou a cabeça. Estendeu o braço e parou seu movimento de negação com as mãos, como se se tratasse apenas de um acidente físico. Empurrou os cabelos da testa dela, que parecia clara e tranqüila em contraste com as faces riscadas pelas lágrimas.

Ela apoiou-se nele, deixando que ele a segurasse e a mantivesse em pé. O rosto dela, no ombro dele, estava inerte, sem perceber minha presença, como o de uma mulher que tinha se afogado em sua própria vida.

Caminhando numa espécie de passo de marcha em fileira cerrada, saíram para o saguão e me deixaram sozinho na sala.

Percebi um pequeno caderno com capa de couro vermelho, aberto sobre uma mesa de canto, e sentei-me para olhar para ele. A palavra "Endereços" estava gravada em ouro na capa, e na guarda do caderno a jovem tinha escrito seu nome, numa letra informe: "Susan Crandall."

Havia o nome de três outras garotas no caderno, e o nome de um rapaz, Jerry Kilpatrick. Percebi o motivo pelo qual a mãe de Susan estava chorando. A família tinha sido um trio solitário, vivendo como atores num cenário de Hollywood, e agora só havia dois deles para sustentar o sonho.

A Sra. Crandall entrou na sala e me assustou, fazendo com que eu

interrompesse meus pensamentos. Ela havia penteado os cabelos e lavado o rosto, maquiando-o com rapidez e perícia.

- Desculpe, Sr. Archer, eu não tinha intenção de desabafar.

- Ninguém tem. Mas às vezes é uma boa idéia.

- Para mim, não. E nem para o Lester. O senhor não faz idéia disso ao olhar para ele, mas é um homem emotivo e adora a Susan.

Ela se aproximou da mesa. A dor ainda se agarrava ao seu corpo como um perfume. Ela era uma dessas mulheres cuja qualidade feminina persistia durante qualquer tipo de período emocional.

- O senhor feriu a cabeça - disse ela.

- Foi o Jerry Kilpatrick.

- Admito ter cometido um erro a respeito dele.

- Eu também, Sra. Crandall. O que vai fazer com relação a Susan?

- Não sei o que fazer. - Ela estava de pé ao meu lado, suspirando, folheando as páginas vazias do cademinho de endereços. -Falei com as meninas que ela conhece, inclusive as que estão neste cademinho. Nenhuma delas era realmente uma amiga. Tudo o que elas faziam juntas era ir à escola ou jogar tênis.

- Isso não era grande coisa como vida para uma moça de dezoito anos.

- Sei disso. Eu tentava arranjar coisas para ela, mas nada funcionava. Ela tinha medo.

- Medo de quê?

- Não sei, mas é verdade. O tempo todo, eu temia que ela se soltasse por aí. Agora, ela se soltou.

Pedi à Sra. Crandall que me mostrasse o quarto da garota, se ela não se importasse.

- Não me importo. Mas não fale nisso com o Lester. Ele não iria gostar.

Ela me levou para um quarto grande, com uma porta de vidro, de correr, que abria para um pátio. Apesar do tamanho, o quarto parecia lotado. Os móveis de quarto, marfim com filamentos de ouro, tinham como combinação um conjunto estéreo e um televisor e uma escrivaninha de moça, com um telefone branco. O local sugeria a existência de uma prisioneira mimada que deveria passar a vida num só

aposento.

As paredes estavam cheias de cartazes psicodélicos produzidos em massa e fotos de jovens grupos vocais masculinos que apenas pareciam realçar o silêncio. Não havia fotos ou qualquer outro sinal de alguma

pessoa de verdade que a garota pudesse ter conhecido.

- Como pode ver - disse a mãe dela -, dávamos tudo a ela.

Mas não era isso que ela queria.

Ela abriu o guarda-roupa à minha inspeção. Ele estava entulhado de casacos e vestidos como um pequeno exército de garotas esmagadas para serem armazenadas e cheirando a sachê. A cômoda estava cheia de suéteres e outras peças de roupa, como peles jogadas fora ou sem uso. A gaveta da penteadeira estava lotada de cosméticos.

Havia um catálogo de telefones aberto sobre a escrivaninha.

Sentei-me na cadeira acolchoada em frente a ela e liguei a lâmpada fluorescente da luminária. O catálogo estava aberto na seção de motéis das Páginas Amarelas, e na base da página da direita havia um pequeno anúncio do Star Motel.

Não achei que aquilo pudesse ser uma coincidência e chamei a atenção da Sra. Crandall para isso. O nome não significava nada para ela. O mesmo aconteceu com a descrição que fiz de Al.

Pedi a ela que me desse uma foto recente de Susan. Ela me levou para outro quarto, que chamava de quarto de costura, e apanhou um retrato pequeno de formatura do ginásio. A

moça loura, de olhos claros, que estava na foto parecia que nunca iria perder a pureza ou a juventude ou mesmo envelhecer ou morrer.

- Era assim que eu era - disse a mãe dela.

- Ainda há uma forte semelhança.

- O senhor devia ter me visto quando eu estava no ginásio.

Ela não estava exatamente se gabando. Mas uma leve simplicidade se afirmava por trás dos modos cuidadosos dela.

Eu disse:

- Quem dera que eu tivesse visto. Onde foi que a senhora cursou o ginásio?

- Em Santa Teresa.

- Foi por isso que Susan foi para lá?

- Duvido.

- A senhora tem parentes em Santa Teresa?

- Já não tenho mais. - Ela mudou de assunto. - Se receber qualquer notícia da Susan, o senhor nos avisa logo?

Prometi avisar, e ela me entregou o retrato como que para selar o trato. Coloquei a foto no bolso, junto ao livro com capa verde, e retirei-me da casa. As sombras das palmeiras eram como marcas de um líquido escuro salpicado no pavimento e na capota do meu carro.

O Star Motel ficava com a parte traseira sobre estacadas num ponto apertado e estreito entre a auto-estrada e o mar. As luzes do posto de gasolina aberto a noite toda e que ficava ao lado brilhavam nas suas paredes amarelas de estuque e sobre o desgastado cartaz que anunciava "Vagas" e estava pendurado na porta da recepção.

Entrei e bati com a mão na campainha em cima do balcão.

Um homem veio caminhando lenta e pesadamente do quarto dos fundos e olhou para mim através do seu rosto enrugado e sonolento.

- Solteiro, ou casal?

Eu disse a ele que estava à procura de um homem e comecei a fazer uma descrição do Al. Ele me interrompeu com um sacudir da desgrenhada cabeça. Uma raiva que flutuava como uma poluição próxima à superfície da vida dele subiulhe à garganta e quase o sufocou.

- O senhor não tem o direito de me acordar para isso. Isto aqui é um estabelecimento comercial.

Coloquei duas notas de um dólar sobre o balcão. Ele engoliu a raiva e apanhou o dinheiro.

- Muito obrigado. Seu amigo e a mulher dele estão no quarto sete.

Mostrei a ele o retrato de Susan.

- Ela esteve aqui?

- Talvez.

- Você a viu, ou não?

- Qual é a acusação?

- Não há acusação. Ela é apenas uma garota livre.

- O senhor é o pai dela?

- Apenas um amigo - disse eu. - Ela esteve aqui?

- Acho que esteve, há poucos dias. Depois disso, não tornei a vê-la. Seja como for - disse ele com um sorriso irônico -, o senhor já recebeu os seus dois dólares de informações.

Eu o deixei e segui pela galeria com parapeito de metal. Uma maré alta batia desanimadamente nas estacadas. O reflexo do letreiro de néon do posto de gasolina flutuava na água como um lixo iridescente.

Bati à porta e fiz com que o seu "7" de latão retinisse. A

estreita faixa de luz que cercava a porta alargou-se quando ela se abriu. A mulher por trás dela tentou fechá-la de novo ao ver meu rosto, mas coloquei o braço e um ombro na abertura e esgueirei-me para I dentro.

- Vá embora - disse ela.

- Só quero lhe fazer algumas perguntas.

- Desculpe. Perdi a memória. - Ela parecia estar se referindo ao sentido literal da coisa. - Há dias em que não me lembro do meu nome.

A voz dela era monótona. O rosto não tinha expressão, embora estivesse marcado pelos traços de expressões passadas em torno dos olhos e nos cantos da boca. Ela parecia jovem e velha. O corpo estava abafado num robe rosa quadriculado, e eu não saberia dizer se era uma mulher de meia-idade bem conservada ou uma jovem desgastada. Os olhos eram da cor da escuridão que havia nos cantos do quarto.

- Qual é o seu nome?

- Elegante.

- É um nome surpreendente.

- Obrigada. Eu o escolhi um dia em que me sentia assim. Já faz bastante tempo que não me sinto assim.

Ela correu os olhos pelo quarto como que para culpar o seu meio ambiente por aquilo. As roupas de cama estavam emboladas e se arrastando no chão. Garrafas vazias estavam sobre a penteadeira, em meio a pedaços de velhos hambúrgueres com marcas de dentes. Nas cadeiras estavam penduradas as roupas que ela havia tirado.

- Onde está o Al? - perguntei.

- Ele já devia ter voltado, mas não voltou.

- Qual é o sobrenome dele?

- Ele diz chamar-se Al Nesters.

- E de onde ele é?

- Não devo dizer isso a ninguém.

- Por que não?

Ela fez um vago gesto impaciente.

- Você faz muita pergunta chata. Quem pensa que é?

Não tentei responder.

- Há quanto tempo o Al saiu?

- Há muito tempo. Não sei exatamente. Não fico controlando o tempo.

- Ele estava usando a peruca de cabelos compridos, o bigode e a barba?

Ela me dirigiu um olhar de perplexidade.

- Ele não usa nada dessas coisas.

- Ao que você saiba.

Ela mostrou um lampejo de interesse, até mesmo um pouco de raiva.

- O que é isso? Está querendo me dizer que ele está me traindo?

- Pode ser que esteja. Quando o vi hoje à noite, ele estava usando

uma peruca preta e uma barba para combinar.

- Onde foi que você o viu?

- Em Northridge.

- É o homem que prometeu dinheiro a ele?

- Eu represento aquele homem.

De certa maneira, era verdade - eu estava trabalhando para a mulher de Stanley Broadhurst. Mas a afirmativa me fez sentir como se eu estivesse mediando entre dois fantasmas.

Outro lampejo de interesse apareceu nos olhos dela.

- Você está com os mil para ele?

- Não tanto dinheiro assim.

- Podia deixar comigo o que você tem.

- Acho que não.

- De qualquer maneira, o suficiente para um papelote.

- Quanto custa isso?

- Vinte dólares dariam para me municiar por hoje à noite e amanhã o dia todo.

- Vou pensar nisso. Não estou certo de que o Al tenha cumprido a sua parte no trato.

- Você sabe que cumpriu, se está com o dinheiro. Ele tem ficado por aqui há dias, esperando ser pago. Quanto tempo mais você espera que ele vai aguardar?

A resposta era "para sempre", mas não a dei.

- Não tenho certeza de que o que ele fez valesse mil.

- Não me venha com essa. Foi esse o valor mencionado. Os olhos vagos dela semicerraram-se. - Tem certeza de que está representando o homem do dinheiro? Qual é o nome dele... Broadman?

- Broadhurst. Stanley Broadhurst.

Ela se acalmou na beira da cama. Antes que voltasse a ficar desconfiada, eu lhe mostrei a foto de Susan que a Sra.

Crandall havia me dado. Ela olhou para a foto com uma espécie de olhar respeitoso e devolveu-a para mim.

- Houve época em que fui bonita assim - disse ela.

- Tenho certeza de que foi, Elegante.

O som de seu nome a agradou, e ela sorriu.

- Não há tanto tempo quanto pode estar pensando.

- Eu acredito. Conhece essa garota?

- Já a vi uma ou duas vezes.

- Há pouco tempo?

- Acho que sim. Não controlo bem o tempo, tenho coisa demais na cabeça. Felizmente, não sou do tipo ciumento, e esta é uma boa qualidade que tenho.

- O Al deu em cima dela?

- Talvez tenha dado. Eu não diria que ele não seria capaz disso. Mas o principal era que ele estava tentando fazer com que ela falasse. Ele me fez misturar um pouco de droga numa Coca-Cola. Isso seria para fazer com que ela soltasse a língua.

- Sobre o que ela falou?

- Não sei. Ele a levou embora para algum lugar, e essa foi a última vez em que a vi. Mas acho que tinha relação com o caso Broadman. Broadhurst? A semana inteira, era isso que o Al tinha na cabeça.

- Em que dia ela esteve aqui? Quinta-feira?

- Assim de imediato, não me lembro. Vou tentar calcular.

Os lábios dela se mexeram fazendo cálculos, como se entre aquele dia e o dia em que nos encontrávamos ela tivesse atravessado alguma linha internacional de data.





## 13

- Foi no sábado que saímos de Sacramento, disso eu tenho certeza. Ele me levou a São Francisco para responder ao anúncio, e passamos a noite de domingo lá e viemos para cá na segunda. Ou foi na terça? Em que dia nós estamos, mesmo?

- Noite de sábado. Madrugada de domingo.

Ela contou nos dedos, os dias e as noites atravessando seus olhos como sombras.

- Acho que ele fez o contato dele na quarta-feira - disse ela.

- Ele voltou aqui e disse que poderíamos atravessar a fronteira no máximo até sábado.

Ela olhou para mim numa súbita alienação.

- Cadê o dinheiro? O que aconteceu com o dinheiro?

- Ele ainda não foi pago.

- Quando vamos receber?

- Não sei. Nem mesmo sei o que o Al devia fazer para ganhá-lo.

- É muito simples - disse ela. - Havia esse sujeito e essa garota, e o Al deveria localizá-los. Você sabe disso, se estiver trabalhando para o Broadhurst.

- O Broadhurst não confia em mim.

- Mas você viu o anúncio no Chronicle, não viu?

- Ainda não. Você tem um exemplar?

Eu estava indo muito depressa para ela, e a fisionomia dela se trancou.

- Talvez tenha, e talvez não tenha. O que é que eu levo nisso?

- Prometo que você vai levar alguma coisa. Mas se o anúncio saiu no Chronicle de São Francisco, um milhão de pessoas devem tê-lo visto. Você bem que poderia me mostrar.

Ela estudou a proposta. Depois, tirou uma mala usada de baixo da cama, abriu-a e entregou-me um recorte que tinha sido dobrado e redobrado. Era um anúncio de duas colunas, com cerca de quinze centímetros de altura, reproduzindo os retratos que eu havia encontrado na escrivaninha com tampo corrediço de Stanley

Broadhurst. O texto que os acompanhava tinha sido alterado em parte:

Você pode identificar esse casal? Sob o nome de Sr. e Sra.

Ralph Smith, ele chegou a São Francisco de carro no dia 5

de julho de 1955 ou por volta dessa data. Acredita-se que os dois compraram uma passagem para Vancouver e Honolulu a bordo do Swansea Castle, que partiu de São Francisco no dia 6 de julho de 1955. Mas eles ainda podem estar na área da baía de São Francisco. Uma recompensa de mil dólares será paga por informações que levem ao paradeiro deles no momento.

Voltei-me para a mulher que se chamava Elegante.

- Onde é que eles estão?

- Sei lá. - Ela deu de ombros, e o movimento desarrumou o robe. Ela o ajustou ao corpo.

- Acho que vi a mulher.

- Quando?

- Estou tentando me lembrar.

- Como é o nome dela?

- O Al não me disse. Na verdade, não me disse coisa nenhuma. Mas paramos na casa dela ao virmos para cá, e eu vi a cara dela quando apareceu à porta. Agora está mais velha, mas tenho certeza de que se trata da mesma mulher. Ela pensou mais no caso. - Mas talvez não. Parece que o Al recebeu aquele recorte dela.

- Refere-se ao anúncio?

- Isso mesmo. Não faz sentido, faz? Talvez ele estivesse me gozando, ou eu não esteja me lembrando ao certo.

- Pode me dizer onde fica a casa dela?

- Isso vale dinheiro.

- Quanto você quer?

- No anúncio fala em mil. Se eu aceitasse menos o Al iria me matar.

- O Al não vai voltar para cá.

Ela me olhou nos olhos e manteve o olhar fixo.

- Está me dizendo que ele morreu?

- Estou.

Ela encolheu-se na beira na cama, como se a notícia da morte de Al a tivesse deixado gelada.

- Eu nunca achei que a gente chegaria ao México.

Ela me lançou um olhar frio penetrante, como uma cobra inofensiva.

- Você o matou?

- Não.

- Os tiras?

- O que a faz dizer isso?

- Ele estava fugindo. - Ela correu os olhos pelo quarto. Preciso dar o fora daqui. - Mas não se mexeu.

- De onde é que ele estava fugindo?

- Ele fugiu da prisão. Comentou isso uma vez, quando estava alto. Eu o devia ter largado quando tive a chance.

Ela se pôs de pé e fez um gesto desvairado.

- O que aconteceu com o meu Volkswagen?

- É provável que a esta altura os tiras estejam com ele.

- Eu tenho que dar o fora daqui. Leve-me daqui.

- Não. Você pode pegar um ônibus.

Ela me chamou de várias coisas, o que não me incomodou.

Mas quando me desloquei em direção à porta, ela me seguiu.

- Quanto é que você vai me dar?

- Nada parecido com mil dólares.

- Cem? Isso daria para eu voltar para Sacramento.

- Você é de Sacramento?

- Meus pais moram lá. Mas eles não querem me ver.

- E o Al?

- Ele não tem pais. Ele saiu de um orfanato.

- Onde?

- Numa cidade ao norte daqui. Paramos lá quando viemos para cá. Ele chamou a minha atenção para o orfanato.

- Vocês pararam no orfanato?

- Você está todo confuso — disse ela, condescendente. - Ele me mostrou o orfanato quando passamos por ele na estrada... nós não paramos lá. Nós só paramos na cidade, para apanhar algum dinheiro para pagar gasolina e comida.

- Que cidade?

- Um desses lugares com Santa no nome. Santa Teresa, acho que foi isso.

- E como foi que conseguiram dinheiro para a gasolina?

- O Al conseguiu com uma velhinha. Ela deu a ele vinte dólares. O Al faz muito sucesso com as velhinhas.

- Pode descrevê-la?

- Não sei. Ela era apenas uma velhinha numa casinha velha, numa ruazinha velha. Era uma rua bonitinha, com flores vermelhas nas árvores.

- Jacarandás?

Ele confirmou com a cabeça.

- Jacarandás em flor, é isso aí.

- O nome dela era Sra. Snow?

- Creio que o nome era esse.

- E a mulher no anúncio? Onde é que ela mora?

Uma expressão de esperteza estúpida tomou conta do rosto dela.

- Isso vale dinheiro. E assim que se fala.

- Eu lhe dou cinqüenta.

- Deixe-me ver.

Xirei minha carteira e dei a ela a nota de cinqüenta dólares que Fran Armistead tinha me dado de gorjeta. De certa maneira, fiquei contente por me livrar da nota, embora ali eu estivesse de novo consciente de estar comprando e sendo vendido ao mesmo tempo, como se tivesse dado uma entrada para pagar o quarto e sua ocupante.

Ela beijou o dinheiro.

- Vou poder usar esse dinheiro. Ele é a minha passagem para fora daqui.

Mas ela correu os olhos pelo quarto como se ele fosse um pesadelo periódico.

- Você ia me dizer onde mora a mulher.

- Ia? - Ela estava ganhando tempo, e não estava se sentindo bem com aquilo. Ela obrigou a si mesma a dizer: - Ela mora naquela casa grande, na floresta.

- Você está inventando.

- Não estou.

- De que floresta está falando?

- Fica em algum ponto da península. Não prestei bem atenção no caminho. Estava mergulhada numa viagem de Einstein.

- Viagem de Einstein?

- Quando você vai fundo lá fora, depois da última estrela, e o espaço gira à sua volta.

- Em que ponto da península?

Ela balançou a cabeça, tal como se sacode um relógio que parou de funcionar.

- Eu não me lembro. Há todas aquelas cidadezinhas ligadas uma nas outras. Eu não me lembro de qual delas.

- Como era a casa?

- Era muito velha, de dois andares... de três andares. E tinha duas

torrinhas redondas, uma de cada lado. - Ela ergueu os polegares.

- De que cor?

- Uma espécie de cinza, acho. Vista por entre as árvores, parecia um verde-acinzentado.

- Que tipo de árvores?

- Carvalhos - disse ela - e alguns pinheiros. A maior parte, porém, carvalhos.

Esperei uns instantes.

- De que mais se lembra quanto ao local?

- E só isso. Sabe, na verdade não estava lá. Eu estava rodeando Arcturo, olhando para baixo. Ah, sim, havia um cachorro correndo de um lado para o outro sob as árvores. Um cão dinamarquês. Ele tinha uma voz bonita. - Ela latiu, imitando-o.

- Ele pertencia à casa?

- Não sei. Creio que não. Eu me lembro de ter pensado que ele parecia perdido. Isso vai ajudar?

- Não sei. Que dia foi isso?

- Domingo, acho. Eu disse que foi no domingo, não disse? O

dia em que saímos de Sacramento?

- Você não me deu grande coisa pelos meus cinqüenta. Ela ficou perplexa e receou que eu os tomasse de volta.

- Você podia fazer amor comigo, se quiser.

Sem esperar pela resposta, ela se pôs de pé e deixou o robe rosa cair ao chão. O corpo era jovem, seios firmes, cintura fina, quase magra demais. Mas havia escoriações nos braços e nas coxas, como divisas por tempo de um serviço duro. Ela era uma garota desgastada.

Ela ergueu os olhos para o meu rosto. Não sei o que viu nele, mas disse:

- O Al me batia bastante. Ele estava muito louco depois de todo aquele tempo na prisão. Acho que você não me quer, quer?

- Obrigado, mas tive um dia muito cansativo.

- E não quer me levar com você?

- Não.

Dei a ela o meu cartão de visitas e pedi que me telefonasse, caso lembrasse de mais alguma coisa.

- Duvido que eu vá me lembrar. Tenho uma cabeça que parece uma peneira.

- Ou se precisar de ajuda.

- Sempre preciso de ajuda. Mas você não vai querer ter notícias

minhas.

- Acho que posso agüentar.

Apoiando as mãos nos meus ombros, ela se pôs nas pontas do pés e tocou de leve meus lábios com a sua boca tristonha.

Saí de lá e dobrei o anúncio de Stanley Broadhurst, colocando-o no Jivro de capa verde, e tranquei os dois na mala do carro. Depois, segui para casa, para West Los Angeles.

Antes de ir para a cama, acionei meu serviço de recados.

Arnie Shipstad tinha deixado um recado para mim. O

homem cujo corpo eu tinha encontrado na casa de Stanley Broadhurst era um fugitivo recente de Folsom chamado Albert Sweetner, com uma ficha de cerca de doze prisões. A

primeira delas tinha acontecido em Santa Teresa, Califórnia.

Era tarde da noite, quase na metade do amanhecer. Derrubei a mim mesmo com uma forte dose de uísque e fui para a cama.

No sonho que assumiu minha mente adormecida, eu devia chegar a um lugar qualquer dentro de muito pouco tempo.

Mas quando me aproximei do meu carro, ele não tinha rodas, nem mesmo um volante. Sentei-me nele como uma lesma numa concha e fiquei vendo o mundo noturno passar.

A luz que entrava pela persiana da janela mudou de cinza para um tom não de todo branco e me acordou. Fiquei deitado e prestei atenção ao barulho do tráfego de manhã

cedo. Alguns pássaros pipilavam. Em pleno nascer do sol, os gaios começaram a grasnar e a mergulhar em ataques à minha janela.

Eu tinha me esquecido dos gaios. O súbito lembrete estridente deles me deixou gelado debaixo do lençol. Atireio para longe, levantei-me e me vesti.

Havia uma última lata de amendoins no armário da cozinha.

Espalhei os amendoins do lado de fora da janela e fiquei vendo os gaios chegarem voando no pátio. Era como observar uma faiscante explosão azul ao inverso que voltava a armar o mundo matutino.

Mas faltava a peça principal. Fiz a barba, saí para tomar café e segui em frente.

Quilômetros abaixo de Santa Teresa, mais cedo do que eu esperava, o fogo surgiu acima da auto-estrada. Ele tinha queimado em direção sul e leste ao longo das montanhas, que estavam pretas e com as beiras em chamas. Mas a massa de ar que tinha vindo do mar na noite anterior parecia estar impedindo o avanço dele da planície costeira e da cidade.





## 14

O vento ainda estava vindo do mar. No ponto em que a estrada fazia uma volta perto do mar, eu via a espuma branca subindo da praia e ouvia as ondas estourando.

Parei na casa de praia dos Armisteads. A maré estava alta, e a água da arrebentação escorria praia acima e molhava as estacadas sobre as quais a casa se erguia. Bati na entrada do segundo andar, nos fundos.

Fran Armistead veio até a porta usando um pijama de homem. O rosto estava inchado de sono. Os cabelos estavam em pé como penas eriçadas.

- Eu conheço o senhor? - disse ela, sem demonstrar desagrado.

- Archer - ajudei. - Eu trouxe seu carro de volta. Nós fomos companheiros ao nos refugiarmos do fogo.

- Claro! E bem divertido ser um refugiado, não é?

- Talvez da primeira vez. Seu marido está em casa?

- Sinto muito, mas não está. Ele saiu muito cedo.

- Sabe para onde?

- E provável que esteja na marina. O Roger está terrivelmente preocupado com o barco dele. Quando o Sr.

Kilpatrick telefonou para ele hoje de manhã, nem sequer sabia que o barco tinha desaparecido.

- Pelo que vejo, ainda não se tem notícia dele.

- Ainda não se tinha quando ele saiu daqui. Roger está terrivelmente irritado com o filho dos Kilpatricks. Não sei o que vai fazer com ele quando o agarrar.

- Roger e Jerry Kilpatrick eram muito íntimos?

Ela me lançou um olhar severo.

- Não da maneira como está insinuando. O Roger é terrivelmente másculo.

Ela teve um tremor e apertou os braços à sua volta. Segui de carro até a marina e parei no estacionamento quase deserto.

Era muito cedo.

Através da cerca de arame, vi que o ancoradouro do Ariadne ainda

estava vazio. Roger Armistead estava de pé na prancha de embarque, olhando para o mar numa atitude que parecia conscientemente escultural. Brian Kilpatrick estava perto dele, de frente para mim. Os dois homens pareciam muito distantes, mas tensamente cônscios um do outro, como se tivessem brigado.

Kilpatrick me viu no portão. Ele subiu pela prancha de desembarque e me deixou passar. Estava usando a mesma roupa e parecia ter dormido, ou tentado dormir, com ela.

- Vou lhe avisando que o Armistead está mal-humorado disse Kilpatrick. - Ele acha que eu sou o culpado por essa confusão. Que diabo, eu praticamente não vi o Jerry nos últimos meses. Ele tem fugido ao meu controle. Armistead praticamente o adotou. Eu é que não posso assumir a responsabilidade.

Mas ele mexeu os pesados ombros como se o peso do filho estivesse amarrado às suas costas.

- Para onde o Jerry levaria o barco? Faz alguma idéia?

- Sinto muito, mas não faço. Não sou iatista. Esse é um dos motivos pelo qual o Jerry decidiu aderir à navegação a vela.

Se eu estivesse interessado no mar, ele teria optado pelo golfe.

Kilpatrick havia decaído durante a noite. Sua voz estava lamuriosa.

- Norte, ou sul? - perguntei.

- Talvez norte. São as águas que ele conhecia. Talvez lá para as ilhas.

Ele apontou para as ilhas em alto-mar que ficavam no horizonte como baleias azuis. Na distância de vinte milhas entre elas e a costa não havia nada visível na superfície da água.

- Já comunicou ao xerife?

Ele olhou para mim um tanto embaraçado.

- Ainda não.

- O senhor disse que ia falar com ele ontem à noite.

- Eu tentei, sinceramente. Ele estava fora, na linha de fogo.

Aliás, ainda está.

- Deve haver outros policiais de serviço.

- Há alguns. Mas tudo em que podem pensar é no incêndio.

Eles estão envolvidos numa grande catástrofe, sabe?

- O Jerry também.

- Não precisa me dizer isso. Ele é meu filho. - Lançou-me um olhar de soslaio aflito. - O Crandall ligou para mim de manhã cedo. Pelo que fui informado, o senhor acabou indo falar com ele.

- O que ele tinha a dizer?

- Ele põe a culpa de tudo no Jerry, naturalmente. Os rapazes sempre levam a culpa quando há uma garota envolvida.

Segundo a versão de Crandall, a filha nunca lhes causou problema algum, até agora. E difícil acreditar nisso.

- Ele pode acreditar. Ele e a mulher parecem estar ligeiramente por fora.

Minha mente surgiu com uma visão estereoscópica da garota sozinha no seu quarto branco em casa, e da garota no Star Motel com Al Sweetner.

- Eu gostaria que o senhor não tivesse ido procurar o Crandall - disse Kilpatrick com um tom melindroso na voz. Isso complica as coisas. Se quisesse, ele poderia tornar as coisas difíceis para mim.

- Desculpe. Tenho de seguir o meu caso por onde ele me levar.

- O caso é seu, não é?

- Estou disposto a dividi-lo. Se o senhor esperar alguns minutos, iremos procurar o seu amigo, o xerife. Que tal?

- Você é que manda.

Deixei Kilpatrick no portão e falei para Armistead, que estava de costas. Ele se voltou deliberadamente. Parecia triste e zangado, de uma forma estrangulada e inexpressiva. Estava com um boné e um blazer de iatista, com um plastrão no pescoço.

- Por que não falou nisso ontem à noite? Agora, talvez nunca mais a tenhamos de volta.

Armistead parecia estar falando de uma mulher que ele tinha perdido ou do sonho de uma mulher.

- A esta altura, ela pode estar a umas cem milhas daqui, ou no fundo do mar.

- Já comunicou à Guarda Costeira?

- Já. Eles vão ficar de olho à procura dela. Mas ir atrás de barcos roubados não é bem a função deles.

- Este não é um simples caso de roubo - repliquei. - Acho que o senhor sabe que a garota está a bordo, e também um menino.

- Kilpatrick me disse.

Os olhos de Armistead semicerraram-se e pareciam fixos numa visão terrível. Ele esfregou os nós dos dedos nas órbitas dos olhos e voltou a dar-me as costas.

As ondas estavam cobrindo o quebra-mar, estilhaçando-se em jorros de água verde. Até a água da marina estava agitada, levantando o flutuador sob os nossos pés e deixando-o cair.

O mundo estava mudando, como se com apenas uma peça faltando o conjunto todo tivesse se soltado e funcionasse sem controle.

Armistead caminhou até a ponta do flutuador que dava para o mar. Fui atrás. Ele era um homem fechado, mas eu achava que poderia estar ficando mais disposto a se abrir.

- Pelo que fui informado, o Jerry é um grande amigo seu.

- Era. Não quero conversar sobre isso.

Mesmo assim, continuei.

- Não o culpo por estar abatido e desiludido. Eu me sinto da mesma maneira. Ele me atingiu na cabeça com um revólver, à noite passada. A arma parecia e doeu como um .38.

Depois de certa hesitação, ele disse:

- Eu tinha um .38 no barco.

- E pelo que suponho, ele o levou.

- Acho que sim. Não sou responsável por isso.

- E isso que o Kilpatrick diz, também. Ninguém é responsável. O que estou tentando descobrir é o motivo do Jerry. O

que acha que ele está tentando fazer?

- Pura destruição, pelo que sei.

- Espero que não.

- Ele perdeu minha confiança. - Armistead parecia ressentido e enganado, como um marinheiro que tivesse chegado à beira de um mundo plano. - Confiei meu barco a ele. Deixei que ele morasse a bordo o verão todo.

- Por quê?

- Ele precisava de um lugar. Não me refiro a apenas um lugar para morar. Um lugar no plano das coisas. E pensei que o mar fosse fazer isso para ele. — Ele fez uma pausa. — Eu só

queria saber de barco quando tinha a idade do Jerry. Esse era o meu principal interesse, se quer saber a verdade. Não suportava a vida em terra, tal como acontece com o Jerry.

Tudo o que queria era ir lá para fora seu braço fez um arco em direção ao mar - e ficar com o vento e a água. Sabe, o mar e o céu.

Como muitos homens divididos e que se expressam mal, Armistead tinha uma antiquada veia poética. Tentei fazer com que continuasse falando.

- Onde morava quando era menino?

- Perto de Newport. Foi lá que conheci minha mulher. Eu servia no barco do primeiro marido dela.

- Dizem que Jerry conheceu Susan Crandall em Newport.

- É possível. Nós velejamos até lá em junho. Mostrei-lhe o retrato da garota, mas ele balançou a cabeça.

- Até onde sei, ele nunca levou uma garota a bordo... ela ou qualquer outra.

- Até quinta-feira?

- Isso mesmo.

- O que foi que aconteceu na noite de quinta-feira? Eu gostaria de saber ao certo.

- Eu também. De acordo com os mexericos, a garota ficou tocada por ter tomado alguma coisa. Subiu no mastro e mergulhou na água. Ela quase bateu num dos pilares. Isso foi por volta do amanhecer de sexta-feira.

- Pelo que sei, o Jerry está usando drogas.

A fisionomia dele se fechou.

- Isso eu não sei.

- O pai dele admite que ele vem usando drogas. Armistead olhou na direção do portão. Kilpatrick ainda estava lá.

- Muita gente as usa - disse ele.

- Essa questão pode ser importante.

- Está bem. Eu tentei desestimulá-lo, mas ele estava usando pílulas estimulantes e outras drogas perigosas. Foi uma das razões pela qual deixei que ele morasse no barco.

- Não compreendo.

- No barco, ele teria menos probabilidades de se meter em encrenca. Pelo menos, era essa a minha teoria. - O rosto dele voltou a ficar emburrado.

- O senhor gosta muito do rapaz.

- Tentei ser um pai para ele, um irmão mais velho. Sei que isso parece antiquado. Mas eu achava que ele era um bom rapaz, apesar das drogas. O que é que as torna tão importantes assim?

- Acho que Susan, a garota, teve algum tipo de crise de nervos. E ela pode ter matado um homem ontem. Ouviu falar no assassinato?

- Não, não ouvi.

- A vítima foi um homem chamado Stanley Broadhurst.

- Conheço uma Sra. Broadhurst que mora aqui.

- E mãe dele. O senhor a conhece bem?

- Não conhecemos ninguém aqui muito bem. As pessoas que conheço melhor são as do porto. A Fran tem as amigas dela.

Ele correu o olhar pelo porto, irrequieto como um marinheiro que tinha ido para o mar na juventude e nunca tinha voltado para terra firme. Olhava para a cidade com olhos que nada compreendiam. Ela estava como uma cidade feita de nevoeiro ou fumaça entre o mar agitado e as montanhas negras.

- Eu não tenho ligações com nada disso - disse Armistead.

- Exceto por intermédio do Jerry. Ele franziu o cenho.

- No que me diz respeito, o Jerry já não existe mais.

Eu poderia ter dito a ele que a coisa não era tão fácil assim. O

pai verdadeiro do Jerry parecia já saber disso.

Kilpatrick estava em pé do lado de dentro do portão de tela.

Olhou para mim como um suspeito à espera de ser liberado.

- Armistead está amargurado, não está? Ele vai fazer todas as acusações possíveis contra o Jerry.

- Disso eu duvido. Ele está mais decepcionado do que zangado.

- Quem está decepcionado de verdade sou eu - disse Kilpatrick, como se estivesse numa disputa.

Mudei de assunto.

- Sabe onde o xerife Tremaine está, agora de manhã?

- Sei onde ele estava há uma hora: no principal acampamento de combate ao fogo, no terreno da faculdade.

Kilpatrick ofereceu-se para me levar até lá. Dirigindo um Cadillac preto novo, ele seguiu à frente do meu Ford não tão recente assim, até o extremo leste da cidade e por uma estrada do condado que subia pelos contrafortes passando por áreas onde o fogo tinha grassado e havia ido embora.

Pouco antes de chegarmos ao campus, passamos por um recinto murado do Serviço Florestal, onde caminhõestanque e tratores estavam sendo consertados.

Fomos mandados parar em portões de ferro duplos que estavam abertos entre mourões de ferro. Um cartaz de metal estava preso a um dos mourões: "Santa Teresa College." O

patrulheiro que nos fez parar conhecia Kilpatrick e nos disse que continuássemos em frente - o xerife estava no campo de atletismo, com o chefe dos bombeiros. Joe Kelsey, sobre o qual perguntei a ele, havia passado por ali não fazia muito tempo, num caminhão do legista auxiliar.

Kilpatrick e eu estacionamos atrás das arquibancadas descobertas que davam para o campo de atletismo. Antes de sair do carro, tirei o

livro de capa verde da mala do carro e coloquei-o no bolso do paletó. Fomos seguindo por entre carros oficiais e caminhões que tinham se reunido, procedentes de todos os cantos do sul da Califórnia, das Tehachapis, ao norte, até a fronteira mexicana.

O campo de atletismo parecia uma área de preparativos logo atrás das linhas de uma importante batalha. No oval de grama dentro das pistas de corrida cobertas de escória de hulha, helicópteros desciam e levantavam levando reforços.

Imperturbáveis com a barulhada deles, bombeiros paraquedistas estavam deitados na grama com os rostos sérios e manchados de fuligem voltados para o céu. Ali, havia homens de todas as cores - índios, negros e brancos castigados pelo tempo - inflexíveis, estóicos, esgotados de tanto trabalho, sem nada a perder a não ser suas camas de campanha e a vida.

Encontramos o xerife Tremaine no principal posto de comando, que era um simples trailer cinza do serviço florestal.

O xerife-legista era um homem barrigudo usando um uniforme bege e chapéu de abas largas. A pele do rosto caía em dobras como as papadas de um cão de caça e fazia do seu sorriso algo estranho e complexo. Ele deu a Kilpatrick um aperto de mão antiquado, típico de um político, com a mão esquerda sobre o cotovelo enquanto bombeava.

- Em que posso servi-lo, Brian?

Kilpatrick pigarreou. A voz saiu com um som metálico e incerto.

- Meu filho Jerry está com um problema. Ele levou a chalupa de Roger Armistead e foi para alto-mar com uma garota.

O xerife deu o seu sorriso enigmático.

- Isso não parece tão sério assim. Ele vai voltar.

- Eu estava com a esperança de que você pudesse alertar o pessoal de um lado e do outro da costa.

- Talvez, se eu fosse dois. Converse com os homens na sede do condado, Brian. Estamos planejando deslocar a base dentro de vinte e quatro horas. E, ainda por cima, descobri que estamos com um morto nas mãos.

- Stanley Broadhurst? - perguntei.

- Isso mesmo. O senhor o conhece?

- Eu estava com Joe Kelsey quando o corpo dele foi encontrado. A garota de que o Sr. Kilpatrick está falando é uma testemunha material desse assassinato. E ela e Jerry estão com o filho de Stanley Broadhurst.

Tremaine ficou mais atento, mas parecia cansado demais para reagir

plenamente.

- O que vocês querem que eu faça?

- Expeça um alarme geral, como Kilpatrick está sugerindo, com ênfase nas cidades costeiras e portos marítimos. O

barco desaparecido é uma chalupa chamada Ariadne. - Eu soletrei o nome. - O senhor tem um esquadrão aéreo?

- Tenho, mas os pilotos voluntários estão com serviço até o pescoço.

- O senhor podia destacar um avião e mandá-lo até as ilhas.

Eles podem estar ancorados por lá.

De onde estava, eu via as ilhas, encravadas no mar enviesado.

- Vou examinar a possibilidade - disse o xerife. - Se houver mais alguma coisa, podem falar com Joe Kelsey. Ele tem a plena cooperação do meu gabinete.

- Há mais uma coisa, xerife.

Ele inclinou a cabeça num gesto de cansada paciência. Tirei do bolso o livro de capa verde e mostrei o anúncio de Stanley Broadhurst, recortado do Chronicíe de São Francisco.

O xerife segurou o recorte e o examinou. Kilpatrick deslocou-se até o ombro dele e também olhou. Os dois ergueram os olhos ao mesmo tempo e trocaram um olhar de dúbio reconhecimento.

- O homem é Leo Broadhurst, é claro - disse o xerife. Quem é a mulher, Brian? Seus olhos são melhores do que os meus.

Kilpatrick engoliu em seco.

- Minha mulher - disse ele. - Ou seja, minha ex-mulher.

- Achei que fosse a Eilen. Onde é que ela está, agora?

- Não faço idéia.

O xerife me devolveu o recorte.

- Isso está ligado à morte de Stanley Broadhurst?

- Creio que sim.





## 15

Comecei a contar a Tremaine algumas coisas sobre os antecedentes do caso e sobre o homem morto, Al. Ele fez um gesto para que eu me calasse.

- Converse sobre isso com outra pessoa. Converse com o Kelsey. Vocês dois querem me fazer um favor? O chefe dos bombeiros espera sair daqui antes do meio-dia de amanhã, e eu o estou ajudando a planejar a mudança.

- Para onde estão se mudando? - disse Kilpatrick.

- Para Buckhorn Meadow, a uns vinte e cinco quilômetros a leste daqui.

- Isso quer dizer que a cidade está fora de perigo?

- Acho que, de qualquer maneira, ela deverá estar fora de perigo amanhã. Mas o pior ainda está por vir. - Ele ergueu o olhar para a encosta nua e preta da montanha acima de nós.

- Na primeira chuva de verdade que cair, todos nós vamos nos afogar em lama.

O xerife abriu a porta do trailer. Enquanto passava o corpanzil pela estreita abertura, vi de relance um homem alto, com um blusão do Serviço Florestal, curvado sobre um mapa.

Tinha uma cabeça escandinava grisalha e parecia um viking tentando navegar um mar de terra.

Voltei-me para Kilpatrick.

- O senhor não me disse que Leo Broadhurst fugiu com a sua mulher.

- Ontem à noite, eu lhe disse que ela tinha me abandonado.

Não costumo abrir meu coração com estranhos.

- Ela ainda está com Broadhurst?

- Isso eu não sei. Eles não se reportam a mim.

- O senhor se divorciou dela?

- Ela se divorciou de mim logo depois de ir embora daqui.

- E se casou com ele?

- Presumo que sim. Eles não me mandaram convite de casamento.

- Onde foi que ela se divorciou do senhor?

- Em Nevada.

- Onde ela está, agora... na área da baía?

- Não faço a mínima idéia de onde ela está agora. Se não se importa, vamos mudar de assunto.

Mas ele não podia deixar de tocar nele. A raiva ou alguma outra emoção estava passando por ele numa forte vibração que fazia com que sua voz tremesse.

- Foi uma sujeira que você fez comigo agora há pouco, mostrando aquela foto ao xerife Tremaine.

- O que havia de sujo?

- Aquilo me deixou numa situação difícil perante ele. Você

poderia, pelo menos, ter abordado o assunto de forma reservada. Não precisa me derrubar em público.

- Desculpe. Eu não sabia que se tratava de sua mulher.

Ele me lançou um olhar de quem não acreditava, tão claro, que fez com que eu questionasse a mim mesmo. Talvez eu tivesse tido um palpite logo abaixo do nível da consciência.

- Deixe-me dar uma outra olhada na foto - disse ele.

Entreguei-lhe o recorte. Ele parou e examinou-o, alheio ao movimento à sua volta e ao barulho dos helicópteros lá em cima, como um homem à beira do presente dando uma espiada para o passado profundo. Quando ergueu os olhos, o rosto tinha sido mudado por eles. Parecia mais velho e mais defensivo. Ele me devolveu o recorte.

- Onde conseguiu isso? Com o Jerry?

- Não.

- Stanley Broadhurst colocou esse anúncio no Chronicle?

- Parece que sim. Já o tinha visto antes?

- É possível. Se vi, não me lembro.

- Então, como foi que sabia que ele tinha sido publicado no Chronicle!

Ele respondeu sem problemas:

- Eu simplesmente achei que era de lá. O estilo parece com o do Chronicle. - Depois de um momento de intenso raciocínio, ele acrescentou: - São Francisco é mencionado no texto.

Era uma resposta boa demais, mas deixei passar.

- O que o fez perguntar se consegui o anúncio com o seu filho Jerry?

- Foi só uma idéia - disse ele com uma careta de um só lado do rosto. - O Jerry tem estado muito nos meus pensamentos, e por acaso sei que ele lê o Chronicle. Ele pensa que São Francisco é o centro do mundo

conhecido.

- Jerry viu uma cópia desse anúncio?

- É possível. Como vou saber?

- Acho que você sabe, Kilpatrick.

- Não dou a mínima para o que você pensa.

Ele ergueu o punho cerrado, pronto para me golpear.

Preparei-me para aparar o golpe. Ele puxou o punho para junto do peito e olhou para ele como se se tratasse de um pequeno animal momentaneamente fora de controle.

Depois, voltou-se abruptamente e foi para trás das arquibancadas, deslocando-se com uma apressada incerteza como se fosse vomitar.

Segui atrás dele a pouca distância. Ele estava encostado num poste de sustentação, com a cabeça pendendo. A expressão que surpreendi em seu rosto era de uma terrível decepção.

Ele se endireitou e adotou uma expressão de cansada paciência que se encaixava com as linhas do rosto.

- Você está me castigando - disse, dirigindo-se a mim. Porquê?

- Você é um homem do qual é muito difícil obter uma informação.

- E mesmo? Eu praticamente lhe contei a história da minha vida. Ela não é assim tão interessante.

- Eu acho que é. Você praticamente admitiu que Jerry viu uma cópia desse anúncio. Isso poderia explicar várias coisas.

- Não estou admitindo coisa nenhuma, mas me dê um exemplo.

- Ele pode ter entrado em contato com Stanley Broadhurst e ajudado a provocá-lo.

- O Stanley não precisava de qualquer provocação. Há anos que ele está à par desse assunto. Nunca perdoou o pai por ter abandonado a mãe e ele.

- Alguma vez conversou sobre isso com o Stanley?

- Conversei, sim.

- Disse-lhe que sua mulher fugiu com o pai dele?

-Não foi preciso. Ele sabia muito bem disso. Todo mundo sabia.

- Quem você abrange quando fala em "todo mundo"?

- Todas as pessoas envolvidas. O caso não foi um grande segredo na cidade, mas pelo menos, a esta altura, a maioria das pessoas já se esqueceu dele. - Kilpatrick começava a parecer enjoado de novo. - Será que não podemos esquecêlo, também? Isso não é o meu assunto predileto.

- Como é que o Jerry se sente em relação a isso?

- Ele põe a culpa em mim - eu lhe disse isso. Para ele, é conveniente acreditar que a mãe me abandonou porque eu merecia isso.

- Alguma vez ele foi visitá-la?

- Que eu saiba, não. Você não entende bem a situação. Eilen me abandonou há quinze anos e cortou todo contato. A

última notícia que tive dela foi a comunicação do divórcio, e isso veio do seu advogado, em Reno.

- Qual era o nome do advogado?

- Eu não sei, depois de tanto tempo assim.

Tornei a pegar o livro de capa verde, abri-o na guarda, e mostrei a Kilpatrick o ex-libris com a gravura de uma pluma de pavão.

- Pelo que deduzo, Eilen Strome era o nome de solteira de sua ex-mulher.

- Era.

- Se o Jerry não esteve com ela, onde foi que ele arranjou este livro?

- Ela o deixou em casa. Deixou lá muitas coisas suas.

- Por que ela saiu tão de repente?

- Não foi tão de repente. Eu já estava esperando. Na verdade, ela não gostava de mim, e não gostava da minha profissão.

Naquela época, eu era apenas mais um corretor de imóveis.

Ela não aprovava a minha semana de sete dias de trabalho, com o telefone tocando o tempo todo e tendo que ser gentil com as velhinhas de Dubuque. Eilen queria algo mais refinado. Mais romântico.

A voz dele tinha uma pitada de sarcasmo e arrependimento.

- Era isso que o Leo Broadhurst era... romântico?

- Isso eu não saberia dizer, porque não sou mulher. O

Broadhurst não entrou na minha sintonia dessa maneira.

- Como foi que ele entrou?

- Ele caçava as mulheres como alguns homens caçam cervos... pondo suas habilidades à prova, sabe como é? A Ellen não devia tê-lo levado tão a sério. Nem o filho dele, Stanley.

Mas acho que talvez o Stanley estivesse tentando convencer a si mesmo de que havia algum significado profundo no caso do pai. Ele queria encontrar o pai e obter dele uma explicação.

- Quem matou Stanley?

Kilpatrick ergueu os ombros pesados e deixou-os cair.

- Quem sabe? Duvido que o assassinato esteja ligado a esse caso antigo.

- E quase certo estar - disse eu.

Kilpatrick olhou para mim em pé de igualdade. Uma espécie de irada irmandade estivera crescendo entre nós. Em parte, ela se baseava no fato, que ele desconhecia, de minha mulher ter me abandonado e mandado os papéis do divórcio por intermédio de um advogado. E em parte, por sermos dois homens de meia-idade e devido ao fato de três jovens terem desaparecido na curva do mundo.

- Muito bem - disse ele. - Jerry viu o anúncio no Chronicle.

Isso aconteceu em tomo de fins de junho. Ele reconheceu a mãe pelos retratos e parecia achar que eu devia tomar alguma providência. Eu disse que estava simplesmente procurando encrenca para ele mesmo. Abandonar a gente tinha sido uma opção da mãe dele. Agora não podíamos fazer nada, a não ser esquecer o caso.

- Qual foi a reação dele?

- Ele também me abandonou. Mas você sabe tudo isso.

Kilpatrick parecia estar perdendo o interesse pela própria vida.

Ele entrou no carro e seguiu de volta em direção ao portão.

Segui na direção oposta, para o lado oeste do terreno da faculdade.

Partindo da margem da mesa, uma trilha serpenteava morro abaixo, em direção ao arvoredo dizimado onde o incêndio começara. Vi um furgão de entregas e dois homens andando em torno dele, pequenos a distância. Um deles se deslocava com uma velocidade desajeitada, como se fosse Kelsey.

Desci pela trilha, que passava por áreas da floresta que haviam queimado por inteiro. Um aceiro tinha sido aberto por uma máquina de terraplenagem ao longo de uma linha que corria aproximadamente paralela à trilha e abaixo dela.

Havia lugares em que o fogo tinha pulado o aceiro, mas havia sido apagado do outro lado, o lado onde ficava a cidade. O corpo vivo do fogo, quando olhei para trás, parecia estar lá no alto da encosta da montanha e afastando-se em direção leste.

A trilha da encosta estava coberta de galhos enegrecidos e cinzentos. Pisando com cuidado entre os restos do fogo, consegui descer até a saliência larga onde estivera o chalé na montanha da família Broadhurst. Tinha sido construído de madeira, e praticamente não restava coisa alguma, a não ser vários conjuntos de molas de colchão, um fogão, uma pia de metal enegrecida.

Passei pelo lugar onde havia existido o estábulo. A carcaça queimada do conversível de Stanley estava a céu aberto, as rodas sem pneus afundadas nas cinzas do prédio. Parecia uma relíquia de uma civilização

antiga, em ruínas e diminuída pela passagem de séculos, já meio enterrada entre o esterco deixado por eles.

O furgão de entrega exibia, do lado, um adesivo do xerifelegista. Estava estacionado na pista de rolamento que levava até a estrada do cume. Havia alguém na cabine, mas o brilho da manhã sobre o pára-brisa impedia que eu visse quem era.

Para lá do caminhão, através das árvores desnudas, vi um homem uniformizado cavando e Kelsey observando-o.

Entre os dois havia um monte de terra. Uma sensação de coisa repetida deu-me uma pontada de dúvida primária, como se o enterro e a exumação pudessem ser repetidos diariamente, dali para a frente.

Jean Broadhurst desceu do caminhão e ergueu a mão para mim. Ela estava vestindo a mesma roupa estilo moderno do dia anterior e, tendo ao fundo o painel surrealista de árvores queimadas, parecia mais do que nunca uma Colombina perdida e viúva. Não estava usando maquiagem. Até mesmo a boca estava pálida.

- Não esperava vê-la aqui - disse eu.

- Eles me pediram para vir com eles e identificar o corpo do Stanley.

- Eles estão um pouco atrasados em tratar do caso, não?

- O Sr. Kelsey só conseguiu arranjar um legista auxiliar agora. Mas para o Stanley, não importa. E para mim, não importa.

Ela estava com uma disposição incerta, racional e controlada e nervosa. Eu queria dizer que tinha visto o filho dela, mas não encontrava uma maneira que não fosse assustá-la.

Perguntei como ia a sogra.

- Ela está sofrendo de exaustão. Mas o dr. Jerome diz que ela tem grandes poderes de recuperação.

- Ela se lembra disso? - Fiz um gesto em direção à escavação.

- Não sei, mesmo. O médico me disse para não trazer à baila qualquer coisa dolorosa, o que tende a limitar bastante a conversação.

Jean estava se esforçando muito para manter um estilo. Mas o esforço que estava fazendo tinha o efeito de me silenciar.

Ficamos parados e olhamos um para o outro, constrangidos, como se compartilhássemos algum conhecimento culposo.

- Ontem à noite, vi o Ronny de relance - comentei.

- O que está tentando me dizer? Que ele está morto? - Seus olhos sérios estavam prontos para qualquer tipo de horror.

- Ele estava muito vivo. - Eu disse a ela onde e quando.

- Por que não me avisou ontem à noite?

- Eu tinha esperança de lhe trazer notícias melhores.

- Isso quer dizer que não há notícias melhores.

- Pelo menos, ele não está morto, e não havia sinal algum de que estivesse sendo maltratado.

- Mas por que o levaram? O que estão tentando fazer?

- Isso não está claro. Trata-se de um caso complexo, envolvendo várias pessoas e pelo menos um criminoso conhecido. A senhora se lembra do homem que foi à sua casa de Northridge, ontem?

- Aquele que queria dinheiro? Como iria me esquecer dele?

- Ele voltou mais tarde e arrombou a sua casa para entrar. Eu o .encontrei morto no estúdio do seu marido, ontem à noite.

- Morto?

- Alguém o esfaqueou. Alguém, além da sua família, tem acesso à sua casa?

- Não, ninguém. - Ela estava tentando compreender aquela segunda morte. - O corpo dele ainda está na casa?

- Não, ele foi retirado. Chamei a polícia. Mas o estúdio está numa confusão terrível.

- Isso pouco importa - disse ela. - Decidi nunca mais voltar para aquela casa.

- Esta é uma péssima hora para tomar uma decisão.

- E a única hora que tenho.





## 16

O som rítmico do uso da pá havia cessado no arvoredo, e Jean voltou-se para o súbito vazio. O homem que cavava quase que desaparecera no buraco. Como um homem que brotava penosamente da terra, ele ficou em pé com o corpo de Stanley agarrado em seus braços. Ele e Kelsey colocaram o corpo numa maca e trouxeram-na em nossa direção, passando por entre os troncos de árvores nus.

Jean viu a maca chegando como se tivesse medo da chegada.

Mas quando a depositaram na traseira do caminhão, Jean caminhou para ela e, sem vacilar, olhou para os olhos cheios de terra. Empurrou os cabelos do morto para trás e curvouse para beijar-lhe a testa. O ato teve uma maior realidade, como se ela fosse uma atriz representando um papel trágico.

Jean ficou algum tempo ao lado do marido. Kelsey não a interrogou ou perturbou. Ele me apresentou ao legista auxiliar, um jovem com cara de sério chamado Vaughan Purvis.

- O que o matou, Sr. Purvis? Os ferimentos provocados pela picareta?

- Eu diria que os ferimentos provocados pela picareta foram secundários. Ele foi ferido no lado com um instrumento penetrante, provavelmente uma faca.

- A faca foi encontrada?

- Não, mas pretendo dar mais uma busca.

- Não creio que vá encontrá-la por aqui.

Contei a Purvis e Kelsey sobre o homem morto que eu tinha encontrado na casa de Stanley em Northridge. Kelsey disse que entraria em contato com Arnie Shipstad. O auxiliar Purvis, que estivera ouvindo em silêncio, irrompeu inesperadamente num discurso emotivo:

- Isso parece uma conspiração, provavelmente um serviço da Máfia.

Eu disse que duvidava que a Máfia estivesse envolvida.

Kelsey fingiu, delicadamente, não tê-lo ouvido.

- Então, que conclusão o senhor tira disso tudo? perguntou-me Purvis. - Quem o esfaqueou e meteu aquela picareta na cabeça dele, por

trás? Quem cavou aquela cova para ele?

- A garota loura é a principal suspeita - declarei, a título experimental.

- Não acredito - disse Purvis. - Esse terreno é de barro duro e está seco... quase como um tijolo. Aquele buraco penetrou pelo menos um metro e vinte. Não creio que alguma garota possa tê-lo cavado.

- Ela pode ter tido um cúmplice. Ou o próprio Stanley Broadhurst pode tê-lo cavado. Foi ele quem tomou emprestadas as ferramentas do jardineiro.

Purvis pareceu intrigado.

- Por que um homem iria cavar a própria sepultura?

- Talvez não soubesse que iria ser a sua - repliquei.

- Não acha que ele estava planejando matar o filho - disse Purvis -, como Abraão com Isaac, na Bíblia?

Kelsey soltou uma gargalhada sardónica, e Purvis ficou vermelho de constrangimento. Ele caminhou com dificuldade em direção à sepultura, para apanhar a pá.

Quando já estava fora do alcance de nossas vozes, Kelsey disse:

- O jardineiro pode estar mentindo a respeito das ferramentas. Ele mesmo pode ter vindo até aqui e as usou.

Não se esqueça de que ele emprestou seu carro à garota e mentiu sobre isso.

- Então, Fritz ainda está na sua lista de suspeitos. Kelsey coçou seus curtos cabelos grisalhos.

- Ele tem de estar. Andei investigando a ficha dele.

- Ele tem ficha?

- Não é grande coisa, mas, de acordo com o meu regulamento, é importante. Quando era adolescente, quase com vinte anos, ele foi condenado por um crime sexual. Foi um primeiro crime... pelo menos ao que se sabia... e o juiz concedeu-lhe o status de delinqüente juvenil e mandou-o para o campo florestal do condado.

- Que crime ele cometeu?

- Estupro previsto por lei. Tenho um interesse especial, porque esses casos de sexo às vezes surgem nas histórias dos incendiários. Não estou dizendo que Fritz seja um incendiário... eu não tenho provas. Mas, no campo, ele se interessou pelo combate ao fogo e chegou até a ajudar a apagar alguns incêndios no interior.

- Isso é mau?

- É sugestivo - disse Kelsey, sério. - Não diga a nenhum bombeiro que

falei isso. A propósito, eu mesmo já fui bombeiro. Mas bombeiros e incendiários às vezes no fundo são irmãos. Os dois são fascinados por incêndios.

Aparentemente, Fritz ficou tão fascinado que, quando saiu do campo, foi trabalhar no Serviço Florestal.

- Estou surpreso por eles o terem aceitado.

- Ele tinha um pistolão muito bom. O capitão Broadhurst e sua mulher foram pedir por ele. O Serviço Florestal não fez dele um soldado do fogo, mas ele recebeu algum treinamento e um emprego manobrando uma máquina de terraplenagem. Por falar nisso, ele ajudou a construir aquela trilha. - Kelsey apontou para a trilha que descia pelo lado da ribanceira até o desfiladeiro. - Fritz e seus colegas fizeram um bom trabalho. Ela ainda está em bom estado depois de quinze anos. Mas ele não ficou muito tempo no Serviço Florestal. Para dizer o mínimo, houve problemas pessoais em demasia.

- Eles o despediram por causa de problemas pessoais?

- Não sei o motivo pelo qual o despediram. Não há anotação no dossiê, e aconteceu antes da minha época.

- O Fritz poderia lhe dizer.

- É. Mas não vai ser fácil. Ontem à tarde, quando tentei falar de novo com ele, a mãe não me deixou entrar na casa outra vez. Ela defende aquele coitado do filho como uma fera.

- Talvez ela me deixe entrar. De qualquer modo, quero conversar com ela. O homem morto em Northridge, Al Sweetner, apanhou um dinheiro com a Sra. Snow na semana passada.

- Quanto?

- Vamos ter de perguntar a ela. - Consultei meu relógio. -São dez e quinze. Você pode se encontrar comigo em frente à casa dela às onze?

- Lamento, mas não posso - disse Kelsey. - Quero acompanhar o exame preliminar desse corpo. Vá você falar com o Fritz. Tem de haver um motivo para todo o medo que ele sente.

A voz de Kelsey era fria e muito incompreensível. Ele falava sobre o medo como se nunca tivesse experimentado aquela emoção. Achei que talvez a razão de ele ser um investigador de incêndios fosse uma necessidade intrigante de compreender o que fazia com que tipos emocionais como Fritz cometessem seus tolos crimes quentes.

- Quem era a garota que ele estuprou?

- Não sei quem ela era. O caso foi tratado no Tribunal Juvenil e os documentos dele são sigilosos. Colhi minhas informações com os

veteranos que trabalham no tribunal.

Jean olhava para o rosto do marido como se se perguntasse como era sentir-se morto. Quando Purvis voltou marchando, a pá ao ombro, ela teve um sobressalto e afastou-se. Purvis colocou a pá no chão, silenciosa e cuidadosamente.

Desabotoou o bolso interno do uniforme e tirou uma carteira de couro preto com o nome de Stanley gravado a ouro no lado de dentro. Continha sua carteira de motorista e outros documentos de identidade, alguns cartões de crédito e cartões de sócio, e três notas de um dólar.

- Não lhe sobrou muito - disse o rapaz.

Fiquei chocado com o sentimento que havia em sua voz.

- Você conhecia Stanley Broadhurst?

- Eu o conheci praticamente a vida toda, começando no primário.

- Pensei que ele freqüentasse uma escola particular.

- Freqüentou, depois de sair da escola primária. Ele teve algum problema naquele verão, e a mãe o colocou numa escola especial.

- No verão em que o pai dele foi embora?

- Isso mesmo. O Stanley teve muito azar na vida. - Ele falava com um certo respeito temeroso. - Eu tinha inveja dele na escola primária. A família dele era rica e nós éramos pobres de dar dó. Mas nunca mais terei inveja dele.

Corri os olhos à minha volta, à procura de Jean. Ela se afastara em direção ao estábulo e parecia estar procurando meios de fugir. Ela me lembrou a corça amedrontada que eu tinha visto na véspera, mas não havia corça nova com ela.

Quando me aproximei, ela estava em pé ao lado do carro incinerado.

- Este era o nosso?

- Acho que sim.

- O senhor tem transporte, Sr. Archer? Preciso sair daqui.

- Para onde quer ir?

- Para a casa de Elizabeth. Passei a noite no hospital.

Comuniquei a Kelsey para onde estávamos indo e disse que eu poderia vê-lo mais tarde, no setor de patologia do hospital. Jean e eu começamos a subir pela trilha da encosta.

Ela tomou a frente, deslocando-se com rapidez, como uma mulher tentando subir para sair do presente.

Perto das arquibancadas, onde meu carro estava estacionado, várias mesas de madeira compensada tinham sido armadas sobre cavaletes. Uns cem ou mais homens estavam sentados a elas, comendo ensopado

de carne com legumes fornecido por um carro-cozinha motorizado.

A maioria dos homens ergueu os olhos quando passamos.

Alguns assobiaram; uns poucos deram vivas. Jean continuou andando, de cabeça baixa. Entrou no meu carro como se estivesse sendo perseguida.

- A culpa é minha - disse ela, abominando a si mesma. - Eu não devia estar usando essas roupas.

Rodamos bastante, seguindo pelos arredores da cidade.

Tentei fazer perguntas sobre o marido, mas ela estava indiferente. Ficou sentada com a cabeça baixa, mergulhada em seus pensamentos.

Quando entramos no desfiladeiro da Sra. Broadhurst, ela endireitou o corpo e começou a olhar à sua volta. O

incêndio tinha descido quase até a entrada do desfiladeiro e deixara suas marcas chamuscadas nas árvores e no matagal da encosta.

A maioria das casas do Canyon Estates não tinha sido tocada.

Algumas haviam pegado fogo, como que escolhidas a esmo.

Não tinha restado nada de uma casa, exceto uma lareira de pedra e uma estátua de Vénus erguendo-se dos escombros e dos canos retorcidos. Um homem e uma mulher cavoucavam em meio às ruínas.

O padrão aleatório do fogo continuava enquanto penetrávamos mais no desfiladeiro. Os abacateiros da Sra.

Broadhurst pareciam ilesos, mas as oliveiras atrás deles tinham ficado pretas de tão queimadas. Os eucaliptos que subiam acima do telhado da casa haviam perdido quase todos os galhos e folhas. O celeiro tinha se incendiado. A casa em si estava chamuscada, mas intata.

Jean tinha uma chave, e entramos juntos. A casa fechada estava cheia do cheiro amargo de fogo e parecia abandonada.

A mobília vitoriana gasta parecia pronta para a pilha de refugo.

Até mesmo os pássaros empalhados, em suas caixas de vidro, pareciam ter visto dias melhores. Um pica-pau tinha apenas um olho de vidro. Os peitos dos papos-roxos haviam desbotado. Pareciam pássaros de imitação, feitos para emprestar vida a um mundo morto e desleixado.

- Com licença - disse Jean. - Tenho que procurar algo preto.

Ela desapareceu na outra ala da casa. Resolvi telefonar para Willie Mackey, um detetive de São Francisco que tinha trabalhado comigo em outros casos. A procura de um telefone, entrei numa espécie de gabinete de leitura ao lado da sala de estar. Havia ferrotipias de ancestrais nas paredes.

Um homem com suíças e um colarinho alto, de pontas dobradas, olhava fixo para mim de uma moldura preta, como se me desafiando a dizer alguma coisa contra as suas suíças.

A fisionomia dele me lembrou a Sra. Broadhurst, mas não me ajudou a compreendê-la. Eu a tinha visto jovem e vigorosa, e depois doente e senil. Eu precisava de alguma coisa para preencher o fosso entre aquelas duas versões dela, algo que explicasse por que o marido a abandonara ou por que o filho não tinha conseguido abandoná-la.

O aposento continha, entre outras coisas, um sofá de couro preto, que me fez querer deitar-me, e uma escrivaninha com espaço para os joelhos feita de cerejeira polida. Havia um telefone em cima da mesa, sobre uma pasta de couro já gasta.

Sentei-me à mesa, com os joelhos bem encaixados, e disquei para o escritório de Willie Mackey em Geary Street, São Francisco. A moça de plantão passou a minha ligação para o apartamento dele no último andar do prédio.

Outra garota atendeu numa voz menos comercial, e então Willie veio ao telefone.

- Telefone depois, Lew. Você me pegou em meio ao ato de amor.

- Telefone você. - Li para ele o número do telefone da Sra.

Broadhurst.

Depois, ergui o telefone e abri a pasta de couro que estava debaixo dele. Havia diversas folhas de papel ofício na pasta e um mapa desbotado desenhado a tinta num papel enrugado e que estava amarelando. O mapa mostrava cerca da metade da planície costeira de Santa Teresa; toscamente traçados a pena no verso do mapa estavam sopés e montanhas que pareciam impressões de polegares humanos e patas de animais.

No canto direito superior do mapa, alguém tinha escrito:

Comissão de Terras dos EUA

Robert Driscoll Fakoner Antiga Missão de Santa Teresa Protocolado em 14 de junho de 1866

JohnBerry

A primeira página de papel ofício estava coberta de uma caligrafia ao estilo spenceriano. Sob o cabeçalho "'Memórias', de Elizabeth Falconer Broadhurst", eu li:

A Sociedade Histórica do Condado de Santa Teresa pediu-me que escrevesse algumas notas concernentes à minha família. Meu avô paterno, Robert Driscoll Falconer, era filho de um douto homem de

negócios de Massachusetts que era aluno e discípulo de bouis Agassiz - Robert Driscoll Falconer lutou no exército da União e em maio de 1863 foi ferido, quase que mortalmente, na batalha de Chancllorsville. Mas sobreviveu, podendo conversar comigo sobre isso quando já era um homem idoso.

Ele veio para a costa do Pacífico a fim de recuperar-se dos ferimentos e adquiriu, em parte pela compra, mas na maior parte devido ao casamento, o controle de milhares de hectares que ficaram conhecidos como Fazenda Falconer. Uma grande parte dessa fazenda pertenceu, no início, às Terras das Missões, secularizadas em 1834 e passando a fazer parte de urna Concessão Mexicana de Terras que por intermédio de minha avó passou para o meu avô e dele para o meu pai, Robert Falconer, Jr.

Para mim, é difícil escrever de forma objetiva sobre meu falecido pai. Ele foi o terceiro, na linhagem masculina dos Falconer, a freqüentar a Universidade de Harvard. Ele era mais um naturalista e erudito do que fazendeiro ou homem de negócios. Meu pai tem sido criticado por desbaratar uma parte dos bens da família. Sua resposta seria que ele tinha coisas mais importantes a fazer da vida. Ele se tomou um famoso ornitólogo amador, autor da primeira lista de espécies nativas que se encontram na região de Santa Teresa. Sua rica coleção de peles, tanto locais como exóticas, tomou-se o núcleo da coleção de pássaros do Museu de Santa Teresa.

A essa altura, a caligrafia spenceriana começou a deteriorarse:

Tenho ouvido falsos boatos de que meu pai era um desumano matador de pássaros canoros e de que ele os matava porque adorava matar. Nada poderia estar mais distante da verdade! Ele só

matava pássaros por motivos científicos, afim de preservar a evenescente beleza da exposição deles. Ele adorava os coloridos pequenos voadores que a ciência o obrigava a matar.

Posso confirmar isso por observações pessoais. Acompanhei meu pai em muitas de suas expedições aqui e no exterior, e foram muitas as vezes em que o encontrei chorando abertamente junto ao corpo perfurado do pequeno pássaro canoro, ou do tordo, que ele segurava em sua delicada mão masculina. Às vezes chorávamos juntos, eu e ele, escondidos em algum recanto arborizado do desfiladeiro onde morávamos. Ele era um homem bom e um perito amador, e quando concedia a dádiva da morte, fazia-o de forma instantânea, indolor, sem errar. Robert Driscoll Falconer, Jr. foi um deus que desceu à Terra sob a

forma humana.

Próximo ao final, a caligrafia descontrolava-se por completo.

Ela vagueava pela página amarela pautada como um exército derrotado.

Comecei a revistar as gavetas da escrivaninha. A de cima, no lado direito, estava repleta de contas. Algumas não eram pagas havia meses e tinham pequenas mensagens especiais escritas na diagonal: "Agradecemos o pagamento imediato."

"No caso de maior demora, o assunto será entregue nas mãos de um advogado."

Na segunda gaveta, encontrei um velho estojo de madeira de armas e o abri. Encaixado no forro de feltro com a forma da arma estava um par de pistolas alemãs de tiro ao alvo. Eram antigas, mas estavam lubrificadas e brilhando como estranhas jóias azuis.

Tirei uma das pistolas do estojo e avaliei o seu peso na mão.

Ela era tão leve e tão bem equilibrada, que pareceu levantarse de moto-próprio ao nível do olho e deixar que eu mirasse com ela. Eu a mirei no retrato do homem com as suíças, mas isso só me fez sentir-me um tolo. Levei a arma para a janela, a fim de procurar algo melhor em que mirar.

Nada de pássaros. Mas havia um alimentador circular de pássaros num poste de metal fixado numa base de cimento.

Um rato comia os poucos grãos que restavam no alimentador. Apontei a arma vazia para ele. Ele desceu o poste correndo e desapareceu na ravina escura.

- O que está fazendo? - disse Jean atrás de mim.

- Brincando.

- Largue isso, por favor. Elizabeth não iria gostar de vê-lo manuseando uma das pistolas dela.

Recoloquei a arma no estojo.

- É um belo par.

- Eu não acho. Detesto todas as armas de fogo.

Ela ficou em silêncio, mas os olhos estavam cheios de mais coisas a dizer. A jovem tinha trocado o curto vestido berrante por um outro preto que cobria os joelhos mas não cabia nela. Ela tornou a me lembrar de uma artista, dessa vez uma mulher jovem representando o papel de uma mulher mais velha.

- Estou bem?

Ela parecia aflita, como se na ausência do filho e com a morte do

marido ela duvidasse quem era ela.

- Você não poderia estar de outro jeito.

Ela afastou o elogio como se ele pudesse contaminá-la e recuou para sentar-se no sofá, colocando as pernas sob a saia preta, de modo que ficassem inteiramente escondidas.

Fechei o estojo das armas e guardei-o.

- Eram essas as pistolas do pai dela?

- Eram. Elas pertenciam ao pai de Elizabeth.

- Ela as usa?

- Se quer saber se ela agora mata pássaros, a resposta é não.

As pistolas são relíquias preciosas do grande homem. Tudo o que existe nesta casa é uma espécie de relíquia. Eu mesma me sinto como uma.

- Esse vestido é da Elizabeth?

- É, sim.

- Você está pensando em morar nesta casa?

- É possível. Ela se encaixa no meu estado de espírito.

Ela inclinou a cabeça e ficou numa atitude de quem está à escuta, como se o vestido preto estivesse grampeado como um traje espacial.

- A Elizabeth costumava matar um bocado de pássaros. Ela ensinou o Stanley a matá-los. Isso deve tê-lo deixado preocupado, ou ele não teria me contado. Aparentemente, também deixou a mãe dele preocupada. Ela parou por completo de atirar, muito tempo antes de eu conhecê-la.





## 17

— Mas o meu pai nunca parou - disse ela, de maneira surpreendente -, pelo menos enquanto minha mãe ficou com ele. Meu pai adorava atirar em qualquer coisa que se mexesse. E minha mãe e eu tínhamos de depenar as codornas e pombos que ele matava. Depois que minha mãe abandonou meu pai, nunca voltei para visitá-lo.

Ela pulara da família de Stanley para a dela, sem qualquer transição. Intrigado, eu disse:

- Está pensando em voltar para a sua família agora?

- Não tenho família. Mamãe tornou a se casar e está morando em Nova Jersey. A última vez em que tive notícias do meu pai, ele estava dirigindo um barco de pesca esportiva nas Bahamas. De qualquer modo, eu não poderia encarar nenhum dos dois. Eles iriam me culpar por tudo o que aconteceu.

- Por quê?

- Porque sim, é isso. Porque fui embora e paguei do meu bolso a faculdade. Nenhum dos dois aprovou que eu fizesse isso. Uma moça deve fazer o que lhe mandam. - A voz dela era fria devido ao ressentimento.

- Quem você responsabiliza por tudo o que aconteceu?

- A mim mesma, é claro. Mas também culpo Stanley. - Ela voltou a baixar os olhos. - Sei que é uma coisa terrível para se dizer. Eu posso perdoá-lo quanto ao caso com a garota. E quanto a toda essa bobagem a respeito do pai dele. Mas por que ele teve de levar... trazer o Ronny com ele?

- Ele queria arranjar dinheiro com a mãe, e a visita do Ronny fazia parte da transação.

- Como é que sabe disso?

- Elizabeth me contou.

- E típico dela. E uma mulher fria. - Como que num pedido de desculpas à casa, ela acrescentou: - Eu não devia dizer isso. Ela sofreu muito. E o Stanley e eu não servimos de consolo para ela. Nós

ganhamos muito, e não demos grande coisa.

- O que foi que ganharam?

- Dinheiro. - Ela parecia zangada consigo mesma.

- Elizabeth tem muito dinheiro?

- Claro... ela é rica. Ela deve ter ganhado uma fortuna no loteamento de Canyon Estates, e ainda ficou com centenas de hectares.

- Eles não estão produzindo muito, exceto alguns pés de abacateiros. E ela parece ter uma quantidade enorme de contas que não foram pagas.

- Isso é só porque ela é rica. Gente rica nunca paga suas contas. Meu pai tinha uma pequena loja de material esportivo em Reno, e as pessoas que mais tinham recursos para pagar eram exatamente aquelas que ele precisava ameaçar com um processo. A Elizabeth recebe milhares por ano do espólio do avô.

- Quantos mil por ano?

- Não sei ao certo. Ela fica de boca fechada quanto ao dinheiro dela. Mas ela tem.

- Quem fica com ele se ela morrer?

- Não diga isso! - Jean parecia amedrontada e supersticiosa.

Com uma voz mais controlada, acrescentou: - O dr. Jerome diz que ela vai ficar boa. O ataque que teve foi apenas o resultado de excesso de esforço e tensão.

- Ela pode falar sem problema?

- Claro. Mas eu não a incomodaria hoje, se fosse o senhor.

- Vou conversar com o dr. Jerome. Mas você não respondeu à outra pergunta. Quem fica com o dinheiro, quando ela morrer?

- O Ronny. - A voz dela estava baixa, mas o corpo tenso com um sentimento que não conseguia dominar. - Está preocupado com quem irá lhe pagar? E por isso que está rondando por aqui quando devia estar procurando por ele?

Não tentei responder, mas por algum tempo fiquei sentado sem dizer nada e mantive minha discrição. Raiva e sofrimento alternavam-se nela como uma corrente elétrica.

Ela voltou a raiva contra si mesma, agarrando a barra da saia com as mãos e puxando-a como se estivesse tentando rasgála.

- Não faça isso, Jean.

- Por que não devo fazer isso? Odeio este vestido.

- Pois então tire-o e vista outro. Você não deve se descontrolar.

- Não suporto esperar.

- Isso pode demorar um pouco mais, e você tem de agüentar.

- Não há mais nada que possamos fazer? O senhor não pode ir lá procurar por ele?

- Diretamente, não. Há uma área muito grande onde procurar. E muita água também.

Ela parecia tão desanimada, que acrescentei:

- Mas tenho uma ou duas pistas.

Tornei a tirar do bolso o anúncio, com a foto do pai de Stanley e da mulher do Kilpatrick.

- Já viu isso?

Ela inclinou a cabeça sobre o recorte.

- Só fui vê-lo algum tempo depois de ele sair. O Stanley colocou-o no Chronicle sem me dizer, quando estivemos em São Francisco em junho passado. Ele também não contou à mãe dele, e quando ela viu o anúncio, ficou furiosa.

- Por quê?

- Ela disse que ele estava ressuscitando o escândalo todo.

Mas acho que ninguém dava a mínima, na verdade, a não ser ela e o Stanley.

E o Kilpatrick, pensei, e o pai de Jerry, e possivelmente a própria mulher.

- Você sabe quem é essa mulher?

- O sobrenome dela era Kilpatrick, segundo Elizabeth. Ela foi casada com um corretor imobiliário local, Brian Kilpatrick.

- Qual é o relacionamento entre ele e Elizabeth?

- Muito bom, acho. Eles são sócios, ou co-investidores, no Canyon Estates.

- E o filho de Kilpatrick, o Jerry?

- Acho que não o conheço. Como é ele?

- E um rapaz magricela de uns dezenove anos, com longos cabelos avermelhados e uma barba. Muito exaltado. Ele me atingiu na cabeça com uma arma, ontem à noite.

- Foi ele quem levou o Ronny no iate?

- Ele mesmo.

- Neste caso, é possível que eu o conheça.

Ela tornou-se introspectiva e ficou assim por algum tempo, como se estivesse efetuando uma operação algébrica mental.

- Ele não usava barba na época, mas acho que foi à nossa casa uma noite em junho último. Só o vi por um instante.

Stanley levou-o para o estúdio e fechou a porta. Mas acredito que ele estava com aquele recorte. - A cabeça dela ergueu-se. - Acha que ele está tentando se vingar de nós?

Porque a mãe fugiu com o pai do Stanley?

- E possível. Creio que o rapaz gosta mesmo muito da mãe.

Na verdade, é possível que neste momento esteja indo para onde ela está.

- Então, temos de encontrá-la - disse Jean.

- Concordo com você. Se eu puder acreditar na minha informante, a ex-senhora Kilpatrick está morando ao sul de São Francisco, na Península.

Ela se agarrou na pista, porque era a única.

- Você quer ir até lá por mim? Hoje?

A vida voltava ao rosto dela. Tive horror por ter de decepcioná-la.

- E melhor ficar aqui até que tenhamos algo de concreto. O

Jerry participou da regata de Ensenada no verão passado, e ele pode ter seguido para lá.

- Para o México?

- Um bocado de gente jovem está acabando indo parar lá.

Mas a nossa pista sobre a Península deve ser investigada.

Ela se pôs de pé.

- Eu vou.

- Não. Você fica aqui.

- Aqui, nesta casa?

- Aqui na cidade, pelo menos. Duvido que isso seja um rapto para obter resgate. Mas, se for, você é a única pessoa com quem eles vão entrar em contato.

Ela olhou para o telefone como se ele tivesse acabado de falar.

- Não tenho dinheiro.

- Você acabou de me falar sobre o dinheiro da Sra.

Kilpatrick. Você pode levantar dinheiro, se for preciso. Por falar nisso, foi bom tocar nesse assunto.

- Porque eu não lhe paguei?

- Não estou ansioso. Mas vamos precisar de algum dinheiro vivo, muito em breve.

Jean estava ficando perturbada outra vez. Ela se deslocava em volta do pequeno cômodo, desajeitada e zangada no seu vestido preto que não cabia nela.

- Não vou pedir dinheiro a Elizabeth. Claro, eu poderia procurar

emprego.

- No momento, isso não é muito realista.

Ela fez uma parada na minha frente. Trocamos um rápido olhar agressivo. Isso levava à possibilidade de que poderíamos ser inimigos ou amigos ferozes. Havia um calor irado armazenado nela como profundas nascentes de água quente fora do alcance do seu casamento ou da sua viuvez.

Numa voz mais confiante, como se de algum modo tivesse me analisado, ela disse:

- Falando em realismo, o que vai fazer para trazer meu filho de volta?

- Dei um telefonema para um sujeito chamado Willie Mackey, que é dono de uma agência de detetives em São Francisco. Ele conhece bem a área da baía, e eu gostaria de admiti-lo como colaborador.

- Faça isso. Posso levantar o dinheiro. - Ela parecia ter tomado uma decisão envolvendo mais do que dinheiro. - O que você vai fazer?

- Esperar... e fazer perguntas.

Ela fez um movimento impaciente e tornou a sentar-se no sofá.

- Você só faz perguntas.

- Eu também me canso disso. Às vezes, as pessoas me dizem coisas sem que eu peça, mas você não é uma delas.

Ela me olhou com desconfiança.

- Isso é mais uma pergunta, não é?

- Não é bem isso. Eu estava pensando que você teve um casamento estranho.

- E quer que eu lhe fale sobre ele - declarou ela.

- Se quiser falar, estou disposto a ouvir.

- Por que eu iria falar?

- Você me meteu nisso.

O lembrete tornou a provocar a raiva dela - que estava muito perto da superfície.

- Eu sempre soube que havia voyeurs. Mas você é um ouvidor, não é?

- De que tem tanta vergonha assim?

- Não tenho vergonha - disse ela, exaltada. - Deixe-me em paz. Não quero falar nisso.

Fiquei sentado, sem falar, por alguns minutos. Desconfiei que estava meio apaixonado por ela, em parte porque ela era mãe do Ronny, mas também porque era bonita e jovem. O

corpo envolvido pelo vestido preto apertado parecia de forma

infinita excitante.

Mas a viuvez dela parecia projetar à sua volta um círculo de sombra no qual eu não podia penetrar. Além do mais, como lembrei a mim mesmo, eu tinha quase o dobro da idade dela.

Ela estava olhando para mim com olhos francos, como se tivesse ouvido meus pensamentos.

- Odeio admitir isso - disse ela. - Nunca admiti isso antes. O

meu casamento foi um fracasso. O Stanley vivia num mundo só dele, e eu não conseguia alcançá-lo. Talvez, se estivesse vivo, ele dissesse a mesma coisa a meu respeito. Mas, na verdade, nunca discutimos isso. Simplesmente seguimos nossos caminhos em separado, na mesma casa. Eu tomava conta do Ronny e o Stanley foi ficando cada vez mais envolvido com a procura pelo pai. Eu costumava dar uma olhada nele, às vezes, quando estava no estúdio trabalhando.

Às vezes, ele estava apenas sentado lá, remexendo as fotografias e as cartas. Parecia um homem contando o dinheiro dele - disse ela com o seu rápido sorriso torto. Mas eu não devia estar fazendo pouco caso dele acrescentou ela. - Eu deveria ter levado tudo mais a sério. O

reverendo Riceyman me aconselhou a fazer isso. Ele disse que o Stanley estava procurando o próprio ego perdido, e estou começando a perceber que ele estava certo.

- Eu gostaria de conversar com o Riceyman.

- Eu também. Infelimente, ele morreu.

- De que ele morreu?

- De velhice. Eu tenho saudade dele, sinceramente. Ele era um bom homem, com muita compreensão. Mas não lhe dei ouvidos. Eu estava zangada e com ciúme.

- Ciúme?

- Do Stanley e dos pais dele, e do casamento fracassado.

Achava que o casamento deles estava concorrendo com o meu, indo aos poucos expulsando-o da cena. O Stanley estava cada vez mais vivendo no passado, e ficando cada vez mais impaciente comigo. Talvez, se eu tivesse me esforçado mais, poderia tê-lo feito parar. Então, de repente, ficou tarde demais. Aquele anúncio que ele colocou no Chronicle detonou todo esse desastre, não foi?

Não precisei responder. O telefone tocou.

Era Willie Mackey.

- Olá, Lew. Missão cumprida. Em que posso servi-lo?

- Estou procurando uma mulher, de mais ou menos quarenta anos.

Quando saiu de Santa Teresa há cerca de quinze anos, chamava-se Eilen Strome Kilpatrick. Ela estava viajando com um homem chamado Leo Broadhurst. Ele pode estar, ou não, vivendo com ela agora. De acordo com minha informante ligeiramente drogada, ela agora está morando na Península, numa casa velha de dois ou três andares, com duas torres. E árvores em volta, carvalhos e alguns pinheiros.

- Não dá para você ser mais preciso? Ainda existe um bocado de árvores na Península.

- Há uma semana, havia um cão dinamarquês nas vizinhanças. Ele parecia perdido.

- Qual é a história de Eilen?

- Ela é divorciada de um corretor de imóveis aqui em Santa Teresa. Brian Kilpatrick. Ele me disse que ela se formou em Stanford.

Willie emitiu um som de estalido de satisfação.

- Isso significa que vamos começar em Palo Alto. Os diplomados pela Stanford voltam para lá como pombos retornando à origem. Você tem uma foto de Ellen Strome Kilpatrick?

- Tenho uma, de um anúncio no Chronicle que saiu em fins de junho. A foto mostra Ellen e Leo Broadhurst, tal como eram há quinze anos, quando chegaram a São Francisco, usando o nome de Sr. e Sra. Ralph Smith.

- Tenho o anúncio no meu arquivo de recortes - disse Willie. - Pelo que me lembro, ele oferece uma recompensa de mil dólares.

- Você tem uma boa memória para dinheiro.

- Tenho, sim. Acabo de me casar outra vez. Estou na fila para receber a recompensa?

- Infelizmente o homem que a ofereceu morreu.

Contei a ele como Stanley tinha morrido, e o resto da história.

- O que torna Eilen tão importante?

- Pretendo perguntar a ela. Mas não pergunte a ela. Quando você a encontrar, me avise que eu assumo dali para a frente.

Eu me despedi dele e depois de Jean. Seu estado de espírito havia mudado e ela não queria que eu fosse embora e a deixasse em paz. Antes de fechar a porta da frente da casa, ouvi seu choro furioso.





## 18

Ao longo da rua da Sra. Snow, as flores de jacarandá pendiam como nuvens púrpuras presas e se condensando nos galhos das árvores. Fiquei sentado no carro por um minuto e descansei os olhos nelas. Crianças de pele parda brincavam no quintal do vizinho.

A cortina da janela da frente da casa da Sra. Snow contraiuse como uma pálpebra com um cacoete. Depois, ela saiu da casa e aproximou-se do meu carro. Usava um vestido de seda desbotado que parecia uma armadura e o rosto estava embranquecido de tanto pó-de-arroz, como se estivesse esperando uma visita importante.

Não era eu. Com uma fúria controlada, ela disse:

- O senhor não tem o direito de fazer isso. O senhor está nos perseguindo.

Desci do carro e fiquei de pé, o chapéu na mão.

- Não é essa a minha intenção, Sra. Snow. O seu filho é uma testemunha importante.

- Mas ele não tem de falar sem a presença de um advogado.

Até aí eu sei... ele já esteve encrencado antes. Mas dessa vez está tão inocente quanto um bebê recém-nascido.

- Tão inocente assim?

Ela ficou séria, bloqueando o caminho para a sua casa. Os chefes da família ao lado, pressentindo a possibilidade de problemas, vieram silenciosamente para fora. Deslocaram-se em nossa direção como uma platéia que ia se formando.

A Sra. Snow lançou-lhes um olhar sério, no qual a raiva se transformava em algo muito parecido com o medo. Ela se voltou para mim:

- Se o senhor insiste em falar, venha para dentro.

Ela me levou para a sua pequena sala da frente. O chá que a Sra. Broadhurst tinha derramado manchava o tapete como a velha prova marrom do crime.

A Sra. Snow ficou em pé e me deixou em pé.

- Onde está o Fritz?

- Meu filho está no quarto dele.

- Ele não pode sair de lá?

- Não, não pode. O doutor está vindo para vê-lo. Não quero que o senhor o deixe todo agitado, como fez ontem.

- Ele estava agitado antes de eu falar com ele.

- Sei disso. Mas o senhor fez a coisa piorar. O Frederick é fraco nos seus sentimentos. Ele é assim desde que sofreu um ataque de nervos. E não vou deixar o senhor mandá-lo de volta para o sanatório, se puder evitar.

Senti uma pontada de vergonha, simplesmente porque ela era pequena, mulher e indómita. Mas ela estava no meu caminho, e o garoto, desaparecido em algum lugar do outro lado dela.

- Conhece Al Sweetner, Sra. Snow?

Ela apertou os lábios e balançou a cabeça.

- Nunca ouvi falar nele. - Mas os olhos por trás dos óculos estavam vigilantes.

- O Al não veio até sua casa na semana passada?

- É possível. Eu não fico em casa o tempo todo. Pode repetir o nome?

- Al Sweetner. Ele foi assassinado ontem à noite. A polícia de Los Angeles me disse que ele fugiu da prisão de Folsom.

Os olhos negros dela brilharam como os de um animal noturno apanhado por uma lanterna.

- Entendo.

- Deu dinheiro a ele, Sra. Snow?

- Não foi muito. Dei a ele uma nota de cinco dólares. Eu não sabia que tinha fugido da prisão.

- Por que deu dinheiro a ele?

- Tive pena - disse ela.

- Ele era seu amigo?

- Eu não diria isso. Mas ele precisava de gasolina para sair da cidade, e eu tinha condições de dar-lhe cinco dólares.

- Ouvi dizer que a senhora deu vinte. Ela me olhou sem se abalar.

- E se tiver dado? Eu não tinha trocado. E não queria ele rondando por aí até o Frederick voltar do trabalho.

- Ele era amigo do Frederick?

- Eu não o chamaria de amigo. O Al não era amigo de ninguém, nem dele mesmo.

- Mas a senhora o conhecia.

Ela sentou-se, o tronco rígido e ereto, na beira da cadeira de balanço.

Sentei-me numa cadeira próxima. A fisionomia dela estava fechada e absorta. Parecia uma mulher que tinha aspirado forte e submergido.

- Não estou negando que o conhecia. Ele morou conosco, aqui nesta casa, durante algum tempo, quando criança. Ele já estava encrencado, e o condado estava procurando uma família que ficasse com ele. Era isso ou o reformatorio de Preston. O Sr. Snow ainda vivia, na época, e nós concordamos em aceitar o Al em nossa casa.

- Foi generosidade de sua parte.

Ela balançou a cabeça abruptamente.

- Não alego isso. Nós precisávamos do dinheiro. Queríamos manter o nosso lar unido, para o Frederick, e o Sr. Snow estava com a saúde abalada e os preços estavam lá no alto naquela época, também. Seja como for, aceitamos o Al e fizemos o que foi possível por ele. Mas ele já era um caso difícil... não havia muita coisa que pudéssemos fazer para corrigi-lo. Mas ele teve uma má influência sobre o Frederick. Estávamos tentando decidir o que fazer quando ele resolveu o problema para nós. Roubou um carro e fugiu com uma garota.

- E o Frederick foi envolvido, não foi?

Ela respirou fundo, como um mergulhador que sobe à procura de ar.

- O senhor ficou sabendo, não ficou?

- Só um pouco.

- Então, é provável que tenha ouvido tudo errado. Muita gente culpou o Frederick por tudo, porque ele era o mais velho. Mas Albert Sweetner já era velho para a idade que tinha, e o mesmo acontecia com a garota. Ela tinha apenas quinze anos, ou coisa parecida, mas pode acreditar, era experiente. O Frederick foi fácil de levar, como massa de vidraceiro nas mãos deles.

- A senhora conhecia a garota?

- Conhecia.

- Qual era o nome dela?

- Marty Nickerson. O pai dela era construtor... quando trabalhava. Eles moravam num motel no fim desta rua. Eu a conhecia tanto, que ela costumava me ajudar na cozinha quando o Sr. e a Sra. Broadhurst davam uma festa. Na época, eu era a governanta dos Broadhurst. A Marty era uma coisinha linda, mas dura como pedra. Se quer saber o que acho, era ela a cabeça de tudo. E foi quem saiu ilesa, é claro.

- O que foi que aconteceu, exatamente?

- Eles roubaram um carro, como eu disse. Deve ter sido idéia da Marty, porque o roubaram de um homem que ela conhecia... era dono

do motel onde ela morava. Então, os três fugiram para Los Angeles. Isso foi idéia dela, também:

queria ser atriz de cinema e estava louca para ir viver em Los Angeles. Ficaram três dias e três noites por lá, dormindo no carro e pedindo comida. Depois, os três foram apanhados tentando roubar alguns artigos de uma padaria que tinha apenas um dia de inaugurada.

Ela estava falando com uma espécie de disposição inconsciente, como se a aventura tivesse sido tanto dela quanto do filho. A sensação tornou-se consciente, e ela a reprimiu, forçando uma expressão de desaprovação em sua fisionomia.

- O pior foi que Marty Nickerson apareceu grávida. Era menor de idade, e Frederick admitiu ter tido relações com ela. Aí o juiz e o pessoal da condicional lhe deram uma escolha difícil. Ele podia ir a julgamento como um adulto e correr o risco de ir para a penitenciária. Ou podia admitir sua culpa no tribunal juvenil e receber uma condicional com seis meses de serviço florestal. O advogado disse que não devíamos tentar lutar contra isso... eles fazem muita pressão quando a gente luta contra eles no tribunal juvenil... de modo que o Frederick foi para o serviço florestal.

- O que aconteceu com os outros?

- A Marty Nickerson se casou. Ela se casou com o homem de quem tinha roubado o carro, e eles nunca a levaram a julgamento.

- Onde ela está agora?

- Nem sei. O homem tinha uma empresa no norte do condado e, pelo que sei, ela ainda está vivendo lá com ele.

- Qual é o nome dela de casada? Ela analisou a pergunta.

- Não me lembro. Posso descobrir, se for importante. Ela mandou um cartão de Natal para o Frederick no primeiro ano, o que exigiu uma dose de descaramento da parte dela.

Acho que ele ainda tem esse cartão na gaveta de guardados dele.

- E o Al?

- O Al é outra história. Aquilo não foi o primeiro crime dele. Ele já estava desfrutando de um sursis, e eles o mandaram para Preston até atingir a maioridade. Eu me lembro de quando ele saiu. No verão passado fez quinze anos, e os jacarandás estavam começando a florescer. Ele veio aqui para apanhar suas coisas. Eu as tinha guardado para ele numa caixa de papelão... alguns livros escolares e um terno azul que o condado havia comprado para ele ir à igreja. Mas o terno azul já não cabia mais nele, e ele não estava interessado nos livros. Dei a ele

uma boa refeição e algum dinheiro.

Ela balançou a cabeça como se eu tivesse falado.

- Não foi generosidade de minha parte. Eu queria me livrar dele antes que o Frederick tornasse a se envolver com ele.

Frederick estava trabalhando para o serviço florestal na época, e eu não queria que o Albert interferisse no emprego dele. Mas, mesmo assim, aconteceu.

- O que aconteceu?

- O Albert fez com que ele perdesse o emprego e ainda por cima fez com que tivesse um esgotamento nervoso. Não quero entrar nos detalhes sangrentos. O que passou, passou, e o Albert não pôs os pés na minha porta até aparecer na semana passada. E agora o senhor me diz que ele morreu.

- Ele foi assassinado em Northridge, à noite passada. Não sabemos quem foi, ou por quê. Mas poderia ajudar se a senhora me contar o que aconteceu há quinze anos. Como foi que Albert provocou um esgotamento nervoso no Fritz?

- Metendo ele em encrenca. A história é sempre a mesma.

- Qual foi o problema?

- Ele pegou o trator do Frederick e saiu passeando pelas montanhas. Mas é claro que o trator não era do Frederick, e aí é que está o detalhe. O trator era propriedade do governo federal, e Frederick poderia ter sido enviado para uma prisão federal junto com o Albert. O que aconteceu foi que o demitiram do emprego, e tudo por culpa do Albert.

Eu estava ficando inquieto.

- Posso falar com o Frederick, Sra. Snow?

- Eu não vejo motivo algum para isso. Eu respondi tudo o que o senhor perguntou. E posso lhe contar qualquer coisa que ele pode lhe contar.

- Mas pode haver coisas de que a senhora não sabe e ele sabe.

- Acho que o senhor não compreende - disse ela com um olhar ligeiramente superior. - Frederick e eu somos muito íntimos. - Mas depois de um instante, ela disse: - A que tipo de coisas o senhor se refere?

- Eu preferiria conversar com ele sobre isso. A senhora é mãe dele, e naturalmente é protetora.

- Tenho de ser. O Frederick não sabe se defender. Desde que ele teve aquele esgotamento nervoso e perdeu o emprego no serviço florestal, ele culpa a si mesmo por tudo.

O senhor devia tê-lo ouvido chorando no quarto dele depois que o senhor o interrogou ontem.

- Ele não me disse nada que o incriminasse.

Ela me lançou um olhar cético.

- O que foi que ele disse?

- Não acho que deva lhe dizer. Ele é um adulto.

- O senhor está enganado. Ele é um menino no corpo de um homem. Ele nunca mais foi o mesmo desde o esgotamento nervoso.

- Que aconteceu há quinze anos, certo?

- Certo. Foi no verão em que o capitão Broadhurst foi embora.

- O Frederick gostava muito do capitão?

- Ele venerava o chão que o capitão pisava. O capitão Broadhurst era como um pai para ele. Ele idolatrava toda a familia Broadhurst. E ficou de coração partido quando o capitão fugiu. Foi como uma repetição da morte do pai dele.

Não estou inventando. O próprio dr. Jerome disse isso.

- Ele é o médico que virá visitar o Frederick? Ela confirmou com a cabeça.

- Ele deve estar chegando a qualquer momento.

- Ele é psiquiatra?

- Nós não acreditamos em psiquiatras - disse ela, taxativa. O dr. Jerome é um médico competente. Ele é o médico da Sra. Broadhurst, o que significa que tem de ser bom. Quando o Frederick teve o esgotamento nervoso, ela mandou o dr.

Jerome tratar dele e pagou as contas, inclusive do asilo. E quando ele saiu daquele lugar, ela mesma deu emprego a ele, como seu jardineiro.

A Sra. Snow sorriu débilmente, retirando da recordação a alegria que lhe fosse possível.

- Mas agora acho que ele vai perder esse emprego, também.

- Não vejo por que ele deva perdê-lo, se não fez nada de errado... E, falando nisso, não entendo por que ele perdeu o emprego no serviço florestal.

- Nem eu. O Albert pegou a chave do trator sem a permissão dele. Mas o diretor distrital não acreditou no meu filho.

Tudo retroage ao que aconteceu no tribunal juvenil três anos antes. Uma vez que um rapaz se mete em encrenca, ele perde um nome limpo para sempre.

A Sra. Snow levantou-se e foi em direção à porta, como se esperasse abri-la para que eu saísse. Embora a atmosfera da casa me deprimisse,

eu ainda não estava pronto para me retirar. Permaneci na minha cadeira. Depois de uma luta silenciosa, ela voltou para a cadeira de balanço e tornou a sentar-se.

- Há mais alguma coisa? - perguntou ela.

- Talvez a senhora possa me ajudar. Isso não tem a ver diretamente com a senhora ou com o Frederick. Mas fui informado de que a senhora estava trabalhando para o casal Broadhurst quando o Sr. Broadhurst foi embora.

- Estava, sim.

- Por acaso a senhora conhecia a mulher?

- Eilen Kilpatrick? Claro que conhecia. Ela ensinava arte no ginásio e era casada com Kilpatrick, o corretor de imóveis.

Isso foi antes de ele ficar rico com o Canyon Estates. Ele ainda estava ganhando só para comer, como todos nós. A

Sra. Kilpatrick viu aí uma oportunidade de melhorar de vida, acho, e lançou a rede para o capitão Broadhurst. Vi tudo isso acontecer. Quando a Sra. Broadhurst estava fora, os dois deixavam o Stanley comigo e subiam para a casa da montanha. O que constava era que a Sra. Kilpatrick estava ensinando o capitão a pintar quadros. Mas ela também estava ensinando outras coisas. Eles achavam que estavam enganando todo mundo, mas não estavam. Às vezes eu flagrava os olhares entre eles, como se estivessem sozinhos num mundo secreto e mais ninguém existisse.

- A Sra. Broadhurst sabia do caso?

- Ela deve ter sabido. Eu via que ela estava sofrendo. Mas ela nunca disse uma só palavra, ou pelo menos quando eu estivesse onde podia ouvir. Creio que ela queria evitar uma separação. A família dela representa alguma coisa nesta cidade... pelos menos, representava. E depois era preciso pensar no pequenino Stanley. Às vezes, quando penso naquela época, acho que uma separação às claras teria sido melhor para o Stanley a longo prazo. Ele me perguntava o que o pai e a mulher estavam fazendo lá em cima na casa da montanha. E eu tinha que inventar uma história para ele.

Mas ele nunca ficava de todo convencido. As crianças nunca ficam.

- Pelo que deduzo, isso aconteceu durante algum tempo.

- Pelo menos um ano. Foi um ano estranho, até mesmo para mim. Eu fazia os serviços de casa para a Sra. Broadhurst, e estava lá dentro, mas não fazia parte da casa. Depois de um certo tempo, os dois ficaram descuidados na minha frente.

Dava a impressão de que eu fazia parte da mobília ou coisa parecida. Já para o final, eles nem sempre se preocupavam em ir para a casa da montanha. Um dos motivos para isso era que o Frederick estava trabalhando numa trilha do serviço florestal na ponta do desfiladeiro. Por isso, os dois ficavam na casa quando a Sra. Broadhurst estava fora. Eles se trancavam na sala de leitura e saíam com o rosto vermelho, e eu tinha de inventar histórias para o Stanley para explicar por que o sofá estava rangendo. - Seu rosto corou num tom de malva por baixo do pó-de-arroz. - Não sei por que estou lhe contando tudo isso. Eu pretendia ir para a sepultura sem contar isso a ninguém.

- A senhora sabe o que os fez ir embora?

- Creio que a tensão passou a ser demais para eles. Ela era quase demais para mim. Eu estava pronta para pedir demissão do emprego quando afinal eles foram embora.

- Para onde foram?

- Foram para São Francisco, pelo que me disseram, e nenhum dos dois voltou aqui. Não sei do que eles viveram.

Ele não tinha profissão nem dinheiro. Conhecendo os dois, imagino que ela tenha arranjado um emprego na área da baía, e é provável que o esteja sustentando até hoje. Ele não é o que se chama de um homem prático.

- Que tipo de mulher ela é?

- Do tipo metido a artista, mas muito mais prática do que jamais aparentava. Ela fingia ter a cabeça nas nuvens, mas os pés eram feitos de barro. Às vezes eu tinha pena dela. Ela seguia ele com os olhos como se ela fosse um cão e ele o seu dono. Depois do que aconteceu, muitas vezes tenho pensado nisso: como uma mulher com um marido e um filhinho poderia ter aquele tipo de sentimento pelo marido de outra mulher?

- Pela foto, calculo que ele era um homem bem-apessoado.

- É verdade. Onde foi que o senhor viu o retrato?

Tirei o anúncio do Stanley e mostrei-o. Ela lançou para ele um olhar de reconhecimento:

- Esse é o recorte com que o Albert Sweetner estava no outro dia. Ele queria se certificar de que o homem era o capitão Broadhurst. Eu disse que era.

- Ele perguntou sobre a mulher?

- Não precisava perguntar. Albert conhecia a Sra. Kilpatrick havia muito tempo. Ela era a professora dele no ginásio quando o Albert

estava morando na nossa casa.

Ela limpou os óculos e tornou a curvar-se sobre o recorte.

- Quem pôs esse anúncio no jornal?

- Stanley Broadhurst.

- Onde é que ele iria arranjar o dinheiro para uma recompensa de mil dólares? Ele não tem nem dois tostões para esfregar um no outro.

- Com a mãe dele. Pelo menos, a idéia era essa - Entendo. - Os olhos dela ergueram-se do recorte, cheios do passado. - Pobre Stanley. Ele ainda estava tentando descobrir o que se passava na casa da montanha.

A perspicácia daquela mulher continuava a me surpreender.

Sua mente fora aguçada pelos problemas e exercitada por anos de táticas defensivas em nome de Fritz. Percebi que ela estivera falando comigo com uma finalidade, mantendo-me afastado com histórias como uma Scherazade de meia-idade, disparando uma barragem de palavras entre mim e o filho dela.

Olhei para o meu relógio. Faltavam quinze para uma.

- O senhor tem que ir embora? - disse a Sra. Snow, ansiosa.

- Se eu pudesse falar primeiro alguns minutos com o Fritz...

- Não pode. Não vou permitir. Ele está sempre culpando a si mesmo por coisas que não fez.

- Posso dar o desconto por conta disso.

Ela balançou a cabeça.

- Não é justo o senhor pedir isso. Eu lhe contei muito mais do que o Frederick teria condições de contar. - Com uma espécie de fanfarronice irada, ela acrescentou: - Se houver mais alguma coisa que queira saber, pergunte a mim.

- Há uma coisa. A senhora mencionou um cartão de Natal que Marty Nickerson mandou para Frederick.

- Não foi exatamente um cartão de Natal... só um cumprimento num cartão-postal. - Ela se levantou. - Acho que posso encontrá-lo, se quiser vê-lo.





## 19

Ela passou pela porta da cozinha. Ouvi uma segunda porta abrir e fechar, e depois uma conversa abafada através das paredes finas. Ouvi a voz de Frederick elevar-se histericamente, a voz da mãe mandando-o falar mais baixo.

Ela apareceu com um cartão-postal, que me entregou. A foto colorida na frente do cartão mostrava a frente de um motel de dois andares cujo letreiro dizia: "Yucca Tree Motor Inn."

O cartão tinha sido carimbado pelo correio em Petroleum City, no dia 22 de dezembro de 1952. A mensagem estava manuscrita numa tinta verde desbotada:

Caro Fritz, Há muito tempo que a gente não se vê. Como vão as coisas na querida e velha Santa Teresa?

Tenho urna filhinha, nascida no dia 15 de dezembro, bem a tempo de ser o meu presente de Natal Ela pesa três quilos e meio e é uma gracinha. Resolvemos chamá-la de Susan. Estou muito feliz. Espero que você também esteja. Feliz Natal para você e sua mãe.

Martha (Nickerson) Cranaall

O telefone tocou na cozinha. A Sra. Snow deu um salto como se um alarme tivesse soado. Mas fechou a porta ao passar, antes de atendê-lo.

Um momento depois, tornou a abrir a porta.

- É o Sr. Kelsey - disse ela, fazendo com a boca um gesto como se o nome tivesse um gosto amargo. - Ele quer falar com o senhor.

Ela afastou-se para me deixar passar e ficou na porta para ouvir.

A voz de Kelsey refletia ansiedade:

- O Ariadne foi avistado por um dos pilotos voluntários do esquadrão aéreo do xerife. Está encalhado em Dunes Bay.

- O que aconteceu com os garotos que estavam a bordo?

- Isso não está claro. Mas não parece coisa muito boa.

Segundo a informação que recebi, ele está se partindo na arrebentação.

- Exatamente onde?

- Logo abaixo do parque estadual. Conhece o local?

- Conheço. Onde é que você está? Eu posso apanhá-lo.

- Lamento, mas neste momento não posso sair da cidade.

Tenho uma pista sobre o assassinato de Stanley Broadhurst.

Seja como for, eu não deixaria a área de incêndio.

- Qual é a pista?

- O seu homem com uma peruca preta comprida foi visto na área ontem. Ele estava dirigindo um carro branco velho pela Rattlesnake Road. Uma aluna da universidade estava dando uma caminhada por lá e o viu pouco antes de o incêndio começar.

- Isso é uma identificação confirmada?

- Ainda não. Estou indo conversar com ela agora.

Kelsey desligou. Afastando-me do telefone, percebi que a porta do quarto de Fritz estava entreaberta. Um dos seus olhos úmidos aparecia na fresta como o olho de um peixe numa fenda debaixo d'água. A mãe dele, na outra porta, vigiava-o como um tubarão.

- Como vai, Fritz? - falei.

- Eu me sinto muito mal.

Ele abriu mais a porta. No seu pijama amarrotado, parecia menos um homem do que um menino malcuidado. A mãe disse:

- Volte para o quarto e fique calado.

Ele balançou a cabeça desgrenhada.

- Não gosto dele. Estou sempre vendo coisas lá dentro.

- O que você está sempre vendo, Fritz? - perguntei.

- Estou sempre vendo o Sr. Broadhurst na cova dele.

- Você o enterrou?

Ele confirmou com a cabeça e começou a chorar, balançando a cabeça e chorando como uma bomba humana.

A mãe colocou-se entre nós. Inclinando o seu peso leve contra o corpo amorfo dele, ela o empurrou de volta para dentro do quarto.

Ela fechou a porta na cara dele, trancou-a e voltou-se para mim, segurando a chave como se fosse uma arma.

- Por favor, saia daqui agora. O senhor o deixou perturbado.

- Se ele enterrou Stanley Broadhurst ontem, a senhora não pode esconder isso. E louca se tentar.

Ela emitiu uma espécie de ruído de um terrier que deveria ser uma risada.

- Quem está louco não sou eu. Ele enterrou o Sr.

Broadhurst tanto quanto eu. Vocês o deixaram tão confuso e amedrontado, que ele não sabe o que fez ou o que viu. Mas eu sei que a

verdade é que ele não fez nada de errado.

Conheço o meu filho.

Ela falava com tanta segurança, que quase acreditei nela.

- Ainda acho que ele sabe mais do que nos contou.

- O senhor quer dizer que ele conhece muito menos. Ele não sabe o que sabe. E acho que o senhor devia ter vergonha por admoestar uma viúva e seu único filho. Se o doutor encontrá-lo nessas condições, vai querer interná-lo no Hospital Estadual.

- Ele já esteve internado antes?

- Ele quase foi internado, há anos. Mas a Sra. Broadhurs t disse que pagaria o sanatório.

- Isso foi em 1955?

- Foi. Agora, quer fazer o favor de sair da minha cozinha?

Não o convidei a vir aqui, mas o estou convidando a sair.

Agradeci e saí. No meio-fio em frente à casa, um homem de meia-idade, de traje esporte, estava saindo de um carro esporte amarelo. Ele tirou uma maleta médica do portamalas e veio em minha direção. Os cabelos grisalhos e olhos azuis contrastavam com a cor morena.

- Dr. Jerome?

- Eu mesmo. - O olhar dele era inquisitivo. Eu disse a ele quem era e o que estava fazendo.

- A Sra. Stanley Broadhurst me contratou. Por falar nisso, como vai Elizabeth Broadhurst?

- Ela está sofrendo de esgotamento, o que provocou um leve ataque de coração.

- Pode-se falar com ela?

- Hoje, não. Possivelmente amanhã. Mas eu não tocaria no assunto do filho dela... e do neto.

O médico respirou fundo e suspirou com um sentimento inesperado.

- Acabo de dar uma olhada no corpo de Stanley no necrotério. Odeio ver um homem jovem morrer.

- Foi um ferimento penetrante que o matou?

- Eu diria que sim.

- O senhor era o médico dele?

- Fui pela maior parte da vida dele... enquanto ele morou em casa. E ainda o via de vez em quando. Ele gostava de ir me procurar quando tinha algum problema.

- Que tipo de problema ele tinha?

- Problemas emocionais. Problemas conjugais. Não posso discuti-los

com terceiros.

- O senhor não pode prejudicar o Stanley. Ele está morto.

- Sei disso - disse o médico com certa aspereza. - O problema em que estou interessado é saber quem o agrediu com um instrumento penetrante até matá-lo e o enterrou.

- Seu paciente Fritz diz que foi ele quem o enterrou.

Fiquei observando o médico para ver sua reação. Os olhos afáveis não se desviaram. Sua pele morena continuou inalterada. Ele chegou até a sorrir um pouco.

- Não acredite nele. O Fritz está sempre confessando alguma coisa.

- Como é que o senhor sabe que não é verdade?

- Porque ele é meu paciente há mais de vinte anos.

- Ele é maluco?

- Eu não diria dessa maneira. Ele é supersensível, e tende a culpar a si mesmo por tudo. Quando fica emocionalmente perturbado, perde todo o senso de realidade. O pobre do Fritz tem sido um menino amedrontado a vida toda.

- De que ele tem medo?

- Da mãe, entre outras coisas.

- Eu também tenho.

- Todos nós também temos - disse o médico com um lampejo de diversão. - Ela é uma mulher pequenina, mas poderosa.

Mas talvez tenha ficado assim porque foi obrigada. O

falecido marido parecia-se muito com o Fritz. Tinha uma dificuldade enorme para manter qualquer emprego.

Suponho que o problema básico deles era genético, e ainda não há muita coisa que possamos fazer com relação à hereditariedade.

Ambos olhamos em direção à casa. A Sra. Snow estava nos monitorando da janela da frente. Ela deixou a cortina cair, voltando para a posição correta.

- Tenho de ir visitar o meu paciente - disse Jerome.

- Talvez possamos ter uma conversa sobre ele uma hora dessas, quando o senhor estiver livre. Se o Fritz for ou não inocente, como o senhor diz, ele esteve ligado ao principal suspeito da morte do Stanley. - Contei a ele sobre Al Sweetner e a nova pista de Kelsey. - E sabemos que o Fritz tinha acesso às ferramentas de jardinagem que foram usadas para cavar a cova do Stanley. Além do mais, ele me disse que o tinha enterrado.

O médico balançou lentamente a cabeça grisalha, de um lado para o

outro.

- Se o céu desabasse, o Fritz arranjaria um jeito de culpar a si mesmo. E por falar nisso, há uma possibilidade muito boa de que o Stanley tenha cavado a própria sepultura.

- O legista auxiliar e eu estávamos especulando sobre essa possibilidade.

- Isso não é de todo uma especulação da minha parte - disse Jerome. - Quando examinei o corpo do Stanley, agora há pouco, notei bolhas nas mãos dele.

- Que tipo de bolhas?

- Bolhas d'água comuns, no lado interno das mãos. — Ele tocou a palma da mão esquerda com os dedos da direita em forma de espátula. - O tipo de bolhas que um homem adquire de uma escavação à qual não está acostumado.

Admito que é difícil compreender por que um homem iria cavar a própria sepultura.

- Ele pode ter sido obrigado - disse eu. - Al Sweetner, o homem de peruca, era um cara cruel quando estava vivo. É

possível que ele tenha ficado na beira, dominando o Stanley com uma arma. Ou o Stanley pode ter tido alguma outra razão muito forte.

- Que razão?

- Não sei. Ele pode ter pretendido enterrar outra pessoa. Ele estava com uma garota, e também com o filho dele.

- O que houve com eles?

- Estou indo descobrir.

Dunes Bay ficava no fim de uma serpenteante estrada municipal transversal à Rodovia 1. Acima das montanhas de areia esculpidas pelo vento que se erguiam em direção norte ao longo da costa, nuvens deslizavam para a terra como flâmulas rasgadas. Parecia que uma tempestade estava a caminho.

O quiosque na entrada do parque estadual estava fechado e vazio. Continuei dirigindo pela área de estacionamento que dava vista para o oceano. A cerca de cem metros, onde as ondas arrebentavam, a chalupa branca jazia de lado. Mais adiante, um bando de pelicanos voava em círculos e mergulhava para pegar peixe.

Três pessoas observavam o Ariadne da praia. Não eram as três que eu estava procurando. Uma delas era um homem de uniforme do parque estadual. Perto dele, mas não com ele, dois meninos de cabelos longos desbotados pelo sol inclinavam-se sobre suas pranchas de surfe.

Tirei meu binóculo da mala do carro e focalizei-o na chalupa. Ela estava desmastreada, e seu cordame pendia para fora como uma rede rasgada. O casco parecia estar rachado e cheio d'água. Ele subia indolente quando a onda o levantava, e depois tomava a cair desajeitado, de lado. Minha respiração vinha com dificuldade, como que em empatia.

Fui até a praia por um passadiço de madeira meio coberto pela areia. O homem do parque estadual voltou-se para me receber, e perguntei-lhe se os jovens tinham sido salvos.

- Foram, sim. Eles desceram a terra.

- Todos três?

- Sim. Aqueles meninos deram uma grande ajuda.

Acompanhando o gesto dele, olhei para os dois surfistas.

Eles devolveram o meu olhar com uma espécie de orgulho desconfiado, como se não confiassem em qualquer aprovação adulta possível.

- Eles estão bem - disse o mais velho. Os dois fizeram um gesto afirmativo com a cabeça em solene uníssono.

- Onde eles estão, agora?

Ele encolheu os ombros flexíveis.

- Alguém veio e os levou numa caminhonete.

- Que tipo de caminhonete?

Ele apontou para o funcionário do parque.

- Pergunte a ele.

Voltei-me para o homem, que parecia o genro de alguém.

Ele me respondeu constrangido:

- Era uma caminhonete Chevrolet azul, modelo recente.

Não anotei o número da placa. Não tinha motivos para isso.

Naquele momento, não sabia que eram fugitivos.

- O garotinho não é fugitivo. Ele pode ser vítima de um seqüestro.

- Ele não agiu como fugitivo.

- Como ele agiu?

- Com medo. Mas não com medo deles, propriamente. Ele seguiu com eles sem qualquer problema.

- Para onde o levaram?

- Para a caminhonete.

- Eu sei disso. Quem estava dirigindo?

- Uma mulher corpulenta, com um chapéu de abas largas.

- Como ela soube que estavam aqui?

- Eu deixei a loura usar o meu telefone. Não tinha como saber que ele...

- Pode saber para onde foi o telefonema?

- Não vejo como, a não ser que tenha sido interurbano. Mas vou tentar.

Ele caminhou lenta e pesadamente em direção ao passadiço, protegendo o rosto contra a areia que soprava. Eu o segui até a entrada do quiosque e esperei, enquanto usava o telefone que havia lá dentro. Ele saiu balançando a cabeça, com as mãos espalhadas num gesto vago.

- Parece que eles não têm registro algum do telefonema.

- O senhor falou com a polícia?

- Eles vieram e foram embora. O capitão da equipe do xerife veio de Petroleum City. Mas isso foi depois que os três foram embora na caminhonete Chevrolet.

Voltei para a irregular beira do mar e dei outra olhada no Ariadne. Ele se balouçava na onda como um pássaro deixado impotente pelo petróleo. Quando me voltei para me retirar, vi que o mais velho dos dois garotos surfistas tinha se aproximado silenciosamente por trás de mim.

- Eu odeio ver isso acontecer com um barco. Isso me dá arrepios.

- O que foi que aconteceu?

- Ele disse que o motor enguiçou. Antes que pudesse levantar as velas, o vento soprou o barco para cá e o fez encalhar.

O mastro caiu quando ele bateu. Meu irmão e eu vimos tudo. Saímos nas nossas pranchas e trouxemos eles para cá.

- Tinha alguém ferido?

- Ele estava ferido. Feriu o braço quando o cordame partiu.

- E o garotinho?

- Ele está bem. Sentiu frio, e por isso meu irmão deu o cobertor para ele. O pobre do garotinho tremia e parecia que não podia parar... palavra.

O próprio garoto estava tremendo de frio, mas mantendo uma fisionomia estóica, como um jovem primitivo sendo submetido a um rito de iniciação.

- Daqui eles foram para onde?

Ele me dirigiu um outro olhar desconfiado.

- O senhor é da Narcóticos, ou o quê?

- Sou um detetive particular. Estou tentando pegar o garoto de volta.

- O grande, com suíças?

- O pequeno.

- Quando o senhor disse que era seqüestro, estava dizendo que é isso mesmo?

- Estava.

- Ele e ela não são irmãos? Eles disseram que eram.

- O que mais disseram?

- O que usa suíças disse que o senhor... que eles estavam atrás dele por excesso de velocidade. E verdade?

- Não, não é. Quero o garoto de volta. O pai dele foi assassinado ontem.

- Pelo cara de suíças?

- Pode ser. Não sei.

O rapaz foi conversar com o irmão e depois voltou em minha direção. Fui ao encontro dele:

- Qual é o segredo?

- Eu só estava confirmando com o meu irmão. A garota disse que ele podia ir pegar o cobertor dele em Petroleum City.

Ela disse que iria deixar o cobertor na portaria do Yucca Tree Inn.





## 20

Fui até lá, passando por pastagens cheias de bombas de petróleo e campos de torres de prospecção. Mais além, no horizonte, ficavam os galpões da base aérea de Vandenberg.

Petroleum City era uma cidade do interior que tinha crescido de repente. Ela havia se espalhado além de seus limites em quilômetros de bairros residenciais construídos com rapidez que se congelavam numa geleira de mesmice.

O Yucca Tree Inn tinha crescido desde que a foto no cartãopostal tinha sido tirada, havia quinze anos. Estava construído em torno de três lados de um quarteirão curto no limite sul da cidade, com um centro de convenções no quarto lado. O

letreiro móvel que havia na marquise na frente oferecia:

"Filé, lagosta e entretenimento contínuo." Quando estacionei em frente à portaria, ouvi música country como o último grito de dor de um interior moribundo.

A mulher atrás do balcão estava vestida como uma cowgirl sintética, com uma blusa brilhantemente listrada e um chapéu do Oeste com uma cinta imitando couro cru. Tinha um grande corpo amável que parecia não saber bem o que fazer consigo mesmo, mesmo depois de anos de prática.

- Alguém deixou um cobertor com a senhora? - perguntei. Um cobertor molhado?

Ela me dirigiu um olhar sério.

- Não foi o senhor que emprestou o cobertor a Susie.

- Eu não disse que fui eu. Susie está aqui?

- Não. Eles partiram outra vez.

Ela fez uma pausa com os lábios entreabertos, como se tivesse sido dominada por súbita dúvida.

- Mas eu não devia estar falando nisso.

- Quem disse?

- O Sr. Crandall.

- Lester Crandall?

- Sim, senhor. Ele é dono deste motel.

- Onde está ele? Gostaria de falar com ele.

- Sobre o quê?

- A filha dele. Eu sou detetive... detetive particular. Estive na casa dele em Pacific Palisades ontem à noite, e estamos cooperando um com o outro.

- Ele não está.

- A senhora disse que ele lhe deu ordens para não falar.

- Pelo telefone. Falei com ele ao telefone.

- Quando foi isso?

- Há poucas horas. Assim que a Susan me telefonou de Dunes Bay. O Sr. Crandall me disse para mantê-la aqui até ele chegar. Mas é mais fácil dizer do que fazer. No instante em que dei as costas, os três se meteram na caminhonete e tornaram a partir.

- Em que direção?

- São Francisco. — Ela agitou o polegar, como quem pede carona, naquela direção.

Obtive dela o número da placa da caminhonete.

- A senhora avisou a polícia?

- Por que iria avisar? O carro é do pai dela. Seja como for, o Sr. Crandall me disse para deixar a polícia fora disso.

- Quando o Sr. Crandall vai chegar?

- A qualquer momento. - Parecia não estar muito animada com a perspectiva do encontro. - Se tem alguma influência sobre ele, pode me fazer um favor? Diga a ele que fiz o possível, mas ela escapou de mim.

- Está bem. Qual é o seu nome? O meu é Lew Archer.

- Joy Rawlins. - Com um ar de estar repetindo uma piada antiga, ela disse: - Estou pensando seriamente em trocá-lo para Sorrow.

- Não faça isso. Posso lhe oferecer alguma coisa para beber?

- Desculpe, mas não posso abandonar o balcão. Mas obrigada pela oferta.

Ela me dirigiu um sorriso, que foi desaparecendo aos poucos.

- O que está acontecendo com a Susie? Ela era uma garota tranqüila, quase tranqüila demais.

- Já não é mais. Ela está fugindo.

- Então, por que telefonou para cá?

- Talvez porque precisasse de transporte. O que ela lhe disse quando telefonou da praia?

- Ela disse que estava dando um passeio de barco, que o barco havia

naufragado e ela e os amigos estavam encharcados.

Pediu que eu não telefonasse para o pai dela, mas é claro que tinha de telefonar... ele deixou ordens específicas. Eu os trouxe para cá, eles trocaram a roupa molhada por outra seca e comeram alguma coisa...

- Onde arranjaram as roupas secas?

- Da suíte do proprietário. Eu a abri para eles. Pensei que fossem ficar... na verdade, o rapaz de barba me perguntou como podia encontrar um médico para cuidar do braço dele.

Ele estava com um braço que parecia quebrado... pendurado, bambo, sabe? Mas depois mudou de idéia e disse que iria esperar até ver a mãe dele. Perguntei onde a mãe dele estava, mas não obtive resposta.

- E o garotinho?

- Também tenho um filho menino e arranjei umas roupas para ele.

- Ele disse alguma coisa?

- Acho que ele não disse uma só palavra. - Ela pensou na pergunta. - Não, ele não falou a uma distância em que eu pudesse ouvir.

- Ele chorou?

Ela balançou a cabeça.

- Não. Ele não estava chorando.

- Ele comeu?

- Consegui que ele tomasse um pouco de sopa e comesse um pedaço de hambúrguer. Mas a maior parte do tempo ele ficou sentado como se fosse uma estátua pequena. - Ela se calou e depois disse, como que tendo escolhido o assunto aleatoriamente: - Viu os pelicanos em Dunes Bay? Eles já não podem ter mais filhotes, sabia? Os corpos deles estão contaminados com DDT, e isso faz com que todos os ovos se quebrem.

Eu disse a ela que sabia sobre os pelicanos.

- E a Susan? Ela disse alguma coisa?

- Muito pouco. Não sei o que pensar daquela menina. Ela está mudada.

- De que maneira?

- Susie e eu éramos muito amigas antes de eles se mudarem para o sul. Pelo menos, achava que éramos.

- Há quanto tempo se mudaram?

-Já faz uns dois anos. Les... o Sr. Crandall... abriu outro motel em Oceano, e Los Angeles ficava mais perto para ele.

Pelo menos, foi esse o motivo que ele deu.

- Havia mais motivos?

A mulher lançou-me um olhar esquisito, tanto amável quanto

desconfiado.

- O senhor está me interrogando, não está? E estou falando demais. Mas odeio ver a Susie rebelar-se dessa maneira. Ela era realmente uma boa menina... palavra. Voluntariosa como o pai, mas de coração bom.

Ela ficou em profunda reflexão por um minuto. Sua fisionomia, sem se importar comigo, sonhava como se ela tivesse uma criança no peito. Eu dei a deixa:

- O que a fez mudar?

- Ela me parece um tanto desesperada. Não sei por quê. - Ela fez uma careta. - Na verdade, sei por quê. Eles se mudaram para Los Angeles para proporcionar a ela mais vantagens...

vantagens sociais e coisas desse tipo. Na verdade, foi idéia da mãe... ela sempre foi maluca por Los Angeles. Não deu certo para a Susie, ou para eles, tampouco. Por isso, é claro que eles a estão culpando por não serem felizes e ela não tem para quem se voltar. E uma garota muito solitária, e isso é de morte.

Pisquei ao ouvir a palavra, mas então encontrei algo de esperanço para dizer.

- Ela procurou a senhora.

- Mas depois fez meia-volta e tornou a ir embora.

- A senhora gosta da Susan.

- Gosto, sim. Nunca tive uma filha.

Eu não comia fazia sete ou oito horas. Entrei no barrestaurante de onde vinha a música e pendurei meu chapéu na ponta cravejada de metal de uma galhada de chifres montada.

Enquanto meu bife estava sendo grelhado, tranquei-me numa cabine telefônica e tornei a ligar para Willie Mackey.

O próprio Willie atendeu o telefone.

- Mackey Services.

- Aqui é o Archer. Já descobriu a Ellen?

- Ainda não, mas levantei a pista do cachorro.

- Do cachorro?

- O cão dinamarquês - disse Willie, impaciente. - Ele estava perdido, mesmo. Entrei em contato com o dono, que mora perto de Mill Valley. Ele colocou um anúncio à procura do cachorro na semana passada, e alguém o achou em Sausalito.

E muito longe da península, Lew.

- Acho que a minha informante era viciada em drogas.

- Eu estava curioso - disse Willie. - Seja como for, agora estou com

um homem em Sausalito. Você conhece o Harold.

- Você pode entrar em contato com ele?

- Acho que sim. Ele está com um dos carros que têm rádio.

- Diga-lhe que fique de olho numa caminhonete Chevrole t azul com três jovens.

Dei a ele o nome e a descrição deles e o número da placa do carro.

- O que Harold deve fazer se os vir?

- Ficar colado neles. Pegar o menino, se puder fazer isso sem que ele corra perigo.

- E melhor eu mesmo ir até o condado de Marin - disse Willie. - Você não me disse que isso era um seqüestro.

- Não é um seqüestro comum.

- Então, o que essa gente pretende?

Eu não tinha uma resposta pronta. Após um instante, falei:

- O pai do menino foi assassinado ontem. E provável que tenha sido testemunha do crime.

- Os outros dois são os culpados?

- Não sei.

Eu sentia uma crescente ambivalência em relação a Susan e Jerry - queria acabar com a fuga maluca deles, não apenas para o bem do menino, mas para o deles também.

- Mas temos que nos basear nessa hipótese.

Voltei para o restaurante. Meu bife estava pronto, e o ajudei a descer com um chope. Atrás do balcão semi-elíptico, quatro vaqueiros que nunca tinham chegado nem perto de uma vaca cantavam canções de vaqueiros que pareciam terse originado no Extremo Oriente.

Pedi um segundo chope e corri os olhos pelo local. Era uma barulhenta mistura de Oeste verdadeiro e Oeste de imitação.

A mistura incluía vaqueiros tanto janotas quanto verdadeiros, soldados de folga acompanhados das esposas e namoradas, turistas, operários de petróleo usando botas de salto alto como os vaqueiros, uns poucos homens de paletó e gravatas largas e olhos apertados enrugados pelo sol.

Alguns dos olhos pareceram brilhar como sensores eletrônicos quando Lester Crandall entrou vindo do saguão.

Sensores eletrônicos de dinheiro. Ele fez uma pausa na entrada, correndo os olhos pelo salão. Ergui a mão. Ele se aproximou e apertou-a.

- Você é o Archer, não é? Como conseguiu chegar aqui tão depressa?

Eu disse a ele, observando o seu rosto enquanto falava. As reações

dele pareciam lerdas e apáticas, como se não tivesse dormido na noite anterior. Ainda assim, ele parecia mais à vontade no seu motel do que na grande casa nas Palisades.

As garçonetes tinham ficado em posição de sentido quando ele entrara, e uma delas veio até nossa mesa:

- Posso lhe servir alguma coisa, Sr. Crandall?

- Bourbon. Você conhece a minha marca. E suspenda a conta do Sr. Archer.

- Não é preciso - disse eu. - Mas muito obrigado.

-Não há de quê. - Ele inclinou-se para a frente, olhando-me através de pálpebras inchadas. - Se o senhor já me disse e eu me esqueci, por favor, me desculpe. Hoje estou um pouco lerdo. Para mim, ainda não está claro qual é o seu interesse.

- Fui contratado pela Sra. Stanley Broadhurst. Estou tentando trazer o filho dela de volta antes que seja ferido... e antes que ela tenha um colapso nervoso.

- Eu mesmo estou perto de um colapso nervoso. - Ele agarrou o meu pulso com a mão que o trabalho tinha deixado cheia de cicatrizes, num repentino gesto de intimidade. Com a mesma brusquidão, me largou. - Mas deixe-me tranqüilizá-lo quanto a uma coisa. A minha Susan não é o tipo de garota que faria mal a um menino.

- Talvez não intencionalmente. Mas ela o está expondo ao perigo. Foi um milagre ele não ter morrido afogado hoje.

- Foi o que a Sra. Rawlins disse. Quem dera que ela tivesse a força intestina para mantê-los aqui. Ela disse que os manteria.

- Não foi culpa dela. O senhor não disse a ela para não chamar a polícia?

Crandall me lançou um olhar de uma raiva fria e afoita.

- Conheço a polícia nesta parte do mundo. Nasci e me criei aqui. Eles atiram primeiro e depois fazem perguntas. Não vou soltá-los para saírem procurando minha filha.

Não pude deixar de concordar com ele.

- Não vamos discutir. Seja como for, a esta altura eles já estão bem avançados a caminho da área da baía.

- Em que ponto da área da baía?

- Talvez Sausalito.

Ele cerrou os punhos e sacudiu-os como se tivesse dados nas mãos.

- Por que não está atrás deles?

- Pensei que o senhor fosse dizer alguma coisa útil. Os olhos dele

ainda estavam manchados de raiva.

- Isso é uma piada?

- E a verdade. Por que não se acalma? Um amigo meu, de São Francisco, estará à procura deles.

- Um amigo seu?

- Um detetive particular chamado Willie Mackey.

- O que ele vai fazer com eles quando os pegar?

- Usar de discernimento. Tirar o menino deles, se puder.

- Acho isso perigoso. E minha filha?

- Ela escolheu uma vida perigosa.

- Não me venha com essa. Quero que ela seja protegida, entendeu?

- Pois, então, proteja-a.

Ele me lançou um olhar sombrio. A garçonete chegou correndo com a bebida dele, sorrindo desesperadamente numa tentativa de compensar o estado de espírito do patrão.

A bebida foi mais eficiente do que o sorriso dela. Aumentou a cor dele e fez com que seus olhos brilhassem com a umidade. Até as suíças dele pareceram adquirir uma encrespada vida nova.

- A culpa não é minha - disse ele. - Dei a ela tudo o que uma garota poderia querer. A culpa é do Jerry Kilpatrick. Ele pegou uma garota inocente e a corrompeu.

- Alguém a corrompeu.

- Está querendo dizer que não foi ele?

- Quero dizer que ele não foi o único. Um dia, na semana passada... acho que pode ter sido na quinta-feira... ela fez uma visita ao Star Motel.

- Aquele que fica na auto-estrada da costa? A Susie não iria lá.

- Ela foi vista lá. Ela passou algum tempo com um fugitivo da cadeia chamado Albert Sweetner. O nome significa alguma coisa para o senhor?

- Não, não significa, e o resto da sua história também não. Eu simplesmente não acredito nela.

Mas a fisionomia dele estava se adaptando a ela como a de um velho lutador que tinha apanhado bastante e esperava ter de apanhar mais.

- Por que está me contando isso?

- O senhor precisa fazer alguma coisa, e não se pode pensar sem conhecer os fatos. Al Sweetner foi assassinado na noite de sábado.

- E está acusando a Susan?

- Não. E provável que ela estivesse em alto-mar quando o crime aconteceu. Estou tentando passar-lhe o tipo de encrenca em que ela está

metida.

- Sei que ela está numa encrenca danada. - Ele apoiou os braços cruzados sobre a mesa e olhou para mim por cima deles como um homem atrás de uma barricada. - O que posso fazer para tirá-la disso? Tenho andado em círculos desde que ela saiu de casa. Mas ela está sempre fugindo ao meu alcance.





## 21

Ele ficou calado por um minuto. Seu olhar passou por mim e ficou distante, como se estivesse vendo a filha escapulir num horizonte que recuava. Eu não tinha filhos, mas havia desistido da idéia de invejar quem os tinha.

- Tem alguma idéia do que ela está fugindo? Ele balançou a cabeça.

- Nós demos tudo a ela. Eu achava que ela estava bem. Mas alguma coisa aconteceu... e não sei o quê.

Ele balançava a cabeça obtusamente de um lado para o outro, esticando a mão para pegar a filha numa espécie de jogo de cabra-cega. Aquilo me encheu de um pesar enfadonho, talvez não diferente do dele.

Empurrei minha cadeira para trás e me levantei.

- Obrigado pelo filé.

Crandall se levantou à minha frente, mais baixo, mais largo, mais velho, mais triste, mais rico.

- Aonde vai, Sr. Archer?

- Para Sausalito.

- Leve a Mamãe e eu junto.

- Mamãe?

- A Sra. Crandall.

Ele era um desses homens que raramente se referiam às esposas pelo nome de batismo.

- Eu não sabia que o senhor a tinha trazido.

- Ela está se arrumando na suíte. Mas podemos estar prontos para partir a qualquer momento. Pagarei todas as despesas.

Na verdade - acrescentou -, não vamos usar de circunlóquios: quero contratar os seus serviços.

- Já tenho uma cliente. Mas gostaria de falar com a Sra.

Crandall.

- Claro. Por que não?

Coloquei sobre a mesa uma gorjeta de um dólar. Crandall apanhou a nota, enrolou-a cuidadosamente e, erguendo-se na ponta dos pés, enfiou-a no bolso externo superior do meu paletó.

- O seu dinheiro não tem valor no meu motel.

- Isto é para a garçonete.

Desenrolei a nota de um dólar e tornei a colocá-la sobre a mesa. Crandall começou a se irritar, e depois decidiu controlar-se. Ele queria que eu levasse Mamãe e ele comigo.

Acompanhei-o ao saguão e esperei enquanto ele subia até sua suíte. Joy Rawlins estava atrás da mesa, tirando coisas de uma gaveta e colocando-as numa pasta de couro artificial.

Estava com as pálpebras pesadas e pálida como se tivesse perdido sangue.

- Ele me despediu - disse ela num tom de voz monótono. Ele me deu quinze minutos para dar o fora. E estou aqui há mais de quinze anos. Construí isso aqui para ele.

- Tenho certeza de que ele vai mudar de opinião.

- O senhor não conhece o Les. Ele vem ficando terrivelmente arrogante desde que começou a ganhar dinheiro de verdade. Ele tem um complexo de Deus, e esse complexo está tomando conta dele. Foi apenas sorte dele a fazenda do pai estar entre Petro City e a base aérea de Vandenberg. Mas o Les acha que foi ele sozinho que fez tudo. E agora pensa que pode destruir outras pessoas desse jeito. - Ela fez um gesto de corte com a mão. A mão estava tremendo. - Eu preciso deste emprego. Tenho um filho na escola.

- Qual foi o motivo que ele deu para despedi-la?

- Nenhum motivo. Mas o senhor sabe por quê, e eu também. Eu deveria ter prendido a Susie, ou coisa parecida.

Ele põe a culpa em mim porque não tem coragem de pôr a culpa nas pessoas certas... nele e na mulher dele. Foram eles que a criaram. Eu poderia lhe contar coisas sobre a mãe de Susie...

Sua fisionomia imobilizou-se numa expressão de surpresa, como se ela tivesse ouvido suas próprias palavras. Ela parou de falar, e tentei fazer com que recomeçasse.

- Quais são os antecedentes da Sra. Crandall?

- Nada de mais. O pai dela era do ramo de construção...

instalação de folhas de material prensado para revestimento de paredes... e eles andaram por todos os cantos do estado quando ela era pequena. Ela ainda não era mais do que uma criança quando se casou com o Lester. Ele a tirou direto do ginásio. Ele já era um homem de meia-idade.

- Notei a diferença de idades. E fiquei imaginando o motivo pelo qual

ela se casou com ele.

- Ela teve que casar.

- Você quer dizer que ela estava grávida? Isso é muito comum.

- Havia outro motivo ainda mais forte... muito mais forte.

Ela estava andando com um grupo inconseqüente de Santa Teresa, e eles roubaram o carro do Les. Ela poderia ter ido para a cadeia se ele tivesse entrado com um processo. Um dos outros foi.

- Albert Sweetner?

A fisionomia dela se fechou.

- O senhor está me gozando. O senhor já sabia disso tudo.

- Eu não sabia de tudo. Mas esbarrei com o Sweetner ontem.

Como você o conheceu?

- Na verdade, não o conheci. Mas ele veio aqui na semana passada. Tenho uma boa memória para fisionomias e me lembrei dele da outra vez. Ele queria saber onde poderia encontrá-la.

- Encontrar a Sra. Crandall?

- Os dois Crandall.

- E você disse?

-Não, não disse. Mas o endereço deles não é segredo. Está no catálogo de telefones de Los Angeles. - Ela acrescentou, virtuosa: - Eu nem mesmo disse isso a ele.

- Você mencionou uma outra vez em que ele esteve aqui.

Os olhos dela mudaram para um foco mais longo.

- Isso foi há muito tempo, quando ele era apenas um rapaz andando de carona. Naquela ocasião, eu também não era tão velha assim.

- Há quanto tempo?

- Vejamos, eu era muito nova no emprego. E a Susan tinha uns três anos. Deve ter sido há quinze anos, no mínimo. Ela fez uma careta. - Eu devia ter ficado em casa esta semana. Sempre que aquele homem passa por aqui, ele cria problema.

- O que foi que ele provocou há quinze anos?

- Não sei exatamente. Ele queria falar com o Les... imaginei que quisesse pedir um empréstimo a ele. Mas depois que ele se foi, deu-se o pandemônio por aqui. Les e a mulher tiveram uma briga dos diabos.

- Qual foi o motivo da briga?

- Não sei... tudo o que ouvi foi a gritaria. O senhor vai ter de falar com eles sobre isso. Só lhe peço que não diga que fui eu quem disse. Tenho de pedir referências ao safado.

Crandall me chamou do alto da escada. Subi, levado por certa

agitação. Estava ansioso por uma segunda olhadela em Martha Crandall, contra o pano de fundo que eu tinha montado.

A suíte estava mobiliada com um luxo barato. Ela estava sentada numa cadeira estofada, as pernas cruzadas à frente e com uma camada grossa de maquiagem no rosto.

Fiquei impressionado, outra vez, com a beleza e a graça do corpo. Não importava a posição que ela adotasse, a posição parecia organizar o aposento em torno dela, como acontece com uma lâmpada ou uma lareira. Mas os olhos estavam cansados e frios. Eles olharam para mim através da máscara de maquiagem como se ela tivesse tido uma péssima noite e eu houvesse sido o responsável.

Ela me estendeu a mão e ficou segurando a minha, enquanto dizia:

- O senhor tem de me trazer a Susie de volta. Ela está desaparecida há três dias, e não agüento isso.

- Estou fazendo o possível.

- O Lester disse que ela está indo para Sausalito. É verdade?

- É uma possibilidade muito boa. De qualquer modo, estou agindo baseado nessa informação. A senhora talvez possa me ajudar.

- Como?

Ela se inclinou na minha direção numa postura ansiosa, mas os olhos não se alteraram. Eles pareciam estafados, como se ela estivesse vendo sua vida repetir-se.

- Farei qualquer coisa, palavra.

A voz dela estava mais áspera, adotando o sotaque do ambiente.

- A senhora conhece Ellen Kilpatrick?

O olhar dela se desviou para o marido e voltou para mim.

- E estranho o senhor me perguntar isso. Eu estava pensando em telefonar para ela.

- Por quê?

- Ela mora em Sausalito.

- Que nome ela usa?

- Eilen Storm. Ela é uma artista, e usa esse nome.

- Ela se dizia uma artista - disse Crandall. - Mas é um blefe.

Não sabe nem desenhar.

A voz dele estava sufocada, e o rosto, vermelho. Fiquei imaginando se ele teria motivo para estar zangado com Ellen, ou se ele tinha simplesmente aliado sua raiva a ela.

- O senhor viu o trabalho dela? - disse eu.

- Vi uma amostra. Ela nos escreveu uma carta no verão, oferecendo-

se para nos vender um quadro. Por isso, mandei um dinheiro para ela e ela mandou o quadro.

- O senhor o tem aqui?

- Joguei-o fora. Não passava de uma porcaria... uma desculpa para me pedir dinheiro.

- Não era - disse a mulher dele. - Ela disse que queria nos dar a primeira opção.

- Não havia ninguém na fila.

Voltei-me para ela.

- A senhora viu Eilen há pouco tempo?

Ela olhou nervosamente para o marido.

- Ela era minha professora na sala de aula em que tínhamos de nos apresentar antes de ir para as outras. Não é, Les?

Ele não respondeu. Parecia estar absorto em seus próprios pensamentos sombrios.

- E ela é mãe de Jerry Kilpatrick - repliquei. - A senhora sabia disso?

- Não. - Ela tornou a olhar para o marido e acrescentou, depois de uma pausa constrangida: - Quer dizer, não sabia, até que tirei minhas conclusões.

Crandall colocou-se entre mim e sua mulher, ficando de pé diante dela como um promotor.

- Você convidou Jerry Kilpatrick a ir a nossa casa?

- E se convidei? Foi uma gentileza.

- Foi uma besteira. Você está vendo no que deu. Quem a instigou a fazer isso? Foi ela?

- Não é da sua conta. E não fique aí parado na minha frente como uma ameaça.

Atentos ao seu jogo intramuros, eles pareciam ter-se esquecido de mim. Em parte para interromper aquilo e em parte porque a pergunta precisava ser feita, dirigi-me a ela:

- O Albert Sweetner estava naquela sua sala de aula no ginásio?

Ela ficou sentada muito quieta e calada por algum tempo. O

marido ficou calado, também, os olhos com uma expressão muito desatenta, como se tivesse sido agredido pelo passado.

- Era uma turma grande - disse ela. - Pode repetir o nome?

- Albert Sweetner.

Ela descruzou e tornou a cruzar as pernas como se fossem uma tesoura macia e refinada e ergueu os olhos para o marido.

- Não me olhe desse jeito. Como posso pensar com você

olhando fixo para mim?

- Não estou olhando fixo. — Ele tentou afastar o olhar dela e não conseguiu.

- Por que não vai beber alguma coisa? - sugeriu ela. - Eu me esqueço como é que se fala, com você aí em pé olhando para mim.

Ele estendeu a mão. Sem tocar nela, traçou-lhe o contorno na cabeça.

- Mantenha a calma, Mamãe. Nós temos que ficar juntos...

você e eu contra o mundo.

- Claro. Mas me dê a chance de raciocinar um instante, sim?

Vá beber alguma coisa.

Ele saiu lentamente do quarto. Esperei até ouvir o estalido do fecho depois que ele saiu e os relutantes passos descendo a escada.

- O que o senhor está tentando fazer? - disse a mulher. Está querendo arruinar nosso casamento?

- Parece que ele já está ligeiramente arruinado.

- Isso não é verdade. Eu tenho sido uma boa esposa para o Lester, e ele sabe disso. Fiz o possível para compensar qualquer mal que lhe causei no passado.

- Como roubar um carro?

- Isso foi há quase vinte anos. O senhor tem a ousadia de desencavar isso e trazer o Albert Sweetner à baila na minha cara.

- Eu o trouxe à baila ontem à noite. Lembra-se? A senhora disse que não o conhecia.

- Tudo que me deu foi o primeiro nome dele. E nunca mais o vi, desde o ginásio.

- Tem certeza, Sra. Crandall? Ele esteve aqui no seu motel há quinze anos.

- Muita gente vem aqui.

- E, nesta semana, ele levou a sua filha a outro motel. Ela afastou a idéia com as mãos.

- A Susan não iria com um homem desses.

- Eu acho que foi.

Ela se pôs de pé, agitada.

- O que ele estava tentando fazer? Vingar-se de mim por tê-lo denunciado?

- A senhora o denunciou?

- Eu tinha que denunciá-lo. Era isso ou o juizado de menores. Mas isso foi antes até mesmo de a Susan nascer.

- Mas o Al não iria esquecer.

- Não. Ele não iria esquecer. Ele veio aqui há quinze anos, como o senhor disse, para tentar acabar com o meu casamento. Foi logo depois que ele saiu de Preston.

- Como foi que ele tentou acabar com o seu casamento?

- Ele disse ao meu marido uma porção de mentiras a meu respeito. Eu não quero entrar em detalhes sobre o que ele disse. Na verdade, nem sei por que estou conversando com o senhor.

- Al Sweetner foi assassinado ontem à noite.

Ela olhou para mim em silêncio. Seus olhos estavam amedrontados. O corpo mantinha a confiança felina.

- Entendo. O senhor acha que eu o matei.

Não confirmei nem neguei. O olhar dela ficou mais frio:

- Susan? O senhor acha que foi a Susan?

- Ela não é suspeita. Não tenho um suspeito lógico.

- Então, por que me joga isso assim na cara?

- E uma coisa que achei que a senhora deveria saber.

- Muito obrigada - disse ela, rancorosa. - E o que o Al estava fazendo com minha filha?

- Acho que, em primeiro lugar, estava tentando usá-la como fonte de informações. O Al estava foragido, e veio para o sul à procura de dinheiro. Ele estava tentando financiar uma viagem para o México.

- Veio para o sul, de onde?

- De Sacramento. Creio que ele parou em Sausalito no caminho.

Ela ficou numa atitude de quem está de ouvido atento, como uma mulher ouvindo passadas num cemitério.

- A Ellen nos indicou a ele?

- Não sei o que ela fez. Mas estou razoavelmente certo de que ele foi visitá-la entes de vir para o sul. Ele estava atrás de uma recompensa que Stanley Broadhurst oferecia por ela e pelo pai dele.

- Que tipo de recompensa?

- Mil dólares em dinheiro vivo. Talvez o Al esperasse conseguir mais. - Tirei do bolso o recorte do anúncio, que aos poucos estava se desgastando. - Essa é mesmo a Ellen, não é?

- É. Era essa a aparência dela quando lecionava no ginásio em Santa Teresa.

- A senhora a viu depois daquela época?

Ela demorou a responder.

- Fui visitá-la no mês passado, depois que compramos aquele quadro

dela. Por favor, não comente com o Les... ele não sabe disso. Estávamos passando o fim de semana em São Francisco e escapuli dele e atravessei a ponte de carro para Sausalito. - Depois de um momento de hesitação, ela acrescentou: - Levei a Susie comigo.

- Por quê?

- Não sei... pareceu-me uma boa idéia. A Ellen parecia querer entrar em contato comigo, e ela fez muito por mim quando eu era pequena. Se não fosse ela, eu nem mesmo teria sobrevivido à minha adolescência. E a Susan começava a mostrar os mesmos sinais. Ela nunca foi uma menina feliz, mas estava começando a ficar desesperada. Sabe ?

Eu não sabia, e foi o que disse. Foi a sua primeira admissão de que algo tinha estado gravemente errado na vida de Susan.

- Ela tinha medo das outras pessoas, medo de verdade, como eu tinha quando era menina. E elas tinham medo dela, de certa maneira... as outras crianças não conseguiam entender o que a perturbava. Eu sabia, ou achava que sabia, mas não podia falar a respeito.

- Pode falar agora?

- Acho melhor falar. Seja como for, está tudo desmoronando.

Ela correu os olhos pelo quarto demasiado enfeitado, como se rachaduras provocadas por um terremoto estivessem aumentando nas paredes.

- O Les não é o pai de Susie. Ele fez o possível para ser um pai para ela, mas por algum motivo o esforço não chegou até ela. E também tenho me sentido esquisita quanto a isso...

como que constrangida, sabe? Nós temos ficado como uns bobos na nossa própria casa.

- Quem é o pai de Susan?

- Não é da sua conta. - Ela me encarou, sem muito ânimo. -É possível até que eu não saiba a resposta. Minha vida estava uma confusão danada numa determinada época. Isso foi quando eu era mais moça do que a Susan é agora.

- O pai dela foi o Fritz Snow?

Os olhos da mulher ficaram mais penetrantes.

- Não vou responder a nenhuma pergunta sobre esse assunto, de modo que pode desistir. Seja como for, o senhor está interrompendo o que comecei a lhe contar. Eu estava preocupada com a Susan, como disse, e achei que talvez a Eilen tivesse algumas sugestões.

- E tinha?

- Não tinha. Ela falou um bocado, e Susie ouviu um bocado.





## 22

Mas não achei que as idéias dela eram grande coisa. Ela achava que devíamos internar a Susan e deixar que outras pessoas cuidassem dela. Ou soltá-la e deixar que cuidasse de si mesma. Mas não se pode fazer isso. Os jovens precisam de proteção neste mundo.

- O que a Susan achava disso?

- Ela quis ficar com a Ellen. Mas não teria sido uma boa idéia. A Eilen mudou desde que era jovem. Ela mora naquela horrível casa velha na floresta, como uma espécie de eremita.

- Nada de homens?

- Que eu visse, não. Se está se referindo a Leo Broadhurst, há muito tempo que ele se foi. Os dois não se deram bem juntos. Foi um desses casos de amor que só durou enquanto a esposa estava ali para torná-lo excitante.

Ela pareceu um pouco constrangida pelo seu conhecimento.

- Para onde ele foi?

- Ela disse que foi para o exterior.

- A senhora conhecia o Leo antes de ele sair de Santa Teresa, certo?

- Trabalhei na casa dele, se chama isso de conhecer.

- Que tipo de homem ele era?

- Era o tipo de homem que não podia deixar de se envolver com mulheres.

Ela falou com um certo rancor, e eu disse:

- Alguma vez ele lhe passou alguma cantada?

- Uma vez. Esbofeteei o belo rosto dele. - Ela olhou para mim com ar desafiador, como se eu tivesse lhe passado uma cantada. - Depois disso, ele manteve as mãozinhas ousadas longe de mim.

A raiva recordada cresceu nela e a deixou rosada. Talvez estivesse tingida com alguma outra paixão. Ela era uma mulher mais complexa do que tinha parecido na primeira vez em que a vi.

Mas eu estava ansioso por ir embora dali. Fui até o térreo e tornei a telefonar para Willie Mackey. Enquanto esperava na linha, ele procurou

o nome de Eilen Storm num catálogo de Marin.

Ela morava numa casa em Haven Road, nos arredores de Sausalito. Willie disse que ia mandar vigiar a casa até eu chegar.

Escapuli até o meu carro sem me despedir de nenhum dos Crandall. Não queria ter de levá-los comigo, com todas aqueles anos de suas vidas arrastando-se atrás deles.

Quando cheguei a São Franciso, estava escuro e tinha chovido. Lá no mar, depois da Golden Gate, uma massa de nuvens se aproximava, vinda das ilhas Farallon. O vento que vinha do mar e que atravessava a ponte estava molhado e frio no meu rosto.

Uma placa amarela retangular na entrada de Haven Road dizia que ela era uma "Rua sem Saída". Fiz a manobra com o carro, estacionei-o e continuei a pé pelo asfalto esburacado.

As casas espalhadas ficavam escondidas de quem estivesse na rua, mas eu via as luzes delas brilhando através das árvores.

Uma voz falou baixinho da escuridão.

- Lew?

Willie Mackey apareceu ao lado da rua. Estava usando uma capa de chuva escura, e o seu rosto de bigode parecia não ter corpo, como algo evocado numa sessão espírita. Fui para debaixo das árvores gotejantes com ele e apertei-lhe a mão enluvada.

- Eles não apareceram - disse ele. - Sua informação é confiável?

- Mais ou menos.

A esperança que me levara ao norte revirara-se no meu peito e estava afundando pesadamente para o estômago.

- A tal de Storm está em casa?

- Está, mas não há ninguém com ela.

- Você sabe disso?

- Sei. Harold consegue vê-la pela janela lateral.

- O que ela está fazendo?

- Nada de mais. A última vez que conferi com Harold, ele disse que ela parecia estar esperando.

- Acho que vou entrar e falar com ela.

Willie segurou o meu braço, beliscando o músculo logo acima do cotovelo.

- Será que isso é uma boa idéia, Lew?

- Ela pode ter tido notícias deles. Ela é mãe do garoto mais velho.

- Está bem, não deixe que eu o atrapalhe.

Willie soltou o meu braço e afastou-se.

Segui pelo caminho de cascalho lavado pela chuva. As duas torres cônicas erguendo-se contra o céu noturno faziam com que a casa parecesse algo saído de um romance medieval.

A ilusão desapareceu quando cheguei mais perto. Havia uma bandeira semicircular e colorida sobre a porta da frente, com pedaços de vidro faltando, como dentes que faltavam num sorriso velho. Os degraus da varanda estavam meio arriados e gemiam sob o meu peso. A porta abriu-se com um rangido quando bati.

Eilen apareceu na entrada iluminada. A boca e os olhos não tinham mudado muito desde que a foto tinha sido batida todos aqueles anos antes, e faziam com que o grisalho dos cabelos parecesse acidental. Ela estava usando um vestido com uma parte superior de jérsei com mangas compridas e uma saia longa na qual havia manchas de tinta em todas as três cores primárias. O corpo movia-se com um orgulho inconsciente.

Ela pareceu ao mesmo tempo ansiosa e temerosa enquanto chegava à porta.

- Quem é o senhor?

- Meu nome é Lew Archer. A porta abriu de repente quando bati.

- O fecho precisa de conserto. - Ela mexeu na maçaneta. - O senhor é o detetive, não é?

- A senhora está bem-informada.

- Martha Crandall me telefonou. Ela disse que o senhor está procurando a filha dela.

- A Susan esteve aqui?

- Ainda não, mas a Martha falou como se ela pretendesse vir.

- A mulher olhou para a escuridão atrás de mim. - Ela disse que o filho dela, o Jerry, está viajando com a Susan.

- Certo. E estão com o neto de Leo Broadhurst. Ela pareceu intrigada.

- Como é que o Leo pode ter um neto?

- Lembre-se que ele deixou um filho quando foi embora. O filho teve um filho. O Ronny tem seis anos, e é por causa dele que estou aqui.

- O que estão fazendo com um menino de seis anos?

- Não sei ao certo. Esperava poder perguntar a eles.

- Entendo. Entre, por favor. - Ela fez um gesto com uma espécie de graça desajeitada e seu busto ergueu-se. Podemos esperar juntos.

- Muita bondade sua, Sra. Kilpatrick.

O nome desagradou-a, como se eu o tivesse usado para lembrá-la do

passado. Ela me corrigiu:

- Srta. Storm. Eu o adotei no começo, como nome profissional. Mas há anos que não uso qualquer outro nome.

- Pelo que sei, a senhora é pintora.

- Não sou uma pintora de talento. Mas me esforço.

Ela me levou para uma sala grande, de pé-direito alto. As paredes estavam cobertas de telas. A maioria estava sem moldura, e seus torvelinhos e borrões de cor pareciam inacabados, talvez inacabáveis.

As janelas da sala tinham cortinas pesadas, exceto a janela tripla num vão de janela. Através das árvores lá fora, eu via as luzes de Sausalito esparramadas pela encosta da montanha.

- Bela vista - disse eu. - A senhora se importa se eu fechar as cortinas?

- Fique à vontade. O senhor acha que eles estão lá fora me vigiando?

Olhei para ela e vi que estava falando sério.

- A quem a senhora se refere?

- Jerry, Susan e o garotinho.

- Não é provável.

- Sei que não é. Mas tenho me sentido vigiada esta noite.

Fechar as cortinas não ajuda muito. O que quer que esteja lá fora tem olhos de raios X. Pode chamar de Deus, ou de Diabo. Pouco importa.

Dei as costas para a janela e tornei a olhar para o rosto dela.

Ele tinha uma certa nudez, desabituada à pressão de olhos.

- Eu o estou deixando em pé, Sr. Archer. Não quer sentarse? - Ela indicou uma velha cadeira perpendicular.

- Eu preferiria sentar-me em outro aposento, onde não estejamos tão visíveis.

- Eu também; sério.

Ela me levou pelo corredor da frente, para uma espécie de escritório debaixo da escada, tão pequeno que dava claustrofobia. O teto inclinado, na sua parte mais alta, mal dava para passar a minha cabeça.

A grande tela de Gary Snyder, Four Changes, estava presa à parede com tachas. Ao lado dela, e em contraste, aparecia uma antiga gravura de um baleeiro abrindo caminho por mares montanhosos em torno de um pontudo cabo Horn.

Havia um velho cofre de ferro no canto, com uma legenda na porta: "William Strome Mill and Lumber Co".

Ela se pendurou na mesa ao lado do telefone, e me sentei numa cadeira giratória bamba. Assim tão perto, eu sentia o odor dela. Era

agradável, mas muito sem vida, como cinza de madeira ou folhas secas. Vagamente, fiquei imaginando se ela ainda estava consumida pela paixão que a havia feito subir a montanha com Leo Broadhurst.

Ela percebeu a expressão do meu olhar e a interpretou de forma errada, embora por uma margem não muito grande:

- Não sou tão alienada quanto o senhor pensa. Tive uma ou duas experiências místicas. Sei que cada noite é a primeira noite da eternidade.

- E os dias?

Ela respondeu em poucas palavras:

- O meu melhor trabalho eu faço à noite.

- Foi o que me disseram.

Ela voltou-se para mim. Foi rápida na percepção.

- A Martha andou falando a meu respeito?

- Só no bom sentido. Martha disse que a senhora salvou a vida dela quando era criança.

Ela pareceu contente por ouvir aquilo, mas disposta a não ser distraída.

- O senhor sabe do meu caso com o Leo Broadhurst, ou não teria mencionado o nome dele.

- Eu trouxe o nome à baila para identificar o neto dele.

- Será que estou agindo como uma paranóica?

- Talvez um pouco. A gente fica assim quando mora sozinha.

- Como sabe disso, doutor?

- Eu não sou médico, sou um paciente. E moro sozinho.

- Por opção?

- Não minha. Minha mulher não queria viver comigo. Mas agora eu me acostumei.

- Eu também. Adoro a minha solidão - disse ela de forma nada convincente. - Às vezes, pinto a noite toda. Não preciso da luz do sol para fazer o meu tipo de trabalho. Pinto coisas que não refletem a luz... estados espirituais.

Pensei nos quadros na parede da outra sala. Pareciam contusões graves e feridas abertas. Eu disse:

- Martha lhe falou do acidente com o Jerry? Parece que ele quebrou o braço.

A fisionomia mutável dela foi cutucada pelo pesar.

- Onde é que ele pode estar?

- Na estrada, a menos que tenha pensado num lugar melhor para

onde ir.

- De que ele está fugindo?

- A senhora deve saber melhor do que eu.

Ela abanou a cabeça.

- Não o vejo há quinze anos.

- Por quê?

Ela fez um gesto com as mãos que parecia dizer que eu sabia tudo a seu respeito. Foi o gesto de uma mulher que passava mais tempo em pensamento e fantasia do que falando e vivendo.

- Meu marido... meu ex-marido... não me perdoou pelo caso com o Leo.

- Eu vivo imaginando o que pode ter acontecido com o Leo.

- Eu também. Fui a Reno para conseguir o divórcio, e ele deveria encontrar-se comigo lá. Mas ele nunca apareceu. Ele me deu o bolo. - A voz dela era amarga, mas leve, como uma raiva que já não era plenamente lembrada. - Não o vejo desde que saí de Santa Teresa.

- Para onde ele foi?

- Não sei. Nunca tive notícias dele.

- Eu soube que ele foi para o exterior.

- Onde foi que ouviu isso?

- Martha Crandall. Ela disse que soube pela senhora. A

mulher pareceu um pouco confusa.

- Posso ter dito alguma coisa parecida. O Leo falava muito em me levar para o Havaí ou para o Taiti.

- Ele fez mais do que falar, não fez? Pelo que sei, reservou uma passagem para duas pessoas num cargueiro inglês que ia para Honolulu passando em Vancouver. O Swansea Castle partiu de São Francisco por volta de 6 de julho de 1955.

- E o Leo estava a bordo?

- Pelo menos, ele comprou as passagens. A senhora não estava com ele?

- Não. Aquela altura, eu já estava em Reno há pelo menos uma semana. Ele deve ter ido com outra mulher.

- Ou sozinho - repliquei.

- O Leo, não. Ele não suportava ficar sozinho. Precisava ter alguém com ele para que se sentisse realmente vivo. Esse é um dos motivos pelo qual voltei para esta casa depois que ele me abandonou. Eu queria provar que podia viver sozinha, que não precisava dele. Eu nasci nesta casa - disse ela, como se tivesse esperado quinze anos por um ouvinte. -

Era a casa do meu avô, e minha avó me criou depois que minha mãe morreu. É interessante voltar para o lar de sua infância. É aterrorizador, também, como tornar-se muito jovem e muito velha ao mesmo tempo. O espírito que assombra a casa.





## 23

Era aquilo que ela parecia, pensei, em sua arcaica saia longa muito jovem e muito velha, a neta e a avó numa só pessoa, ligeiramente esquizofrênica.

Ela fez um gesto nervoso de autocensura.

- Eu o estou aborrecendo?

- Nada disso. Mas estou interessado no Leo. Não sei muita coisa sobre ele.

- Nem eu, de fato. Durante alguns anos, eu ia dormir todas as noites pensando nele e acordava de manhã esperando vê-lo naquele dia. Mas depois percebi que mal o conhecia. Ele era apenas uma superfície, se entende o que quero dizer.

- Não estou entendendo bem.

- Estou dizendo, o senhor sabe, que ele não tinha vida interior. Ele fazia as coisas bem. Mas era só. Ele era o que ele fazia.

- O que ele fazia?

- Ele participou de nove ou dez desembarques no Pacífico, e depois da guerra corria no seu barco e competia em torneios de tênis e jogava pólo.

- Isso não lhe deixava muito tempo para mulheres.

- Ele não precisava de muito tempo - respondeu ela secamente. - Em geral, os homens sem vida interior não precisam. Sei que isso parece uma crítica, mas na verdade não é. Eu amava o Leo, e talvez ainda o ame. Não sei como me sentiria se ele entrasse aqui neste exato momento. - Ela olhou para a porta.

- Há alguma possibilidade de que ele entre?

Ela balançou a cabeça.

- Nem mesmo sei se ele está vivo.

- Tem algum motivo para achar que ele já morreu?

- Não. Mas eu dizia a mim mesma que ele estava morto.

Isso fazia com que ficasse mais fácil suportar. Ele nem sequer se deu ao trabalho de telefonar para mim em Reno.

- Estou vendo que a senhora sentiu muito.

- No primeiro inverno, chorei muito. Mas me enclausurei aqui e superei tudo. O que quer que aconteça comigo, hoje, acontece na tela.

- A senhora nunca se sente solitária?

Ela me lançou um olhar duro, para ver se eu estava tentando me insinuar. Deve ter visto que não estava, porque disse:

- Eu me sinto solitária o tempo todo... pelo menos me sentia, até aprender a viver sozinha. O senhor sabe a que me refiro, se mora sozinho. A terrível humilhação e autocomiseração, sem ter ninguém para culpar de coisa alguma, a não ser a si próprio.

- Sei o que a senhora quer dizer.

Eu a trouxe de volta ao assunto de seu casamento, que parecia estar escondido no centro do caso.

- Por que abandonou seu marido?

- Estava tudo acabado entre nós.

- A senhora não sentia falta dele e do garotinho?

- Do Brian, não. Ele ficou rude comigo... não se pode perdoar um homem quando ele faz isso. Ameaçou me matar se eu tentasse levar o Jerry comigo, ou até mesmo vê-lo. É claro que eu sentia saudades do meu filho, mas aprendi a viver sem ele. Literalmente falando, não preciso de ninguém.

- Que tal figurativamente?

Seu sorriso foi profundo e revelador, como uma visão de relance das luzes e das sombras dentro da sua cabeça.

- Figurativamente é outra história. E claro que eu me sentia como se tivesse desistido do mundo. A pior solidão que sentia era devido às crianças. Não apenas ao meu filho... às crianças a quem eu dava aulas na escola. Estou sempre vendo o rosto delas e ouvindo suas vozes.

- Como Martha Crandall?

- Certa vez, ela foi uma delas.

- E Albert Sweetner, e Fritz Snow.

Ela me lançou um olhar de desencanto.

- O senhor andou pesquisando bastante a meu respeito.

Pode acreditar, não sou tão importante assim.

- Talvez não seja. Mas Albert, Fritz e Martha estão sempre vindo à baila. Eu soube que eles se uniram na sua turma do ginásio.

- Infelizmente, sim.

- Por que a senhora diz infelizmente?

- Os três faziam uma combinação explosiva. E provável que tenha ouvido falar na famosa viagem deles a Los Angeles.

- Não estou muito certo de quem era o cabeça. Era o Albert?

- Na época, as autoridades pensaram que fosse. Ele era o único dos três que tinha ficha de delinqüente juvenil. Mas acho que a idéia partiu de Martha. - Em tom pensativo, acrescentou: - A Martha foi também a que se saiu melhor do caso. Se é que se pode usar esse termo para um casamento forçado com um homem mais velho.

- Quem foi o pai do filho dela? Albert Sweetner?

- O senhor vai ter de perguntar isso a Martha. - Ela mudou de assunto: - O Albert morreu mesmo? Martha disse ao telefone que ele havia morrido.

- Ele foi morto a golpes de um instrumento perfurante, ontem à noite. Não me pergunte quem foi o responsável, porque não sei.

Ela baixou os olhos, com ar de tristeza, como se o morto estivesse na sala a seus pés.

- Pobre Albert. Ele não teve uma vida muito boa. Depois de se tornar adulto, passou a maior parte do tempo na prisão.

- Como sabe disso, Srta. Storm?

- Tentei manter contato com ele.

Depois de uma pequena hesitação, ela acrescentou:

- Por falar nisso, ele veio a esta casa na semana passada.

- A senhora sabia que ele tinha fugido da prisão?

- E se soubesse?

- A senhora não o denunciou.

- Não sou uma cidadã muito boa - disse ela com certa ironia.

- Foi a terceira condenação dele, e deveria passar a maior parte do resto da vida na prisão.

- Por que ele estava preso?

- Assalto à mão armada.

- A senhora não teve medo dele quando bateu à sua porta?

- Nunca tive. Fiquei surpresa ao vê-lo, mas não tive medo.

- O que é que ele queria da senhora? Dinheiro? Ela confirmou com a cabeça.

- Eu não tinha condições de dar muito a ele. Já faz algum tempo que não vendo um quadro.

- A senhora deu mais alguma coisa a ele?

- Um pouco de pão e queijo.

Eu ainda estava com o livro de capa verde. Tirei-o do bolso.

- Isso parece com um livro que eu tinha - disse Ellen.

– E é.

Mostrei a ela o ex-libris na frente.

- Onde foi que conseguiu isso? Não foi com o Al Sweetner?

- Em última análise, com seu filho Jerry.

- Ele o guardou?

Ela parecia faminta por qualquer migalha seca do passado que tinha abandonado.

- É evidente que guardou. - Apontei para a assinatura dele, a lápis, na guarda.

- Mas o que eu queria mostrar à senhora está dentro dele.

Abri o livro e tirei o recorte.

- A senhora deu isto a Al Sweetner?

Ela pegou o recorte e o examinou.

- Dei, sim.

- Para quê?

- Achei que poderia valer algum dinheiro para ele.

- Isso foi um gesto de caridade que interessava a ambos os lados. Não acredito que seus motivos fossem totalmente altruísticos.

Ela se irritou, um tanto fracamente, como se não houvesse coisa alguma sobre a qual valesse a pena ficar irritada.

- O que o senhor sabe a respeito dos meus motivos?

- Só o que a senhora me diz.

Ela ficou calada por um ou dois minutos.

- Creio que estava realmente curiosa. Eu guardei esse recorte o verão inteiro, pensando no que devia fazer com ele. Não sabia quem o tinha colocado. E, é claro, não sabia o que tinha acontecido com o Leo. Achei que talvez o Alber t pudesse descobrir isso para mim.

- E por isso a senhora o soltou em Santa Teresa. Foi uma espécie de ato crucial.

- O que ele tem de tão crucial?

- Albert está morto, e o Stanley Broadhurst também.

Contei-lhe os detalhes.

- Então foi o Stanley quem colocou este anúncio - disse ela.

- Eu teria entrado em contato com ele, se soubesse. Mas pensei que talvez tivesse sido a Elizabeth.

- O que a fez pensar assim?

- Lembro-me de quando essa foto foi tirada.

Ela alisou a foto sobre o joelho, como se fosse uma pena que tivesse achado.

- Foi Elizabeth quem a tirou, antes de saber que Leo e eu éramos

amantes. Essa foto traz tudo de volta. Tudo o que eu tinha e tudo o que perdi.

Havia lágrimas românticas nos olhos dela. Os meus continuaram bem secos. Eu estava pensando em tudo o que Elizabeth Broadhurst tinha perdido.

O cascalho na entrada de carros estalou sob os pneus de um veículo pesado. Eilen ergueu a cabeça. Fui até a porta da frente, com ela seguindo logo atrás.

Martha Crandall já estava na varanda. Sua expressão mudou ao me ver.

- Eles não chegaram?

- Eles jamais chegarão, se a senhora não ficar escondida. Este local está cercado.

Eilen me dirigiu um olhar brilhante desconfiado. Pedi que voltasse para dentro e levasse Martha consigo. Depois, desci os degraus até o novo sedã de Ville cor de bronze, de Lester Crandall.

Ele não tinha saído de trás do volante.

- Eu disse à Mamãe que era uma perda de tempo e energia.

Mas ela insistiu em fazer a viagem.

Ele examinou a frente da casa com um olhar frio.

- Com que então é aqui que a famosa Eilen mora. A casa está praticamente desabando...

Eu o interrompi:

- Que tal levar o carro para um lugar onde não possa ser visto? Ou então, chegue para lá e deixe que eu levo.

- Leve você. Estou ligeiramente exausto.

Ele manobrou seu pesado corpo que estava ao volante e me deixou estacionar o carro atrás da casa. Os elementos do caso estavam se juntando, e eu me sentia imprensado e agitado.

Talvez estivesse subliminarmente cônscio do barulho do segundo carro.

Quando Lester Crandall e eu voltamos para a frente da casa, havia um vulto na entrada do caminho para carros - uma indeterminada cabeça barbuda sobre um triângulo claro que parecia uma placa de aviso. O vulto foi apanhado e inundado por faróis que se aproximavam. Era Jerry Kilpatrick, com um braço na tipóia.

Ele deve ter reconhecido Crandall e a mim ao mesmo tempo. Voltou-se para os faróis que se deslocavam e gritou:

- Susie! Dá o fora!

A caminhonete fez uma pausa e engrenou uma ré, saindo pela estrada com um crescente rugir do motor. Jerry olhou à sua volta, indeciso, e correu, escorregando para fora da pista de carros e caindo nos braços de Willie Mackey e seu corpulento auxiliar Harold.

Quando cheguei até eles, a caminhonete estava manobrando na entrada da Haven Road, os faróis varrendo como longas pinceladas nos troncos das árvores. Ela partiu na direção de São Francisco.

- Vou telefonar para a ponte - disse Willie.

Corri pela rua até o meu carro e segui a caminhonete. Quando cheguei no início da ponte do meu lado, o tráfego começava a fazer fila nas pistas da direita. A caminhonete estava parada, vazia, no começo da fila.

Vi Susan na ponte, correndo de mãos dadas com o menino, em direção à torre que sustentava os cabos. Um homem corpulento, usando o uniforme de patrulheiro, corria a uma certa distância atrás deles.

Fui no encalço deles, correndo o máximo que podia. Susie olhou para trás uma vez. Largou a mão de Ronny, foi até o peitoril e saltou. Por um repugnante momento, pensei que ela tivesse dado o último mergulho. Então, vi seus cabelos claros esvoaçando acima do peitoril.

O patrulheiro parou antes de chegar perto dela. O menino ficou parado atrás dele, voltando-se para mim quando cheguei.

Parecia um moleque, de cara suja, calções e um suéter que eram grandes demais para ele.

Ele me dirigiu um pequeno sorriso constrangido, como se eu o tivesse flagrado fazendo alguma coisa pela qual ele poderia ser castigado, como matar aula.

- Olá, Ronny.

- Olá. Olha só o que a Susie está fazendo.

Ela estava se segurando com as mãos, inclinada para a noite cinzenta. Ao longo da muralha de nuvens que se erguia atrás dela, relâmpagos tremeluziam e vagueavam como alguém tentando pôr fogo num edifício.

Agarrei firme a mão fria do menino e fui em direção a ela.

Susan olhou para mim sem reconhecimento ou interesse aparente, como se eu pertencesse a uma raça diferente, do tipo que vive além dos vinte anos de idade.

O patrulheiro voltou-se para mim:

- O senhor a conhece?

- Sei quem ela é. O nome dela é Susan Crandall.

- Estou ouvindo vocês falarem a meu respeito - disse ela. —
Parem, senão eu pulo.
O homem uniformizado deu alguns passos para trás.
- Diga a ele para se afastar mais - disse ela, dirigindo-se a mim.
Eu disse a ele, que recuou. Ela olhou para nós com um interesse maior, como parte de uma cena respondendo à sua vontade. Seu rosto parecia estar congelado, à exceção dos grandes olhos irrequietos. A voz não variava de tom:
- O que vocês vão fazer com o Ronny?
- Vou levá-lo de volta para a mãe.
- Como vou saber que vão fazer isso?
- Pergunte ao Ronny. Ele me conhece.
O menino levantou a voz:
- Ele me deixou dar amendoins aos passarinhos dele.
- Então você é o tal - disse ela. - Ele tem falado nisso o dia inteiro.
Ela dirigiu a ele um sorriso pálido e condescendente, como se ela mesma tivesse posto de lado as coisas infantis. Mas com os dedos brancos agarrando a grade, os cabelos esvoaçando acima dela, parecia metade criança e metade pássaro, pousada à beira da longa queda.
- O que faria comigo se eu voltasse aí para cima?
- Nada.
Ela retrucou como se eu não tivesse falado:
- Me matar? Ou me mandar para a prisão?
- Nenhuma das duas coisas.
- O que você faria? - repetiu ela.
- Eu a levaria para um lugar mais seguro.
Ela balançou a cabeça, séria.
- Não há lugar seguro neste mundo.
- Eu disse lugar mais seguro.
- E o que faria comigo lá?
- Nada.
- Você é um mentiroso muito do safado!
Ela inclinou a cabeça para um lado e olhou para baixo por cima do ombro, para as profundezas da minha mentira e para as terríveis profundezas da sua raiva.





## 24

Na extremidade da ponte do lado de São Francisco, apareceu o caminhão-reboque que levava a patrulha móvel. Fiz com as mãos um sinal de empurrar e o patrulheiro o repetiu. O caminhão diminuiu a marcha e parou.

- Volte, Susie - disse eu.

- E isso aí - disse o Ronny. - Volte. Tenho medo de que você caia.

- Eu já caí - disse ela, com amargura. - Não tenho para onde ir.

- Eu a levarei para junto de sua mãe.

- Eu não quero vê-la. Nunca mais quero morar com aqueles dois.

- Diga isso a eles - repliquei. - Você já tem idade bastante para viver com outras pessoas. Não precisa ficar aí para provar isso.

- Gosto daqui. - Mas depois de um instante, disse: - Que outras pessoas?

- O mundo está cheio delas.

- Mas eu tenho medo.

- Depois de tudo por que você passou, ainda tem medo?

Ela confirmou com a cabeça. Depois, olhou mais uma vez para baixo. Tive medo de tê-la perdido.

Mas ela estava se despedindo do longo salto. Tornou a subir por cima do peitoril e descansou apoiada nele, respirando rápida e levemente. O menino foi em direção a ela, puxando-me pela mão, e segurou-lhe a mão.

Caminhamos de volta para o começo da ponte, onde Willie Mackey e seu auxiliar conversavam com alguns policiais locais. Willie parecia ter alguma influência sobre eles.

Anotaram os nossos nomes, fizeram algumas perguntas adequadas e nos liberaram.

Willie levou Ronny na caminhonete. Não gostei nada de deixar o menino fora do meu controle. Mas queria uma oportunidade de interrogar Susan antes que ela visse os pais.

Ela ficou sentada, inerte, enquanto eu liberava o meu carro.

O patrulheiro que correra atrás dela pela calçada parou o tráfego que ia para o norte. Ele parecia aliviado por nos ver indo embora.

Com um certo grau de alarme, ela disse:

- Para onde está me levando?

- Para a casa de Eilen Storm. Não é para lá que queria ir?

- Acho que sim. Minha mãe e meu pai estão lá, não estão?

- Eles chegaram pouco antes de você.

- Não conte a eles que tentei pular, sim? - disse ela em voz grave.

- E praticamente impossível manter isso em segredo.

Qualquer detalhe.

Fiz uma pausa para deixar que a realidade fosse absorvida.

- Ainda não compreendo por que você fugiu daquela maneira.

- Eles me fizeram parar na cabeceira da ponte. Não queriam me deixar passar. Começaram a gritar comigo e a me fazer perguntas. E você também não me faça perguntas acrescentou ela, ofegante. - Não sou obrigada a responder.

- É verdade, não é? Mas se não me contar o que aconteceu, quem irá me contar?

- De quando nós estamos falando? Lá na ponte?

- De ontem, na montanha, quando você foi até lá com Stanley Broadhurst e Ronny. Por que vocês foram até lá em cima?

- O Sr. Broadhurst me pediu para ir. Aquele homem, o Sweetner, falou com ele a meu respeito... contou as coisas que eu dizia quando ficava alucinada.

- Que coisas?

- Não quero falar sobre elas. Não quero nem mesmo pensar nelas. Não pode me obrigar a isso.

Havia um tom agitado na voz dela que me fez reduzir a velocidade do carro e observá-la pelo canto dos olhos.

- Está certo. Por que você foi à casa do Sr. Broadhurst na sexta-feira? Foi o Albert Sweetner que mandou?

- Não. A idéia foi do Jerry. Ele disse que eu devia ir conversar com o Sr. Broadhurst, e eu fui. Depois, fomos à montanha no sábado de manhã.

- Para quê?

- Queríamos ver se uma coisa estava enterrada lá.

- Uma coisa?

- Um carro pequeno, vermelho. Fomos lá em cima num carro pequeno, vermelho.

A voz dela tinha mudado de tom e registro. Dava a impressão de que

sua mente havia regredido, ou mudado para um nível de realidade diferente. Eu disse:

- "Nós", quem?

- Mamãe e eu. Mas não quero falar sobre o que aconteceu naquela ocasião. Isso foi há muito tempo, quando fiquei alucinada.

- Nós estamos falando de ontem de manhã - disse eu. - O

Stanley Broadhurst estava cavando à procura de um carro?

- Isso mesmo... um carro esporte vermelho, pequeno. Mas ele não chegou a cavar o suficiente.

- O que aconteceu?

- Não sei exatamente. O Ronny teve que ir ao banheiro. E peguei a chave com o Sr. Broadhurst e levei ele para o banheiro da casa da montanha. Aí, ouvi o Sr. Broadhurs t gritar. Pensei que ele estivesse me chamando, e fui lá fora.

Vi o Sr. Broadhurst deitado no chão de terra. Outro homem estava em pé, curvado sobre ele... um homem com uma barba preta e longos cabelos de hippie. Ele estava agredindo o Sr. Broadhurst com a picareta. Eu vi o sangue nas costas do Sr. Broadhurst. O sangue fazia um desenho vermelho, e então havia um incêndio sob as árvores, e o fogo fazia um desenho amarelo. O homem arrastou o Sr. Broadhurst para dentro do buraco e jogou terra em cima dele com a pá.

- O que você fez, Susan?

- Voltei para dentro da casa e peguei o Ronny. Aí fugimos correndo. Descemos escondidos pela trilha que dava no desfiladeiro. O homem não viu a gente.

- Você pode descrevê-lo? Ele era jovem, ou velho?

- Não sei dizer, ele estava muito longe. E usava uns óculos escuros grandes... desses que protegem dos lados também...

de modo que não pude ver o rosto dele. Mas deve ter sido um jovem, com todo aquele cabelo.

- Poderia ter sido o Albert Sweetner?

- Não. Ele não tem cabelos compridos.

- E se ele estivesse usando uma peruca?

Ela pensou na pergunta.

- Mesmo assim, não acho que foi ele. Seja como for, não quero falar nele. Ele disse que me mataria se eu falasse sobre ele.

- Quando ele lhe disse isso?

- Já disse que não queria falar nesse assunto. Você não pode me obrigar.

O rosto dela ficou branco com os faróis de um carro que passou. Ela virou de lado, como se eles estivessem procurando seus segredos.

Estávamos nos aproximando da entrada da Haven Road. Saí

do asfalto e parei debaixo das árvores. A garota agachou-se contra a porta do outro lado.

- Fique longe de mim — disse ela entre espasmos de tremor. - Não me faça nada.

- O que a faz pensar que eu faria, Susan?

- Você é igual àquele tal de Sweetner. Ele disse que tudo o que queria que eu fizesse era dizer do que eu me lembrava.

Mas ele me empurrou para aquela velha cama suja.

- No sótão da casa da montanha?

- É. Ele me machucou. E me fez sangrar.

O olhar dela me atravessou como se eu fosse feito de nuvem e ela estivesse olhando a noite atrás de mim.

- Alguma coisa deu um estouro. Vi o sangue na cabeça dele.

Fazia um desenho vermelho. A mamãe saiu correndo porta afora e não voltou. A noite toda passou, e ela não voltou.

- De que noite está falando?

- Da noite em que enterramos ele perto do sicômoro.

- Isso aconteceu durante o dia, não foi?

- Não. Estava noite escura. Eu via a luz andando nas árvores. Era algum tipo de máquina grande. Fazia um barulho que parecia um monstro. Tive medo de que ele chegasse e me enterrasse. Mas ele não sabia que eu estava lá - disse ela na sua regressiva voz de conto de fadas.

- Onde você estava?

- Eu me escondi no sótão até mamãe voltar. A noite toda passou, e ela não voltou. Ela me disse para não contar a ninguém, nunca.

- Você a viu, então, depois que isso aconteceu?

- Claro que vi.

- Quando?

- A vida toda - disse ela.

- Estou falando nas últimas trinta e seis horas. O Sr.

Broadhurst foi enterrado ontem.

- Você está tentando me confundir, como aquele tal de Sweetner. - Ela apertou as mãos com as pernas e tremeu. Não conte à minha mãe o que ele me fez. Não devo deixar que um homem se aproxime de mim. E nunca mais vou deixar.

Ela olhou para mim com profunda desconfiança. Fiquei tomado de uma pena raivosa - pena da moça e raiva de mim mesmo. Era uma crueldade interrogá-la naquelas circunstâncias, provocando as lembranças e os medos que quase a haviam levado à morte.

Fiquei sentado ao lado dela, sem falar, e analisei as respostas que havia me fornecido. No início, elas tinham parecido um vôo de idéias que levantavam dos fatos e nunca voltavam para eles. Mas, à medida que remexia nas idéias e nas imagens, elas pareciam referir-se a vários acontecimentos diferentes que estavam ligados e se sobrepunham na consciência dela.

- Quantas vezes esteve na casa da montanha, Susie?

Os lábios dela se moveram, contando silenciosamente as ocasiões.

- Três vezes, ao que me lembre. Ontem, quando levei Ronny ao banheiro. E há uns dias, quando aquele tal de Sweetner me machucou no sótão. E uma vez com a minha mãe, quando eu era garotinha, mais nova do que o Ronny. A

arma fez "bangue", ela saiu correndo e eu me escondi no sótão a noite toda.

A garota começou a soluçar em seco.

- Eu quero minha mãe.

Os pais estavam esperando em frente à casa de duas torres.

Susan saltou do meu carro e foi em direção a eles, os pés se arrastando, a cabeça baixa. A mãe tomou-a nos braços e dirigiu-lhe palavras de carinho. O caloroso encontro deu-me um lampejo de esperança para as duas.

Lester Crandall manteve-se afastado, parecendo isolado.

Deslocou-se em minha direção com um brilho incerto nos olhos, um andar incerto, como se o mundo estivesse fugindo de baixo dele e tivesse sido eu que o havia feito girar.

- O seu companheiro - ele fez um gesto em direção à casa, e presumi que se referisse a Willie -, o seu companheiro me disse que você convenceu-a a não pular da ponte. Eu lhe fico muito grato.

- Estou contente por tê-la alcançado a tempo. Por que não diz alguma coisa a ela, Sr. Crandall?

Ele olhou para ela de esguelha.

- Eu não saberia o que dizer.

- Diga que está contente por ela não ter se matado. Ele balançou a cabeça, descartando a idéia.

- Não quero dar importância ao fato. Ela devia estar fingindo.

- Não estava. Nos últimos quatro dias, ela tentou o suicídio duas vezes. Não será seguro levá-la para casa, a menos que o senhor providencie cuidados médicos adequados para ela.

Ele se voltou a fim de olhar para as duas mulheres, que estavam atravessando a varanda para entrar na casa.

- A Susie não se machucou, machucou?

- Ela está machucada física e mentalmente. Foi drogada e estuprada. Presenciou pelo menos um assassinato e possivelmente dois. O senhor não pode esperar que ela resolva essas coisas sem ajuda psiquiátrica.

- Pelo amor de Deus, quem a estuprou?

- Albert Sweetner.

Crandall ficou muito quieto. Senti o centro da força em seu corpo que envelhecia.

- Vou matar o maldito.

- Ele já está morto. Talvez o senhor soubesse disso. -Não.

- O senhor não o viu nos últimos dias?

- Só o vi uma vez na vida. Isso foi há cerca de dezoito anos, quando eles o mandaram preso para Preston por roubar meu carro. Fui testemunha no julgamento.

- Eu soube que ele fez uma visita ao Yucca Tree Inn no verão em que saiu de Preston. Não se lembra?

- Está certo, eu o vi duas vezes. O que isso prova?

- O senhor pode me contar o que aconteceu.

- Você sabe o que aconteceu - disse ele -, caso contrário não estaria tocando no assunto. Ele tentou arruinar meu casamento. E provável que tenha passado os três anos em Preston imaginando como iria fazer isso. Ele disse que era o pai da Susie, e que ia reivindicar legalmente o direito sobre ela. Eu dei uma surra nele. -Ele bateu mais de uma vez na palma da mão esquerda com o punho direito. - Bati na Martha, também. E ela pegou a Susie e me abandonou. Eu não a culpo. Depois disso, ela levou bastante tempo para voltar.

- Ela foi embora com o Albert Sweetner?

- Não sei. Ela nunca me contou. Pensei que nunca mais fosse tornar a ver a Susie ou ela. Foi como se a minha vida tivesse sido feita em pedaços. Agora, não há dúvida de que foi feita em pedaços.

- O senhor tem uma oportunidade para refazê-la. É o único que pode fazer isso.

Os olhos dele perceberam o significado de minhas palavras e o absorveram. Mas ele disse:

- Eu não sei, Archer. Estou ficando velho... no meu próximo aniversário, vou fazer sessenta anos. Para início de conversa, não devia ter aceitado as duas.

- Quem mais teria aceitado?

Ele respondeu com ênfase:

- Muitos homens teriam se casado com a Martha. Ela era uma beldade estonteante. Ainda é.

- Não vamos discutir isso. Já pensou onde vão passar a noite?

- Pensei em voltarmos até o Yucca Tree. Estou muito esgotado, mas a Martha sempre parece ter alguma reserva de sobra.

- E amanhã?

- De volta para as Palisades. Primeiro, porque fica perto do Centro Médico. Pensei em levá-la até lá e mandar fazer uma revisão completa - disse ele, como se aquilo tudo fosse idéia sua.

- Faça isso, Lester. E cuide bem dela. Ela presenciou um assassinato ontem, como eu disse, e o assassino pode tentar silenciá-la.

Contei a ele sobre o homem barbado e a peruca que eu tinha encontrado no corpo de Al Sweetner.

- Isso quer dizer que o Sweetner matou o Broadhurst?

- Quem quer que o matou deseja que pensemos que sim.

Mas dificilmente isso é possível. Vi o Sweetner em Northridge por volta da hora em que o Stanley Broadhurs t foi morto. - Hesitei. -Por falar nisso, onde você estava àquela hora?

- Em algum ponto de Los Angeles, procurando pela Susie.

Não perguntei se ele podia provar. Talvez em reconhecimento por isso, ele tirou a carteira e estendeu-me várias notas de cem dólares. Mas eu não queria receber nada dele ou dever a ele coisa alguma antes que o caso terminasse.

- Guarde o seu dinheiro - mandei.

- Você não gosta de dinheiro?

- Talvez eu lhe mande uma conta depois que isso tiver terminado.

Entrei na casa. Willie Mackey estava sentado no saguão principal com Ronny em seu colo. Ele estava contando ao menino a história de um velho prisioneiro que tinha conhecido e que tentara nadar de Alcatraz para o continente.

Encontrei Martha Crandall e a filha na sala da frente. Elas estavam sentadas lado a lado na janela espaçosa, as belas cabeças louras bem juntas.

Há mais ou menos uma hora, a grande casa velha havia estado

silenciosa como uma ermida. Agora, parecia mais uma agência de ajuda às famílias. Eu esperava que tudo aquilo não explodisse na minha cara.

Decidindo arriscar, atraí o olhar de Martha Crandall e fiz um gesto para que ela fosse para o lado da sala onde eu estava.

- O que é? - disse ela, impaciente, com um olhar para trás, para Susan. - Detesto sair de perto dela.

- Mas talvez tenha de sair.

Ela olhou aflita para mim.

- O senhor está dizendo que vai interná-la?

- Os senhores poderão decidir isso, temporariamente. Ela tem muita coisa na cabeça, e está com idéia de suicídio.

Os ombros da mulher fizeram um movimento pesado que pretendia ser mais leve.

- Ela mesma disse que aquilo foi só exibicionismo.

- O mesmo acontece com uma quantidade enorme de suicídios bem-sucedidos. Ninguém sabe em que ponto o exibicionismo sai de cena e a coisa fica séria para valer.





## 25

Qualquer pessoa que chega a fazer uma simples ameaça de suicídio precisa de aconselhamento.

- É isso que estou tentando dar a ela. Aconselhamento.

- Eu me refiro a aconselhamento profissional, de um psiquiatra. Conversei sobre isso com o seu marido, e ele diz que irá levá-la ao Centro Médico amanhã. Mas é a senhora que deverá dar continuidade ao processo. Poderia ser uma boa idéia se as duas conversassem com os psiquiatras juntas.

Ela pareceu perplexa.

- Eu sou uma mãe tão imprestável assim?

- Eu não disse isso. Mas acho que nunca conversou com ela de igual para igual, já?

- Sobre o quê?

- A fase má de sua vida.

- Eu não poderia fazer isso - disse ela com veemência.

- Por que não?

- Eu teria vergonha.

- De qualquer forma, faça com que ela saiba que a senhora é humana.

- Isso, eu sou - disse ela. - Está bem, farei isso.

- É uma promessa?

- Claro que é. Eu a adoro, sabe? A Susie é a minha filhinha.

Já não tão pequenina.

Ela girou sobre os calcanhares a fim de voltar para perto da filha, mas eu a detive e levei-a para o canto mais distante da sala. As telas de Eilen estavam penduradas ao longo da parede como alucinações imperfeitamente lembradas.

Ela disse:

- O que mais o senhor deseja de mim?

- Algumas palavras de verdade. Quero saber o que aconteceu há quinze anos, quando Albert Sweetner visitou o Yucca Tree.

Ela olhou-me como se eu a tivesse esbofeteado.

- Este é um momento muito impróprio para tocar nesse assunto.

- E o único momento que temos. Fui informado de que a senhora abandonou seu marido. O que aconteceu depois?

A mulher comprimiu os lábios e semicerrou os olhos.

- O Lester andou falando?

- Um pouco. Mas não o bastante. Ele sabe que a senhora o abandonou e levou Susan. E sabe que a senhora acabou voltando. Mas não sabe o que aconteceu nesse intervalo.

- Não aconteceu nada. Eu raciocinei bem e mudei de idéia, só isso. De qualquer maneira, isso é estritamente particular.

- Talvez fosse, se a senhora o tivesse mantido estritamente privado. Mas outras pessoas envolveram-se no caso. Uma delas foi a Susan, e ela tinha idade suficiente para se lembrar.

Martha Crandall olhou para a filha com uma curiosidade culpada. A garota disse:

- Vocês estão falando de mim, não estão? Isso não é direito.

Seu tom de voz era totalmente impessoal e remoto. Estava sentada muito quieta no vão da janela, como uma atriz proibida de sair pelo proscênio para a agitação da realidade.

A mãe balançou a cabeça em direção a ela e depois na minha.

- Não posso admitir isso. E não sou obrigada a admiti-lo disse ela..

- O que a senhora se propõe a fazer? Deixar Susan resolver o problema por si mesma, sem qualquer ajuda sua?

Martha inclinou a cabeça como uma criança travessa.

- Ninguém me ajudou, nunca.

- Talvez eu possa ajudá-la, Sra. Crandall. Al Sweetner disse ao seu marido que ele era o pai de Susan. Mas não acho que ele poderia ter sido. Nem mesmo um Al Sweetner iria estuprar a própria filha.

- Quem lhe disse que ele fez isso?

- Susan.

- Nós temos que conversar sobre essas coisas? - O olhar dela era de reprovação, como se eu as tivesse tornado verdadeiras ao citá-las.

- Se a Susan pôde, nós podemos.

- Quando foi que o senhor conversou com ela?

- Entre a ponte e esta casa.

- O senhor não tinha o direito...

- Por que não tinha? Ela tem estado sob uma pressão terrível.

Precisava desabafar de alguma maneira.

- Pressão do quê?

- De mortes em demasia. De recordações em demasia.

Os olhos dela arregalaram-se como se fossem lentes, como se estivessem tentando captar uma luz fraca vinda do passado. Mas tudo o que consegui ver no centro deles era a minha cabeça refletida em miniatura, duas vezes.

- O que a Susan lhe contou? - indagou ela.

- Não muita coisa. Na verdade, ela não pretendia me contar coisa alguma, mas as recordações forçaram a saída. Ela não estava com a senhora na casa da montanha uma noite no verão de 1955?

- Não sei de que noite o senhor está falando.

- A noite em que Leo Broadhurst foi morto a tiro.

As pálpebras fimbriadas desceram sobre os olhos dela. Ela oscilou um pouco, como se a lembrança do tiro a tivesse ferido. Eu a segurei e senti o calor da carne viva nas mãos.

- A Susan se lembra? Como isso é possível? Ela tinha apenas três anos de idade.

- Ela se lembra o suficiente. Demais. Broadhurst foi morto?

- Não sei. Eu saí correndo e o deixei na cabana. Estava bêbada e não consegui fazer o carro dele pegar. Mas de manhã, o carro tinha desaparecido, e ele também.

- Que tipo de carro?

- Um Porsche. Um pequeno Porsche vermelho. Ele não queria pegar, e por isso eu fugi a pé. E me esqueci por completo da Susan. Nem mesmo me lembro para onde fui.

Ela se afastou das minhas mãos como se carregassem o vírus daquela noite.

- O que aconteceu com a Susie?

- A senhora não voltou para buscá-la?

- Voltei, de manhã. Encontrei-a dormindo no sótão. Como é que ela pode se lembrar do tiro, se estava dormindo no sótão?

- Ela estava acordada quando a coisa aconteceu, e no quarto.

Ela não inventou isso.

- O Leo está morto?

- Acho que está.

Martha olhou para a filha, e me voltei para olhar. A jovem estava nos observando atentamente, menos como uma atriz, agora, do que uma espectadora. Nossas vozes estavam baixas demais para que as ouvisse, mas ela parecia saber sobre o que estávamos conversando.

- Ela se lembra de quem atirou nele? - disse a mãe dela.

- Não. A senhora se lembra?

- Nunca vi quem foi. Leo e eu estávamos fazendo amor e eu estava bêbeda...

- A senhora não ouviu o tiro?

- Acho que ouvi, mas não acreditei. Sabe? Só soube que ele estava ferido quando senti o gosto do sangue no rosto dele. Sua língua deslizou sobre os lábios. - Meu Deus, o que o senhor está arrancando de dentro de mim! Achei que tinha perdido os sentidos naquela noite. Foi a pior noite da minha vida, e pensei que iria ser a melhor. Nós íamos sair dali, todos os três, e começar uma vida nova juntos no Havaí. O

Leo comprou as passagens naquele mesmo dia.

- Ele era o pai de Susan?

- Acho que era. Sempre pensei que fosse. Foi por isso que voltei para ele quando o Lester me pôs para fora. Ele foi o primeiro homem que deixei me tocar.

- Não foi Al Sweetner? Ou Fritz Snow?

Ela balançou a cabeça com muito vigor.

- Eu já estava grávida quando segui para Los Angeles com eles. Foi por isso que os acompanhei.

- E deixou que eles levassem a culpa.

- O Leo tinha muito a perder. O que eles tinham a perder?

- A vida toda.

Ela ergueu as mãos como que para examiná-las à procura de sujeira ou cicatrizes. Uma escuridão e uma tristeza tinham surgido em seus olhos. Baixou a cabeça e escondeu o rosto nas mãos.

Susan saiu de seu nicho como se um encanto tivesse sido quebrado e veio em nossa direção. A fisionomia estava anormalmente animada, como uma substância radiante com uma curta meia-vida.

- Você está fazendo minha mãe chorar.

- Isso não fará mal algum a ela. Ela é humana, como todos nós. A garota olhou para a mãe com uma expressão de leve surpresa.

Eu as deixei juntas e saí para o saguão. O garotinho estava reclinado no colo de Willie, zonzo de tanto cansaço.

- Ele está praticamente apagado - disse Willie. - E eu tenho uma esposa recente esperando ansiosamente por mim em São Francisco.

- Me dê mais alguns minutos. Onde está a Srta. Storm?

- Lá dentro, com o filho. - Ele apontou o polegar para a porta fechada do pequeno aposento debaixo da escada. - Ele é um cabeça-dura, e é por isso que estou sentado aqui.

- O que ele fez?

- Tentou enfrentar o Harold com apenas uma das mãos. O

Harold jogava futebol americano pelos Forty-Niners.

- Onde está o Harold, agora?

- Lá fora, vigiando a casa, para a eventualidade de aparecer mais alguém.

Ele fez uma careta e deu uma leve cutucada nas costelas do garoto.

- Nem é bom pensar, hein, seu dorminhoco?

Bati à porta do pequeno cômodo. Eilen me mandou entrar.

Ela estava na cadeira giratória. Seu filho sentava-se no chão ao lado do cofre, como se este fosse um fogão que não emitisse calor. O rosto estava tão pálido e triste, que fazia com que os cabelos e a barba ruivos parecessem ter sido colados nele. A boca tinha um tique nervoso, como se estivesse mordendo alguma coisa ou sendo mordida.

- Este é o Sr. Archer - disse Eilen.

Disposto a mostrar alguma simpatia, perguntei a ele como ia o braço. Ele cuspiu no chão em minha direção.

- Está quebrado - disse Eilen. - Foi encanado numa clínica no Haight-Ashbury. Eles pediram que ele voltasse amanhã...

- Não conte nada a ele. Foi ele quem me fez perder o Ariadne. - O rapaz interrompeu a frase com um movimento de corte feito com o braço bom.

- Claro que fiz. E também quebrei o seu braço ao atingi-lo na coronha do revólver com a minha cabeça.

- Eu devia ter matado você.

Ele era um cabeça-dura, como havia dito o Willie. Eu não sabia dizer o quanto da dureza era dele próprio e o quanto era provocado pela dor física e mental.

- Ele está encrencado... eu acho que a senhora sabe disso —

disse eu a Ellen.

- O senhor está dizendo que vai ter de prendê-lo?

- Meu trabalho não é esse. E não cabe a mim decidir o que fazer com ele. Não sou pai dele.

- Mas está trabalhando para ele, não está? - disse o Jerry. - Se pensa que vai me arrastar de volta para Chaticelândia...

Eu me voltei contra ele:

- Chaticelândia pode viver sem você. Se você acha que o povão está esperando no cais pela sua volta, pense outra vez.

Aquilo o silenciou, mas me senti um pouco vulgar por ter ganhado a

discussão, e um pouco desonesto. Minha mente jorrou uma imagem de Roger Armistead no embarcadouro da marina, olhando para o mar.

- Ele não quer voltar para o lado do pai - disse Eilen. - Estive pensando se ele não poderia ficar comigo, pelo menos por enquanto. Posso providenciar para que ele receba os cuidados de que necessita.

- A senhora acha que pode controlá-lo?

- De qualquer maneira, posso dar abrigo. Já dei abrigo a outras pessoas com problemas.

Sua fisionomia estava aberta, disposta sem estar ansiosa.

- Não sei o que as autoridades terão a dizer.

- Qual é a situação dele junto à lei?

- Depende da ficha dele, se houver.

Nós dois olhamos para Jerry. Ele estava sentado, imóvel exceto pelo cacoete, como um repentino velho que fica isolado a um canto.

- Você já foi preso alguma vez? - perguntei.

- Não. E mal posso esperar.

- Isso não tem graça. Se as autoridades quiserem fazer todas as acusações possíveis contra você, elas poderão ser duras.

Levar o iate poderia ser apropriação indébita grave. Levar o menino poderia ser roubo de criança, seqüestro ou contribuição para a delinqüência de um menor.

Jerry ergueu os olhos, assustado.

- O que está pensando que fiz com ele? Eu estava tentando salvar a vida dele.

- Você quase o fez perder a vida.

Jerry colocou os pés sob o corpo e levantou-se sem jeito, fazendo careta de tanta dor.

- Não precisa me dizer isso. Eu sei que destruí o iate. Mas não o roubei. O Sr. Armistead me deixou tomando conta dele. Pergunte a ele.

- E melhor você mesmo conversar com ele. Mas não esta noite. - Eu disse para a mãe dele: - Por que não o leva para dormir?

Ele não discutiu. A mãe conduziu-o com o braço passado pelo ombro. Havia uma expressão de aceitação no rosto dela, quase que como se tivesse vivido um tempo longo demais sem problemas externos.

Eu sabia que aquilo não era uma solução. Eilen estava mergulhada demais na solidão e ele estava velho demais para precisar de uma mãe. Ele tinha de enfrentar sozinho a sua fase de problemas, como tinha acontecido com ela. E não havia garantia de que conseguiria. Ele pertencia a uma geração cujos pais tinham sido envenenados, como os

pelicanos, por uma espécie de DDT moral que havia danificado a vida dos jovens.

Mas eu não tinha mais tempo de me preocupar com o Jerry.

Puxei a cadeira giratória para que ela ficasse de frente para o telefone e disquei para a fazenda da Sra. Broadhurst em Santa Teresa. Jean atendeu imediatamente, com uma voz que pairava quase sem tonalidade entre expectativa e desespero:

- Residência dos Broadhurst.

- Aqui é o Archer. Estou com o seu filho Ronny. Ele está bem.

Ela não respondeu de imediato. Através do leve zunido e clamor que havia na linha, eu a ouvia respirando, como se ela fosse a única vida em um universo eletrônico.

- Onde o senhor está, Sr. Archer?

- Em Sausalito. O Ronny está a salvo e em boas condições.

- Sim. Ouvi o que o senhor disse. - Mais um silêncio. Num tom bem rancoroso, ela perguntou: - E a garota?

- Estou com ela, a salvo. Ela não está bem emocionalmente.

- Eu não pensei que estivesse.

- Mas ela não queria raptar seu filho. Ela estava fugindo do homem que matou o seu marido.

- Até Sausalito? - disse ela, incrédula.

- Isso.

- Quem é o homem?

- Um tipo barbado, com cabelos compridos até os ombros, usando óculos escuros do tipo que protege os lados também.

Isso lhe sugere alguém?

- Há um bocado de homens de cabelos compridos em Northridge. E aqui também. Eu não mantive muitos contatos com eles nos últimos anos. Não sei quem poderia ser.

- Ele pode ser um maluco, um assassino que mata aleatoriamente. Vou fazer uma sugestão e quero que siga assim que eu desligar. Telefone para o xerife e peça que mande um homem para aí. Insista para que esse homem permaneça aí. Se ele não ficar, pegue um táxi para o centro da cidade e se hospede num bom hotel.

- Mas o senhor me mandou ficar aqui, nesta casa.

- Isso já não é necessário. Estou com o seu filho. Vou levá-lo para casa amanhã.

- Eu poderia falar com ele esta noite? Só quero ouvir a voz dele.

Abri a porta e chamei o menino. Ele escorregou dos joelhos de Willie

e veio correndo, pegando o fone com as mãos.

- E você, mamãe?... O barco afundou, mas me salvei numa prancha de surfe... Não estou com frio. A Sra. Rawlins me deu as roupas do filhinho dela e um hambúrguer. A Susie me pagou outro hambúrguer em São Francisco... Susie?

Acho que ela está bem. Ela queria pular da ponte Golden Gate. Mas nós a convencemos a não pular.

Ele ficou ouvindo por um instante, o rosto tornando-se mais sério e preocupado, e depois me passou o fone como se estivesse fervendo.

- A mamãe está triste.

Eu disse para ela:

- Você está passando bem?

Ela respondeu numa voz embargada de emoção:

- Estou ótima. E profundamente agradecida. Quando irei ver o senhor e o Ronny?

- Eu diria que amanhã, por volta do meio-dia. Nós dois precisamos de um descanso antes de partirmos para o sul.





## 26

Pouco tempo depois, após os outros terem saído, Eilen e eu colocamos Ronny na cama num quarto que ela disse ter sido o seu quando era criança. Um telefone de brinquedo velho estava em cima da mesa ao lado do catre. Como que para demonstrar que nunca se cansava, o menino pegou o telefone e falou claramente nele:

- Chamando Controle Espacial. Chamando Controle Espacial. Estão me ouvindo? Estão me ouvindo?

Nós fechamos a porta, escondendo a fantasia dele, e ficamos um de frente para o outro no corredor do primeiro andar. A

lâmpada elétrica amarela pendurada, as manchas de velhas tempestades nas paredes e no teto e as sombras que as imitavam pareciam gerar outras fantasias. O resto do mundo estava isolado e muito distante. Eu me senti um náufrago atirado nas indistintas praias do passado.

- Como está o Jerry?

- Está preocupado com o que o Armistead fará com ele.

Mas já se acalmou. Fiz massagem nas costas dele e dei-lhe uma pílula para dormir.

- Vou falar com o Armistead quando tiver oportunidade.

- Eu estava com esperança de que o senhor o fizesse. O Jerry está muito tenso por causa disso. Ele se sente muitíssimo culpado.

- O que a senhora fez com o resto das pílulas para dormir?

- Estou com elas.

Ela tocou o local entre os seios. Ela deve ter visto meus olhos pousarem lá e viajarem pelo seu corpo abaixo. Nós dois nos mexemos, de modo que o corpo dela ficou apoiado muito sonolentamente no meu. Senti a mão dela deslocando-se pelas minhas costas, dando-me uma espécie de amostra de uma massagem.

- Não tenho uma cama pronta para você. Pode dormir comigo, se quiser.

- Obrigado, mas não seria uma boa idéia. Você faz a sua vida toda nas telas, lembra-se?

- Tenho uma enorme tela que venho guardando - disse ela, um tanto obscuramente. - Do que você tem medo, Archer?

Era difícil dizer. Eu gostava daquela mulher. Quase confiava nela. Mas já estava investigando profundamente a sua vida.

Não queria adquirir uma parte dessa vida ou comprometerme com ela enquanto não soubesse quais seriam as conseqüências.

Em vez de responder com palavras, eu a beijei e desembaracei-me de seus braços.

Ela pareceu mais rejeitada do que despojada.

- Não durmo com muitos homens, se estiver querendo saber. O Leo foi o único amante de verdade que tive. - Ela ficou calada por uns instantes. Depois, disse: - Eu lhe dei uma impressão falsa no início. Eu estava me esquecendo, mentindo para mim mesma. O que quer que eu tenha tido com o Leo foi de verdade... praticamente a coisa mais verdadeira que já tive na vida. - Os olhos dela se iluminaram com a recordação como não se haviam iluminado por mim.

- Eu estava apaixonada por ele. E enquanto durou, ele me amou. Eu não acreditava que um dia aquilo fosse acabar. Mas acabou, muito de repente.

Os olhos dela se fecharam e tornaram a abrir-se com outra expressão, de perda previdente. Ela se apoiou contra a parede manchada de água. A noite estava escorrendo como um coração transplantado.

- Há uma coisa que gostaria de lhe dizer - disse eu. - Não sei se devo.

- É algo doloroso?

- É. Talvez não doloroso de imediato.

- Sobre o Leo?

- Acho que ele está morto.

Os olhos dela não oscilaram. Só uma espécie de sombra atravessou-lhe o rosto, como se a lâmpada pendurada acima de sua cabeça tivesse se movido.

- Morto há quanto tempo?

- Todos esses quinze anos.

- E foi por isso que nunca veio ficar comigo?

- Acho que sim.

De qualquer modo, aquilo era verdade, em parte. Quanto à outra parte da verdade, eu estava tentando decidir se falava ou não em Martha Crandall.

- A menos que minhas testemunhas estejam tendo alucinações, alguém matou Leo com um tiro e enterrou-o.

- Onde?

- Perto da casa da montanha. Tem alguma idéia de quem poderia tê-lo matado?

- Não.

Depois de um instante de hesitação, ela disse:

- Não fui eu.

Esperei que ela continuasse. Por fim, ela disse:

- Você falou em testemunhas. Quem eram elas?

- Martha Crandall e a filha dela.

- Ele voltou para a Martha?

Ela levou a mão à boca, como se tivesse feito uma admissão prejudicial. Aproveitando a deixa, eu disse, com toda franqueza:

- Ele estava na cama com a Martha quando levou o tiro.

Aparentemente, foi ela que voltou para ele. O marido expulsou-a de casa. - Hesitei. - Você sabia do caso deles?

- Se sabia? Fiquei conhecendo o Leo através desse caso.

Martha veio me procurar quando se meteu em encrenca.

Ela ficou calada por um instante, e depois disse, com certa ironia:

- Eu coloquei meu corpo entre os dois.

Quase tudo tinha sido dito. Mas parecíamos presos por uma sensação, impessoal, mas quase tão forte quanto uma amizade ou uma paixão, de que ainda havia mais o que dizer.

O passado estava se desenrolando e tornando a enrolar-se como um fio que nós dois segurássemos entre nós.

- E Elizabeth Broadhurst? - perguntei. - Como foi que um homem como o Leo foi se casar com uma mulher como Elizabeth?

- A guerra os aproximou. Ele estava lotado numa base militar perto de Santa Teresa e ela trabalhava nas USO (United Service Organizations). Ela era uma mulher bonita, quando jovem. Socialmente destacada. Rica. Tinha todas as qualidades óbvias. - Pela primeira vez, o rosto de Eilen recebeu um puxão da malícia para o lado. - Mas ela foi um fracasso como esposa.

- Como é que você sabe?

- O Leo me contou tudo sobre o casamento deles, se é que se podia considerar aquilo um casamento. Ela era uma mulher congelada, uma filhinha de papai.

- As pessoas congeladas às vezes explodem.

- Eu sei.

Cauteloso, eu disse:

- Você acha que ela matou o Leo?

- E possível. Ela ameaçou matá-lo. Foi um dos motivos por que saí de Santa Teresa e tentei levar o Leo comigo. Eu tinha medo da Elizabeth.

- Isso não prova que ela seja uma assassina.

-Sei disso. Mas não estou sendo subjetiva. O Jerry me contou uma coisa enquanto estávamos conversando há pouco.

A voz dela se apagou, o mesmo acontecendo com a atenção, como se estivesse ouvindo uma voz interna.

- O que o Jerry lhe contou?

- Ele estava dizendo que não podia voltar para o lado de Brian... para o lado do pai dele. Elizabeth Broadhurst foi à casa deles uma noite, no verão, para conversar com Brian.

Tratava-se de mais do que conversa. Ela estava chorando e gritando, e o Jerry não pôde deixar de ouvir tudo. O Brian vinha extorquindo dinheiro dela. E não apenas dinheiro.

Tinha obrigado ela a fazer um tipo de sociedade imobiliária na qual ela entrava com a terra e ele com muito pouco ou nada.

- Como ele podia obrigá-la a fazer isso?

- Até que está a questão - disse ela.

Eilen foi para a cama sozinha. Tirei o saco de dormir da mala do carro e dormi atravessado diante da porta do quarto do Ronny.

A casa velha estalava como um navio navegando pelo mundo perigoso. E sonhei que estava contornando o cabo Horn.

Estava chovendo em Palo Alto, onde Ronny e eu tomamos o café da manhã. Estava chovendo em Gilroy e King City, e em Petroleum City parecia que ia chover.

Parei no Yucca Tree Inn para verificar o comportamento dos Crandalls. Joy Rawlins estava de volta à escrivaninha.

Ela me disse que Lester Crandall tinha tornado a contratá-la aquela manhã, antes de partir com a família para Los Angeles.

- Você viu a Susan? - perguntei a ela.

- Vi. Ela está muito mais calma. Para variar, todos os três pareciam mais sensatos.

Antes de deixar o motel, telefonei para o escritório do serviço florestal em Santa Teresa. Kelsey não estava lá, mas deixei um recado para ele: que se encontrasse comigo ao meio-dia, se possível, na casa da Sra. Broadhurst. Depois, Ronny e eu voltamos à auto-estrada para o último trecho da nossa viagem.

Usando a fivela de um cinto de segurança como microfone, o

menino mantinha o Controle Espacial informado do nosso avanço. Uma vez, ele disse ao seu microfone imaginário:

- Papai. Aqui é o Ronny. Está me ouvindo?

Estávamos a poucos quilômetros de Santa Teresa, no que devia ser um território bem conhecido dele. Ele largou a fivela e voltou-se no assento para falar comigo diretamente:

- O papai vai voltar?

- Não. Não vai.

- Você está querendo dizer que ele está morto, não está?

- Está.

- O bicho-papão o matou?

- Acho que sim.

Aquela foi a primeira prova verdadeira que eu tinha recebido de outra vítima de que o homem da história de Susan sobre o crime não era invenção nem fantasia.

- Você olhou bem para ele, Ronny?

- Muito bem.

- Como era ele?

- Um bicho-papão. - A voz dele era abafada e aflita. - Ele tinha cabelos pretos compridos e uma barba preta longa.

- Como estava vestido?

- Todo de preto. Ele usava calças pretas e uma camisa preta e estava de óculos pretos.

A voz dele era monótona, e isso me fez desconfiar da precisão do que ele dizia.

- Era alguém que você conhecia?

Ele pareceu perplexo diante daquela idéia.

- Não. Eu não conhecia ele. Era do tamanho errado.

- O que você quer dizer com isso?

- Ele não era do mesmo tamanho de ninguém que conheço.

- Do mesmo tamanho de quem?

- De ninguém - disse, obscuramente.

- Ele era grande ou pequeno?

- Acho que pequeno. Não tenho culpa se não conheço ele.

O menino estava dando sinais de tensão, e parei com o meu interrogatório. Mas ele tinha uma última pergunta a me fazer:

- A mamãe está bem?

- Está. Você falou com ela ao telefone ontem à noite, lembra-se?

- Eu me lembro. Mas achei que talvez aquilo fosse uma gravação.

- Era de verdade.

- Que bom. - Ele recostou-se em mim e adormeceu.

Ele ainda estava dormindo quando seguimos de carro pelo

desfiladeiro, a caminho da casa da avó dele. A mãe estava esperando nos degraus da varanda. Ela atravessou correndo a entrada de carros, abriu a porta do carro e o ergueu nos braços, tirando-o de lá.

Ela o abraçou até que ele se debateu para livrar-se. Então, ela o colocou no chão e estendeu-me as mãos:

- Jamais conseguirei agradecer-lhe.

- Não tente. O resultado foi uma felicidade para todos nós.

Exceto para o Stanley.

- É. Pobre Stanley.

Havia um vinco intrigado, como um corte de faca cicatrizado, entre as duas sobrancelhas.

- O que aconteceu com a loura?

- Susan está com os pais dela. Eles vão submetê-la a um tratamento psiquiátrico.

- E o Jerry Kilpatrick? O pai dele tem telefonado para mim.

- Por enquanto, ele vai ficar com a mãe, em Sausalito.

- Você quer dizer que não mandou prender nenhum dos dois?

- Não, não mandei.

- Mas eu pensei que eles fossem seqüestradores.

- Eu também pensei, a certa altura. Eu estava enganado.

Eles são uma dupla de adolescentes alienados. Parece que pensaram que estavam salvando o Ronny do mundo adulto.

Até certo ponto, era verdade. A garota viu o seu marido ser assassinado ontem. Há quinze anos, quando tinha menos idade do que o Ronny, ela presenciou outro assassinato. Se reagiu de uma forma muito agitada a este, dificilmente se pode acusá-la.

A cova entre as sobrancelhas de Jean, traçadas a lápis, tornou-se mais profunda.

- Houve outro assassinato?

- Parece que sim. No final das contas, o pai do seu marido...

Leo... não fugiu com uma mulher. Aparentemente, foi morto na casa da montanha e enterrado perto dali. Era para procurá-lo que seu marido e a garota estavam cavando ontem.

Jean olhou para mim confusa. Talvez compreendesse minhas palavras, mas elas colocavam uma carga pesada demais sobre suas emoções que já estavam além dos limites.

Ela coneu os olhos à sua volta, viu que o Ronny tinha desaparecido, e começou a gritar freneticamente o nome dele.

Ele veio de dentro da casa.

- Onde está a vovó Neil?

- Ela não está aqui - disse Jean. - Está no hospital.

- Ela também morreu?

- Cale a boca. E claro que não. O dr. Jerome disse que ela vai voltar para casa amanhã ou depois de amanhã.

- Como está a sua sogra? - perguntei a ela.

- Ela vai ficar boa. O eletrocardiograma estava praticamente normal hoje de manhã, o mesmo acontecendo com a fala.

Foi um estímulo enorme para ela quando eu disse que você

estava vindo para cá com o Ronny. Se você tiver tempo, sei que ela iria adorar se fosse visitá-la.

- Ela pode receber visitas?

- Pode.

- É possível que eu vá.





## 27

Nós três entramos na casa. Enquanto Ronny inspecionava a coleção de pássaros empalhados, a mãe dele me punha a par do que tinha acontecido nas últimas 24 horas. Eles tinham passado a maior parte do tempo esperando. Ela havia telefonado para o gabinete do xerife, como eu havia insistido que fizesse, mas eles não tinham tido condições de lhe dar qualquer proteção. Brian Kilpatrick tinha expressado a disposição de ir para lá. Ela dissera que não era necessário.

- Esqueça o Kilpatrick.

Ela me dirigiu um olhar enfadado.

- Não foi exatamente o que você está pensando. Ele pretendia vir com a noiva dele.

- Esqueça-a, também. Você precisa é de um guarda.

- Eu tenho você.

- Mas não vou ficar. Eu gostaria de poder convencê-la a sair da cidade.

- Não posso. A vovó Neil depende de mim.

- O Ronny também. Você pode ter de fazer uma opção.

- Você acha mesmo que ele ainda corre perigo?

- Tenho de pensar isso. Ele viu o homem que assassinou o seu marido.

- Ele pôde descrevê-lo?

- Não de todo. O homem tinha uma barba e uma peruca que provavelmente eram falsas. Mas tive a impressão de que é possível que seja alguém que o Ronny conheça. Eu não insistiria com ele para tocar no assunto. Mas se ele fizer qualquer declaração espontânea, tome nota, sim? Palavra por palavra, se puder.

- Vou tomar.

Ela olhou para o filho, que estava no outro lado da sala como se seu crânio redondo contivesse o significado secreto da vida dela. Com a luz da descoberta no rosto, ele disse:

- Houve um incêndio por aqui. Posso perceber isso e estou sentindo o cheiro dele. Quem provocou o incêndio?

- E o que estamos tentando descobrir.

Eu me voltei para a mãe dele.

- Quero que você pense em sair daqui antes de anoitecer.

- Não aconteceu nada ontem à noite.

- Seu filho não estava aqui a noite passada. Vocês dois estarão mais seguros no apartamento dos Waller em Los Angeles. É só dizer, e eu levo vocês de carro...

Ela me interrompeu:

- Vou pensar nisso. - E então, amenizou a resposta. - Eu fico realmente muito grata pelo oferecimento. Só que neste momento é difícil eu raciocinar. Só sei que não posso voltar para Northridge.

Ouvi o crescente resmungo de um carro aproximando-se da casa e fui lá para fora. Era o Kelsey, dirigindo uma caminhonete do serviço florestal. Ele desceu e me deu um aperto de mão semi-oficial. Seu terno estava amarrotado e os olhos tinham um ligeiro brilho.

- Recebi o seu recado, Archer. O que você tem em mente?

-Tenho muita coisa para lhe contar. Primeiro, gostaria de saber o que você conseguiu da sua testemunha ontem. A

estudante que viu o homem barbado dirigindo o carro.

- Foi só isso que ela viu - disse Kelsey, com uma certa decepção. - Tudo o que ela pôde dar foi uma descrição geral.

- E o carro?

- Era um carro mais velho. Ela não soube dizer a marca.

Achava que ele tinha uma placa da Califórnia, mas não estava convicta disso. Vou tomar a conversar com ela hoje.

O Shipstad, do Departamento de Polícia de Los Angeles, me pediu isso.

- Você entrou em contato com o Arnie?

- Telefonei para ele hoje de manhã. Ele descartou por completo a idéia de que a peruca e a barba pertencem a Albert Sweetner. Elas não se encaixavam bem nele. O

Shipstad está tentando verificar a procedência deles, ouvindo lojas de perucas e companhias de cosméticos. Mas é um trabalho grande e pode demorar um pouco. Seria bom se pudéssemos conseguir uma descrição melhor do homem que a minha testemunha viu.

- Ele era bem pequeno - disse eu -, se puder acreditar na minha testemunha. Estava usando calças pretas, uma camisa ou um suéter preto, e óculos escuros. E não há dúvida de que matou Stanley Broadhurst.

Eu o coloquei a par do que eu havia apurado nas últimas 24 horas.

- Será que podemos conseguir uma máquina de terraplenagem e um homem para manejá-la?

- Creio que deixamos uma no campus, para a eventualidade de o incêndio voltar. Eu mesmo posso manejá-la, se ela ainda estiver lá.

- Você acha que o fogo vai voltar?

- Não, a menos que o vento nos engane. Abrimos um aceiro bem-sucedido acima de Buckhorn Meadow hoje pela manhã. Deveremos estar com ele sob controle dentro de mais 24 horas... talvez antes, se tivermos a chuva que está prevista. - Ele olhou para o céu que se mexia. - Estou com a esperança de que haja uma chuva suficiente para desestimular o Rattlesnake, mas não o bastante para fazer a montanha desabar em cima da gente.

Kelsey pediu que eu seguisse com ele na caminhonete. A fim de manter a liberdade de movimento, eu disse que seguiria atrás dele no meu carro.

Seguimos pela boca do desfiladeiro chamuscada e subimos nas encostas. O campo de esportes do campus, que havia estado formigando de gente e máquinas na véspera, estava quase deserto. Poucos homens da área de manutenção estavam apanhando garrafas e pedaços de papel e substituindo o gramado.

Um trator equipado com uma lâmina removedora de terra estava parado num terreno atrás das arquibancadas.

Enquanto Kelsey ligava a máquina, subi até o alto das arquibancadas e olhei em torno.

Ondas de crista espumosa pontilhavam a superfície do oceano. Acima da linha da costa, a sudoeste, a fumaça pairava como um crepúsculo precoce no céu. No outro extremo da visão, nuvens carregadas deslocavam-se vindas do noroeste, deixando uma trilha de chuva preta ao longo das montanhas costeiras. Parecia que ia ser um dia de mudanças.

Kelsey dirigiu o trator pela trilha que descia a encosta. Segui atrás na poeira dele, levando uma pá que eu tinha tomado por empréstimo dos homens da manutenção.

Durante uns vinte ou trinta minutos, fiquei encostado num tronco de sicômoro, observando o trator empurrar terra num lento ritmo de ir e vir. Quando ele chegou aproximadamente a uma profundidade que correspondia à altura de um homem, a lâmina principal bateu em

metal, e o Kelsey quase caiu de cabeça do assento.

Ele deu marcha à ré, saindo do buraco que havia cavado, e deixou que eu pulasse para dentro. Em poucos minutos de uso da pá, eu tinha retirado de cima da obstrução metálica uma quantidade de terra suficiente para ver que se tratava de uma capota de carro vermelho-escuro manchado com o vermelho mais claro da ferrugem e com a forma de uma capota de um Porsche.

Tirei a terra que cobria a janela esquerda da frente e estilhacei-a com a pá. O odor da decomposição saiu, seco, tênue e chocante. Na concavidade da carroceria, alguma coisa envolta num cobertor que apodrecia jazia no banco da frente.

Estendi-me de cabeça para baixo na terra e dei uma olhada no morto. A carne sempre era a primeira coisa a desaparecer, e depois os cabelos, depois os ossos, e finalmente os dentes. Leo Broadhurst só tinha ossos e dentes.

Deixei Kelsey alargando e aprofundando o buraco em torno do carro enterrado e, da universidade, telefonei para o gabinete do legista do xerifado. Depois, desci a montanha de carro e fiz outra visita à casa de Fritz Snow.

Para minha surpresa, o próprio Fritz abriu a porta. Ele estava vestido num velho cardigã marrom e calças, e calçava tênis surrados. Os ombros estavam arqueados e os olhos turvos, como se o fim de semana tivesse durado uma geração e o tivesse envelhecido na mesma proporção.

Ele bloqueou a entrada com o corpo mole e relutante.

- Não devo deixar ninguém entrar.

- Você queria falar comigo ontem.

- Queria? - Ele parecia estar tentando se lembrar. - Mamãe vai me matar, se eu falar.

- Duvido, Fritz. De qualquer maneira, o segredo veio à tona.

Acabamos de desenterrar o Leo Broadhurst.

Seu olhar pesado ergueu-se para o meu rosto. Ele parecia estar tentando ler o seu futuro nos meus olhos. Eu podia lêlo nos olhos dele: um futuro de medo, confusão e encrenca, parecendo-se com o seu passado.

- Posso entrar por um minuto?

- Acho que sim.

Ele me deixou entrar e fechou a porta. Respirava audivelmente, como se aquele ato tivesse consumido metade de suas forças.

- Você me disse, ontem, que enterrou o Sr. Broadhurst.

Pensei que você estivesse se referindo ao Stanley. Mas você se referia ao pai dele, o Leo, não foi?

- Isso mesmo. - Ele correu os olhos pelo pequeno cômodo como se a mãe pudesse tê-lo grampeado. - Fiz uma coisa terrível. Agora, tenho de pagar por isso.

- Você matou Leo Broadhurst?

- Não, senhor. Tudo o que fiz foi enterrá-lo com o meu trator quando ele já estava morto.

- Quem o instigou a fazer isso?

- Foi o Albert Sweetner.

Ele fez um gesto com a cabeça, confirmando a própria declaração, depois olhou para mim para ver se eu acreditava.

Eu não acreditava nem deixava de acreditar.

- O Albert Sweetner me obrigou - disse ele.

- Como o Albert pôde obrigar você a fazer isso?

- Eu tinha medo dele.

- Você deve ter tido um motivo mais forte do que esse.

Fritz balançou a cabeça.

- Eu não queria enterrar ele. Fiquei tão nervoso que não conseguia manejar o trator. O Albert tentou levar ele para o depósito. Ele caiu com ele na vala perto da Rattlesnake Road e eles pegaram ele com a máquina e mandaram de volta para a prisão.

- Mas você escapou ileso.

- Daquela vez, escapei, só que fui despedido e colocado num sanatório. Eles nunca descobriram o que aconteceu com o Sr. Broadhurst.

- Sua mãe sabe o que você e o Albert fizeram?

- Acho que sabe. Contei a ela.

- Quando foi que você contou a ela?

Ele pensou na pergunta.

- Ontem, acho que foi.

- Antes de eu vir aqui, ou depois?

- Não me lembro. - Fritz estava dando sinais de tensão moral. - O senhor está sempre voltando. E a minha memória fica pulando à minha volta. Estou sempre me lembrando de quando o coveiro pegou meu pai.

- Quando o coveiro o pegou?

- Isso mesmo, quando eles enterraram ele no cemitério. Eu ouvia a terra batendo lá embaixo no caixão.

Lágrimas formaram-se no rosto dele como se o rosto fosse

deliqüescente, extraindo umidade do ar.

- Você contou à sua mãe antes de eu vir aqui, ou depois?

- Acho que foi depois. Depois que o senhor esteve aqui. Ela me disse que se eu contasse a mais alguém, eles iriam me mandar direto para a prisão.

Ele inclinou a cabeça de cabelos emaranhados e me dirigiu um olhar de cima a baixo.

- Eles vão me mandar para a prisão agora?

- Não sei, Fritz. Você tem certeza de que você e o Alber t não o mataram?

A idéia pareceu chocá-lo.

- Por que a gente ia fazer uma coisa dessas?

Eu podia pensar em vários motivos. Leo Broadhurst tinha tido sorte, e eles, não. Ele havia se casado com a mulher mais rica da cidade. Ele tinha humilhado a garota mais bonita de todas e a havia engravidado, e Albert e Fritz tinham levado a culpa.

Fritz ficou alarmado com meu silêncio.

- Juro que não matei ele. Juro sobre a Bíblia.

Havia uma Bíblia de verdade em cima da mesa, e ele apoiou a mão sobre a capa de couro preto.

- Está vendo? Eu juro sobre a Bíblia. Nunca matei alguém na vida. Eu nem mesmo gosto de pegar um rato na ratoeira.

Tenho horror a pisar numa lesma. Todos eles têm sentimentos!

Ele estava chorando outra vez, possivelmente pelas mortes de lesmas e pelas agonias dos ratos. Acima dos ruídos aquosos que fazia, ouvi um carro na rua e olhei pela janela da frente. Um velho Rambler branco parou junto ao meiofio atrás do meu carro. A Sra. Snow saltou com um pesado saco de papel nos braços. Ela estava usando uma capa de chuva sobre calças compridas.

Fui lá fora, fechando a porta e deixando Fritz lá. A mãe dele parou de repente quando me viu.

- O que pensa que está fazendo?

- Tive uma conversa com o seu filho.

- Será que não posso sair de casa sem que o senhor o persiga?

- Não foi isso que aconteceu. O Fritz me contou que enterrou o corpo de Leo Broadhurst. Pelo que sei, ele também contou à senhora, de modo que não precisamos discutir isso.

- Isso é um absurdo, ele está falando coisas absurdas.

- Creio que não. Nós desenterramos o Leo esta tarde. Ainda não foi

comprovado, mas penso que ele está morto há quinze anos.

- O Frederick sabia de tudo isso e não me contou?

- Ele lhe contou ontem, não contou?

Ela mordeu o lábio.

- Ele me contou uma história. Pensei que estivesse inventando tudo isso.

O rosto dela iluminou-se de forma alarmante.

- Talvez ele esteja mesmo inventando. Sua cabeça vive sempre cheia de histórias.

- Ele não inventou o homem morto, Sra. Snow.

- Tem certeza de que é o capitão Broadhurst?

- Até certo ponto. O corpo estava no Porsche vermelho dele. - Onde foi que o encontrou?

- Quase que diretamente embaixo do lugar em que o Stanley foi enterrado. Stanley estava tentando desenterrar o pai quando foi morto. Quem o matou provavelmente também matou o pai dele.

- E o senhor acusa o Frederick?

- Eu não chegaria a esse ponto. Mas se enterrou o capitão, como está dizendo, ele é cúmplice.

- Isso significa que ele vai para a prisão?

- E possível.

Ela ficou aterrorizada. Seu rosto fino estava esticado ao máximo sobre o crânio. Parecia uma visão prévia de sua mortalidade, e me fez perceber o quanto ela estava envolvida com o destino do filho.

A tarde estava no começo, mas o dia havia escurecido. Ergui os olhos para o céu. Nuvens negras deslocavam-se por ele como uma tampa corrediça. Abaixo, a cidade parecia brilhante e estranha. Uma chuvinha havia começado a cair na calçada e na minha cabeça, e na cabeça da mulher.

O pesado saco pardo da mercearia começava a escorregar dos seus braços. Eu o tirei dela e a segui casa adentro. Fritz havia recuado para os fundos, mas nós dois parecíamos sentir a sua amorfa presença virtualmente enchendo a casa.

A mãe levou as compras para a cozinha. Quando voltou para a sala da frente, percebeu que a Bíblia em cima da mesa estava ligeiramente fora do lugar. Empurrou-a de volta para o centro exato antes de voltar-se para mim:

- O Frederick está chorando a mais não poder no quarto dele. O senhor não pode colocá-lo na prisão. Ele não duraria seis meses. O

senhor sabe o que eles fazem com meninos indefesos na prisão... as terríveis crueldades e a maldade.

Eu sabia, mas não queria estender-me naquela discussão.

- Ele não é um menino.

Lembrei-me de que a Sra. Broadhurst havia dito a mesma coisa 48 horas antes.

- É como se fosse - disse a Sra. Snow. - O Frederick sempre foi o meu filhinho. Tenho feito o máximo para protegê-lo, mas ele é sempre desviado do bom caminho. Ele faz o que o mandam fazer, e depois tem de sofrer por isso. Ele sofre terrivelmente. Quase morreu quando o colocaram no serviço florestal.

Seu corpo magro vibrava de sentimento. Era difícil acreditar que aquele corpo, sem busto e quase sem quadris, tinha gerado aquele grande menino-homem balofo que estava no quarto.

- O que quer que eu faça com ele, Sra. Snow?

- Deixe-o aqui comigo. Deixe-me tomar conta dele, como sempre fiz.

- Isso ficará por conta das autoridades.

- Eles sabem o que ele fez?

- Ainda não.

- Tem de contar a eles?

- Sinto muito, mas tenho. Há um assassinato no meio.

- Ainda está pensando no assassinato do capitão Broadhurst?

- Estou. Ele é o único em que o seu filho está envolvido.

Assim espero.

- Estou certa de que tem razão. - Ela olhou atentamente para mim. - Vou lhe contar uma coisa que nunca disse a ninguém. O senhor está dizendo que o capitão Broadhurs t foi morto a tiros?

- Parece que sim.

- Com uma pistola calibre .22?

- Ainda não sabemos. O que a senhora ia me contar?

- Creio que sei quem o matou. Não posso jurar, mas acho que sei. Se eu puder contar ao senhor e vier a ser provado que isso é verdade, o senhor pode atenuar o caso do Frederick?

- Posso tentar.

- Eles lhe darão atenção. - Ela fez um gesto afirmativo enfático com a cabeça. - Promete que vai usar sua influência?

- Prometo. Qual a informação que tem?

- É mais um quadro geral. Desde que o Stanley foi morto no sábado, a coisa toda tem me voltado à lembrança. Eu estava na casa dos

Broadhursts naquela noite, cuidando do Stanley.

Foi a mesma noite em que o Frederick fez uso indevido do trator e perdeu o emprego. A coisa toda se encaixa.

- O que aconteceu, exatamente?

- Me dê uma chance de contar ao senhor.

Ela sentou-se na cadeira de balanço abruptamente, como se o esforço da recordação a tivesse fatigado.

- Os dois, o capitão Broadhurst e a Sra. Broadhurst, tiveram uma discussão horrível durante o jantar. Eu estava entrando e saindo da sala de jantar. Eles não diziam muita coisa na minha presença, mas concluí que estavam discutindo por causa de uma mulher... uma mulher que ele tinha escondido na casa da montanha. No início, pensei que era a tal Kilpatrick, porque o sobrenome Kilpatrick veio à baila. Mas acontece que era a jovem Nickerson... Marty... e ela estava com a filhinha dela junto. O capitão Broadhurst planejava ir embora com ela e com a menina. Ele tinha passagens num navio para o Havaí, que ele tinha acabado de comprar, e a Sra. Broadhurst descobriu.

- Como foi que ela descobriu?

- De acordo com o que ela disse, o Sr. Kilpatrick contou-lhe.

O homem da agência de viagens era amigo do Sr. Kilpatrick.





## 28

Senti uma mudança atrás dos meus olhos, como se um ajuste físico tivesse acontecido ali. Minhas testemunhas estavam começando a concordar umas com as outras. A Sra. Snow continuou com a sua história:

- Foi uma discussão horrível, como eu disse. A Sra. Broadhurst tocou na longa história do envolvimento dele com mulheres. Ele deu a volta e pôs a culpa de tudo nela.

Não vou lhe dizer os palavrões que dirigiu a ela. Mas alegou que há dez anos que ela não era uma esposa para ele, e aí se levantou e saiu pisando forte.

"O pobre do pequenino Stanley estava enjoado e tremendo.

Ele jantava na cozinha comigo, mas não pôde deixar de ouvir a discussão, e já tinha idade suficiente para saber o que aquilo significava. Ele saiu correndo e tentou deter o pai, mas o capitão Broadhurst saiu em disparada no seu carro esporte. Então, a mãe se preparou para ir embora da casa.

Stanley quis ir junto, mas ela não queria levá-lo. Ela me pediu para colocá-lo na cama, o que fiz. Mas depois disso eu fiquei ocupada na cozinha e ele fugiu sem que eu visse. Eu me lembro do choque que senti quando fui verificar o quarto dele e vi o travesseiro vazio.

"Levei outro choque quando passava pelos cômodos à procura dele. O estojo de pistolas da Sra. Broadhurst... aquele que o pai deixou para ela... estava em cima da mesa no estúdio. A caixa de balas estava lá, aberta, e uma das pistolas tinha desaparecido. - Ela ergueu os olhos, sem ver nada, recordando-se. - Eu não sabia o que fazer, e por isso não fiz nada. Esperei que ela e o Stanley voltassem para casa.

Ela ficou sentada na cadeira de balanço, resignada mas um tanto esperançosa, como se ainda estivesse esperando que aquela noite terminasse.

- Eles se ausentaram muito mais de uma hora. E quando voltaram, mãe e filho, chegaram juntos. Os pés deles estavam molhados devido ao gramado à noite, e os dois estavam pálidos e pareciam assustados. A Sra.

Broadhurs t despachou Stanley para a cama e me dispensou. Quando cheguei em casa, meu filho não estava em sua cama. Foi uma noite ruim para as mães.

- É uma noite ruim para os filhos - repliquei. - A senhora acha que Stanley viu o pai ser morto?

- Não sei. O que sei é que ele ouviu o tiro. Ele me disse, mais tarde, que a mãe tinha matado uma coruja... foi essa a explicação que ela deu ao Stanley. Mas penso que ele desconfiava de que ela havia matado seu pai. Acho que a suspeita ficou aumentando dentro dele, mas não tinha coragem de enfrentá-la. Estava sempre tentando provar que o pai estava vivo, até o dia da própria morte dele.

- Alguma vez ele falou com a senhora sobre a morte do pai?

- Sobre a morte, não. Nós nunca mencionamos a morte. Mas às vezes ele me perguntava o que eu achava que tinha acontecido ao pai dele. E eu costumava contar-lhe histórias... que o pai tinha ido morar num outro país, como a Austrália, e talvez voltasse um dia.

Os olhos dela ergueram-se para o meu rosto, claros e intensos.

- O que mais eu podia fazer? Não podia dizer a ele o que eu desconfiava... que a mãe havia matado o pai.

- E que seu filho o tinha enterrado.

- Eu não sabia disso na época. - Mas a voz dela apressou-se a afastar-se do assunto. - Ainda que eu soubesse, não teria contado ao Stanley ou a qualquer outra pessoa. Uma mulher tem de proteger seus descendentes.

Eu me despedi dela e segui de carro para o hospital, debaixo de uma chuva forte. Era um prédio de concreto de quatro andares, ocupando um quarteirão da cidade e cercado por clínicas e prédios de consultórios médicos. Uma voluntária no saguão me disse que a Sra. Broadhurst estava em condições de receber visitas e deu-me o número do seu quarto no quarto andar.

Antes de subir, fiz uma visita ao setor de patologia. O

gabinete e o laboratório ficavam no andar térreo, no fim de um corredor pintado de um verde horrível e cheio de canos do sistema de aquecimento. Uma placa na porta dizia:

"Somente Pessoal Autorizado".

Um homem de expressão estóica, vestindo um guarda-pó, recebeu-me com polido desinteresse. A plaqueta em cima da mesa dele dizia: "Dr. W. Silcox". Ele me disse que o corpo de Leo Broadhurst ainda não tinha chegado, mas era esperado a qualquer momento.

Por trás dos óculos com aro de osso, os olhos do médico mostravam certa ansiedade profissional.

- Pelo que sei, ainda sobrou muita coisa dele.

- Muita coisa. O senhor deveria procurar por ferimentos a bala, principalmente na cabeça. Falei com algumas testemunhas que acham que ele recebeu um tiro nela. Mas minhas testemunhãs não são de todo confiáveis. Nós precisamos de provas concretas.

- E para isso que estou aqui. Eu tendo a aprender mais com os mortos do que com os vivos.

- Ainda está com o corpo de Stanley Broadhurst?

- Ele está no necrotério. Gostaria de vê-lo?

- Já vi. Eu gostaria de conferir com o senhor a causa da morte.

- Múltiplos ferimentos penetrantes, com alguma espécie de faca comprida.

- Na frente ou pelas costas?

- Na frente. No abdômen. Ele também foi agredido na base do crânio com uma picareta.

Subindo no elevador para o quarto andar, quase que senti inveja das testemunhas inanimadas do Silcox. Elas já não podiam mentir mais, não podiam ferir nem ser feridas.

Apresentei-me à jovem que estava na sala das enfermeiras.

Ela disse que a Sra. Broadhurst estava se sentindo muito melhor, mas que eu deveria limitar a visita a uns dez minutos.

Bati à porta do quarto particular da Sra. Broadhurst e fui mandado entrar. O quarto estava cheio de flores da estação ou fora dela - rosas e cravos, lilases exóticos. Um vaso de narcisos amarelos sobre a penteadeira tinha o cartão de Brian Kilpatrick apoiado nele, em pé.

A Sra. Broadhurst estava sentada numa poltrona ao lado da janela em que a água escorria. Usava um robe multicolorido que parecia refletir as flores que estavam no quarto, e parecia perfeitamente bem. Mas havia um desesperança básica em seus olhos que prendeu minha língua por um instante.

Ela falou primeiro:

- É o Sr. Archer, não é? É um prazer vê-lo... ter uma oportunidade para agradecer ao senhor.

Fui apanhado de surpresa.

- Agradecer o quê, pelo amor de Deus?

- Pela volta do meu neto são e salvo. A mãe dele me telefonou há pouco tempo. Com o meu filho... meu filho Stanley morto... o Ronny é

tudo o que me resta.

- Ele é um bom menino, e parece que está bem.

- Onde foi que o encontrou? A Jean não foi muito clara a esse respeito.

Fiz para ela um relato sucinto do meu fim de semana e disse, ao concluir:

- Não ponha muito a culpa na moça. Ela viu o seu filho ser morto, e isso a deixou abalada. A única coisa em que ela podia pensar era salvar Ronny.

Enquanto dizia aquilo, lembrei-me de que a Susan tinha testemunhado dois assassinatos, com um intervalo de quinze anos. E perguntei a mim mesmo: se a Sra. Broadhurst matou o marido, seria possível que tivesse matado também o filho, ou tivesse mandado matá-lo? Descobri que não podia perguntar a ela. Cheio de sua frágil gratidão e com as flores que os amigos lhe haviam enviado, o quarto não admitiria que perguntas daquele tipo fossem feitas em voz alta.

Como muitas vezes as testemunhas fazem, a própria Sra.

Broadhurst fez uma abertura.

- Acho que não entendo bem a história da garota. Como foi que o senhor disse que ela se chama?

- Susan Crandall.

- O que é que ela estava fazendo na montanha com meu filho e meu neto?

- Creio que estava tentando entender o passado.

- Não estou entendendo. Eu hoje estou com o raciocínio muito lento.

A voz e os olhos dela dividiam a sua impaciência entre nós dois.

- A Susan tinha estado lá antes - disse eu - quando era uma garotinha. Ela foi lá uma noite, com a mãe. Talvez a senhora se lembre da mãe dela. O nome de solteira era Martha Nickerson, e acredito que trabalhava para a senhora.

O desagrado na voz e nos olhos dela aumentou.

- Com quem andou falando?

- Com muita gente. A senhora é mais ou menos a última na minha lista. Eu tinha a esperança de que pudesse me ajudar a reconstituir o que aconteceu na casa da montanha naquela noite há cerca de quinze anos.

Ela balançou a cabeça e ficou com o rosto um pouco virado.

De perfil contra a janela, a cabeça parecia um medalhão clássico colocado sobre a imagem da cidade embaçada pela chuva.

- Lamento, mas não posso ajudá-lo. Eu não estava lá.

- Seu marido estava, Sra. Broadhurst.

Os cordões no pescoço fizeram sua cabeça virar-se.

- Como o senhor pode saber disso?

- Ele nunca saiu de lá. Foi morto e enterrado lá. Nós o desenterramos hoje à tarde.

- Entendo.

Ela não me disse o que entendia, mas aquilo parecia fazer com que seus olhos ficassem mais sérios e menores. Os ossos do rosto ficaram mais salientes, como se numa imitação dos ossos do rosto do morto.

- Então, acabou.

- Não de todo.

- Para mim, acabou. O senhor está me dizendo que meus dois homens... meu marido e meu filho... estão mortos. Está me dizendo que perdi tudo o que eu mais prezava.

Ela estava lutando para assumir um papel trágico, mas havia uma duplicidade nela que estragava a sua ressonância. Suas palavras soavam exageradas e ocas. Lembrei-me das palavras ambivalentes que ela tinha escrito sobre o pai, atravessando vacilantes pela folha amarela de papel ofício em direção à margem do colapso nervoso.

- Acho que durante quinze anos a senhora soube que seu marido estava morto e enterrado.

- Isso simplesmente não é verdade.

Mas a duplicidade continuava em sua voz como se ela estivesse ouvindo a si própria lendo falas.

- Eu o aviso, se fizer essa acusação em público...

- Nós estamos muito isolados, Sra. Broadhurst. Não precisa fingir para mim. Sei que a senhora discutiu com o seu marido aquela noite e depois foi atrás dele até a montanha.

- Como pode saber disso, se não é verdade?

Ela estava jogando um jogo que as pessoas culpadas jogam, interrogando o interrogador, tentando converter a verdade numa peteca de cortiça que podia ser atirada de um lado para o outro e acabar perdida.

- De qualquer forma, onde foi que obteve essa suposta informação? Com a Susan Crandall?

- Parte dela.

- Ela dificilmente é uma testemunha confiável. Pelo que me contou, deduzo que ela está emocionalmente perturbada. E não poderia ter mais

de três ou quatro anos de idade naquela época. A coisa toda deve ser uma fantasia.

- As crianças de três anos de idade têm recordações, e podem ver e ouvir. Tenho provas muito convincentes de que ela estava na casa da montanha e viu ou ouviu o tiro. A

história dela combina com outras coisas que sei. E também ajuda a explicar o problema emocional dela.

- Admite que ela está perturbada?

- Ela está com um problema. Falando em problemas, fico imaginando se o Stanley também não ouviu o tiro.

- Não! Ele não pode ter ouvido.

Ela respirou fundo, de forma audível, como se tivesse tentando aspirar de novo as palavras que tinha dito.

- Como a senhora sabe, se não estava lá?

- Eu estava em casa com o Stanley.

- Acho que não. Acho que ele seguiu a senhora até lá em cima e ouviu o pai ser morto com um tiro, e pelo resto da vida tentou esquecer o fato. Ou provar que não passava de um pesadelo.

Ela havia falado como um advogado que duvidava da inocência de seu cliente. Naquele momento, desistiu.

- O que quer de mim? Dinheiro? Já me extorquiram até o último centavo. - Ela fez uma pausa e olhou para mim com olhos desesperados. - Não conte a Jean que não tenho mais nada. Eu nunca mais iria ver o Ronny de novo.

Achei que ela estava enganada, mas não discuti.

- Quem a extorquiu até o último centavo, Sra. Broadhurst?

- Não quero falar sobre isso.

Apanhei o cartão de Brian Kilpatrick de cima da penteadeira e deixei que ela o visse.

- Se alguém tem extorquido seu dinheiro, a senhora tem a oportunidade de acabar com isso agora.

- Eu disse que não queria falar a respeito. Não há ninguém em quem eu possa confiar. Nunca houve, desde que meu pai morreu.

- Quer que isso continue?

Ela me lançou um olhar amargurado.

- Não quero que nada continue. Nem a minha vida, nada, sem dúvida alguma, esta conversa. Esta inquisição.

- Também não estou gostando muito dela.

- Pois então, vá embora. Eu não agüento mais.

Ela agarrou os braços da poltrona a ponto de os nós dos dedos ficarem brancos, e levantou-se. Aquele ato, de alguma maneira, me obrigou a sair do quarto.

Eu não estava preparado para ficar diante do homem morto de imediato. Encontrei a porta da escada de incêndio e comecei a descer para o térreo, indo devagar. Os degraus de concreto, com os corrimãos de aço cinza, instalados num poço de concreto sem janelas, pareciam fazer parte da estrutura de uma prisão, horrível e praticamente indestrutível. Fiz uma pausa num patamar na metade da descida e tentei imaginar a Sra. Broadhurst na prisão.

Quando devolvi o menino Ronny à mãe, na verdade eu tinha realizado aquilo que me havia proposto fazer. A tarefa deixada por terminar deveria ser dolorosa e deplorável. Eu não tinha desejo algum predominante de pôr na Sra.

Broadhurst a culpa pelo assassinato de seu marido.

O bafo quente da vingança estava ficando frio nas minhas narinas à medida que ia ficando velho. Eu me preocupava mais com uma espécie de economia na vida que ajudasse a preservar as coisas que valiam a pena ser preservadas. Não havia dúvida de que Leo Broadhurst tinha merecido ser preservado - qualquer homem, ou qualquer mulher, merecia -mas ele havia sido morto num acesso de raiva, muito tempo atrás. Eu duvidava que um júri no presente fosse declarar a viúva culpada de alguma coisa mais grave do que homicídio culposo.

Quanto aos outros homicídios, não era provável que a Sra.

Broadhurst tivesse tido um motivo para matar o filho ou uma oportunidade de matar Albert Sweetner. Eu disse para mim mesmo que não me importava com quem os tinha matado. Mas me importava. Havia uma simetria circular no caso que, como as próprias escadas, me levou ao repulsivo corredor verde onde o Dr. Silcox dava consultas a suas testemunhas mortas.

Atravessei o consultório e abri a porta forrada de aço do necrotério. O que restava de Leo Broadhurst estava sob uma luz forte, sobre uma mesa de aço inoxidável. Silcox estava investigando o crânio. A bela curvatura era o único indício remanescente de que Leo tinha sido um homem bonito na sua época.

Kelsey e Purvis, o legista auxiliar, estavam em pé na penumbra, encostados à parede. Passei por eles a caminho da mesa.

- Ele levou algum tiro?

Silcox ergueu os olhos, desviando-os do seu trabalho.

- Levou. Eu achei isto.

Ele apanhou uma bala de chumbo e exibiu-a na palma da mão. Parecia uma bala calibre .22 longo, deformada.

- Onde foi que ela perfurou o crânio?

- Não estou certo de que tenha perfurado. Tudo o que posso encontrar é um pequeno vinco que dificilmente poderia ter sido fatal.

Com a ponta brilhante da sonda, ele me mostrou o leve sulco feito pela bala na frente do crânio de Broadhurst.

- Então, o que o matou?

- Isto.

Ele me mostrou um triângulo descorado, que fez um som metálico quando ele o largou. Por um instante, pensei que se tratasse de uma ponta de flecha de índios. Então, peguei-o e vi que era a ponta partida de uma faca de açougueiro.

- Isso estava alojado nas costelas - disse o médico. - É

evidente que a ponta da faca se partiu quando foi retirada.

- Ele foi esfaqueado pelas costas, ou pela frente?

- Eu diria que pela frente.

- Uma mulher poderia ter feito isso?

- Não vejo por que não poderia. O que você acha, Purvis? O

jovem auxiliar afastou-se das sombras e colocou-se entre mim e o Dr. Silcox.

- Acho que devemos falar sobre isso de forma reservada. Ele se voltou para mim. - Odeio ser o estraga-prazeres, Sr.

Archer, mas não tem direito de estar aqui. Viu o aviso na porta: "Somente Pessoal Autorizado". E o senhor não está autorizado.

Pensei que se tratasse apenas do sentido de autoridade de um jovem.

- Estarei, se o senhor me autorizar.

- Não posso fazer isso.

- Quem disse isso?

- O legista me dá as ordens.

- Quem dá as ordens a ele?

O jovem enrubesceu. O rosto dele parecia poroso e arroxeado à luz direta.

- E melhor sair daqui, cara.

Olhei para Kelsey, que estava atrás dele e que parecia constrangido. Aos dois, eu disse:

- Que diabo, fui eu que localizei este corpo.

- Mas não faz parte do pessoal autorizado.

Purvis apoiou a mão na coronha de sua arma. Eu não o conhecia bem e não tinha certeza de que não atiraria em mim. Retirei-me com a raiva e a decepção correndo quentes e amargas nas veias.

Kelsey foi atrás de mim até o corredor.

- Lamento o que aconteceu, Archer.

- Você não ajudou muito.

* Seus olhos cinzentos esquivaram-se um pouco e depois endureceram, enquanto a boca continuou a sorrir.

- A ordem sobre você veio lá do alto. E o serviço florestal me faz cumprir o regulamento.

- O que diz o regulamento?

- Você sabe tanto quanto eu. Onde a polícia local estiver atuando, tenho instruções de respeitar a jurisdição dela.

- O que estão planejando fazer? Enterrar esse caso por mais quinze anos?

- Se eu puder evitar, não. Mas a minha principal responsabilidade é o incêndio.

- Os assassinatos e o incêndio estão interligados, e você sabe disso.

- Não me diga o que sei.

Ele girou sobre os calcanhares e voltou para a sala com o morto e o pessoal autorizado.





## 29

Quando cheguei lá fora, a chuva caía mais forte do que nunca. A água corria pela rua, lavando os detritos do verão montanha abaixo, em direção ao mar.

Quanto mais eu me aproximava das montanhas, mais água havia. Seguir pelo desfiladeiro da Sra. Broadhurst era muito parecido com seguir contra a corrente num curso d'água raso. Muito antes de chegar à casa da fazenda, eu já ouvia o rumorejar do riacho que passava atrás dela.

O carro preto de Brian Kilpatrick estava parado em frente à casa. Uma loura que parecia artificial e que a princípio não identifiquei estava sentada no banco dianteiro. Quando me aproximei do carro preto, vi que ela era a noiva de Kilpatrick, como ele a chamava.

- Como vai passando?

Ela baixou o vidro elétrico e olhou bem para mim através da chuva.

- Eu o conheço?

- Nós nos conhecemos na noite de sábado, na casa do Kilpatrick.

- E mesmo? Eu devia estar bêbada.

Os lábios dela esticaram-se num sorriso que pedia minha cumplicidade. Por trás dele, ela parecia terrivelmente constrangida.

- Você estava bêbada, sim. E também era morena.

- Estava usando uma peruca. Eu as troco para ficarem de acordo com o meu estado de espírito. As pessoas me dizem que sou muito inconstante.

- Estou vendo. Qual é o seu estado de espírito agora?

- Para ser franca, estou com medo - disse ela. - Estou com medo de toda essa água. E a lama está se soltando acima da casa do Brian. Ele já está com toneladas dela no pátio dele. E por isso que estou aqui sentada neste carro. Mas também não gosto deste lugar.

- O que o Brian está fazendo lá dentro?

- Negócios, disse ele.

– Com Jean Broadhurst?

- Acho que esse é o nome dela. Uma mulher telefonou para ele, que

veio em disparada para cá. - Quando me voltei para ir em direção à casa, ela acrescentou: - Diga a ele para se apressar, sim?

Entrei sem bater e fechei a porta da frente com cuidado ao passar. O barulho do riacho soava pela casa, abafando os pequenos sons que meus movimentos faziam.

Não havia ninguém na sala de estar. Uma luz saía pela porta aberta do estúdio. Quando cheguei mais perto, ouvi a voz de Jean:

- Não gosto disso. Se a Sra. Broadhurst quisesse essas coisas, ela poderia ter pedido a mim.

Kilpatrick respondeu num tom casual:

- Com certeza ela não quis importuná-la.

- Mas eu me sinto importunada. O que ela, no hospital, pretende fazer com documentos comerciais e armas?

- Presumo que queira colocar as coisas bem certinhas para o caso de acontecer algo com ela.

- Ela não está planejando suicidar-se? - A voz de Jean era fraca e ofegante.

- Sinceramente, espero que não.

- Então, por que ela quer as armas?

- Ela não disse. Simplesmente estou tentando mantê-la feliz. Afinal, ela é minha sócia.

- Mesmo assim, não acho que deva deixar você...

- Mas ela acabou de me telefonar.

- Vou ligar para ela.

- Eu não faria isso.

A voz dele continha uma ameaça. Houve um arrastar de pés e um engolir em seco de uma mulher. Entrei no limiar da porta. Jean estava caída no sofá de couro preto, muito pálida e respirando com dificuldade. Kilpatrick estava inclinado sobre ela com o fone nas mãos.

- Experimente alguém do seu tamanho - disse eu.

Ele se moveu como se fosse me atacar. Eu queria que atacasse, e talvez ele tenha percebido isso. A cor abandonou seu rosto, de modo que as veias se destacaram como se fossem arranhões.

Ele me dirigiu um sorrisinho envergonhado que não alterou os olhos avermelhados apreensivos.

- Jean e eu tivemos um pequeno desentendimento. Nada sério.

Ela se levantou, alisando a saia.

- Creio que é sério. Ele me empurrou. Está levando algumas das coisas da minha sogra. - Ela indicou a maleta preta que estava ao lado

da escrivaninha. Eu a apanhei.

- Eu quero isso - disse Kilpatrick. - Ela é minha.

- Você acabará recebendo-a de volta.

Ele estendeu o braço para segurá-la. Eu a afastei para longe do alcance dele. No mesmo movimento, apoiei o ombro contra ele e fiz com que andasse para trás. Ele bateu com força na parede oposta e ficou ali, desajeitado, como um homem pendurado num prego. Revistei-o à procura de armas, não encontrei nenhuma, e recuei.

Por um instante, seu rosto adotou a aparência de forte decepção que eu havia surpreendido nele no dia anterior.

Ele estava perdendo tudo, e vendo tudo ir embora.

- Vou falar disso com o xerife Tremaine - disse ele.

- Acho que devia, mesmo. Ele vai ficar interessado no que você tem feito com a Sra. Broadhurst.

- Sou o melhor amigo dela, se quiser saber da verdade. Há muitos anos que venho cuidando dos interesses dela.

- Ela chama isso de extorsão.

Ele pareceu surpreso.

- Ela disse isso?

- Ela usou a palavra. Você não gosta?

Ele ainda estava apoiado na parede. Os cabelos castanhosruivos estavam ficando escuros com o suor e caindo-lhe na testa sardenta larga. Ele os empurrou com os dedos, com cuidado, como se uma boa aparência pudesse fazer toda a diferença.

- Estou decepcionado com a Elizabeth - disse ele. - Pensei que ela tivesse mais bom senso. E mais gratidão. Mas as mulheres são assim.

Ele me dirigiu um olhar experimental, para ver se podíamos nos unir numa plataforma antifeminista.

- Nenhuma gratidão - disse eu. - Nenhuma gratidão em relação a você por chantageá-la e por tirar as terras dela por meio de trapaça. As mulheres são umas ingratas terríveis.

Ele não suportou a injustiça de minhas palavras. Uma amargura intensa entrou em seus olhos e modificou-lhe a boca.

- Tudo o que fiz foi perfeitamente legal. E mais do que se pode dizer dela. Enquanto ela estava lhe contando mentiras a meu respeito, suponho que ela não disse o que fez.

- O que ela fez?

Eu não devia ter feito a pergunta direta. Aquilo o fez lembrar-se de ser discreto.

- Acho que não vou responder.

- Pois então vou lhe dizer. A Sra. Broadhurst matou o marido. Você pode tê-la incitado a isso. E evidente que você

teve uma participação no caso.

- Isso é mentira.

- Você não contou a ela sobre as reservas de Leo no cargueiro para o Havaí? Não foi isso que provocou a discussão derradeira deles?

O olhar dele se ergueu ao encontro do meu, e depois se afastou para o lado.

- Pensei que ele estava planejando levar minha mulher junto.

- Sua mulher tinha abandonado você.

- Eu tinha a esperança de que ela voltasse para mim.

- Se você pudesse encontrar um joguete para livrar-se do Leo?

- Eu não tinha essa intenção.

- Não tinha? Você provocou a briga dos Broadhursts. Vigiou a casa da montanha naquela noite, para ver o resultado da discussão. Você testemunhou o tiro, ou ouviu o som dele. E quando o tiro não matou o Leo, você o liquidou com uma faca.

- Eu não fiz isso, em absoluto.

- Alguém fez. E você estava lá na hora. Você não negou isso.

- Nego agora. Não atirei nele e não o esfaqueei.

- Diga-me o que você fez.

- Fui um espectador inocente, só isso.

Ri na cara dele, embora não estivesse me sentindo alegre. Eu tinha ódio de ver um homem, mesmo um homem como o Kilpatrick, entrar pelo cano.

- Está certo, espectador inocente. O que aconteceu, então?

- Creio que você sabe o que aconteceu. Mas não vou dizer.

E se você for esperto como pensa que é, vai cooperar comigo. Neste momento, quero a minha maleta.

- Terá de tirá-la de mim.

Ele me olhou como se estivesse examinando a possibilidade.

Mas o desejo e a esperança estavam acabando. A aura de sucesso o havia abandonado, e cada vez mais se parecia com um perdedor.

Ele girou sobre os calcanhares e foi até a porta da frente antes de me responder. Pouco antes de bater com a porta, depois de passar por ela, ele gritou:

- Vou mandar expulsar você da cidade.

Jean se aproximou de mim, deslocando-se sem fazer barulho, com

uma das mãos estendidas como se a escuridão tivesse se instalado e o local lhe fosse desconhecido.

- Essas coisas são verdade?

- Que coisas?

- O que estava dizendo sobre Elizabeth.

- Sinto muito, mas são.

Ela agarrou o meu braço e me fez sentir o seu peso.

- Não posso agüentar muito mais. Quanto tempo isso vai continuar?

- Não creio que haja muita coisa mais. Onde está o Ronny?

- Está dormindo. Ele queria tirar uma soneca.

- Acorde-o e vista-o. Vou levar vocês para Los Angeles.

- Agora?

- Quanto mais cedo, melhor.

- Mas por quê?

Eu tinha várias razões. Não queria tocar na principal, que era que eu não sabia o que o Kilpatrick iria fazer em seguida.

Lembrei-me da arma na sala de jogos da casa dele e da sua aparente disposição de usá-la.

Levei Jean para a grande janela do canto e mostrei-lhe o que tinha acontecido com o riacho. Ele havia se tornado um rio negro turbulento, com capacidade suficiente para levar árvores derrubadas. Várias delas tinham formado uma barragem natural que estava represando a água atrás da casa.

Eu ouvia as pedras rolando pelo leito do riacho na parte alta do desfiladeiro. Elas faziam ruídos como bolas de boliche numa pista.

- Desta vez, a casa pode ser destruída - falei.

- Esse não é o motivo pelo qual você quer nos levar para o sul.

- E um dos motivos. Você e o Ronny ficarão mais seguros lá. E eu tenho de cuidar de algumas coisas. Preciso fazer um relatório ao capitão Shipstad, do Departamento de Polícia de Los Angeles. Há certas vantagens em trabalhar com ele em vez de com a polícia local.

Aquelas vantagens tinham se tornado evidentes na última hora, e resolvi telefonar para Arnie naquele momento. Fui ao estúdio e disquei o número do gabinete dele.

A voz dele era fria e distante:

- Eu esperava que você entrasse em contato comigo antes.

- Desculpe. Tive de ir a Sausalito.

- Espero que tenha tido um ótimo fim de semana - disse ele num inexpressivo tom escandinavo.

- Não foi tão bom. Descobri outro assassinato. Um assassinato antigo.

Dei a ele os dados sobre a morte de Leo Broadhurst.

- Deixe-me entender bem - disse ele. - Você está me dizendo que o Broadhurst foi morto pela mulher?

- Ela deu um tiro nele, mas o tiro pode não tê-lo matado. Ele tinha uma lâmina de faca quebrada nas costelas. É claro que ela pode ter enfiado a faca nele.

- Ela poderia ter matado o Albert Sweetner?

- Não vejo como. A Sra. Broadhurst estava no hospital de Santa Teresa na noite de sábado. O crime de Northridge deve ter sido cometido por outra pessoa.

- Em quem está pensando?

Fiz uma pausa para organizar os pensamentos, e Arnie falou, impaciente:

- Você está aí, Lew?

- Estou. São três os principais suspeitos. O número um é um homem local que trabalha com imóveis, chamado Brian Kilpatrick. Ele sabia que Elizabeth matou o marido, e acho que desde então ela o tem subornado. O que dá a ele um motivo para matar Stanley Broadhurst e Albert Sweetner.

- Que motivo?

- Ele tinha um grande interesse financeiro em manter o crime original abafado.

- Chantagem?

- Chantagem disfarçada. Mas ainda é possível que ele mesmo tenha liquidado Leo Broadhurst. Nesse caso, tinha um motivo ainda mais forte para silenciar os outros dois. Alber t Sweetner sabia onde Leo estava enterrado. Stanley Broadhurst estava tentando desenterrá-lo.

- Mas por que o Kilpatrick queria esfaquear Leo Broadhurst?

- Broadhurst destruiu o casamento dele. Além disso, como assinalei, havia dinheiro a ganhar.

- Quer fazer o favor de descrevê-lo, Lew?

- Kilpatrick tem cerca de quarenta e cinco anos, mais de um metro e oitenta, pesando em torno de noventa e cinco quilos. Olhos azuis, cabelos ruivos ondulados, escasseando no alto da cabeça. Veias irregulares no nariz e no rosto. - Fiz uma pausa. - Ele foi visto em Northridge no sábado?

- Neste momento, eu é que faço as perguntas. Alguma cicatriz?

- Nenhuma visível.

- Quais são os outros suspeitos?

- Um dono de motel chamado Lester Crandall é o número dois. Ele é corpulento e baixo, cerca de um metro e sessenta e oitenta e cinco quilos. Cabelos pretos, grisalhos, com suíças longas.

Fala como um bom sujeito do interior, o que ele é, mas é astuto e cheio de dinheiro.

- Idade?

- Ele me disse que vai completar sessenta no próximo aniversário. Tinha um motivo tão forte quanto o do Kilpatrick para liquidar Leo Broadhurst.

- Sessenta é velho demais - disse Arnie.

- Iria apressar as coisas se você pusesse as cartas na mesa.

Você tem uma descrição que está tentando ver se combina, não é?

- Mais ou menos. O problema é que a minha testemunha pode não ser confiável, e quero uma confirmação independente. Quem é o outro suspeito?

- A ex-mulher de Kilpatrick, Eilen, poderia ter cometido o crime. Leo destruiu o casamento dela e depois a abandonou.

- Não foi uma mulher - disse Arnie. - Ou, se foi, minha teoria vai por água abaixo. Algum outro homem teve motivo e oportunidade?

Respondi devagar, com certa relutância:

- O jardineiro, Fritz Snow, que enterrou o corpo de Leo com o trator dele. Eu não teria dito que ele é capaz de matar, mas o Leo bem que o provocou. E o Albert Sweetner também provocou.

- Que idade tem esse Snow?

- Uns trinta e cinco ou seis.

- Como é ele?

- Tem um metro e cinqüenta, talvez pesando setenta e cinco quilos. Cabelos castanhos, rosto redondo, olhos verdes que choram muito. Parece ter problemas emocionais. E também genéticos.

- Que tipo de problemas genéticos?

- Lábio leporino, por exemplo.

- Por que não disse antes?

A voz de Arnie tinha aumentado de volume. Afastei o fone do ouvido. Jean estava inclinada com as mãos no alizar da porta, observando-me. Seu rosto estava pálido e os olhos mais escuros do que eu jamais os tinha visto.

- Onde está esse Fritz Snow? - disse Arnie.

- A cerca de dois quilômetros de onde estou sentado. Quer que eu vá apanhá-lo?

- E melhor eu fazer isso através dos canais competentes.

- Deixe-me falar com ele primeiro, Arnie. Não acredito que ele tenha matado três pessoas, ou mesmo uma delas.

- Eu acredito - disse Arnie. - A peruca, o bigode e a barba que o Albert Sweetner estava usando não pertenciam a Sweetner. Não cabiam nele. Minha hipótese é de que pertenciam ao assassino, que os colocou no Sweetner para confundir o caso. Temos revirado as lojas de perucas e os distribuidores. Para resumir uma longa história, o seu suspeito comprou a peruca e a barba numa loja em liquidação em Vine Street chamada Perucas em Penca.

Eu não queria acreditar.

- Ele pode tê-los comprado para Al Sweetner.

- Pode, mas não fez isso. Ele os comprou um mês atrás, quando Sweetner ainda estava em Folsom. E sabemos que ele os comprou para uso próprio. Ele pediu ao vendedor um bigode que cobrisse a cicatriz feia que havia no seu lábio superior.

Jean falou quando arriei o fone:

- Fritz?

- Parece que sim.

Contei-lhe sobre a peruca e a barba que ele tinha comprado.

Ela mordeu o lábio.

- Eu devia ter dado ouvidos ao Ronny.

- Ele reconheceu o Fritz na montanha, no sábado?

- Não sei quanto a sábado. Ele me disse, há várias semanas, que viu o Fritz com cabelos pretos, compridos, e de bigode.

Mas quando fiz mais perguntas, ele disse que estava me contando uma história.





## 30

Entramos no quarto onde o menino estava dormindo. Ele acordou assustado quando a mãe o tocou e sentou-se abraçando o travesseiro, olhos arregalados e tremendo. Foi a primeira vez em que vi a dor e o medo dele a descoberto.

Ele falou com dificuldade:

- Eu tinha medo de que o bicho-papão fosse me pegar.

- Não vou deixar que ele te pegue.

- Ele pegou o papai.

- Ele não vai te pegar - disse eu.

A mãe aninhou-o nos braços, e por alguns segundos ele pareceu satisfeito. Depois, ficou impaciente com o consolo puramente feminino. Libertou-se e ficou de pé na cama alta, os olhos perto do nível dos meus. Ele pulou e temporariamente ficou mate alto do que eu.

- O Fritz é o bicho-papão? - disse eu.

Ele olhou para mim, confuso.

- Não sei.

- Alguma vez você o viu usando uma peruca de cabelos compridos?

Ele confirmou com a cabeça.

- E suíças, também - disse, um pouco ofegante. - E um nãosei-o-quê. - Ele tocou o lábio superior.

- Quando foi isso, Ronny?

- Na última vez que visitei a vovó Neil. Entrei no celeiro e o Fritz estava lá com cabelos pretos compridos e barba. Ele estava olhando para o retrato de uma mulher.

- Você conhecia a mulher?

- Não. Ela estava sem roupa.

Ele parecia constrangido e com medo.

- Não diga a ele que contei a você. Ele disse que se eu contaste a alguém, aconteceria uma coisa ruim.

- Nada de ruim vai acontecer. - A ele, não. - Você viu o Fritz no sábado, usando a peruca?

- Quando?

- Lá na montanha.

Ele olhou para mim, confuso.

- Vi um bicho-papão com cabelos pretos longos. Ele estava muito longe. Não dava para saber se era o Fritz ou não.

- Mas você pensou que fosse, não pensou?

- Não sei.

A voz dele parecia tensa, como se aquela nítida lembrança infantil tivesse registrado mais do que podia enfrentar. Ele se voltou para a mãe e disse que estava com fome.

Eu os deixei num restaurante no centro da cidade e atravessei o gueto de volta para a casa da Sra. Snow. Uma água pardacenta escorria pela estrada em frente a ela. Estacionei no caminho asfaltado, atrás do velho Rambler branco dela, e tranquei o carro.

A Sra. Snow abriu a porta da frente antes que eu pudesse bater. Ela olhou à minha retaguarda, para a chuva, como se pudesse haver outros homens atrás de mim.

- Onde está o Fritz? - disse eu.

- Está no quarto dele. Mas posso dizer tudo o que precisa ser dito. Eu sempre disse... eu acho que vou dizer sempre.

- Ele mesmo é que tem de falar, Sra. Snow.

Passei por ela para entrar na cozinha e abri a porta do quarto do filho dela. Ele estava agachado na cama de ferro, escondendo parte do rosto com as mãos.

Ele era um homem bobo, indefeso, e eu odiava o que tinha de fazer. Um julgamento iria exibi-lo em público. Na prisão, iriam fazer o que quisessem dele, como a mãe temia. Eu sentia a presença aflita dela bem atrás de mim.

Eu disse a ele:

- Você comprou uma peruca há coisa de um mês? Uma peruca, uma barba e um bigode?

Ele baixou as mãos, que cobriam o rosto:

- Talvez eu tenha comprado.

- Acontece que sei que comprou.

- Então, por que está me perguntando?

- Quero saber por que você comprou essas coisas.

- Para fazer o meu cabelo parecer comprido. E para cobrir isto. - Ele ergueu o indicador da mão direita para o lábio superior com a cicatriz. - As garotas não me deixam beijar elas. Eu só beijei uma garota uma vez na vida.

- A Martha?

- E. Ela me deixou beijar ela. Mas isso foi há muito tempo, há uns dezesseis ou dezoito anos. Eu li a respeito dessas perucas e coisas assim numa revista de cinema, de modo que fui até Hollywood e comprei um conjunto. Eu queria andar atrás das garotas lá em Sunset Strip. E ser um farrista.

- Pegou alguma?

Ele balançou a cabeça, desconsolado.

- Só consegui ir uma vez. Ela não quer que eu arranje uma namorada.

O olhar dele passou por mim e dirigiu-se à mãe.

- Eu sou a sua namorada - disse ela, animada. - E você é o meu namorado.

Ela sorriu e piscou o olho. Havia lágrimas em seus olhos.

- O que houve com sua peruca, Fritz? - perguntei.

- Não sei. Escondi ela debaixo do colchão. Mas alguém tirou. A mãe dele disse:

- O Albert Sweetner deve ter roubado. Ele esteve aqui em casa na semana passada.

- Ela desapareceu muito antes da semana passada.

Desapareceu há coisa de um mês. Só tive chance de ir atrás das garotas uma vez.

- Tem certeza disso?

- Tenho, sim.

- Você não foi de carro até Northridge na noite de sábado e colocou-a na cabeça do Albert?

- Não, senhor.

- Ou a usou lá na montanha, na manhã de sábado - quando esfaqueou o Stanley Broadhurst?

- Eu gostava do Stanley. Por que iria esfaquear ele?

- Porque estava desenterrando o corpo do pai dele. Você

não matou o pai dele também?

Ele balançou violentamente a cabeça, como um esfregão. A

mãe disse:

- Não faça isso, Fritz. Você vai se machucar.

Ele ficou com a cabeça inclinada, como se tivesse quebrado o pescoço. Depois de um certo tempo, voltou a falar:

- Eu enterrei o Sr. Broadhurst... isso eu disse ao senhor. Mas não matei ele. Nunca matei ninguém deles.

- Nenhum deles - corrigiu a Sra. Snow. - Você nunca matou nenhum deles.

- Nunca matei nenhum deles - repetiu. - Não matei o Sr.

Broadhurst, ou o Stanley, ou... - Ele ergueu a cabeça. - Qual foi o outro?

- Albert Sweetner.

- Nem matei ele, tão pouco.

- Tampouco - corrigiu a mãe.

Voltei-me para ela.

- Por favor, deixe-o falar como sabe.

A rispidez da minha voz pareceu encorajar o filho:

- É. Deixa eu falar à minha maneira.

- Só estou tentando ajudar - disse ela.

- É. É claro.

Mas havia uma nota de dúvida na voz dele. Ela se refletia na fala, embora ele mantivesse a postura de um ser desprezível em cima da cama:

- O que foi que aconteceu com a minha peruca e com o resto?

- Alguém deve tê-la roubado - disse ela.

- Albert Sweetner?

- Pode ter sido o Albert.

- Não acredito. Acho que a senhora tirou ela - disse ele.

- Isso é loucura.

Os olhos dele ergueram-se para o rosto dela, lentamente, como caramujos subindo por uma parede.

- A senhora varreu ela de baixo da cama. - Ele bateu na cama abaixo dele com a mão, para dar ênfase ao que alegava.

- E eu não sou louco.

- Está falando como se fosse - retrucou ela. - Que motivo eu teria para roubar sua peruca?

- Porque não queria que eu fosse atrás das garotas. A senhora tinha ciúme.

Ela soltou um risinho agudo sufocado, que não dava sinais de estar achando graça. Olhei para seu rosto. Estava duro e cinzento, como se tivesse congelado.

- Meu filho está perturbado. Ele está dizendo bobagem.

- O que faz você pensar que sua mãe tirou a sua peruca? perguntei a Fritz.

- Ninguém mais vem aqui. Somos só nós dois. Assim que ela

desapareceu, fiquei sabendo quem tirou.

- Perguntou a sua mãe se foi ela?

- Tive medo.

- Meu filho nunca teve medo da mãe - disse ela. - E ele sabe que não tirei a bendita peruca. Deve ter sido o Alber t Sweetner. Agora eu me lembro, ele esteve aqui um mês atrás.

- Um mês atrás ele estava na prisão, Sra. Snow. A senhora tem acusado o Albert de uma porção de coisas.

No silêncio que se seguiu, deu para ouvir nós três respirando. Eu me voltei para Fritz.

- Você me disse, antes, que o Albert o obrigou a enterrar Leo Broadhurst. Isso ainda é verdade?

- O Albert estava lá - repondeu ele, vacilante. - Estava dormindo no estábulo perto da casa da montanha. Ele disse que o tiro acordou ele e que ficou por ali para ver o resultado. Quando eu trouxe o trator lá do depósito, ele me ajudou a cavar.

A Sra. Snow passou por mim e ficou de pé em frente a ele.

- O Albert mandou você cavar, não foi?

- Não - disse ele. - Foi a senhora. A senhora disse que a Martha queria que eu enterrasse ele.

- A Martha matou o Sr. Broadhurst? - perguntei.

- Não sei. Eu não estava lá quando a coisa aconteceu. A

mamãe me acordou no meio da noite e disse que eu tinha que enterrar ele bem fundo, se não, a Martha iria para a câmara de gás.

Ele correu os olhos pelas estreitas paredes do quarto como se naquele momento ele estivesse naquela câmara, com a cápsula prestes a cair.

- Ela me disse que eu tinha de pôr a culpa de tudo no Albert, se alguém me perguntasse.

- Você é um bobo de um maluco - disse a mãe dele. - Se continuar a contar mentiras assim, vou ter de abandoná-lo e você vai ficar sozinho, sem ninguém. Eles vão pôr você na prisão, ou no sanatório.

Eu estava pensando que os dois poderiam acabar lá. Falei:

- Não deixe que ela o amedronte, Fritz. Você não irá para a prisão por qualquer coisa que fez porque ela o obrigou a fazer.

- Não vou admitir isso! - bradou ela. - O senhor está voltando meu filho contra mim.

- Talvez tenha chegado a hora, Sra. Snow. A senhora tem usado o seu filho como bode expiatório, dizendo a si mesma que tem tomado conta

dele.

- Quem mais iria tomar conta dele? - A voz dela era ríspida e pesarosa.

- Ele poderia receber um tratamento melhor de uma pessoa estranha. - Tornei a dirigir-me a ele: - O que aconteceu sábado de manhã, quando o Stanley Broadhurst pediu emprestado a picareta e a pá?

- Ele tomou emprestado a picareta e a pá - repetiu Fritz -, e pouco depois eu fiquei nervoso. Subi pela trilha para ver o que estavam fazendo lá. Stanley estava cavando bem no lugar onde o pai dele estava enterrado.

- O que você fez?

- Desci até a fazenda e telefonei para ela.

Seu olhar verde molhado pousou na mãe. Ela emitiu um som que era uma ordem de ficar calado e que se reduziu a um chiado. Falando mais alto, eu disse:

- E na noite de sábado, Fritz? Você foi de carro até Northridge?

- Não, senhor. Fiquei aqui na cama a noite toda.

- Onde estava sua mãe?

- Não sei. Ela me deu pílulas para dormir logo depois que o Albert telefonou. Ela sempre me dá pílulas para dormir quando me deixa sozinho de noite.

- Albert telefonou para cá no sábado à noite?

- Telefonou. Eu atendi, mas era com ela que ele queria falar.

- Sobre o quê?

- Eles estavam falando sobre dinheiro. Ela disse que não tinha dinheiro...

- Cale a boca!

A Sra. Snow levantou o punho numa ameaça ao filho. Embora fosse maior e mais jovem, e provavelmente mais forte, ele arrastou-se para longe dela em cima da cama e encolheuse, chorando a um canto.

Segurei o braço da Sra. Snow. Ela estava tensa e tremendo.

Levei-a para a cozinha e fechei a porta, isolando o homem que se dissolvia. Ela se apoiou no balcão ao lado da pia da cozinha, tremendo como se a casa estivesse gelada.

- A senhora matou Leo Broadhurst, não matou?

A Sra. Snow não me respondeu. Parecia ter sido dominada por um constrangimento terrível que lhe travava a língua.

- A senhora não ficou na casa da fazenda naquela noite em que

Elizabeth Broadhurst e Stanley subiram a montanha. A

senhora foi até lá, atrás deles, encontrou o Leo caído inconsciente e esfaqueou-o, matando-o. Depois, voltou para cá e mandou seu filho enterrá-lo e também o carro dele.

Infelizmente, Albert Sweetner sabia onde o corpo estava enterrado, e acabou voltando aqui na esperança de poder chantageá-la. Quando o Stanley não apareceu com o dinheiro no sábado à noite, Albert telefonou para cá e tentou tirar mais algum da senhora. A senhora foi de carro até Northridge e o matou.

- Como eu podia matá-lo... um homem grande e forte como o Albert?

- Ele talvez estivesse bêbado de cair quando a senhora chegou perto dele. E nunca passou pela cabeça dele que corria perigo com a senhora. Também nunca passou pela cabeça de Stanley, não foi?

Ela continuou calada, embora a boca se mexesse.

- Posso compreender por que a senhora matou o Albert e o Stanley - concluí. - A senhora estava tentando encobrir o que tinha feito no passado. Mas por que Leo Broadhurs t tinha de morrer?

Os olhos dela encontraram os meus e embaçaram-se como janelas no frio.

- Ele já estava meio morto, caído ali numa poça do próprio sangue. Tudo o que fiz foi acabar com o sofrimento dele.

A mão direita, fechada, agitou-se convulsivamente para baixo, reconstituindo o esfaqueamento.

- Eu faria o mesmo por um animal moribundo.

- Não foi a compaixão que a fez assassiná-lo.

- O senhor não pode chamar isso de assassinato. Ele merecia morrer. Era um homem malvado, um enganador e fornicador. Ele engravidou Marty Nickerson e deixou que o meu menino levasse a culpa. Desde então, Frederick nunca mais foi o mesmo.

De nada adiantava discutir com ela. Era uma daquelas almas paranóicas que mantinha a consciência limpa pondo a culpa de tudo nos outros. A violência e a maldade lhe pareciam emanações do mundo exterior.

Atravessei a sala até o telefone e chamei a polícia. Enquanto o fone ainda estava na minha mão, a Sra. Snow abriu uma gaveta e tirou uma faca de açougueiro. Avançou contra mim numa rápida dança, movendo-se ao som de uma música dissonante que eu não estava ouvindo.

Agarrei-a pelo pulso. Ela estava com o tipo de força explosiva que a raiva insana libera. Mas a força acabou logo. A faca retiniu ao bater no

chão. Prendi-lhe os braços e segurei-a até que a polícia chegou.

- Vocês vão me humilhar na frente dos vizinhos - disse ela, desesperada.

Eu era a única pessoa olhando quando o carro-patrulha se afastou pela água pardacenta, com Fritz e sua mãe sentados no banco traseiro, atrás de uma tela. Eu os segui até o centro da cidade, pensando que hoje em día é muito freqüente os enredos secundários assumirem um lugar de destaque nas tragédias. Dei uma explicação mais prosaica a uma equipe de detetives e uma estenógrafa da polícia.

Meu depoimento foi interrompido por um telefonema da noiva de Brian Kilpatrick. Ele havia se metido na sua sala de jogos e se suicidado.

A maleta que eu havia tirado dele, contendo as armas e os documentos de Elizabeth Broadhurst, estava na mala do meu carro. Deixei que ela ficasse por lá sem divulgar a sua existência por enquanto, embora soubesse que todos os dados relativos à morte de Leo Broadhurst teriam de aparecer no julgamento de Edna Snow.

Antes de anoitecer, Jean, eu e Ronny saímos da cidade de carro.

- Acabou - declarei.

Ronny disse:

- Que bom!

A mãe dele suspirou.

Eu esperava que tivesse acabado. Esperava que a vida de Ronny não se voltasse para a morte do pai, como tinha acontecido com a vida de seu pai, num círculo que se contraía. Eu desejava ao menino uma falta de memória que lhe faria bem.

Como se pressentisse meus pensamentos, Jean passou o braço por trás dele e tocou minha nuca com seus dedos frios. Passamos pelos fumegantes remanescentes do incêndio e seguimos para o sul debaixo de chuva.

FIM